

MARIA STELLA TEIXEIRA FERNANDES [DUTRA 990

A ARQUITETURA DE BATATAIS

1880 A 1930

VOLUME 1

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA  
AO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO INS-  
TITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HU-  
MANAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
CAMPINAS.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À  
REDAÇÃO FINAL DO VOLUME 1 DA  
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APRO-  
VADA PELA COMISSÃO JULGADORA  
EM 15/09/1993.

  
PROF. DR. JORGE COLI  
ORIENTADOR

SETEMBRO DE 1993

1

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

*para Luiz Henrique*

# SUMARIO

## VOLUME 1

Agradecimentos.....	7
Apresentação.....	9
Introdução.....	13
Capítulo 1: Os Antecedentes.....	20
O <i>Código de Posturas de 1872</i> .....	23
O Sistema Construtivo.....	31
A Igreja Matriz.....	31
Residência de José Francisco de Paula.....	39
Residência de Antônio Benedito dos S. Silva.....	42
Residência do Côn. Joaquim Alves Ferreira.....	44
Sobrado Ferreira da Rosa.....	45
As casas mais simples.....	51
Os muros.....	52
Capítulo 2: O Ano de 1886.....	55
Os Melhoramentos Urbanos.....	56
A Inauguração da Estação Batataes.....	66
A Tentativa de Revisão do <i>Código de Posturas</i> .....	67
A Cadeia Pública.....	73
A Chegada dos Italianos.....	82
Capítulo 3: Os Anos 90s.....	85
O <i>Código de Posturas de 1894</i> .....	92
A Renovação Arquitetônica.....	96
O Antigo Paço Municipal.....	99
Residência de D. Cândida Alves Pereira.....	107
Residência Izaac Adolpho Ferreira.....	109
Residência Joaquim Garcia de Oliveira.....	112

Residência Felipe Casella.....	118
Residência Joaquim Antônio Pereira Lima.....	120
Chalet do Dr. Furtado.....	124
Chalet do Dr. Altino Arantes.....	129
Residência à R. Cel. Joaquim Rosa, 418.....	131
Os Edifícios Públicos.....	134
A Igreja Matriz.....	135
O Mercado Municipal.....	143
A Intendência Washington Luís.....	152
Capítulo 4: O Início do Século XX.....	155
Edifício do Cap. Manoel de Paiva Leite.....	163
Residência e Casa Comercial de Antônio Simioni.....	165
Residência Dr. José Paulino Pinto Nazário.....	169
Cadeia - Projeto de Ampliação.....	173
Escritório da Cia. Paulista de Eletricidade.....	178
Capela de Santo Antônio de Pádua.....	178
Coreto do Largo da Matriz.....	182
Grupo Escolar "Dr. Washington Luís".....	185

## VOLUME 2

Capítulo 5: A Década de 10.....	197
A Arquitetura na Década de 10.....	223
1. A Modernização da Linguagem da Tradição Clássica.....	223
Santa Casa de Misericórdia.....	225
Bazar Moderno.....	230
Salão Santa Cecília.....	235
Um Possível Modelo <i>Art Nouveau</i> .....	241
Residência Alcides de Souza e Silva.....	245
Residência João Paulino da Costa.....	247
2. A Exploração Plástica da Ling. da Tradição Clássica....	248
Residências Augusto Bernardino Marques.....	249
Residência Cel. Manoel Victor Nogueira.....	251
Residência Sr. Francisco Setenta.....	255

Residência José Olympio Pereira.....	257
Um Grandioso Edifício Público: Cadeia e Forum.....	259
Conclusões.....	265
Capítulo 6: A Década de 20.....	269
O Embelezamento das Praças Públicas.....	269
A Reforma da Iluminação Pública.....	279
A Rejeição da Arquitetura de Adobes e Taipas.....	282
A Industrialização.....	288
A Arquitetura na Década de 20.....	289
1. A Linguagem Moderna e Industrial.....	289
Palacete Ordine.....	290
Casa Scatena.....	294
Res. Major Antônio Cândido Alves Pereira.....	298
Colégio N. Sra. Auxiliadora.....	301
Edifício Joaquim Pimenta de Castro.....	302
Edifício Gaeta.....	304
2. A Influência mais Marcante do <i>Art Nouveau</i> .....	306
Residência Marcelo Girardi.....	306
Res. de José de P. Borges e Pharmacia Borges....	308
Residência Gabriel de Andrade Junqueira.....	310
3. A produção de Rômulo Rigotto.....	315
Paço Municipal de Batatais.....	317
Theatro Santa Helena.....	325
Bar Santa Helena.....	330
Coreto.....	332
Sede da Sociedade Recreativa 14 de Março.....	333
As Indústrias.....	336
Edifícios Particulares.....	339
<i>Bungalow</i> de Alcebiades Borges.....	344
<i>Bungalow</i> de Affonso Vieira Lima.....	346
Palacete e Casa Bancária de José Lazzarini S. <sup>o</sup> ....	347
Residência e Salão Comercial João G. Gomes.....	352
Residência Guilherme Tambellini.....	355
Residência e Farmácia de Fernando L. Machado....	364

Conclusões.....	369
Capítulo 7: As Realizações de Latini e Zamboni.....	372
A Igreja Matriz.....	372
O Projeto de Júlio E. Latini.....	378
A Edificação da Igreja Matriz.....	383
Palacete Monsenhor Joaquim Alves Ferreira.....	400
Conclusão.....	417
Capítulo 8: A Estética Moderna e Industrial.....	420
Conclusão.....	453
Bibliografia.....	457

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Jorge Coli, em primeiro lugar, agradeço as horas fundamentais em que esteve a meu lado, indicando caminhos e me ajudando a elucidar questões por vezes intrincadas, durante a elaboração desta dissertação. Sou-lhe grata sobretudo pelo respeito, estímulo e entusiasmo que dedicou a meu trabalho.

Agradeço também ao Prof. Jorge Coli e aos Profs. Luiz Marques, Nelson Aguilar, Luiz Dantas e Henri Maldiney, pela inestimável contribuição que deram a minha formação e desenvolvimento intelectual.

Aos amigos e colegas da Unicamp, Liliana Mendes, Paulo Kühl, Roberto Lima, Célia Gambini, Fátima Couto e Flávio Moraes, que me honraram com sua amizade e constante estímulo.

Expresso meu agradecimento aos batataenses que me ajudaram com desprendimento e boa vontade, abrindo-me suas portas, seus arquivos e suas lembranças, especialmente ao Dr. José Carlos G. de Freitas, Marta Sandrin de Freitas, Sr. José Braga Morato, Dr. Jésus Machado Tambellini, Sr. Gaspar Sousa Prado Neto, Sra. Irma Girardi Zamboni, Sr. Felício Bombonato, Sras. Ivone e Ofélia Rigotto, Paulo Alves Ferreira e Kátia C. Ferreira.

Na impossibilidade de nomear todos os funcionários dos estabelecimentos públicos de Batataes, agradeço ao Sr. Salim J. Mansur, ex-prefeito municipal, inclusive pela concessão de cópias xerox e heliográficas de muitos documentos; ao Sr. José Mauro F. Marinheiro, ex-diretor da Casa da Cultura de Batatais; ao Sr. Adalberto Ravagnani, ex-presidente da Câmara Municipal; ao Sr. José Previde, do Cartório de Registro de Imóveis, e ao Luciano, do Primeiro Cartório de Notas, pela atenção e facilidades que me proporcionaram durante a pesquisa de seus acervos documentais.

Gostaria de expressar minha enorme gratidão a minha mãe, Maria Emília Teixeira Fernandes, por ter me ajudado em tantas e variadas situações; a meu pai, Thomaz Fernandes Granado, pelo seu apoio e sua herança de amor à arquitetura, e aos meus irmãos,

Roberto, Christina e Eduardo, por estarem sempre prontos a colaborar comigo.

A Luiz Henrique de Araújo Dutra, meu marido, quero agradecer especialmente por ter sido meu verdadeiro amigo, ajudando-me a superar momentos difíceis e compartilhando comigo tantas ocasiões felizes.

Por fim, à CAPES, à FAPESP e à FAEP/Unicamp, pelo apoio financeiro.

## APRESENTAÇÃO

Em janeiro de 1989, apresentei à comissão de seleção para a pós-graduação na área de História da Arte e da Cultura do Departamento de História da Unicamp um impraticável projeto de pesquisa sobre a arquitetura do primeiro renascimento italiano. Segundo a banca examinadora, o projeto estava perfeito, mas inexecutável, o que eu já havia percebido durante sua formulação. A Itália estava longe demais.

Nesta ocasião, eu morava em Ribeirão Preto, e a cidade de Batatais foi aventada pela banca para ser alvo da pesquisa. Aceitei imediatamente. Batatais mantinha um substancial acervo arquitetônico, que reunia exemplares construídos desde o final do século XIX até as décadas iniciais deste século, período áureo da arquitetura local. Ali, eu poderia estudar principalmente a questão da linguagem formal aplicada às fachadas. Na época da minha formação em arquitetura, o ornamento ainda era um delito, mas sempre me fascinou. Além disso, a pequena cidade reunia condições excepcionais de pesquisa: esta produção arquitetônica e os arquivos municipais a serem consultados estavam concentrados no centro da cidade, que poderia ser facilmente percorrido.

A primeira etapa de trabalho realizada foi o levantamento fotográfico dos exemplares remanescentes, selecionados pelo olhar. Olhar curioso, mas, muitas vezes, insensível. Achei que estava no lugar errado. Ficava procurando os edifícios neoclássicos que deveriam estar ali e encontrava fachadas estranhas, coisas que não estavam nos livros. Jorge Coli sugeriu que os conceitos fossem esquecidos, que eu olhasse, olhasse e olhasse, e permitisse que os edifícios se expressassem. Eles deveriam ser analisados, datados, reunidos em conjuntos... - e "esqueça o neoclássico!" Deu certo. A partir desta organização, na qual inseri antigos registros fotográficos de exemplares já demolidos, foi possível verificar que havia ocorrido uma notável transformação estilística nas fachadas dos edifícios, as implantações nos lotes iam se

modificando, a volumetria se alterava...

Com o início do período de pesquisa mais intenso, no final de 1990, decidimos nos mudar para Batatais. A pesquisa nos arquivos municipais, a leitura das *Atas da Câmara* e dos jornais que, além dos exemplares avulsos, cobriram 21 anos de publicação ininterrupta, a busca das plantas arquitetônicas e a imprescindível convivência com os edifícios demandavam um tempo enorme e só estando na cidade eu poderia me dedicar integralmente.

Foi um tempo deslumbrante. As leituras das *Atas da Câmara*, dos documentos e dos jornais confirmavam e enriqueciam o que os edifícios estavam expressando: a configuração urbana se ordenava geométrica e racionalmente, e esta ordenação se estendia até os jardins públicos. A cidade desejava ser moderna e progressista, adotando como modelos as maiores cidades do país, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro. A industrialização era incentivada... Tudo ia se encaixando. A partir disso, ampliou-se o foco inicial e principal da pesquisa: o estudo das transformações ocorridas na linguagem arquitetônica da tradição clássica, apresentadas pelas fachadas a partir do final do século passado. Verifiquei a íntima relação que a arquitetura manteve com o desenvolvimento urbanístico e com o universo cultural do tempo, e não poderia deixar de abordar este relacionamento.

Também desenterrei tesouros, como a história do teatro em Batatais, escrita em 1919 por Jean de Frans, excepcional historiador local; pude atribuir a autoria do *Album Comemorativo do Centenário da Independência* ao fotógrafo João A. Loyola; encontrei os estudos do abastecimento de água de 1894, que interessou ao Departamento de Obras da Prefeitura Municipal. Mas nem tudo que descobri provocou alegrias. A decepção de alguns batataenses foi muito grande ao saber que o edifício da Cadeia e Forum não era da autoria de Ramos de Azevedo, como se acreditava, mas sim de Carlos Rosencrantz.

Os arquivos municipais também me reservaram algumas tristezas. O conjunto de plantas arquitetônicas mais antigas, arquivado na Prefeitura, foi queimado em virtude de serem muito

velhas e ocuparem muito espaço. Pouquíssimas se salvaram, creio que umas dez, porque um funcionário, Jorge Nassralah, achou que poderiam interessar à Casa da Cultura ou a mim.

Em março de 1991, foi formado o Conselho do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Batatais, COMPHAC, e, certamente, em decorrência das atividades de pesquisa, fui convidada a integrar o colegiado, do qual ocupei a presidência por um ano. As providências mais importantes que tomamos, com a orientação do Prof. Jorge Coli e seu constante estímulo, assim como de Roberto Lima e Flávio Moraes, foram: a abertura do processo de tombamento de nove edifícios no CONDEPHAAT, órgão de proteção estadual, o inventário fotográfico do acervo arquitetônico urbano e a instalação do debate público sobre os bens culturais da cidade.

Na noite de posse do COMPHAC, em 13.03.1991, o antigo Paço Municipal, este sim, um edifício neoclássico, foi internamente demolido. Foi um choque. Outros dois edifícios ainda caíam. Além da inestimável perda para o patrimônio arquitetônico local, estavam derrubando parte de meu *Corpus*. Foi duro me convencer de que por mais belos que fossem, por mais que eu soubesse de suas histórias e das razões para estarem ali, eles não eram meus. O COMPHAC tomou as providências necessárias para deter as demolições e foram montados os pedidos de tombamento de um conjunto de edifícios que, no entanto, não chegaram a ser votados por falta de *quorum* nas reuniões do colegiado.

Se, por um lado, a atividade junto ao COMPHAC facilitou o meu acesso aos arquivos públicos e mesmo particulares, por outro, impediu que eu realizasse o levantamento *in loco* das plantas arquitetônicas e da ornamentação interior de muitas residências, pois seus proprietários temiam que eu entrasse em suas casas para avaliá-las para o tombamento.

Mesmo assim, pude visitar algumas residências, fotografar seus interiores e, por vezes, levantar a planta, que aliada às descrições da distribuição interna de alguns edifícios, constantes das escrituras e registros de cartórios, possibilitaram uma visão

geral das transformações planimétricas nesta arquitetura.

A atribuição dos edifícios, cujos autores, com uma única exceção, verifiquei serem os imigrantes italianos ou seus descendentes, partiu de algumas plantas assinadas, de documentos de Câmara e de cartórios, do noticiário dos jornais e das entrevistas que realizei com alguns antigos moradores e familiares de construtores e arquitetos. Na ânsia de enriquecer os dados biográficos destes realizadores, lancei mão de algumas fontes heterodoxas de pesquisa, levantando informações nos *Livros de Matrícula dos Condutores de Automóveis de Batataes*, da Delegacia de Polícia, e consultando as datas impressas nas lápides dos cemitérios locais.

O olhar acabou se transformando em um dos instrumentos básicos de pesquisa. Através dele, pude constatar que as transformações estilísticas ocorridas nas fachadas de Batatais também ocorreram em edifícios das vizinhas Ribeirão Preto, Altinópolis e Pirassununga, nas cidades de Piracicaba e São Paulo, e na longínqua Florianópolis, revelando que este fenômeno foi muito mais amplo do que inicialmente imaginei.

Foi assim, basicamente, que a pesquisa se desenvolveu e creio ter reunido dados suficientes para a compreensão da arquitetura de Batatais, desenvolvida idealmente entre 1880 e 1930, sua articulação com o desenvolvimento urbanístico e a cultura do tempo.

## INTRODUÇÃO

Batatais possui um conjunto conservado e expressivo de edifícios construídos no período de 1880-1930, que mostra uma surpreendente transformação formal, derivada da adoção da linguagem arquitetônica da tradição clássica.

A composição do *Corpus* de estudo foi efetuada a partir de um contato direto com os edifícios, promovendo um levantamento fotográfico dos exemplares remanescentes e recuperando velhas imagens dos prédios já demolidos.

A abordagem, portanto, privilegiou o olhar como instrumento de conhecimento. Não se baseou na aplicação de um corpo conceitual *a priori*, nem se apoiou em critérios exteriores aos objetos, mas os critérios de abordagem foram exigidos pelos próprios objetos.

Ao objeto foi dada a oportunidade de se apresentar em sua inteireza, com a conseqüente emergência de suas particularidades e especificidades. Assim, muitos edifícios que seriam entendidos como anacrônicos ou exemplares menores de uma arquitetura consagrada como "vigente", passam a se apresentar como objetos originais, nos quais, por vezes, ocorrem justaposições de diferentes tendências estilísticas ou singularidades decorrentes de fatores regionais e/ou individuais.

A compreensão de um objeto ilumina a compreensão de outro, já que os edifícios estabelecem um diálogo entre si e um diálogo com o seu tempo, com o universo social e cultural que os criou.

A abordagem cronológica foi adotada, inicialmente, a partir da formação de um arquivo de fichas cronologicamente ordenadas através de verbetes que atendiam às nossas necessidades (edifício tal, praça tal, urbanismo - traçado de ruas, modernização urbana, etc.), e de sua constante interação com o arquivo fotográfico, para a datação de muitas reproduções de antigos edifícios, vistas urbanas e aéreas. No decorrer da pesquisa, esta abordagem foi se mostrando perfeitamente adequada às transformações ocorridas na arquitetura local e aos diferentes momentos da vida urbana,

cultural e econômica batataense.

Iniciamos a dissertação pelo capítulo "Os Antecedentes", onde estabelecemos as características arquitetônicas e urbanas de Batatais até por volta de 1885. Até então, Batatais apresentava um aspecto visual homogêneo e padronizado, resultante da aplicação do *Código de Posturas de 1872* e do emprego de um único sistema construtivo, baseado em dois materiais locais: o barro e a madeira, com os quais se produziram os adobes, as taipas, o pau-a-pique, a telha capa-canal e os esteios, que edificaram toda a cidade. Arquitetura volumetricamente regular, de amplas superfícies murais ritmadas por portas e janelas e emolduradas pelos esteios e telhados, sem mais ornamentos.

O traçado urbano ortogonal, embora não estritamente regular, não se deu por acaso, mas a partir das prescrições do *Código* e do contínuo esforço em manter retilíneas e uniformes as ruas de terra, cruzando-se em ângulo reto. Esta constatação opõe-se frontalmente às considerações feitas por Sérgio Buarque de Holanda, em seu brilhante ensaio "O Semeador e o Ladrilhador," mas deixamos para tratar deste ponto nas conclusões finais.

O ano de 1886, objeto do segundo capítulo, representou um momento pontual de significativas transformações, sob todos os aspectos da vida batataense.

O grande acontecimento foi a inauguração da Estação Batataes da Ferrovia Mogyana, que contou com a presença dos Imperadores Dom Pedro II e Dona Theresa Christina, e para a qual Batatais se preparou, construindo pontes, tratando ruas e praças, providenciando suas nomenclaturas e a numeração dos edifícios, estabelecendo a iluminação a querosene e construindo um matadouro.

Com a chegada do trem, quando o café já ocupava lugar destacado no plano econômico, iniciou-se uma acelerada expansão urbana, ligando o centro da cidade à estação ferroviária, distante 2,5 km.

Houve uma tentativa de revisão do *Código de Posturas*, que encontrou oposição até na imprensa local, mas que mostra a consciência clara de que a inserção de Batatais à rede ferroviária

determinaria novos rumos para a economia e a constituição física da cidade.

1886 foi um marco para a arquitetura local: um novo sistema construtivo, baseado no tijolo foi empregado na Estação Batataes e na nova Cadeia Pública que adotou, possivelmente pela primeira vez na cidade, a linguagem arquitetônica da tradição clássica.

Como podemos ver, em virtude dos acontecimentos tratados neste segundo capítulo, não sem razão denominamos o primeiro capítulo de "Os Antecedentes".

Os anos 90s, objeto de nosso terceiro capítulo, assistem a uma acelerada expansão urbana, que passou a ser planejada por engenheiros, e quase duplicou o número de edificações em sete anos (1891-1898).

As novas edificações procederam à renovação arquitetônica da cidade, que se apoiou, formalmente, na adoção da linguagem da tradição clássica e, estruturalmente, no emprego do tijolo. Esta renovação arquitetônica foi profunda, atingindo as próprias plantas e observando recuos laterais na implantação dos edifícios, que passam a romper com a antiga e extensa muralidade das fachadas justapostas. Na verdade, os primeiros edifícios construídos adiantaram-se às próprias prescrições do novo *Código de Posturas*, de 1894.

As novas residências observaram basicamente duas tipologias: os edifícios de volumetria paralelepipedal e os *chalets*, que chegaram a incorporar à linguagem da tradição clássica elementos formais exóticos.

Batatais também foi dotada de novos edifícios públicos e se iniciou a reconstrução da velha Igreja Matriz com a intensa utilização de elementos formais góticos, mas, como veremos, insuficientes para excluir a nova igreja da dominação da linguagem da tradição clássica ocorrida nestes anos.

Alguns aspectos ainda são notáveis nesta década: a constante preocupação com o embelezamento da cidade e os melhoramentos na infraestrutura urbana, e a atuação dos construtores italianos, pelo menos desde 1894, que serão os responsáveis por toda a

arquitetura produzida nas próximas décadas.

No início do século XX, tratado no quarto capítulo, a crise de superprodução do café, que já se esboçara nos últimos anos do século passado, afeta severamente Batatais, comprometendo inclusive sua anterior vitalidade construtiva. Poucos edifícios são construídos a partir de 1905. No entanto, o pequeno *Corpus* reunido, se comparado à produção arquitetônica da década anterior, revela a exploração das possibilidades plásticas e criativas da linguagem da tradição clássica, manipulando os mesmos elementos, em novos arranjos formais. Veremos uma arquitetura francamente desenvolvida em seu próprio interior.

As iniciativas municipais foram reduzidas e centradas principalmente no atendimento ao ensino primário e à criação das escolas agrícolas, inseridas na busca de uma saída para a problemática da crise cafeeira, através da formação de mão de obra para culturas diversificadas. Além do auxílio municipal à construção do Grupo Escolar Washington Luís, o único edifício realizado foi o pequeno coreto do Largo da Matriz.

À iniciativa privada coube o início da construção da Santa Casa de Misericórdia, o estabelecimento da iluminação elétrica e do serviço telefônico.

Os acontecimentos que principiaram em 1911 mostram que a recuperação econômica já se iniciara e que este ano se apresentou como um marco de revitalização urbanística, arquitetônica e cultural de Batatais, que caracterizou a década de 10, objeto do quinto capítulo.

Exatamente em 1911, Batatais passa a se desejar moderna e progressista, sob intensa campanha da imprensa local, que indicava como modelos as cidades que sofreram ou estavam sofrendo uma série de intervenções urbanas modernizadoras, em especial, São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, iniciou-se um conjunto harmônico de providências visando a erradicação de antigos aspectos urbanos indesejáveis, a dotação de melhoramentos e de funcionais equipamentos de infraestrutura e a construção de modernos edifícios.

A arquitetura se engajou com perfeição aos apelos modernizadores e progressistas. 1911 marcou a arquitetura, através da construção da Santa Casa, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, que procederam à modernização da linguagem da tradição clássica a partir da infiltração das formas *art nouveau*. Esta modernização possivelmente tenha adotado como modelo um edifício paulistano: a Vila Penteado. O fato é que esses edifícios fundaram uma linhagem arquitetônica que se prolongou, com novas alterações formais, por toda a década seguinte.

Concomitante a esses inovadores prédios iniciados em 1911, um outro conjunto de edifícios, de configuração formal mais tradicional, à semelhança das realizações arquitetônicas da década passada, exploraram as possibilidades plásticas da linguagem da tradição clássica, em novos arranjos formais. Estes prédios, no entanto, ampliaram as formas de implantação nos lotes.

Por fim, foi construído o monumental edifício da Cadeia e Forum, na órbita das iniciativas estaduais, que mantinha poucas relações com a arquitetura local, que vinha se desenvolvendo, mas inseriu-se com perfeição no espaço urbano, sem romper o diálogo estabelecido entre as edificações.

Na década de 20, objeto do sexto capítulo, o influxo dos ideais modernizantes e progressistas se tornaram mais acentuados em Batatais, acrescidos dos constantes estímulos à industrialização.

Se, na década anterior, a cidade foi dotada de melhorias e equipamentos infraestruturais que permitiram seu funcionamento higiênico e confortável, agora, as iniciativas municipais e as campanhas da imprensa local centram-se sobretudo no embelezamento da cidade, cujas praças foram remodeladas ou formadas, e a iluminação pública inteiramente reformada, com postes de ferro, tornando-se um dos fatores de embelezamento das ruas e, especialmente, das praças, onde os postes de menor altura receberam variado número de globos opacos.

O movimento pela Batatais moderna e progressista apresentou, então, um duplo aspecto: o constante estímulo às novas e modernas

construções, e o repúdio à velha cidade de adobes e taipas. Muitas das novas edificações foram realizadas após a demolição das casas "centenárias".

A arquitetura produzida na década de 20 continuou correspondendo ao desejo modernizador, mas multiplicou as tipologias já existentes. A linhagem arquitetônica iniciada em 1911 é desenvolvida a partir de 1921, exatamente no início desta década, com a construção do Palacete Ordine, o primeiro edifício a apresentar o que chamamos de linguagem moderna e industrial, pois agregou à anterior modernização formal elementos oriundos das formas industriais: chapas geométricas, parafusos, perfis, rebites, engastes, etc. Esta nova linguagem vai se desenvolver até mesmo nos exemplares mais simples.

Um outro grupo significativo de edifícios recebeu uma influência marcante do *art nouveau*, apresentando uma linguagem formal modernizada, mas acentuadamente curvilínea, incorporando, por vezes, elementos florais. No entanto, a ação do *art nouveau* não chegou a alterar a dominante volumetria paralelepipedal.

A esses dois conjuntos de edifícios, soma-se a produção de Rômulo Rigotto, que congrega edifícios desenvolvidos em volumes paralelepípedos e vocabulário formal derivado da linguagem da tradição clássica a residências que disseminaram uma nova tipologia arquitetônica em Batatais. Estas residências se caracterizaram pela utilização de dois pavimentos, pela movimentada volumetria, pelas complexas soluções dos telhados, em vários planos recortados e a abolição da linguagem da tradição clássica das fachadas, que, no entanto, reaparece nos interiores. Estas residências, em decorrência da volumetria movimentada, apresentam, pela primeira vez, uma certa movimentação das plantas arquitetônicas.

As realizações de Latini e Zamboni, que trataremos no sétimo capítulo, foram a Igreja Matriz e o Palacete Monsenhor Joaquim Alves Ferreira. Estes edifícios, inspirados no Renascimento italiano, na órbita da arquitetura historicista, foram projetados pelo arquiteto italiano Júlio E. Latini e construídos pelo eng.

Carlos Zamboni, que imprimiu algumas alterações substanciais na Igreja Matriz.

Num momento em que, como já vimos, a linguagem da tradição clássica já tinha sido estilisticamente desenvolvida pela arquitetura local e já estava se recolhendo aos interiores das residências, a realização destes edifícios significou, entre outras coisas, a reinstalação desta linguagem no coração da cidade.

O oitavo capítulo, "Estética Moderna e Industrial," procura esclarecer as origens e as forças que interagiram para a realização da *linguagem moderna e industrial*, desenvolvida a partir de 1921, por um conjunto de edifícios.

Uma linguagem desconhecida, insuspeita, cuja primeira menção foi feita pelo prof. Jorge Coli, e que, a princípio, imaginamos ter sido uma ocorrência local e particular, mas que encontramos em várias outras cidades, como destacamos acima, na Apresentação, configurando-se num fenômeno mais amplo do que tínhamos pensado.

Se nosso trabalho tem alguma contribuição relevante a oferecer, além do estudo da arquitetura de Batatais, ela está justamente em apontarmos esse fenômeno estilístico, que merece futuras investigações mais profundas e detalhadas.

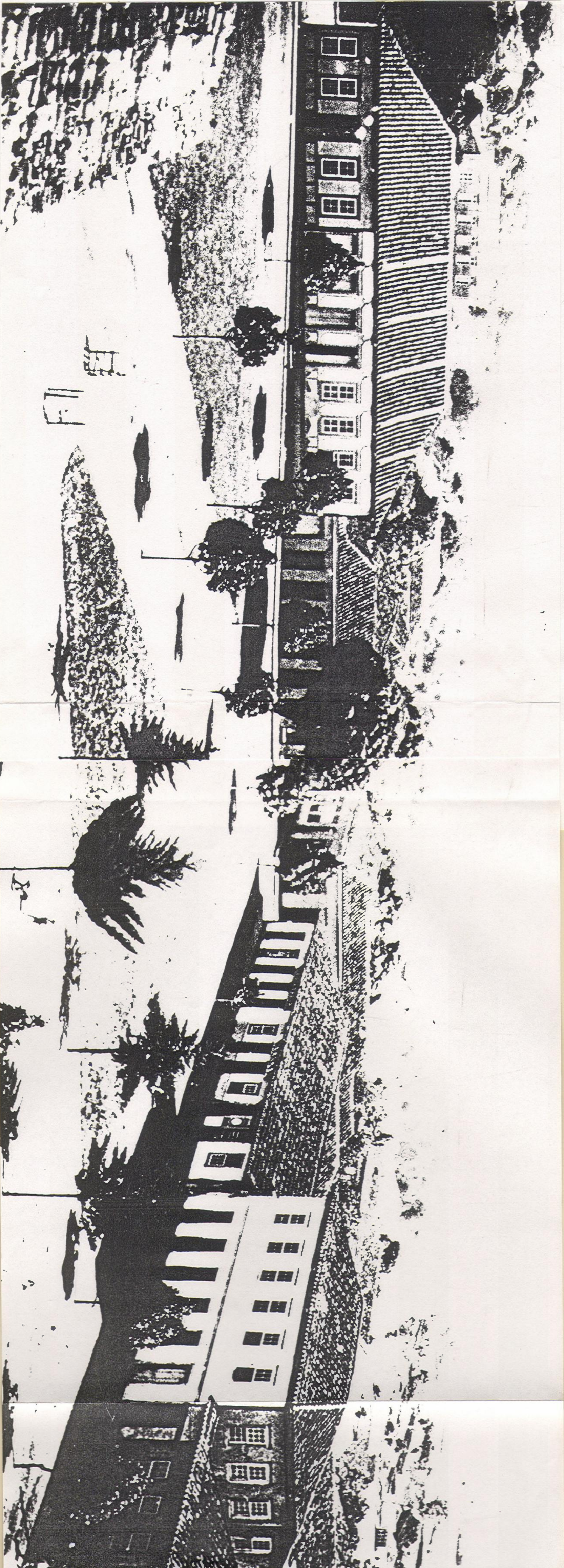
Resta-nos ainda dizer algumas palavras a respeito do próprio título da dissertação. Ainda que tenhamos extrapolado a questão especificamente arquitetônica, abordando a configuração urbana e certos aspectos culturais e econômicos de Batatais, isso só foi feito para que se compreendesse a íntima relação que a arquitetura manteve com o universo do tempo.

## OS ANTECEDENTES.

A cidade de Batatais apresentava, no século passado, até meados dos anos 80s, um aspecto visual homogêneo e padronizado.

As duas mais antigas vistas datadas da cidade, reunidas a seguir, são de 1905, mas conservaram, em grande medida, a configuração da Batatais daqueles anos. Tiradas do alto da Igreja Matriz (visando as então ruas do Comércio e Barão de Cotegipe), da qual aparece o telhado em capa-canal, abaixo à esquerda, estas vistas mostram uma porção do antigo Largo da Matriz, no centro da cidade. E basta a aplicação do exercício do olhar para verificarmos o alinhamento das fachadas dos edifícios de divisas solidárias, nos limites dos terrenos, sem recuos frontais ou laterais. A regularidade e simetria na colocação de portas e janelas, onde o maior número de portas subseqüentes torna reconhecíveis as casas de comércio, convivendo com as residências. O grande número de telhados de duas águas, que lançavam a chuva para a rua e para o quintal. A uniformidade da altura dos edifícios, quebrada pelo sobrado dos Arantes Marques, à direita. Esta primazia das construções térreas era tal que, além do único outro sobrado, o "velho sobrado da família Ferreira da Rosa, à rua da Quitanda, esquina da das Palmeiras..."<sup>1</sup>, sobressaíam os três principais edifícios da cidade: a Igreja Matriz, de vastas proporções, a Igreja do Rosário, "acanhada, sem côro e sem torre, com um só altar, tendo, do lado de fóra, á esquerda, uma armação

-----  
<sup>1</sup>Frans, Jean de, *Bom Jesus da Cana Verde - Batataes de outr'ora*, p. 141. Hoje, respectivamente, R. Cel. Joaquim Rosa e R. Major Antônio Cândido.



de madeira, muito alta e coberta de telhas, abrigando os sinos"<sup>2</sup>, e a Cadeia velha, de dois pavimentos, "offerecendo além de duas boas prisões e espaço para alojamento dos guardas no pavimento térreo, salas e quartos para as sessões do jury e Camara no pavimento superior..."<sup>3</sup>.

Os testemunhos de Jean de Frans, pseudônimo de José Augusto Fernandes, atento historiador local, completam a nossa imagem. O ajardinamento que se vê no Largo da Matriz deve ser abstraído, só viria mais tarde. O Largo apresentava esparsas palmeiras e "um labirinto de 'trilhos', cruzando o grammado immenso, onde, de quando em quando, o fedegoso florescia e o joá bravo ostentava os seus fructos venenosos"<sup>4</sup>. A vegetação restringia-se aos quintais, quase todos "fechados por muros de taipa" e "tomados por árvores fructíferas:- laranjeiras [...], pecegueiros [...], marmelleiros, jaboticabeiras, as mangueiras sobretudo [...]. Jardins, nem sempre. Na maioria das residencias, os 'pés de flores' confundiam-se com o arvoredado. E nos poucos jardins, occupando parte dos quintaes ao fundo e nunca á frente das casas, sobresahiam as roseiras, o 'brilho de estudante', a 'espirradeira', o 'beijo', os cravos e as cravinas, as dhalias, as 'auroras', plantados ao léo. E de mistura hortelã, arruda, babosa, poejo, herva cidreira, funcho, melindro."<sup>5</sup>

As ruas de terra eram praticamente definidas pela extensa muralidade das fachadas dos edificios. Só em 1885 esta espacialidade passa a ser alterada quando algumas ruas começam a

-----

<sup>2</sup>Frans, *op. cit.*, p. 16.

<sup>3</sup>Cf. Ofício de 03.12.1881, do engenheiro da Directoria Geral das Obras Públicas, José Augusto dos Santos Malta, relatando o exame efetuado na Cadeia de Batatais. Arquivo do Estado de São Paulo. Obras Públicas. C.51 p.1 d.18.

<sup>4</sup>Frans, *op. cit.*, p. 118.

<sup>5</sup>Frans, *op. cit.*, p. 100.

ser abauladas e providas de sargetas e guias, e no ano seguinte, seus moradores são obrigados a construir os passeios, à frente de suas casas, com lajes de pedras ajustadas, de variadas dimensões.<sup>6</sup>

O aspecto visual homogêneo e padronizado que apontamos não se deu por acaso, mas resultou das determinações de Posturas e da aplicação de um único sistema construtivo.

### O CÓDIGO DE POSTURAS DE 1872.

Ainda que em 1840 a Câmara Municipal da então Villa de Batataes tenha organizado e enviado suas Posturas para aprovação da Assembléia Provincial, e por diversas vezes tenha reclamado sua devolução, não encontramos registros deste documento.<sup>7</sup>

O *Código de Posturas* de Batatais foi promulgado em 13 de abril de 1872 pela Assembléia Provincial e acrescido das posturas baixadas a 20 de março de 1878.<sup>8</sup>

As disposições do *Código de Posturas*<sup>9</sup> iniciavam-se pelo "alinhamento das casas e edifícios que se edificarem ou reedificarem", que deveria ser feito "em linha recta com as das demais casas do mesmo lado, se fôr em ruas já formadas, ou com o plano da Camara, se fôr em logar ainda não arruado". "As ruas teriam sessenta palmos de largura, atravessadas de cinquenta em

-----  
<sup>6</sup>Atas da Câm. Mun. de Batatais. Vol. 1885-1887, fls. 9, 10 e 57.

<sup>7</sup>Em 11.7.1840. Arq. do Est. de S. Paulo. Doc. Divs. C.36 p.1 d.25.

<sup>8</sup>Informação constante do *Projeto de Alterações, modificações e acréscimos ao Código de Posturas de Batataes*, de 26.5.1886. Arquivo da Câmara Municipal de Batatais. C.1.

<sup>9</sup>Os arquivos consultados não possuem o texto do *Código* de 1872, nem das posturas de 1878. Utilizamo-nos dos artigos citados nas Atas da Câmara e das transcrições parciais constantes de Frans, *op. cit.*, pp. 24-30.

cincoenta braças, por outras ruas, beccos ou travessas da mesma largura"<sup>10</sup>.

A prescrição de ruas retilíneas e uniformes, cruzando-se em ângulo reto, dispostas segundo um plano racional e pré-estabelecido pela Câmara, resultaria numa cidade perfeitamente regular, em xadrez de quadras quadradas.

Não foi o que aconteceu. A simples observação da planta da cidade, à p. 57, revela que nem mesmo as quadras mais centrais e antigas, em torno da grande praça central da Igreja Matriz, o então Largo da Matriz, possuem tamanha regularidade, embora sigam um traçado ortogonal.

Batatais foi fundada por "patrimônio", em terras doadas por Germano Alves Moreira e sua mulher, dona Anna Luíza, por provisão de 25 de setembro de 1821, quando a sede da freguesia, que ocupava as margens do riacho dos Batataes, é transferida para a margem direita do ribeirão das Araras, sob a denominação de Senhor Bom Jesus da Cana Verde dos Batataes.<sup>11</sup>

A propósito deste tipo de fundação, João Boltshauser, em suas *Noções de Evolução Urbana nas Américas*, afirma:

"No princípio do século XIX toma vulto um antigo processo de fundação urbana no Brasil, o dos 'patrimônios', que prolifera pelo interior. O ponto de partida do processo é a doação, por parte de grandes proprietários de terras, de uma gleba para a criação de um núcleo habitado. [...]

"O 'patrimônio' era doado geralmente a um santo que se tornava o padroeiro da vila e a administração era entregue a um padre ou a um conselho. Demarcavam-se as praças e os lotes ou 'datas', vendiam-se êstes ou arrendavam-se, e o dinheiro assim angariado servia para a construção da igreja, para o

-----

<sup>10</sup>Frans, *op. cit.*, p. 24.

<sup>11</sup>Frans, *op. cit.*, pp. 9-11.

embelezamento da praça. [...]

"O elemento essencial desses 'patrimônios' eram a praça e seus palacetes, num padrão urbano regular..."<sup>12</sup>

Na verdade, cremos que, além do Largo da Matriz, pouca coisa foi demarcada, quando da fundação do patrimônio. O conjunto populacional do tempo não necessitava de uma grande área para sua acomodação, já que em 1872, passados cinquenta anos, "Batatais era ainda villarejo humilde de sertão. Os seus predios não chegariam, talvez, a duzentos"<sup>13</sup>

Cremos, também, que não existiu o plano, indicado no *Código de Posturas* de 1872, concebido pela Câmara, cujos documentos não registraram qualquer alusão a um pretenso plano urbanístico. Pelo contrário, relatam casos em que a falta de previsão para o arranjo urbano causou transtornos aos moradores, como atesta a seguinte petição, encaminhada à Comissão de Obras Públicas, em 1886:

"Representação de diversos moradores da rua da Floresta allegando que nem esta rua e nem a do bosque que se entronção existe uma sahida para o corrego de maneira que sofrem elles grande privação com falta d'agua, quando podião muito bem qualquer das ruas terem seguimento até o corrego e por isso representarão a Camara a necessidade da abertura de uma dessas ruas que deve atravessar propriedade particulares e tocar no corrégo e nisto a Camara faria um grande serviço público. [...]"<sup>14</sup>

A própria configuração topográfica do sítio urbano dificultou

-----

<sup>12</sup>Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, 1959. 1a. parte, pp. 54 e 55.

<sup>13</sup>Frans, *op. cit.*, p. 16.

<sup>14</sup>Em 20.07.1886. Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, pp. 50 e 51.

a concretização da regularidade pretendida. Algumas ruas tomaram direções discordantes do reticulado original, acomodando-se à topografia do terreno, como foi o caso da Rua Direita (R. Cel. Joaquim Alves), paralela ao leito do Córrego do Capão, e da R. dos Bambus (R. Mj. José de Andrade), antigo caminho para a primeira Batatais e para a Fazenda São José, ladeando o Ribeirão das Araras.

Mas se não houve um plano prévio, a configuração da cidade não se deu ao acaso, pois, certamente, houve uma preocupação constante em ordenar o crescimento do núcleo urbano, regularizando o sistema de ruas, fazendo-as retilíneas e ortogonais sempre que possível, através da continuação das ruas já existentes.

Em 1881, o vereador Joaquim Augusto da Cunha e Silva propõe a criação de uma rua e solicita "o terreno necessário para a abertura de uma rua, que partindo da rua que passa pelos fundos do quintal da casa de Antonio Benedicto, vá em linha recta à rua do Outro Mundo, cuja rua se denominará = Rua 21 de março".<sup>15</sup>

Uma Comissão é encarregada de proceder ao alinhamento de ruas da cidade, em 1883, embora os documentos não informem sua realização.<sup>16</sup>

Entretanto, as Atas da Câmara Municipal também registraram os problemas enfrentados para a ordenação física da cidade, com os abusos cometidos pelos habitantes na construção de edifícios fora dos alinhamentos e no fechamento de terrenos sem a concessão de cartas de datas (expedidas pela Câmara para a construção de casas, mediante o pagamento de 6\$000 de "direito municipal"), e maiores do que as dimensões estabelecidas para os lotes:

"Proponho que se determine ao Fiscal para que, mais observador das Posturas, não consinta que se levantem casas

-----  
<sup>15</sup> Em 28.03.1881. Arquivo da Câmara. C.1 d.1/28.

<sup>16</sup> Em 19.04.1883. Arquivo da Câmara. C.1 d.1/79.

para morada a não ser nos alinhamentos, pois se tem dado muitos abuzos, edificando-se casas junto as taipas fora do alinhamento e depois abrem a taipa dando servidão para a rua, o que não tem outro fim senão illudir a ley..."<sup>17</sup>

"[...] quando o fiscal diz que existem terrenos fechados dentro do patrimonio, sem que se tenha consedido cartas de datas, convem que o mesmo verifique essa circunstancia, multando aos que assim a tiverem feito, e entregando ao procurador os autos de multa para que elle proceda a respectiva cobrança. [...] A Comissão acha prudente que o fiscal com o arruador, secretário e porteiro proceda a medição dos terrenos que estiverem vagos, demarcando-os de 8 em 8 braças [17,60m], para que esses abuzos que se estão dando constantemente e quando qualquer pretender a edificação de casas ficar logo certo do terreno que tem de tapar e não excedê-lo como muitos fazem."<sup>18</sup>

Estas ocorrências elucidam o fato de que as quadras apresentam diferentes dimensões e de que algumas ruas tomam diferentes direções, ainda que o reticulado do desenho urbano predomine.<sup>19</sup>

O *Código de Posturas de 1872* regulava também a altura das edificações: "as casas térreas deviam ter dezoito palmos [3,96m] do baldrame ao frechal, 'ou como lhe chamão, dezoito palmos de pé

-----  
<sup>17</sup> Proposta do vereador Diogo Garcia de Figueiredo Sobrinho, de 11.07.1885. Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, fl. 8.

<sup>18</sup> Parecer da Comissão de Obras ao *Relatório do Fiscal* da Câmara, em 09.07.1885. Atas da Câmara. Vol 1885-1887, fl. 6.

<sup>19</sup> Esta problemática foi apresentada por Murilo Marx, *A Cidade Brasileira*, p. 25.

direito', e os sobrados a altura de trinta e seis palmos"<sup>20</sup>. As construções que não apresentassem a altura exigida eram embargadas, mas em certos casos a aplicação da lei era maleável, como no seguinte parecer, de 7 de outubro de 1873:

"A Comissão permanente, encarregada de dar seu parecer sobre o que foi requerido por Maria do Carmo da Conceição, quanto a edificação de huã caza para sua habitação, que lhe foi embargada pelo Fiscal por não ter dezoito palmos de pé direito, allegando como razão ser ella pobre, e desvalida, he de parecer que se conceda licença a mesma para poder accabar a dita caza, visto ser a mesma na verdade pobre i desvalida, e mesmo porque no lugar em que se acha edificada em nada prejudica por ser no fim de huã rua pouco ou nada frequentada, quer de habitantes, quer de commercio; e para que não se reproduzão factos de tal ordem se publique por editais a prohibição da edificação de taes cazas para qui chegue ao conhecimento de todos."<sup>21</sup>

Este mesmo parecer revela que uma outra porção da cidade recebia um tratamento mais severo, por parte da municipalidade, na aplicação das posturas. As ruas mais "frequentadas de habitantes e de comércio" localizam-se no centro da cidade, em volta da Igreja Matriz. Local privilegiado, ao qual será sempre dispensado um tratamento especial e cuidadoso, onde o *Código de Posturas* chega a restringir a tipologia das construções e a determinar o acabamento de superfície dos muros: "Nos alinhamentos do Largo da Matriz e das ruas do Commercio, do Chafariz e Direita era vedado o levantamento das 'casas chamadas de meia-água e ter-se cerca de páos em logar de muro ou parede', tratando-se, como se tratava,

-----  
<sup>20</sup>Frans, *op. cit.*, p. 24.

<sup>21</sup>Atas da Câmara. Vol. 1873-1880, fl. 2.

das principaes arterias da cidade, onde morava a fina flor de sua gente. Naquelle largo e na rua do Commercio os muros deveriam ter dez palmos de altura e ser rebocados e caiados."<sup>22</sup>

O mesmo *Código* "obrigava os moradores a calçar as testadas de suas casas com pedra, até a distância de dez palmos, e a trazel-as sempre limpas [...], e também a cair as frentes das casas, a dar esgoto ás aguas até a distancia de vinte e cinco palmos e a entupir os buracos que fizessem ou se formassem naturalmente..."<sup>23</sup>

Nesta época, o fornecimento de água para as moradias ainda consistia na concessão, pela Câmara Municipal, de "anneis d'agua" do rego da servidão pública, que "como requer as posturas devem ser feitos [pelos moradores] de modo que não alterem o nivelamento das ruas, e assim o fiscal tera muito cuidado inspecionando a factura delles de sorte que sejam feitos como convém, não consentido que se fação de madeira de pouca duração mas de arrueira, ou tijollos ou mesmo pedra, ficando o encanamento enterrado ou subterraneo"<sup>24</sup>. Havia também na Rua do Chafariz, "uma bica para servidão pública. Mas nem todos os prédios beneficiavam-se destes serviços e parte da população abastecia-se diretamente no córrego que atravessava a cidade, como atestou a petição de 1886, que comentamos à p. 25.

O *Código de Posturas de 1872* encarregava a Câmara Municipal do serviço de iluminação pública, "principiando por collocar um lampeão na frente da Cadeia e outro na esquina mais proxima dos chafarizes, nas noites escuras, sendo accesos ao escurecer [...], estendendo posteriormente ás esquinas do largo da Matriz, rua do Commercio e outras á proporção que as circunstancias das rendas

-----

<sup>22</sup>Frans, *op. cit.*, p. 24.

<sup>23</sup>Frans, *op. cit.*, p. 24.

<sup>24</sup>Parecer da Comissão de Obras ao *Relatório do Fiscal* da Câmara, em 09.07.1885. Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, fl. 6.

municipaes o forem permittindo."<sup>25</sup> Mas Batatais teve que esperar por este melhoramento até 1884, quando se iniciou a iluminação pública com "lampeões a kerosene"

O *Código* também determinava que "os animaes que morrerem serão enterrados nos quintaes ou mandados lançar no campo pelos donos"<sup>26</sup>, indicando que os animais eram criados nos próprios quintais das residências. Este fato, aliado à existência de chácaras nos limites da área urbana, entre outras, a chacara das Camélias, de Salathiel Aleixo de Oliveira, e a chacara que pertenceu ao juiz Dr. Simpliciano da Rocha Pombo, nas proximidades da cadeia, certamente imprimiam características rurais à povoação.

A adoção das chácaras como solução de habitação foi apontada por Nestor G. dos Reis Filho no seu *Quadro da Arquitetura no Brasil*:

"Situando-se na periferia dos centros urbanos, as chácaras conseguiam reunir às vantagens dessa situação as facilidades de abastecimento [pomares, criação de aves e porcos, cultivo da mandioca e de um ou outro legume] e dos serviços [presença de cursos d'água] das casas rurais. Solução preferida pelas famílias abastadas, ainda no Império e mesmo na República, a chacara denunciava, no seu caráter rural, a precariedade das soluções da habitação urbana da época."<sup>27</sup>

Por fim, o *Código de Posturas* também cuidava do comércio e indústria, da tranqüilidade e moralidade pública, multando "os que deixassem vagar pelas ruas da povoação, offendendo o pudor dos seus habitantes, 'cachorras em cio', ainda que fossem mansas", da

-----  
<sup>25</sup>Frans, *op. cit.*, p. 25.

<sup>26</sup>Frans, *op. cit.*, p. 24.

<sup>27</sup>Pp. 28 e 30.

extinção de formigueiros, com os quais Batatais luta até hoje, do corte da carne verde, do uso de armas, regulando as questões concernentes à vida urbana.

#### O SISTEMA CONSTRUTIVO.

A unidade visual, que Batatais então apresentava, também derivou da adoção do sistema construtivo basicamente composto por dois materiais locais: o barro e a madeira. Com eles produziram-se a taipa, o adobe, o pau-a-pique, a telha capa-canal e os esteios que edificaram a cidade.

Selecionamos alguns edifícios, através dos quais poderemos detalhar melhor as características da arquitetura que apontamos nas vistas de 1905, e que se encontram localizados na planta à p. 57.

#### A IGREJA MATRIZ

Antigo Largo da Matriz - demolida.

A Igreja Matriz foi o primeiro ponto de atração para o florescimento urbano, tornando-se seu núcleo e coração.

Em 1840, a correspondência da Câmara Municipal ao Presidente da Província de São Paulo,<sup>28</sup> solicitando que se pusesse à disposição a quantia que a Assembléia Provincial consignou para as obras da Matriz, relata o estado das mesmas:

"A Igreja Matriz não vai ser de novo começada. Ela acha-se toda coberta; a Capella Mor ja esta feixada e' nella se celébrão os Officios Divinos: uma sacristia e o

-----  
<sup>28</sup> Em 11.07.1840. AESP. Documentos Diversos. C.36 p.1 d.24.

correspondente consistorio estão feitos, e é ahí que tem lugar as Sessões do Jury. Contudo isto tem se gasto para mais de quatro contos de reis, [ilegível] esta quantia tem provindo da piedade dos Fieis, p<sup>o</sup>que dos Cofres Publicos ainda não se recebeo o menor auxilio. Falta feixar-se com paredes, e assoalhar o Corpo da Igreja, fazer-se os corredores que acompanhão pelo lado de fora para comodidade e maior segurança do edificio, falta ultimar-se uma Sacristia, e o consistorio que lhe corresponde, fazer um retabulo ainda que ligeiro, e mais algumas obras na Capella mor, e p<sup>a</sup> tudo isto ja não é possível contar-se com os dinheiros dos fieis. A população não é grande, as fortunas dos particulares não são avultadas que sem sacrificios superiores a suas forças se possa concluir uma obra a de que se tracta. E por aqui virá V<sup>a</sup> Ex<sup>ca</sup> com q<sup>ta</sup> rasão, e justiça foi pela Assemblea consignada a q<sup>ta</sup> de 600\$r<sup>o</sup>. com a qual ainda não se ultimara a obra dar-se ha algum andamento contudo, e ir-se-ha pondo o edificio ao abrigo do tempo, e evitar-se há desse modo que elle se dannifique, antes de ser concluido..."

Em 1852, o Presidente da Câmara, respondendo à circular do Governo da Província, dá outras informações que indicam que a Igreja está prestes a ser concluída:

"A Cam<sup>am</sup> é tão bem de parecer que se leve ao conhecim<sup>to</sup> do G<sup>o</sup> a necessidade que tem a Igreja de faser se varios serviços. E que tendo já se gasto talvez mais de 20\$000/000 acha-se a mesma com a Capella mor concluida faltando pintura e com dois altares lateraes promptos e que no corpo faltão grades e tribunas e [ilegível] que estes serviços julga a Comissão o faser-se com 10 # 000 = g."<sup>29</sup>

-----  
<sup>29</sup> Em 26.03.1852. Atas da Câmara. Vol. 1852.

Recordando o ano de 1872, Jean de Frans indica que "a Matriz, enorme, pesada, com duas torres e com as grossas paredes de adobes, ficava bem no centro do respectivo largo..."<sup>30</sup>. Seu testemunho é corroborado por um profundo conhecedor dos edifícios de Batatais, Sr. José Braga Morato: "A Igreja Matriz era construída de adobes e o teto era sustentado por oito colunas de aroeira lavrada, de mais ou menos dez metros de altura."<sup>31</sup>

As descrições reunidas referem-se ao edifício retratado a seguir.

Esta fotografia revela um pouco mais que o edifício da Matriz. Foi, provavelmente, tomada num dia santo. Apesar do mau estado da foto, é possível ver um andor sendo carregado à frente da porta da igreja, e arcos vegetais colocados no caminho a ser percorrido, dignificando a passagem da imagem santa.

Ocasões como esta reuniam, além da população urbana, os habitantes das fazendas, que vestindo suas "roupas de domingo", ou "roupas de ver Deus", acorriam à Matriz e também incrementavam o comércio local. E é interessante notar a relevância do ato fotográfico, talvez raro, pois a multidão toda se volta para ser retratada.

A velha Matriz apresentava grande simplicidade plástica. Altas paredes lisas com cobertura triangular, formada pelas águas do telhado, inserida entre duas torres sineiras quadradas e culminadas por pirâmides.

A composição da fachada resultou estritamente simétrica com a disposição das aberturas: sobre a porta central, uma seqüência de três janelas quadradas é encimada pelo alinhamento do óculo e das aberturas das torres.

-----

<sup>30</sup> Frans, *op. cit.*, p. 17.

<sup>31</sup> Informação constante de entrevista realizada em abril de 1992 com o Sr. José Braga Morato, antigo coletor de impostos da Prefeitura Municipal de Batatais, nascido na cidade, em 1903.



Talvez resultante da incerteza quanto à estabilidade da obra, as paredes de adobes foram dotadas destas minúsculas aberturas, responsáveis pela desproporcional relação entre cheios e vazios. A decisiva predominância dos cheios é que confere à edificação o aspecto robusto e pesado, apontado por Jean de Frans.

O despojamento da fachada é completo. Seus ornamentos são os seus próprios elementos constituintes e essenciais (janelas, torres, porta, etc.), cabendo inclusive parte da estrutura, como a tesoura de linha alta. A linguagem é a da reta, e o único luxo é a verga curvilínea da porta de entrada.

Na década de 80, provavelmente entre 1884 e 1889, e contando com verbas provinciais, estabeleceu-se a primeira das alterações que foram impressas na fachada da Matriz.

Em 26.01.1884, o Diretor Geral das Obras Públicas, Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, propõe ao Presidente da Província, Barão de Guajará,

"[...] a nomeação dos cidadãos, Vigário da Villa de Batataes, Cap. Antonio Theodoro de Lima e Caetano Leite Machado, para, em comissão, executarem as obras que são necessárias na Matriz da referida Villa [...]"<sup>32</sup>

No mesmo ano, a 30 de junho, o Diretor Augusto O. R. Ferreira officia ao Presidente da Província, Dr. Luiz Carlos d'Assumpção:

"Devolvendo a V. Ex<sup>cia.</sup> o incluso requerimento em que a Comissão das Obras da Matriz de Batataes pede a entrega da quota de 1:000\$000 decretado no orçamento vigente para aquellas obras, tenho a honra de declarar que não existe orçamento organizado para este fim, sendo portanto, meu parecer de accordo com o parecer junto do D<sup>or.</sup> Inspector do Thesouro que V. Ex<sup>cia.</sup> ordene, mediante termo de

-----

<sup>32</sup>AESP. Obras Públicas. C.54 p.1 d.34 e C.54 p.2 d.66.

responsabilidade, a entrega da quota pedida; não podendo, entretanto, a Comissão dar começo as obras sem que sejam estas orçadas e dadas as necessárias instrucções pelo engenheiro que for designado.

"Cumpr-me ainda informar a V.Ex<sup>cia.</sup> que a Matriz de Batatais carece de concertos, segundo declara-me o Engenheiro do districto no seu relatorio de Outubro findo [...]"<sup>33</sup>

Entre 1888 e 1889, novas obras são realizadas na Matriz:

"Achando-se em mau estado a Igreja Matriz de Batataes, como verificou o Engenheiro Vicente Huet de Bacellar Pinto Guedes Junior no exame a que procedeu, solicito a V.Ex<sup>cia.</sup> a necessaria autorisação para despender com as obras que alli são necessárias até a quantia de R\$ 1:500\$000 em que orça o Engenheiro [...]"<sup>34</sup>

"Aos nove de Dezembro de 1889, no Paço da Câmara Municipal [...] se tratou de passar uma procuração para o fim de se receber do Governo a quantia de 1:500\$000 que, em virtude da ordem do Engenheiro Vicente H. Basselar de 8 de Dezembro de 1888, foi pelo Vigario gasta na Igreja Matris desta Cidade, em seus reparos."<sup>35</sup>

Na nova fachada, um significativo aumento no número e no tamanho das aberturas proporcionou uma relação mais equilibrada entre cheios e vazios, sem prejuízo da simetria da composição. O

-----  
<sup>33</sup> AESP. Obras Públicas. C.54 p.2 d.97.

<sup>34</sup> Cf. Offício do Diretor Interino das Obras Públicas, Ricardo Alfredo Medina, ao Pres. da Prov. Dr. Pedro Vicente de Azevedo, em 12.10.1888. AESP. C.63 p.1 d.59.

<sup>35</sup> Atas da Câmara. Vol. 1887-1893, fl.73.



conjunto de janelas, sobre a porta, foi acrescido de duas unidades e as alturas foram triplicadas. As aberturas das torres dobraram de altura.

Excluindo-se os vãos à direita, os demais foram envidraçados. Estas modificações resultaram em maior luminosidade no interior do templo, em especial no período da manhã, já que a igreja estava voltada para o nascente.

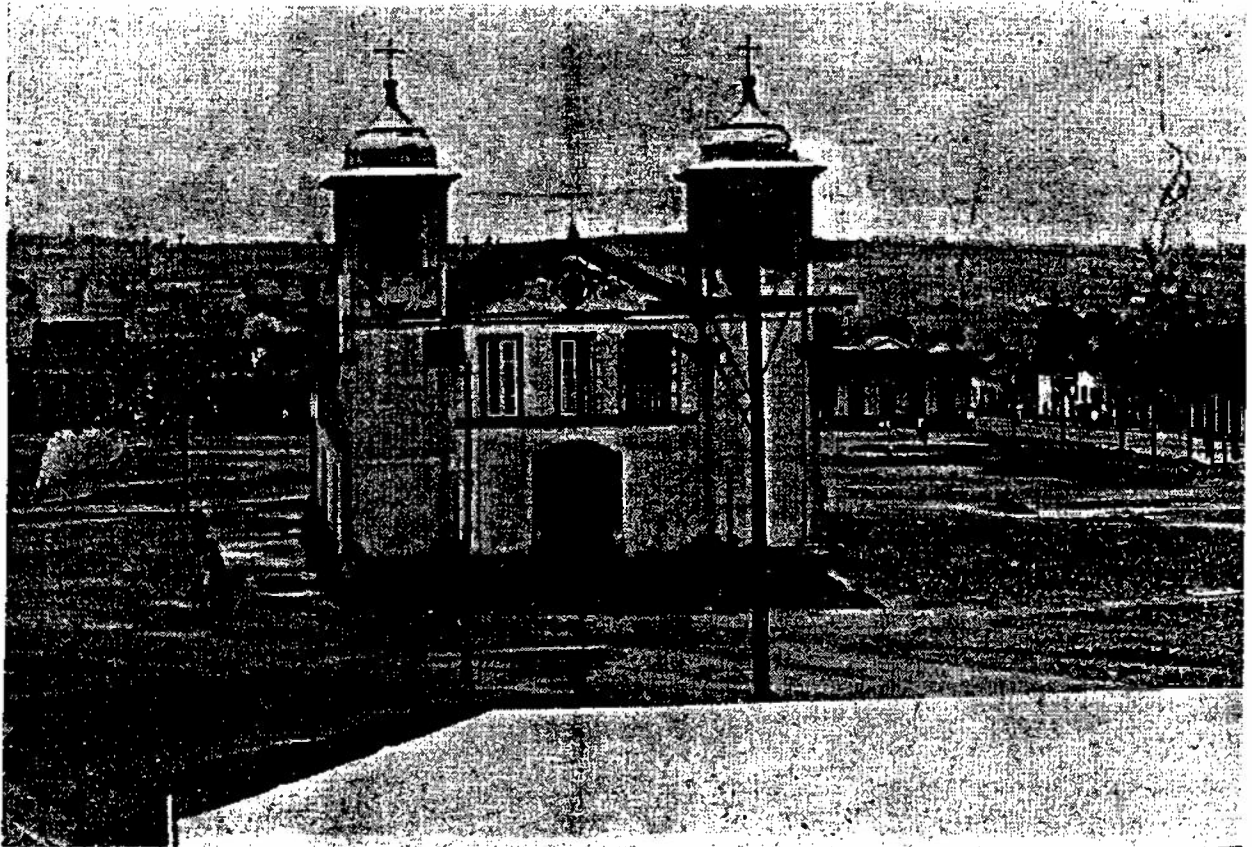
Uniformizaram-se as envasaduras com quadros retos sobrepostos por vergas curvilíneas, seguindo a orientação da porta.

Alguns elementos talvez devam suas revelações à maior nitidez da imagem, como as pilastras lisas, sobre socos, que ladeiam a fachada e os pináculos das coberturas das torres.

No entanto, o novo ângulo de visão permite-nos ver a lateral do edifício, com os telhados escalonados, sinalizando a nave e o corredor, e vencendo esta ampla largura. O documento de 1840 (transcrito às pp. 31-32) corresponde e confirma o que vemos: "... [falta] fazer-se os corredores que acompanham pelo lado de fora para comodidade e maior segurança do edifício".

Além disso, a fachada mostra-se mais larga que o corpo propriamente dito, escondendo os telhados de largos beirais em capa-canal, a proteger das chuvas, as paredes de barro. E o bloco posterior, reconhecível pela diferença na altura da cobertura e na distribuição dos vãos, certamente abrigava "uma sacristia e o correspondente consistório".

Por fim, a imagem revela as grandes proporções da Igreja Matriz, cuja monumentalidade é posta em destaque pela amplitude do Largo da Matriz, desnudo, como já havíamos afirmado.



O partido arquitetônico adotado pela Matriz de Batatais foi comum a outras primeiras igrejas da região, como a antiga Matriz de Ribeirão Preto, que existiu na atual Praça XV de novembro, e foi benzida em 1868, em foto de 1890 (ver foto anterior).<sup>36</sup>

#### RESIDÊNCIA DE JOSÉ FRANCISCO DE PAULA

Pça João de Andrade, 40, esq. R. Mal. Deodoro - demolida.

José Francisco de Paula foi vereador e negociante. Em 1888, já era morador no Largo das Dores, esquina da R. Municipal, casa que ficou com o filho, Belmiro de Paula Arantes.<sup>37</sup> Em abril de 1991 a casa foi demolida.

Perfeitamente adaptada à inclinação do terreno, esta casa possuía a estrutura em madeira maciça de secção quadrada, formando os baldrames, esteios e frechais. Os baldrames eram inferiormente reforçados por peças de madeira, para resistir à flexão. O espaço entre os baldrames e o solo era preenchido por pedras.

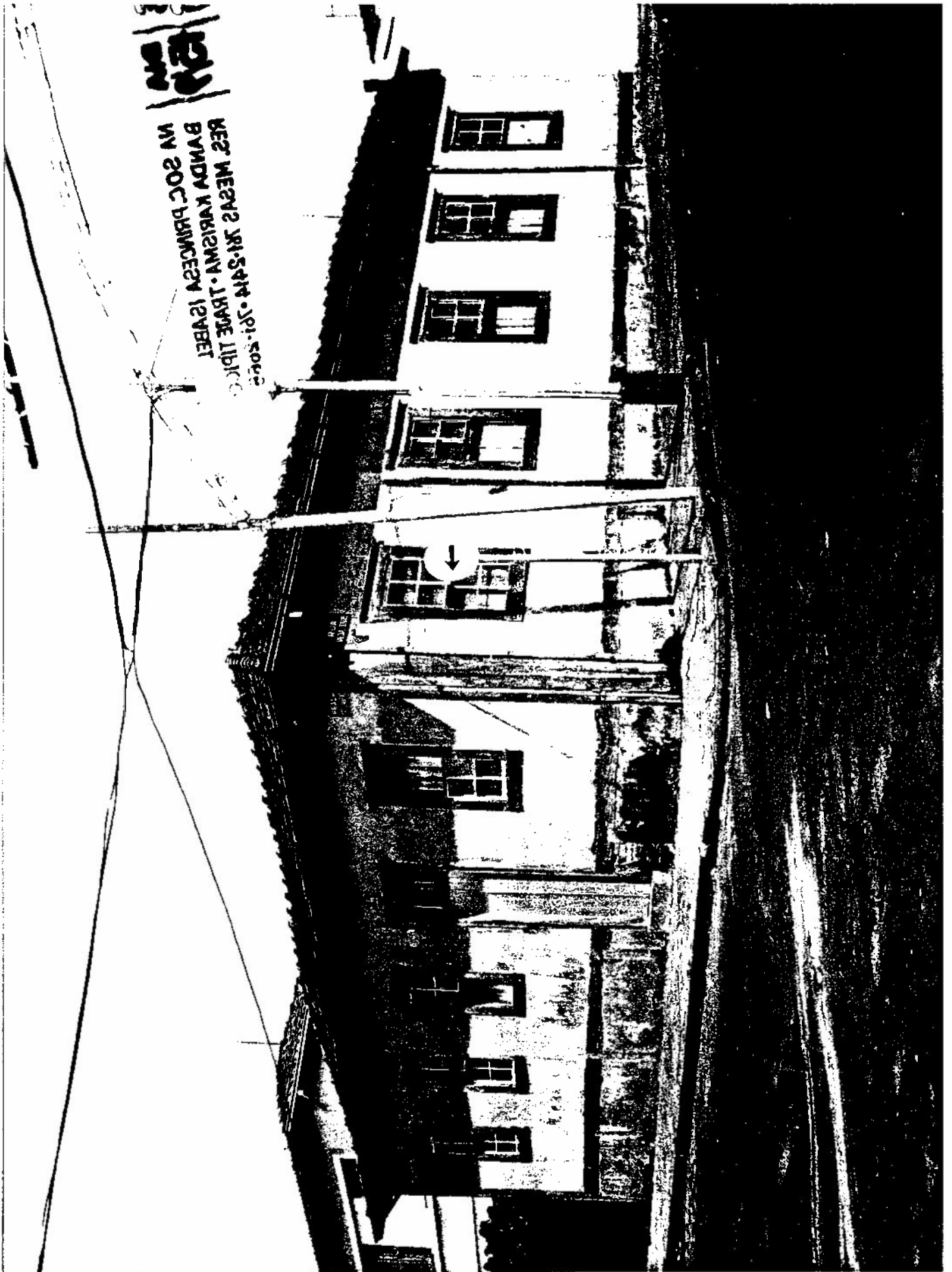
As paredes externas eram de adobes e as internas de pau-a-pique, revestidas de argamassa. Originalmente, o telhado era em capa-canal.

As janelas e porta possuíam quadros retos de madeira maciça e vergas salientes. Os vidros vedavam a bandeira retangular da porta e as vidraças externas, tipo guilhotina, das janelas. As ombreiras das janelas formavam longas verticais, ligando os frechais aos baldrames e, obviamente, agindo como elementos estabilizadores da estrutura.

A adequação do edifício ao perfil do terreno e a utilização

-----  
<sup>36</sup> Costa, João Emboaba, *Album comemorativo da fundação da cidade de Ribeirão Preto*, 1956.

<sup>37</sup> Cf. Frans, *op. cit.*, p. 121.



РЕС. МЕСАС 211-5414 • 201-5042  
БАНДА КАРІСМА • ТРАДЕ ЛІПІС  
ІВ СОС ПІНЦЕСА ІЗВІЕТ



da estrutura autônoma de madeira foram características da arquitetura mineira. Sylvio Vasconcelos, em sua obra *Arquitetura no Brasil - Sistemas Construtivos*, apresenta edifícios deste tipo, comuns em Minas Gerais. Luís Saia, na *Morada Paulista*, observou o fenômeno dos "torna-viagem", de Minas para São Paulo, na decadência da mineração de lavagem, trazendo a arquitetura mineira para a região e conjecturou, acertadamente, que tal fenômeno tenha adentrado mais profundamente o século XIX e que outros exemplares, além da Fazenda Jaborandi, examinada em Altinópolis, seriam encontrados nas zonas paulistas próximas de Minas Gerais.

A beleza plástica da residência de José Francisco de Paula resulta da simplicidade da composição que não se serve de nenhum elemento adicional ou decorativo, senão daqueles necessários e essenciais para se erguer uma casa.

#### RESIDÊNCIA DE ANTÔNIO BENEDICTO DOS SANTOS SILVA

Antigo Largo de N. Sra. das Dores - demolida.

Em março de 1881, o vereador Joaquim Augusto da Cunha e Silva propunha:

"Considerando que existe entre alguns particulares o projecto de erecção de uma capella com a invocação de = Nossa Senhora das Dores =, no lugar denominado = Castello = em frente à caza de Antônio Benedicto.

"Proponho a criação de um largo no referido lugar que será denominado = Largo da Senhora das Dôres = sendo declarado de utilidade pública o terreno necessario para o referido largo."<sup>38</sup>

Jean de Frans nos informa quem foi o proprietário do imóvel: responsável pelo cartório de "orphãos [...] no largo das Dores,

-----

<sup>38</sup> Arquivo da Câmara. C.1 d.1/25.



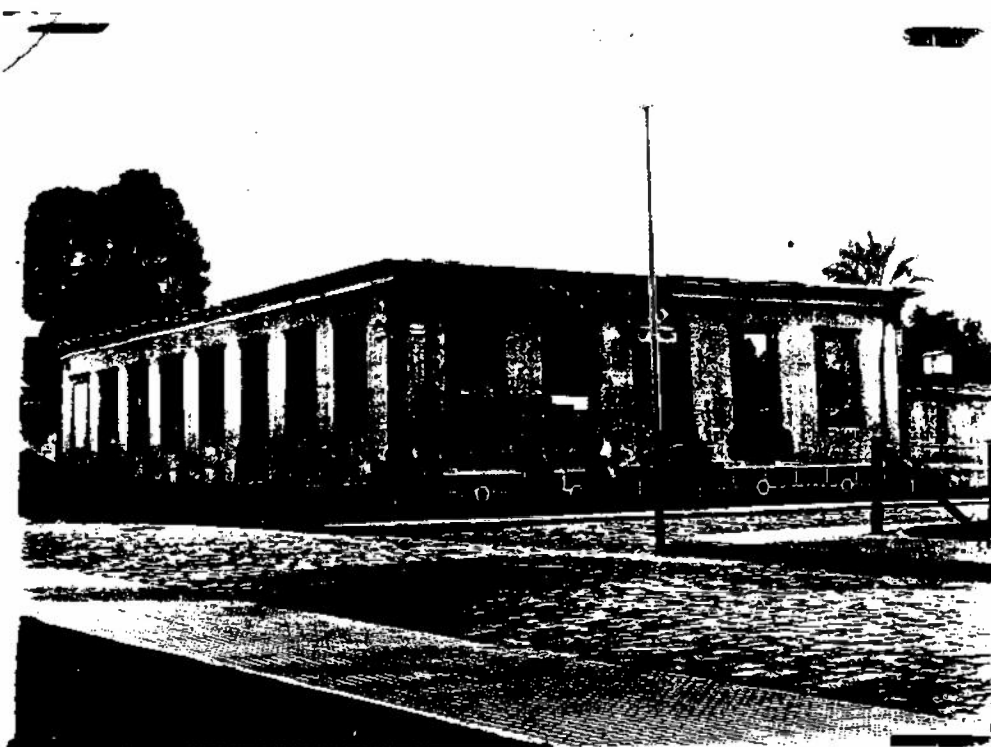
esquina da rua das Flores, casa que nos últimos tempos pertenceu a João Ferreira Diniz, que a reconstruiu."<sup>39</sup>

A casa de Antônio Benedicto, pelo documento da Câmara, já existia em 1881. É o edifício que ocupa o primeiro plano nas fotos de 1911 e do final desta década, quando foi demolido. Construído nos mesmos moldes do edifício anterior, ainda apresentava o telhado em capa-canal.

#### RESIDÊNCIA DO CÔNEGO JOAQUIM ALVES FERREIRA

Antigo Largo da Matriz - demolida.

O Cônego Joaquim Alves Ferreira, pertencente a uma das mais antigas e poderosas famílias de Batatais, morou nesta casa até sua morte, em 1.12.1898. A imagem a seguir documenta a demolição do edifício, em 1928, para a construção do palacete de seu sobrinho, Monsenhor Joaquim Alves Ferreira.



-----  
<sup>39</sup>Frans, *op. cit.*, p. 119.

O edifício, desenvolvido em "L", situava-se na esquina do Largo da Matriz com a Rua das Palmeiras, que hoje levam os nomes dos antigos moradores: Pça Côn. Joaquim Alves e R. Mons. Alves.

Embora o edifício possuísse maiores dimensões, empregou o mesmo sistema construtivo das residências anteriores. Repetem-se as paredes externas de adobes, as madeiras estruturais aparentes, o telhado em capa-canal, as janelas de quadros retos, encimadas por estreitas vergas, e a única porta de entrada, que aqui recebe o requinte de uma bandeira em arco, envidraçada. O outro elemento diferencial é a base da fachada principal, contendo óculos e bossagens.

#### **SOBRADO FERREIRA DA ROSA**

Antiga Rua do Chafariz - demolida.

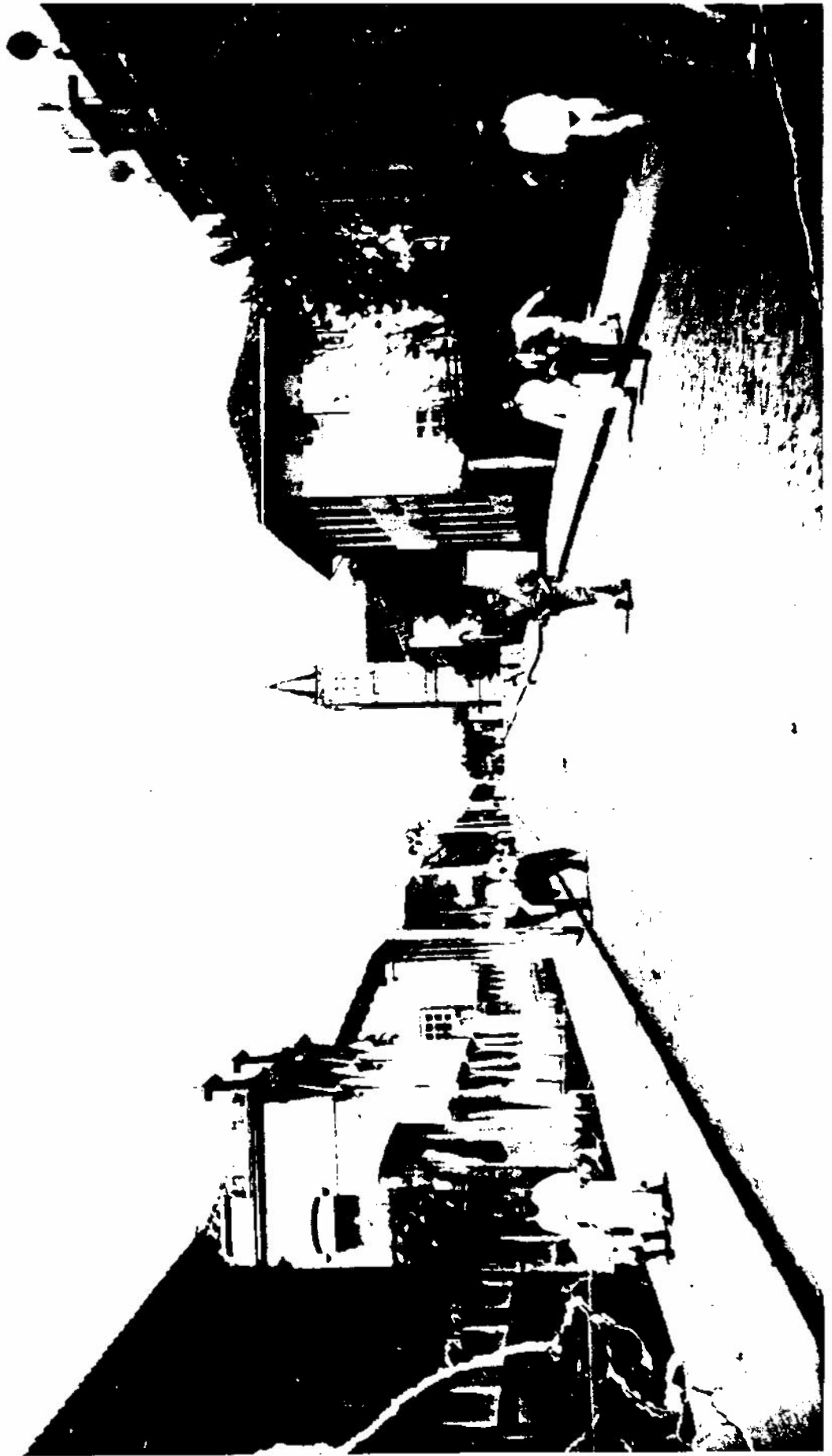
Recordando o ano de 1872, Jean de Frans nos informa que Joaquim Augusto da Cunha e Silva negociava com fazendas e armarinhos "nos baixos do sobrado da família Ferreira da Rosa, na Rua do Chafariz [depois R. da Quitanda, atual R. Cel. Joaquim Rosa]". Ocupar os terrenos dos dois sobrados da cidade com funções não residenciais, foi prática comum. No mesmo ano, Francisco Arantes Marques exercia idêntica atividade "nos baixos do sobrado de sua residência [foto, p. 21], de onde passou para o prédio térreo pegado, à direita, [...] cedendo os baixos do sobrado, mais ou menos em 1877, ao doutor Marcondes Homem de Mello, que allí abriu consultório médico."<sup>40</sup>

A 29 de julho de 1888, o sobrado de Joaquim Ferreira da Rosa abrigou a assembléia que, presidida por Martinho Ferreira da Rosa e secretariada por seu irmão João Ferreira da Rosa, fundou o partido republicano em Batatais.<sup>41</sup>

-----

<sup>40</sup> Frans, *op. cit.*, p. 21.

<sup>41</sup> Cf. Frans, *op. cit.*, p. 113.



Com o advento da República, e em consonância com seu ideal de difusão do ensino primário, em 1896, os Ferreira da Rosa e outros republicanos doam o sobrado e a casa térrea vizinha (até então ocupados, respectivamente, pelo Lyceu Batataense e pelas oficinas e redação do jornal *A Penna*)<sup>42</sup> ao Governo do Estado, para a implantação de um Grupo Escolar.

No mesmo ano, a Superintendência de Obras Públicas realiza a vistoria dos edifícios e levanta suas plantas:

"São Paulo, 25 de julho de 1896. Cidadão Dr. Chefe da 1<sup>a</sup> Secção - Em cumprimento ao vosso despacho de 23 de Maio p. passado, exarado no aviso n.97, d'este anno, tenho a honra de vos informar o seguinte: Examinei com o maximo cuidado os dois predios doados ao Estado, para serem adaptados a um Grupo Escolar em Batatais, pelos cidadãos Antonio Ferreira Roza, Martinho Ferreira Roza e outros e verifiquei ser impraticavel qualquer reforma, por mais insignificante que seja. As paredes dos dois predios, tanto do sobrado como da casa terrea, são feitos, parte de adobo e parte de pau a pique. O madeiramento (armadura do telhado, forro e soalho) não estão em condições de serem aproveitados, mas podem durar ainda muito tempo. As salas e quartos que estão sendo ocupados com as aulas e aposentos dos professores, não precisão de reformas, pois, estão caiados de novo, assim como também as fachadas. Em vista do minucioso exame a que procedi, sou de parecer que não se deve tentar qualquer reforma, attendendo ao estado em que se acham os predios, devendo tão somente utilisal-os e conserval-os tal qual se acham. junto vos envio as plantas dos predios acima referidos. Saude e fraternidade. Ass. Luiz Gonzaga Martins.

-----

<sup>42</sup>Cf. Frans, *op. cit.*, p. 141 e 142.

Engenheiro Ajudante."<sup>43</sup>

O relatório da vistoria revela alguns aspectos do repetido sistema construtivo: paredes de adobo e pau a pique, armadura do telhado, forro e soalho em madeira, e a caiação de interiores e fachadas.

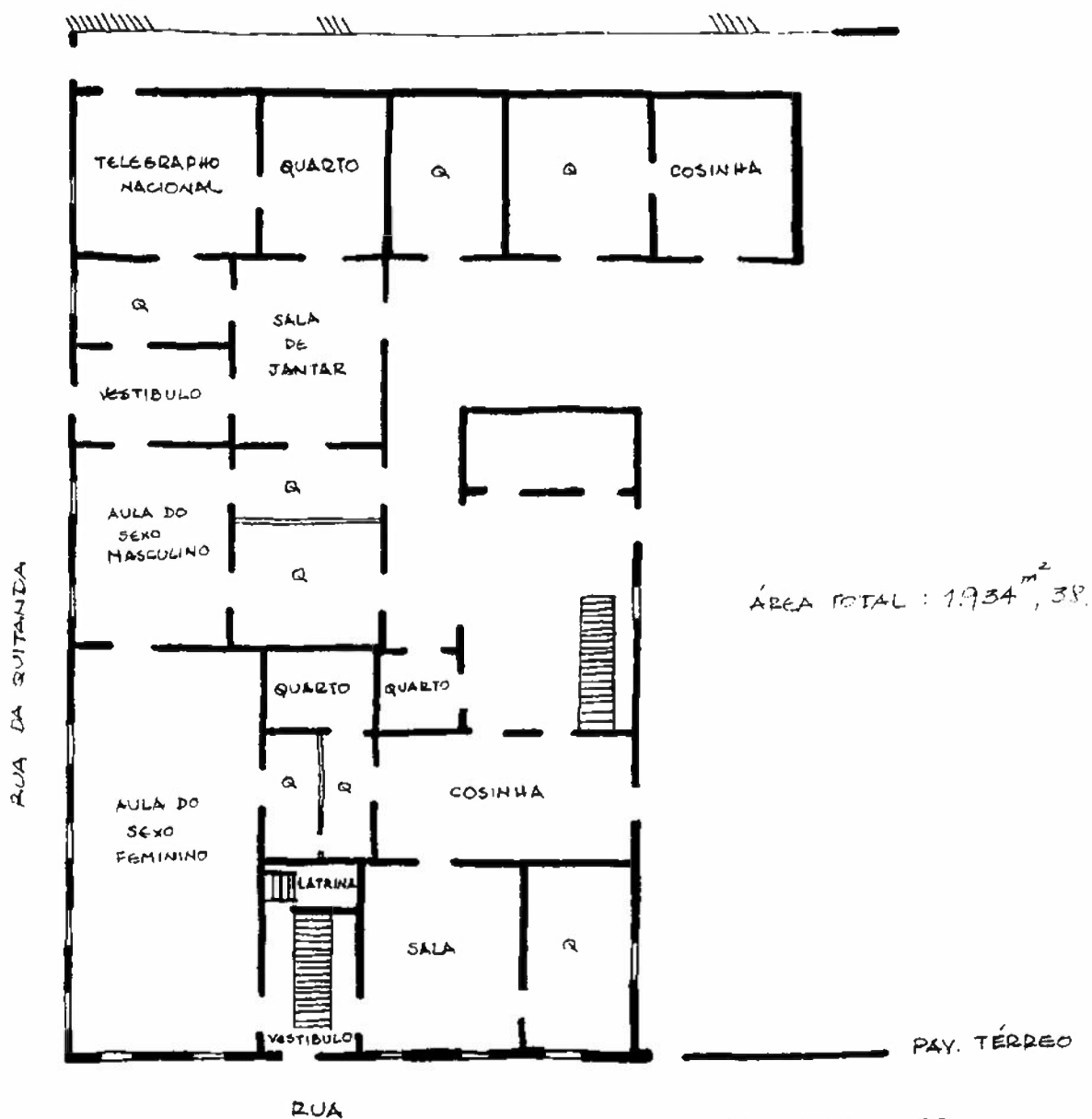
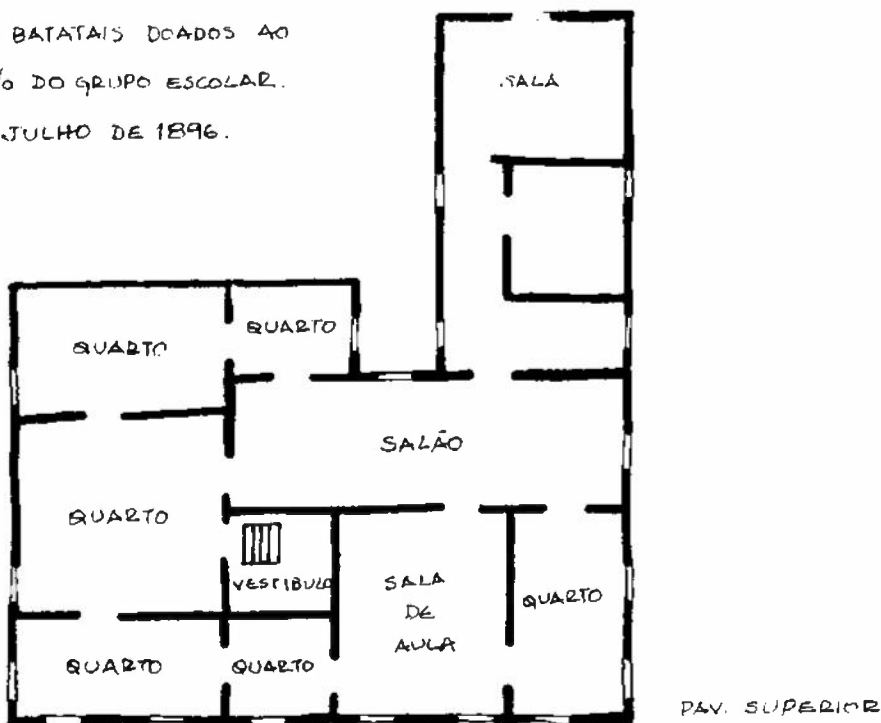
A fotografia, de meados dos anos 20s, retratou a fachada do sobrado à R. das Palmeiras, e fornece-nos mais alguns dados: a implantação do edifício na testada do lote, e sua adaptação ao perfil do terreno; a cobertura de telhas capa-canal; portas e janelas de quadros retos de madeira, simetricamente distribuídas nas fachadas; vidraças externas; e os travamentos verticais, visíveis na fachada interior, entre o frechal e o piso do segundo pavimento, estruturando as ombreiras das janelas. O amplo quintal comunica-se com a rua pelo portão, e confina a vegetação, como de resto, nas outras propriedades.

Observando a planta do Sobrado Ferreira da Rosa, a seguir, podemos supor as possíveis alterações ocorridas nas aberturas do sobrado, entre 1872, quando o térreo assumia função comercial e o segundo pavimento, habitacional, e 1896, data das plantas, no momento em que o imóvel é ocupado pelo *Lyceu Batataense*. "Negócio de fazendas e armarinhos" certamente exigiu maior número de portas, e possivelmente localizava-se no amplo salão que em 1896 é convertido em sala de "aula do sexo feminino". A conversão de portas em janelas, ou vice-versa, foi perfeitamente possível, se considerarmos que se tratava de uma estrutura autônoma de madeira. Sem atentar ao fato de que a fotografia dos anos 20s atesta a substituição de duas janelas por portas.

Ainda do ponto de vista construtivo, o segundo pavimento não se subordina ao desenvolvimento do térreo: sobre a extensa sala de aula dispõem-se duas paredes isolando os quartos; e as divisões da

-----  
<sup>43</sup> AESP. Manuscritos/Of. Divs.- Secr. da Agric. Ano 1896. C.84.

PLANTA DE DOIS PRÉDIOS EM BATATAIS DOADOS AO GOVERNO PARA ESTABELECI/º DO GRUPO ESCOLAR.  
 ESC. 1:100 SÃO PAULO, 24 DE JULHO DE 1896.



COPIADO ESC. 1:200

ala posterior, destacada da volumetria principal, não coincidem.

Em 1896, os dois prédios encontram-se interligados e apresentam algumas características comuns. As plantas desenvolvem-se em cômodos sucessivos, que se comunicam diretamente, sem a intermediação de um corredor de circulação, ainda que alguns quartos possuam a intimidade preservada.

Os acessos aos edifícios são múltiplos. Além das entradas pessoais ou sociais, apresentam acessos laterais independentes para os serviços domésticos, com as cozinhas diretamente ligadas ao quintal e à rua.

Os cômodos possuem dimensões bastante variadas, e alguns, como os quartos térreos do sobrado, subdividem suas áreas através de tabiques, aumentando os espaços disponíveis, que não são poucos. Na ala posterior do sobrado, chega-se a omitir o tipo de ocupação a que estão sujeitos certos espaços. É notável a importância espacial que assume o "salão" do segundo pavimento, quer por suas dimensões, quer por ser peça central de distribuição, uma vez que o pequeno vestibulo possui apenas a função de acesso.

Construídos num momento em que soluções de higiene e salubridade das construções não estão difundidas, os prédios apresentavam problemas de ventilação e iluminação. Apesar da existência de um poço, para este fim, formado pelo afastamento da ala posterior do sobrado, este possui a planta quase quadrada, confinando os cômodos posteriores ao vestibulo térreo (latrina e quartos que, na verdade são alcovas) no meio da edificação, sem aberturas para o exterior. No pavimento superior estas soluções são satisfatórias, inclusive com cômodos fartamente iluminados e ventilados.

Os dois imóveis possuem recuos laterais, sem que, no entanto, a casa térrea tire proveito desta circunstância para a abertura de janelas para os quartos, apenas uma porta de acesso à sala do "Telégrapho Nacional". Neste imóvel também é notável o isolamento dos quartos e cozinha, acessados apenas pelo exterior, e a inexistência de instalação sanitária interna.

## AS CASAS MAIS SIMPLES

Nenhum exemplar das casas mais simples sobreviveu. Os registros fotográficos mais antigos captaram as porções mais centrais da cidade, onde se localizavam as ruas e os edifícios mais atraentes. Não aquelas ruas "pouco frequentadas de habitantes ou comércio", onde os moradores mais pobres conseguiam erguer suas "casinholas" sem atender às prescrições das posturas.

Entretanto, cremos que a habitação, existente nos anos 20s,<sup>44</sup> que reproduzimos abaixo, não diferia muito daquelas do tempo em questão, já que se utilizou dos mesmos materiais construtivos.



A residência apresenta a mesma estrutura autônoma de madeira, verificada nas melhores casas, paredes externas de pau-a-pique,

-----

<sup>44</sup> Nesta época foi confeccionado um pequeno álbum fotográfico, com o objetivo de angariar fundos para a construção da Villa Vicentina, que abrigaria pessoas carentes, mostrando as condições habitacionais em que viviam e apresentando o projeto de Rômulo Rigotto.

com vestígios do antigo reboco, armadura do telhado em madeira com telhas capa-canal, porta aproveitando o esteio de madeira como batente e uma pequena janela. O pé direito, bastante reduzido, certamente não atendia às exigências das posturas.

## OS MUROS

As "cartas de datas" eram concedidas pela Câmara Municipal para a construção de casas, mediante o pagamento dos "direitos municipais". Adquiridas as "cartas de datas", os proprietários logo tinham que tratar de "levantar as taipas", o que significava construir os muros de taipas para o fechamento dos terrenos concedidos.

A imagem seguinte mostra parte de um muro remanescente até 1991, à R. Duque de Caxias (antiga R. Santa Cruz). Os muros eram levantados em taipa de pilão, reconhecível pelas sucessivas camadas de barro socado. Aqui, aparece sobreposto pela técnica construtiva que lhe foi posterior: a alvenaria de tijolos.





A unidade visual e construtiva que definia Batatais é incontestável. Uma cidade inteira feita de adobos, pau-a-pique, taipas, telhas capa-canal e madeiras maciças aparentes. O mesmo sistema construtivo unificador edificou a Igreja Matriz, a Igreja do Rosário, a velha cadeia, as casas mais abastadas e as mais simples. Entre umas e outras apenas as dimensões eram alteradas. O diferencial, portanto era quantitativo. Qualitativamente pouco diferiam: na justaposição de planos de geometria simples, enquadrados pelos esteios e telhados, a ornamentação era restrita às poucas vergas curvilíneas de portas centrais.

O colorido possivelmente fosse mais um fator de uniformidade da paisagem urbana. Os documentos examinados referem-se, invariavelmente, à caiação, de cal importada, que além do vidro, era o único material que vinha de fora. Supondo a caiação mais simples, sem adição de corantes, a cidade seria composta de brancos emoldurados pelos marrons e castanhos de madeiras, telhas

e ruas.

A fotografia do Largo da Matriz em 1905, no início do capítulo, pela projeção das sombras, sabemos que foi tirada pela manhã, o que deturpa pouco a coloração. Ainda nesta época, as paredes são bastante claras, mesmo brancas, se comparadas com o colorido escuro dos telhados e da arborização. Estranhamente, Jean de Frans afirma terem sido, as residências de 1872, "pintadas commumente de cores escuras", num relato que, de resto, nos parece definitivo:

"As casas principaes eram sempre de esquina, conventuaes, de janellas amplas e grandes beiraeas, portas largas e de uma só folha, aposentos de dimensões avantajadas, pintadas commumente de cores escuras. As casas pobres tinham menos imponencia, mas obedeciam ao mesmo estylo, muitas janellas, portas largas, substituidas as vidraças por 'empanadas' de panno branco. A classe desfavorecida morava em casinholas cobertas de sapé, de minguadas dimensões, escuras, feitas de pau a pique, piso de terra batida."<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup>Frans, *op. cit.*, p. 17.

## O ANO DE 1886.

1886 constituiu-se num marco para a história de Batatais. O grande acontecimento é a inauguração da Estação Batataes da Estrada de Ferro Mogyana. A chegada do trem, sob todos os aspectos, abriu novas perspectivas para a vida do município.

A economia batataense, que em 1872 baseava-se principalmente na criação de gado, da qual cuidavam, exclusivamente, 37 fazendas, e na plantação de cana, que ocupava 6 propriedades, recebe neste ano de 1872 a primeira fazenda de café: a Fazenda Fortaleza, de Antonio Garcia de Figueiredo.<sup>1</sup> Com a ferrovia estava aberta a rápida via de escoamento do café, já plantado em larga escala, e fonte da prosperidade e riqueza que a cidade conhecerá nos próximos anos.

Agora, em contrapartida, podia-se facilmente trazer toda espécie de novos produtos, inclusive os importados da Europa, como os materiais construtivos que serão utilizados nas edificações da década seguinte. Mas a renovação arquitetônica não esperará tanto tempo. Ainda em 1886 Batatais experimentará inovações que se aprofundarão nos anos seguintes, como veremos.

Um ano antes, em 1885, a cidade já iniciara sua expansão e o conseqüente incremento das atividades urbanas, sobretudo as comerciais.

Com o tempo, os habitantes se integrarão num novo mundo, ampliando seus horizontes através do contato rápido e freqüente com outras cidades.

As viagens de recreio, especialmente a São Paulo, e a chegada das famosas companhias teatrais que percorriam a Mogiana,

---

<sup>1</sup>Cf. Luné, A.J.B. e Fonseca, P.D. (org.), *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. Ed. Fac-Similar, IMESP, 1985.

apresentando seus espetáculos de cidade em cidade, como a de Arthur Carrara, que em 1888 apresentaria os *Milagres de Santo Antonio* no Theatro Municipal, e outras formas de entretenimento, seriam acrescidas à intensa atividade teatral amadora, às antigas e concorridas festas religiosas da Semana Santa, de São Sebastião e do padroeiro Bom Jesus da Cana Verde, e aos divertimentos como a Cavalhada, em que cristãos e mouros guerreavam entre palanques e arquibancadas; os circos de cavalinhos, embalados pela banda de música no Largo do Rosário; os circos tauromáquicos, armados no Campo Alegre, onde mais tarde se construiria o Grupo Escolar; as reuniões familiares e as serenatas.

Os jornais locais eram coisa recente: em 1882 aparece *O Século* e, em 1884, *A União* e *O Clarim*, folha literária e recreativa, publicada aos domingos, onde apareceu o convite da Comissão de Festejos para que o povo recebesse, com todas as honras, os imperadores D. Pedro II e D. Theresa Christina, para a inauguração da Estação Batataes, no dia 25 de outubro de 1886, pela manhã.<sup>2</sup>

Este momento, certamente, de espetacular importância para a população do tempo, requeria inúmeras providências para que a cidade estivesse à altura dos acontecimentos.

#### OS MELHORAMENTOS URBANOS

Batatais preparou-se ativamente para a chegada do trem, dotando a cidade dos melhoramentos urbanos necessários, em especial, no percurso centro-estação, já que a Estação Batataes foi implantada a 2,5 Km do centro da cidade, além do Ribeirão das Araras e do Castello, local ainda pouco ocupado (planta na página seguinte).

No esforço empreendido para dotar a cidade destas melhorias, a Câmara Municipal, não dispendo de muitos recursos, contou, em

-----  
<sup>2</sup>Cf. Frans, *op. cit.*, pp. 134-136.

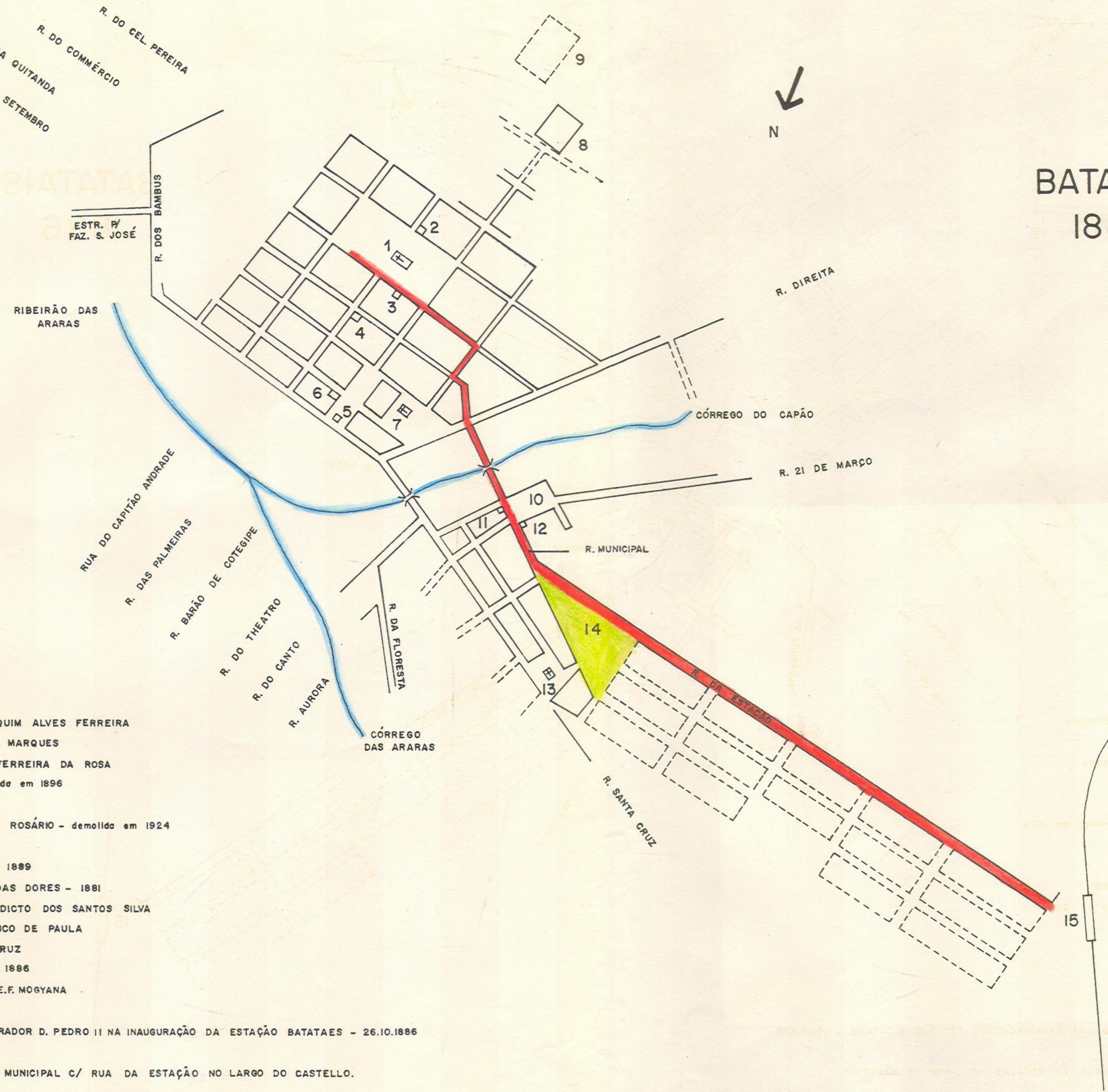
Planta provável da cidade de Batatais em 1886, confeccionada com base na "Planta da Cidade de Batatais em 1898"<sup>1</sup> do eng. José Niederkruker, na "Planta dos terrenos pertencentes a Camara Municipal e Paróquia do Bom Jesus da Cana Verde em Batataes"<sup>2</sup>, de 1905, nas "Plantas de Água e Esgotos"<sup>3</sup>, de 1912, por Duarte e Aranha Engenheiros e na documentação da Câmara Municipal.

-----  
<sup>1</sup> Enquadrada no Museu Histórico Washington Luís, Batatais.

<sup>2</sup> AESP. Ofícios Diversos. Secretaria da Agricultura. Ano 1904, C. 449. Anexa ao ofício n. 66, de 30.01.1905.

<sup>3</sup> Cópias no Departamento de Obras da Pref. Mun. de Batatais.

# BATATAIS 1886



1. IGREJA MATRIZ
2. CASA DO CONEGO JOAQUIM ALVES FERREIRA
3. SOBRADO DOS ARANTES MARQUES
4. SOBRADO DE JOAQUIM FERREIRA DA ROSA
5. CADEIA VELHA - demolida em 1896
6. CADEIA NOVA - 1886
7. IGREJA NOSSA SRA. DO ROSÁRIO - demolida em 1924
8. CEMITÉRIO VELHO
9. CEMITÉRIO PAROQUIAL - 1889
10. LARGO DE NOSSA SRA. DAS DORES - 1881
11. CASA DE ANTONIO BENEDICTO DOS SANTOS SILVA
12. CASA DE JOSÉ FRANCISCO DE PAULA
13. IGREJINHA DE SANTA CRUZ
14. LARGO DO CASTELLO - 1886
15. ESTAÇÃO BATATAES DA E.F. MOGYANA

TRAJETO DO IMPERADOR D. PEDRO II NA INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO BATATAES - 26.10.1886

CONFLUÊNCIA RUA MUNICIPAL C/ RUA DA ESTAÇÃO NO LARGO DO CASTELLO.

diversas ocasiões, com a colaboração dos moradores e dos próprios construtores, como veremos.

O *Relatório do Presidente da Câmara*,<sup>3</sup> Antonio Augusto Lopes de Oliveira, de 16.01.1887, apresentando as realizações de seu mandato à nova Câmara, nos dá conta de que a cidade iniciou os preparativos para a inauguração da estação de trem, já em 1884. Neste ano, realizaram-se as primeiras contratações para a construção de pontes e melhorias nas ruas que levariam à estação.

Assim, foram construídas:

"uma ponte sobre o Ribeirão de Batataes da qual foi arrematante Manoel Gustavino de Andrade Junqueira, por contracto de julho de 1884",

"uma outra sobre o corrego das Araras na rua municipal da qual foi contractante o carpinteiro Hilario Antonio da S.<sup>a</sup>", [e]

"Dêu-se comêço a outra sobre o m.<sup>mo</sup> corrego na Rua de Santa Cruz - antiga de João Barbosa, para a qual subscreverão diversos cidadãos, com a quantia de 209\$000 [...]. Para as obras da ponte que está a concluir-se foi contractado o carpinteiro José Barbosa da Silva pela quantia de 180\$000, sendo que dessa quantia se tem de dedusir 10\$000 que o m.<sup>mo</sup> prometteu dar para a obra [...]. As madeiras para a obra forão fornecidas por Isac Adolpho Ferreira pelo preço contractado de 180\$000 que ainda não recebeu, mas continuando elle na obtenção de m.<sup>e</sup> subscriptores é provavel que pequena despesa pese ao cofre p.<sup>a</sup> esse serviço."

As ruas sofreram tratamento variado: as que chegavam ou partiam do ribeirão, subindo em direção à estação, receberam

-----

<sup>3</sup>Arquivo da Câmara. C. 1. Todas as citações do item "Os Melhoramentos Urbanos" referem-se a este texto, salvo indicação em contrário.

cuidados contra a erosão, outras foram abauladas ou aplainadas e algumas foram dotadas de guias e sargetas.

A Rua de Santa Cruz, "por contracto assignado a 7 de Novb.º de 1884 p<sup>f</sup> José Barbosa da S.<sup>a</sup>", foi consertada, "construindo-se prescintas de pedra para atalhar a força das aguas das chuvas que impetuosam<sup>o</sup> correm por allí escavando a rua".

Em 17.08.1885, contratou-se com Francisco Esteves o abaulamento e sargetamento da Rua Municipal, concluído até o Largo de N. Sra. das Dores. Terminado o trabalho, em 21.07.1886, a Câmara intimou os proprietários "para que desde logo tratem de levantar taipas e faser calçadas nas frentes de suas propriedades".<sup>4</sup> "Mais tarde, sendo urgente a necessidade da continuação dos serviços dessa rua por ser a unica que se prestava para o transito publico para a Estação da Estrada de ferro [...] a 16 de Agosto ultimo contractei com o m<sup>mo</sup>. Esteves [e] continuou elle no serviço até sahir na rua da Estação."

A proposta de Francisco Esteves para os serviços a serem efetuados nestas ruas, apresentada em 27.7.1885, especificam a execução:

"...Por cada braça de abaulamento da rua onde não for percizo atterro, inclusive as sargetas de pedra de um e outro lado, de 25 centímetros de altura por quatro palmos de largura inclusive a guia. 26\$000. Por cada braça de travessão das ruas. 26\$000..."<sup>5</sup>

No centro da cidade, o *Relatório de 1887* apontou a urgente necessidade de "abaulamento da rua hoje denominada - Barão de Cotegipe", mas como a Câmara não tinha dinheiro para fazer "face a tantas despesas", aceitou o oferecimento do "cidadão português

-----

<sup>4</sup> Atas da Câmara Municipal. Vol. 1885-1887, p. 57.

<sup>5</sup> Atas da Câmara. Vol. 1885-1887. pp. 9 e 10.

Antônio José Ribeiro [...] para levar effeito a obra adiantando os din<sup>os</sup>. precisos para depois recebê-los da Câmara". Ribeiro realizou o serviço, contratado em 8.10.1886, "abaulando não só essa rua em a qual abriu valêtas ou sargêtas de pedra, mas também parte da rua do commercio".

Completando o trajeto até a Estação Batataes, "concertou-se e aplainou-se a rua da Estação, desde o princípio ao fim". O *Relatório do Fiscal* da Câmara, de 5.4.1886, informa-nos em que circunstâncias surgiu o ângulo de concordância entre as Ruas Municipal e da Estação (atuais R. Mal. Deodoro e Av. Nove de Julho), e foi criado o Largo do Castello (atual Pça Fernando Costa). Largo que não foi criado para dar destaque a um importante ou magestoso edifício, como foram os Largos da Matriz, do Rosário e da Cadeia, mas que surgiu da necessidade de acordo entre as direções de duas ruas (ocorrência destacada na planta à p. 57), numa repetição dos problemas que continuam a ser enfrentados para a ordenação da trama urbana, que se desejava ortogonal:

"A rua que desta cidade vae a estação da linha ferrea não pode ser levada no devido alinhamento em consequencia da sua má direção, como se vê da casa em que mora Arthur Stefano em diante já que ella segue muito a esquerda do alinhamento, dando-se o mesmo com a rua opposta. Para aformoseamento convem que alli se faça um largo que virá até alem da casa em que mora Camillo Gomes, e dali partão em direção a estação três ruas com as devidas dimenções e marcando-se as competentes travessas."<sup>6</sup>

A estação de trem constituiu-se, portanto, no segundo ponto de atração para o crescimento da cidade. Novas ruas e travessas foram demarcadas, alinhadas e abertas no Castello, determinando o tipo de lote a que as quadras estariam sujeitas, como se depreende

-----  
<sup>6</sup>Arquivo da Câmara. C. 1.

do Parecer da Comissão de Obras ao *Relatório do Fiscal* da Câmara, em 12.4.1886:

"... na demarcação das ruas que vão se abrir no castello o alinhamento da primeira transversal deve ficar em linha com a frente da Igrejinha de Santa Crús devendo o terreno ser dividido em quadro de maneira que os fundos se encontrem uns com os outros dando lugar a que se possa edificar casas em todas as frentes com tanto que figure uma rua sentral parallela as outras."<sup>7</sup>

Naturalmente, tamanha movimentação urbanística não se deu somente pela necessidade de melhorias, mas sobretudo pelo incrível aumento no número de petições para a concessão de cartas de datas para edificações. Nos anos de 1885 e 1886 as Atas de Câmara registraram essas petições diárias de terrenos. Muitos deles no centro da cidade: no Largo da Matriz que, portanto, não estava totalmente construído, nas ruas da Quitanda, do Commercio, 7 de Setembro, mas principalmente nas ruas Municipal e da Estação.

O trabalho do fiscal da Câmara e do arruador foi intenso, pois, em 23.7.1886 as Comissões da Câmara, dando parecer sobre o *Relatório do Fiscal*, reconheciam:

"Que é justo o que o fiscal reclama, isto é: que não se deve conceder datas senão nas ruas já começadas para mais aformosamento da povoação, e ficarem as casas discriminadas, por conseguinte parece conviniente que a Camara só concedesse datas principalmente para os lados da Estação, senão na rua deste nome"<sup>8</sup>

-----

<sup>7</sup> Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 41.

<sup>8</sup> Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 55.

Na verdade, embora a cidade começasse a se expandir na direção da estação ferroviária, as construções e reconstruções, pelos edifícios remanescentes que pudemos examinar, raramente ultrapassaram os limites da atual R. Padre Claret, e aproximadamente, até o final dos anos 20s, deram preferência ao centro e suas imediações.

Naqueles anos 80s, as atividades comerciais também tomaram grande impulso, afinal, as oportunidades cresciam com a cidade. Foram renovadas as licenças daqueles que pediram para continuar com seus negócios e concederam-se muitos alvarás de licenças para abrir casas de negócio, fazendas, molhados, aguardente e gêneros da terra.

Visando as melhorias urbanas, outras providências, ainda segundo o *Relatório de 1887*, foram tomadas pela Câmara, como a construção do Matadouro:

"Era costume nesta cidade abater-se gado vaccum para consumo publico nos pateos das casas dos cortadores, e m<sup>mo</sup>. nas ruas, o que era prejudicialissimo á saude publica, como é fácil de ver-se, e, para cortar um tão gr<sup>de</sup>. mal, mandou-se construir um matadouro fóra do recinto da cidade, e com quanto não offereça as comodidades exigidas para um matadouro, todavia melhorou as condições em que se achava este serviço."

Nestes heróicos anos, mais precisamente em 1884, a cidade foi provida de "um ensaio de illuminação pública", no dizer do Presidente da Câmara, Lopes de Oliveira. Até então, Batatais contava com a claridade das noites de luar, das lamparinas e dos lampiões domésticos. Neste ano, "a camara tractou de faser collocar em alguãs ruas lampeões para illuminação pública, concorrendo diversos cidadãos, amantes do progresso, á sua custa, com alguns lampeões, ficando a cargo da camara o custeio da illuminação.[...] Achão-se collocados no largo da Matris e em alguãs ruas 25 lampeões." Foram adotados os "lampeões a

kerosene", combustível que vinha de longe, pois, em 1886, a Câmara indica ao Procurador "que mande vir de São Paulo, Santos ou Rio de Janeiro o kerosene necessário..."<sup>9</sup>

Em 24 de maio de 1886 a Comissão de Obras Públicas, composta por Francisco Justino de Paiva, Aurélio Antônio da Silva e Manoel de Paiva Leite, é encarregada de denominar todas as ruas da cidade e numerar as casas.<sup>10</sup> Muitas ruas estavam sem nome, sendo conhecidas apenas pelos nomes de determinados moradores, como foi o caso da Rua da Floresta: "a rua em que mora Hilario Antonio da Silva". Com a maior rapidez, o *Parecer da Comissão* é apresentado e aprovado pela Câmara no dia seguinte. São nomeadas ou confirmadas antigas denominações de 28 ruas e 4 largos: "da Matris, do Rosario, da Cadeia e da Senhora das Dores."

As treze ruas, que compunham a Batatais de 1872, possuíam nomes que derivavam de suas disposições em relação ao Largo da Matriz, como R. Direita, de Cima, de Baixo, da Outra Banda (além do Ribeirão das Araras) e R. do Canto; da localização de benfeitorias ou edifícios, como R. do Chafariz, do Cemitério, do Castello, do Theatro e da Cadeia; ou de seus aspectos peculiares, como a R. do Commercio, das Palmeiras e a do Outro Mundo, "o *bas fond*, terror do pessoal pacato e dor de cabeça das autoridades policiaes."<sup>11</sup>

As denominações de 1886 confirmaram algumas delas, como a Direita, do Commercio e do Theatro. Entretanto, resultado do sentimento de inserção daquele antigo lugarejo de sertão à vida nacional, e da constituição de uma pequena história local, em relação à qual a cidade desejou homenagear alguns nomes, surgiram as ruas: 7 de Setembro (antiga R. de Baixo), Barão de Cotegipe (do Cemitério), Cel. Pereira (R. de Cima) e Cap. Andrade, lembrando,

-----  
<sup>9</sup>Em 13.4.1886. Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 42.

<sup>10</sup>Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, pp. 45 e 46.

<sup>11</sup>Frans, *op. cit.*, pp. 16 e 117.

respectivamente, Manoel Antônio Pereira, falecido em 1875, e José de Andrade Diniz Junqueira, falecido em 1882, políticos e fazendeiros de expressão, que moraram no Largo da Matriz, esquina destas ruas.

Novos nomes continuaram a referirem-se às características locais, como a R. de Santa Cruz (antiga R. da Outra Banda), devido à igreja então existente, a do Bosque, da Estação, do Castello, cuja justificativa perdeu-se no tempo, da Floresta, dos Bambus e Rua da Boa Vista, última rua das fraldas da colina central, de onde vislumbrava-se a paisagem circundante.

Por fim, foram dados alguns nomes poéticos, como R. da Consolação, da Esperança e Rua Alegre. Esta, com certa dose de humor, pois ali ficava a antiga cadeia.

O *Parecer da Comissão de Obras Públicas* determinou ainda, que:

"Dados esses nomes as ruas convem que se numerem as casas, cujo serviço deve ser feito a custa dos proprietários sob inspeção do Fiscal, ao qual se deve encarregar de collocar no principio das ruas placas ou então escrever os nomes das ruas nas esquinas das casas em que ellas commecem com tinta preta sobre fundo branco."<sup>12</sup>

Inicialmente, a partir desta prescrição das cores a serem utilizadas na pintura, preto sobre fundo branco, pensamos que isto talvez confirmasse o colorido escuro das casas, apontado por Jean de Frans, ao qual já nos referimos, mas o *Projeto de Revisão do Código de Posturas*<sup>13</sup>, documento coevo de 26.5.1886, determinava: "Os nomes das praças, ruas e travessas, e os numeros das cazas serão brancos em fundo preto", o que impediu qualquer conclusão.

O *Relatório do Fiscal da Câmara*, Antonio Luiz C. dos Santos,

-----  
<sup>12</sup>Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, pp. 45 e 46.

<sup>13</sup>Arquivo da Câmara. C. 1.

de 19.07.1886, informa que mais este melhoramento está concluído:

"...procedi a denominação das ruas desta cidade, com cuja o serviço despendi a quantia de quarenta mil réis, que foi pago pelo Procurador da Camara a José Antonio Ribeiro. Já me entendi com os proprietários a fim de proceder as numerações dos predios, serviço este que vai ter princípio brevemente."<sup>14</sup>

Às vésperas da inauguração da nova estação da E. F. Mogyana, em 5 de outubro de 1886, realizaram-se os últimos preparativos. Cuidando da conservação das ruas, indica-se ao fiscal:

"...para que não consinta que transitem pelas ruas abauladas, assim como na rua da estação e nem nellas torção ou virem os carros de bois, podendo unicamente ser permitido o transito de carroças, carroções e trollys."<sup>15</sup>

O trânsito de veículos pesados é desviado, é pela rua de Santa Cruz "que deverão transitar os carros que da Franca, Matto Grosso [distrito de Batatais, futura Altinópolis], Cuscuseiro [S<sup>to</sup>. Antonio da Alegria], procurarem a Estrada de ferro, evitando assim o estrago que farão elles nas ruas da Cidade, e cabiceira do correjo que dá servidão d'agua a população..."<sup>16</sup>

Coroando os melhoramentos efetuados, em 9.10.1886, o fiscal é encarregado de "... mandar carpir o largo da Cadea e da Matris, pedindo para isso auxílio dos proprietários..."<sup>17</sup>

-----

<sup>14</sup> Arquivo da Câmara. C. 1.

<sup>15</sup> Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 59.

<sup>16</sup> Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 60.

<sup>17</sup> Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 62.

## A INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO BATATAES

A cidade estava pronta. O Imperador D. Pedro II, a Imperatriz D. Theresa Christina e seu séquito chegaram a Batatais, vindos de trem de Ribeirão Preto, a 25 de outubro de 1886. Após as solenidades de inauguração, a comitiva seguiu para o Largo da Matriz. O trajeto percorrido (destacado na planta à p. 57) até lá não poderia ser outro, senão o percurso determinado pelas recentes melhorias urbanas:

"O cortejo desceu a Rua da Estação, onde havia somente o armazém recém-construído de Simão & Caleiro e Vieira e raras casinhas. Cortou a Pça das Paineiras [antigo Largo do Castello] e o Largo das Dores (hoje Pça João de Andrade), onde se localizava a casa do velho escrivão de órfãos Antonio Benedito. Atravessou a estreita ponte de madeira sobre o correjo das Araras, entrou pela rua do Theatro (R. Santos Dumont), dobrou à esquerda pela R. do Comércio (R. Celso Garcia) e atingiu o Largo da Matriz.

"Visitaram a Igreja Matriz e seguiram para a grande casa da família Andrade Junqueira, onde almoçaram [...].

"[Depois] O Imperador, acompanhado das autoridades, visitou os pontos mais interessantes da cidade, detendo-se mais no Cemitério, Cadeia e Matadouro"<sup>18</sup>

A nosso ver, o trajeto escolhido para a passagem imperial, pelas principais ruas da cidade, que haviam sido abauladas, sargeteadas e providas de guias, onde os moradores foram intimados a levantar taipas e a fazer calçadas, e as edificações estiveram sob a estrita vigilância das posturas; a nomeação e numeração de ruas e casas; a construção do Matadouro; o início da iluminação

-----

<sup>18</sup>"A visita do Imperador D. Pedro II a Batatais", *O Jornal*, Edição especial do Sesquicentenário, 11.03.1989.

pública e a capina dos largos, revelam algo mais do que a preocupação com o conforto e a salubridade locais. Revelam também a vaidade de Batatais em mostrar aos olhares estranhos, acostumados à corte e às cidades maiores, como São Paulo, uma cidade ordeira, limpa e, sobretudo, embelezada.

#### A TENTATIVA DE REVISÃO DO CÓDIGO DE POSTURAS

O projeto de revisão, datado de 20 de maio de 1886, denominou-se: *Alterações, modificações e accrescimos ao Código de Posturas da Cidade de Batataes de 13 de Abril de 1872 e às posturas de 20 de Março de 1878.*<sup>19</sup>

A seu respeito, o *Relatório de 1887* comentou:<sup>20</sup>

"A Câmara tentou a revisão do código de Posturas adequando-o ao estado actual de progresso do município, mas encontrando opposição até na imprensa local, desistiu de seu intento."

Não importa que o projeto de revisão não tenha sido aprovado. A sua simples existência revela a consciência clara de que a inserção de Batatais à rede ferroviária determinaria novos rumos para a economia e para a constituição física da cidade, e de que seu código orientador necessitava de adequação.

O exame deste projeto de reforma das posturas vigentes revela aspectos cruciais do "estado de progresso" então vivido por Batatais.

-----  
<sup>19</sup> Arquivo da Câmara. C. 1. As citações deste item referem-se a este texto, salvo indicação em contrário.

<sup>20</sup> *Relatório do Presidente da Câmara Municipal*, Antônio Augusto Lopes de Oliveira, de 16.01.1887. Arquivo da Câmara. C. 1.

O projeto principiou-se por adotar medidas referentes à higiene e salubridade, e providenciar boas condições de circulação viária, que não deixavam de afastar algumas características rurais, vividas pela cidade, e beneficiar seus aspectos estéticos. Obrigava os moradores "a franquear seus quintaes e mais dependencias de suas cazas para ser examinado o seu estado de asseio e limpeza pelo Fiscal ou autoridade policial", cobrando-se a multa de 25\$000 daqueles que se opusessem ao exame, ou que apresentassem falta de asseio; proibia "a existência de chiqueiros dentro dos quintaes e pateos" das mesmas, revogando o artigo 104 do *Código de Posturas*, e proibia "seccar ou enxugar carnes nas ruas, largos e pateos ou dentro das cazas e edificios, sendo somente tolerado secca-las nos quintaes, longe das ruas, e de maneira que não incomodem aos vizinhos; multa de 30\$000". Ficariam proibidos também "afincar-se estacas nas mesmas ruas ou praças para amarrar animais" ou "amarrar animais junto as portas das cazas ou edificios, dar-lhes sal, milho ou outra qualquer couza a comer nas ruas, largos ou pateos"; e "os carros e tropas arreiadas demorarão nas ruas somente o tempo preciso para carregar e descarregar cargas [...] de maneira que não embarassem o transito publico e do commercio".

Cuidou-se de regular as condições de funcionamento e higiene do matadouro, e as de concessão de alvarás de licenças para as atividades comerciais e industriais estabelecidas, ou que viessem a se estabelecer, na cidade ou povoações do município. Fora delas, as licenças sofreriam um acréscimo de 5\$000. Os hotéis e hospedarias deveriam manter um livro de registro de hóspedes.

O Capítulo 5, intitulado *Exportação*, determinava os valores a serem cobrados na exportação de gado, beneficiando-se aquele criado e engordado no município (200\$000 por cabeça), e na exportação de toucinho (80 réis por 15 quilos), açúcar (200 réis por 15 quilos) e café (50 réis por 15 quilos), cujas quantidades a serem exportadas por cada fazendeiro ou exportador, seria determinada por uma comissão da Câmara. Aqui, note-se o café, cujo plantio se iniciara em 1872, já incluído no rol dos principais

produtos de exportação do município.

Visando recursos a serem aplicados na iluminação pública, o projeto autorizava a Câmara a cobrar dos proprietários do perímetro central da cidade, cujos limites seriam demarcados a cada ano, o "imposto annual de 50 reis por cada metro linear de muro, taipa ou fecho de taboa". Esta determinação salienta a velocidade do processo de urbanização sofrido pela cidade naqueles anos, já que se previa a demarcação anual do perímetro central.

Outras determinações do projeto de revisão diziam respeito à aferição anual de pesos e medidas "pelos padrões fornecidos pela camara", à lavoura, e à substituição de artigos do *Código de Posturas* e das *posturas de 1878*, referentes à cobrança de impostos, por uma nova tabela.

O conjunto de medidas projetadas não deixou de incluir o capítulo referente às *Edificações e disposições relativas*. Num momento de profundas alterações da vida urbana, procurou-se adequar também a arquitetura e as regras urbanísticas.

Para as habituais prescrições de casas alinhadas às ruas e terrenos fechados, os proprietários agora seriam obrigados a "aconchegar ao alinhamento" as que estivessem fora, e fechar os terrenos que estivessem abertos, em qualquer dos lados, ou "cercados com cerca de taboas ou madeira", "com muro de dous metros pelo menos de altura, reboca-los, caia-los e cobri-los de telhas" no prazo de três meses, sob pena de multa e execução do serviço às suas custas. Sabemos que o projeto não foi aprovado, mas muros tão altos, objetivando esconder os quintais e uniformizar as ruas, possivelmente nunca tenham sido construídos.

A cada artigo restritivo correspondia uma prática usual que se desejava inibir. Assim, procurou-se proibir "as cazas cobertas de capim, sapé ou semelhante", permitidas pelas posturas nos subúrbios da cidade<sup>21</sup>, nos limites da mesma, a serem designados

-----

<sup>21</sup>"O Senhor Alves Ferreira indicou que se chamasse a atenção do fiscal para os artigos 15 e 33 das Posturas municipais os quais

pela Câmara; e aquelas já existentes deveriam ter suas coberturas mudadas para "telha ou zinco". Na década seguinte, as casas com coberturas combustíveis serão proibidas por medida de segurança contra incêndio. No momento, não se proíbe sua construção, mas sua localização, tratando-se, portanto, de uma medida de ordem estética, de expulsão das casas mais simples para fora do perímetro urbano.

Ainda quanto aos telhados, ficavam proibidos "os ranchos ou telheiros fazendo frente para as ruas ou junto aos muros com desaguamento para as ruas". Na falta de tecnologia adequada para a captação de águas pluviais, as calhas que o trem mais tarde traria, esta medida, dirigindo o sentido das coberturas, visava além do conforto dos passantes, a própria sobrevivência física das paredes de barro e das ruas de terra que foram melhoradas.

O projeto de revisão procurou atender à velocidade e intensidade do crescimento urbano com novas regras de ocupação do solo. Os antigos e longos lotes de terreno ficariam proibidos:

"Não se concederá data de terreno que abranja o espaço de uma rua a outra, devendo aquelle que a obtiver se contentar com o que houver de frente em que pedir até o meio do espaço ficando outra metade para outra data que fôr concedida na rua opposta."

Na parte nova da cidade, no rumo da estação de trem, determinou-se um novo reticulado para o traçado urbano, alterando-se as antigas medidas para as ruas e as quadras:

"As ruas que se abrirem em frente a estação, parallelas

-----

prohibem o levantamento de casas de capim a não ser nos suburbios da cidade, [...] tendo o fiscal muito cuidado não só nesses artigos como nos outros artigos das posturas. Approved." Atas da Câmara. Vol. 1885-1887, p. 62.

e transversais, terão 20 metros de largura e serão divididas em quarteirões de 100 metros".<sup>22</sup>

Na verdade, o desenho urbano foi efetivamente alterado nas ruas e quadras que levavam à estação, como é possível ver na planta de Batatais à p. 57. As ruas seguiram a indicação do projeto de revisão, apresentando 20 metros de largura, mas as quadras foram retangularizadas, com medidas de 180 x 50m.

Inevitavelmente, o solo urbano ficou mais caro, em especial onde era mais procurado: as datas das ruas antecedentes custariam 25\$000 e "nas outras ruas da povoação [ficariam elevadas] a 10\$000".

Previu-se também o calçamento da cidade e o aumento da largura das estreitas calçadas, que ainda levarão alguns anos para serem realizados:

"Logo que a Camara fiser calçar ou macadamisar qualquer rua os proprietarios que nella tiverem predios e respectivos muros ou terrenos, são obrigados a calçar as suas frentes com pedras até a distancia de um metro e cincoenta centimetros ou até encontrar o calçamento ou abaulamento da rua mandada faser pela Camara...".

Frente a tantas alterações que a cidade estava vivendo, sobretudo em sua aparência, os edificios constituíam-se em objetos a serem tratados com especial atenção, e a arquitetura recebeu um artigo bastante específico:

"Art. 43. Guardar-se-ha toda a regularidade e symetria na collocação de janellas e portas, devendo aquellas ter 1

-----  
<sup>22</sup> 1886 também foi a data de adoção do sistema métrico decimal, pela documentação da Câmara, em substituição ao antigo sistema baseado no palmo.

metro e 10 centímetros de largura, e 1 metro e 98 centímetros de altura, e estas nunca menos de 2 metros e 64 centímetros. O infractor será multado em 30\$000, e obrigado a repôr a obra conforme as regras d'arte.

"SUnico. Em alguns cazos (conforme apreciação da Camara) o plano supra poderá ser alterado ou modificado, attendendo-se a qualidade do predio que se edificar ou reedificar, a especie do terreno e o local da situação da obra, guardando-se todavia, as regras symetricas proporcionais ao tamanho e especie do edificio pretendido."

Garantia-se, assim, a uniformidade das fachadas, através da "regularidade e symetria" na disposição de vãos de medidas pré-estabelecidas, segundo as "regras d'arte". Regras racionais, que se estendiam a todo o desenho urbano: as ruas retilíneas e uniformes, a natureza restrita aos quintais e a linguagem arquitetônica coerente e claramente afirmada. As medidas dos vãos, aparentemente estranhas, derivaram da antiga unidade de comprimento, respectivamente, 9, 5 e 12 palmos.

O projeto de revisão do *Código de Posturas* foi além da prescrição de regras para a composição de fachadas. Preocupou-se com a construção de novos edificios, diferentes daqueles até então construídos, que por suas qualidades ou localização, requeressem novas normas de composição de fachada. Mas, mesmo nestes casos, as "regras d'arte" deveriam ser observadas.

Afinal, os novos edificios já tinham começado a chegar. A própria Estação Batataes, vista a seguir, constituía-se numa novidade: vasto edificio, com complexa cobertura de planos de telhas francesas, construído em tijolos aparentes, trabalhados com mestria nos vãos de arcos abatidos, e nas fiadas decorativas que marcavam as linhas das tesouras e dos muros laterais com aparelho distinto.

A Estação Batataes pode não ter sido a primeira construção de



tijolos que a cidade conheceu, mas não encontramos nenhuma referência anterior de utilização deste novo material construtivo. Mas, de qualquer forma, certamente foi uma das primeiras. O reinado absoluto das taipas e dos adobes chegava ao fim. Ainda em 1886, outro importante edifício começaria a ser levantado.

#### A CADEIA PÚBLICA

Largo da Cadeia (localizada na planta, p. 57) - demolida.

As reivindicações para a construção de uma nova cadeia em Batatais já eram antigas quando a Assembléia Legislativa Provincial, em 1885, votou a verba de 8:000\$000 para as obras:

“O Conego Joaquim Alves Ferreira, o Cap.<sup>m</sup> Francisco de Arantes Marques e o Ten.<sup>o</sup> Joaquim Alves da Costa membros da comissão nomeada para dirigir as obras da cadeia da cidade de Batataes, vem requerer a V. Ex.<sup>a</sup> que se digne a, observadas as solennidades legais mandar que lhes seja entregue pelo Thezouro Provincial a quantia de oito contos de reis votada, na última sessão da Assembleia Provincial, para a construção

de uma nova cadeia na mesma cidade de Batataes"<sup>23</sup>

Em 20.04.1886, quando o Diretor Geral das Obras Públicas, Francisco Julião da Conceição, solicita ao Presidente da Província autorização para o início das obras, informa também o projeto a ser adotado e o estado da velha cadeia da cidade:

"...tenho a honra de solicitar a autorização de V. Ex.<sup>a</sup> para mandar dar começo áquelle serviço adoptando-se para isso o projecto typo n.º 53 existente nesta Repartição e que por suas condições satisfas as necessidades locais podendo ser levado a effeito com a despesa de 14:600\$000 em que a orça o Engenheiro Bacellar. Declarou-me este Engenheiro que o predio que actualmente serve em Batataes de Cadêa e Casa de Camara está imprestavel e não offerece segurança havendo portanto urgencia em construir-se outro edificio no qual poder-se-ha aproveitar os materiaes utilisaveis da actual Cadêa, hypottese essa que reduz a despesa orçada com a nova construcção. Com a verba decretada o novo edificio poderá ser elevado até a cobertura geral comprehendendo tambem os vigamentos dos soalhos e forros."<sup>24</sup>

Embora tenha sido aventada, em diversas ocasiões, a demolição da cadeia velha, para o reaproveitamento de suas madeiras e telhas, já que era de taipas ou adobes, a inexistência de edificios especializados forçava sua permanência. Durante alguns anos, a Câmara Municipal planejou sua reutilização na construção de um lazareto (1889), depois para o funcionamento de um mercado

-----  
<sup>23</sup>Officio de Francisco de Paula Ribeiro, procurador da Comissão de Obras, ao Presidente da Província, em 21.10.1885. Arquivo do Estado de São Paulo. Obras Públicas. C.58 p.1 d.226.

<sup>24</sup>AESP. Obras Públicas. C.58 p.1 d.226.

(1892) ou para a instalação de suas próprias sessões, em 1893, quando, afinal, abrigou uma escola. E a cadeia velha resistiu bravamente até 1896, quando foi demolida.

Escolhido o projeto e aberta a concorrência pública para a execução da obra, foi celebrado o contrato com o empreiteiro Rodolpho Pereira, em 29 de maio de 1886.<sup>25</sup> Pelos prazos estipulados no contrato, a obra começaria em 20 dias e a entrega do prédio se daria em 29.01.1887.

Em 16.8.1887, após solicitar a prorrogação do prazo contratado, Rodolpho Pereira rescinde o contrato<sup>26</sup>. Mas as obras, em abril de 1887, já estavam paralisadas, conforme o *Relatório do Fiscal da Câmara*, José Pereira Guimarães Vianna<sup>27</sup>:

"...Cumprindo ordem do Presidente arrolei a quantidade e qualidade dos objectos conservados na cadeia nova d'esta cidade, figurando entre elles duas barricas de cimento, tijollos de fornalha, uma [ilegível] e madeiras concernentes a pontaladas e janelas, e outras peggas: apesar d'esta providencia - o carpinteiro José [em branco] se apossou das madeiras concernentes a pontaladas e janelas, etc, e d'ellas algumas vendeu ao negociante Heitor Marques de Arantes; e Faustino [em branco], pedreiro, se apoderou de duas barricas de cimento, dos tijolos e escada, gastando-as em obra que edificou para Joaquim Alves da Costa Junior.

"A Camara, deve a respeito tomar qualquer providencia."

-----  
<sup>25</sup>Ofício do Director Geral das Obras Públicas ao Barão de Parnahyba, Vice-Presidente da Província, com contrato anexo. AESP. Obras Públicas. C.59 p.1 d.61.

<sup>26</sup>Ofício do Thesouro Provincial de São Paulo ao Pres. da Província, Rodrigues Alves, em 29.02.1888. AESP.Obras Públicas C.62 p.1 d.29.

<sup>27</sup>Arquivo da Câmara. C. 1.

Notável é que o cidadão Joaquim Alves da Costa Júnior era filho de um dos membros da Comissão de Obras!

A Câmara Municipal, em janeiro de 1888, comunica ao Presidente da Província o estado em que se encontra o prédio e nos informa que um novo empreiteiro está trabalhando na cadeia: Annunciato Gallo:

"As chuvas, que, ultimamente, tem cahido n'esta Cidade, descobriram um grande defeito, com que está sendo edificada a Cadêia nova. Sendo ella feita pelo systema de platibanda, o seu tecto está mal arranjado; tanto que as aguas pluviaes, recebidas por elle, escoão-se para dentro do edificio, produzindo o estrago do forro, madeiramento e paredes: precisa, portanto, de concerto, precedido do devido exame para se verificar a causa do desarranjo. E, para que assim se verifique, esta Camara, em sessão de hoje, deliberou levar isto ao conhecimento de V. Ex<sup>cia</sup>, pedindo as providencias precisas para que não se conclua a obra referida, sem que seja reparado seu tecto.

"A Camara chamou para o caso a attenção do Empreiteiro - Nunciato, ou Annunciato Gallo. É de suppor que a tal concerto não esteja elle obrigado; por isso, officio a respeito a V. Ex<sup>cia</sup>. de quem espera a devida providencia."<sup>28</sup>

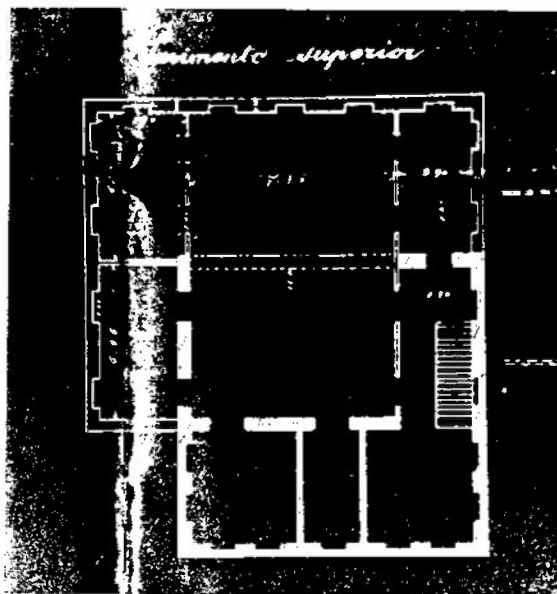
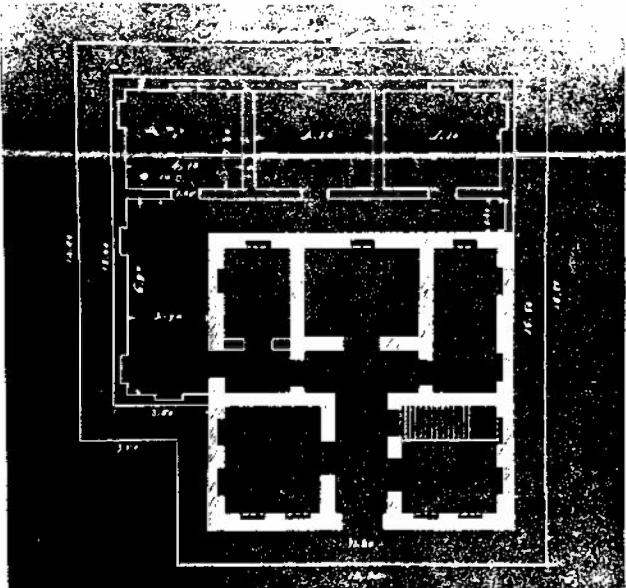
Em 2 de julho de 1888, a Câmara dirige-se novamente ao Governo Provincial, solicitando o término da cadeia, que "dependendo de pouco serviço a concluir-se, está até hoje sem poder ser inaugurada" e "a necessidade de mudar-se uma parede do pavimento superior afim de ampliar mais a sala destinada ás sessões do jury: sala que executada pela maneira porque foi feita

-----  
<sup>28</sup> AESP OP C.62 p.1 d.29.

é completamente insuficiente para o fim a que se destina."<sup>29</sup>

Finalmente, em 31.08.1888, três anos após a dotação da verba para a cadeia de Batatais, o Presidente da Província, Dr. Pedro Vicente de Azevedo, é informado que "as referidas obras estão concluídas e realizadas as modificações solicitadas pela Camara Municipal."<sup>30</sup>

Pudemos estabelecer o projeto da cadeia através de uma planta para sua ampliação,<sup>31</sup> projetada em 20.5.1898, pelo engenheiro Augusto Lefèvre, da então Superintendência das Obras Públicas, reproduzida abaixo.



O edificio desenvolvia-se em dois pavimentos, com planta quase quadrada, de 11,20 x 10,80m, e robustas paredes de 0,60m, próprias para uma cadeia.

A entrada com corredor central determinava a distribuição

-----  
<sup>29</sup>AESP OP C.63 p.1 d.26.

<sup>30</sup>Ofício do Diretor Geral das Obras Públicas, Ricardo Alfredo Medina. AESP OP C.63 p.1 d.26.

<sup>31</sup>AESP. Ofícios Diversos. Secr. Agricultura. Ano 1898. C. 169.

das dependências à sua volta. A escada em "L", rente à parede externa, possibilitava mais espaço à grande "sala do jury", no segundo pavimento, já ampliada por solicitação da Câmara.

As funções de cada dependência do prédio foram descritas, em 1898, no *Relatório do Intendente Washington Luís Pereira de Sousa*:

[...]

"Esse edifício compõe-se de dous pavimentos: o terreo, occupado pelas enxovias, corpo da guarda e dormitório dos soldados; e o superior, composto de uma sala, dous quartos e um quartinho.

"Na sala realisavam-se as sessões do Jury, as audiencias semanaes do Juiz de Direito, as do Juiz de Paz, as inquirições de testemunhas, nesses dous juizos, e no policial, n'ella tambem realisava a Camara Municipal as suas sessões mensaes: quando as sessões municipaes coincidiam com as audiencias judiciaes, a Camara transportava-se para um dos quartos, o que servia para reunião do conselho de jurados; mas, o que não era raro, quando as sessões coincidiam com as sessões do Jury, a Camara transportava-se para o Theatro. Isso era de uma inconveniencia para o serviço municipal, que ninguem poderá contestar.

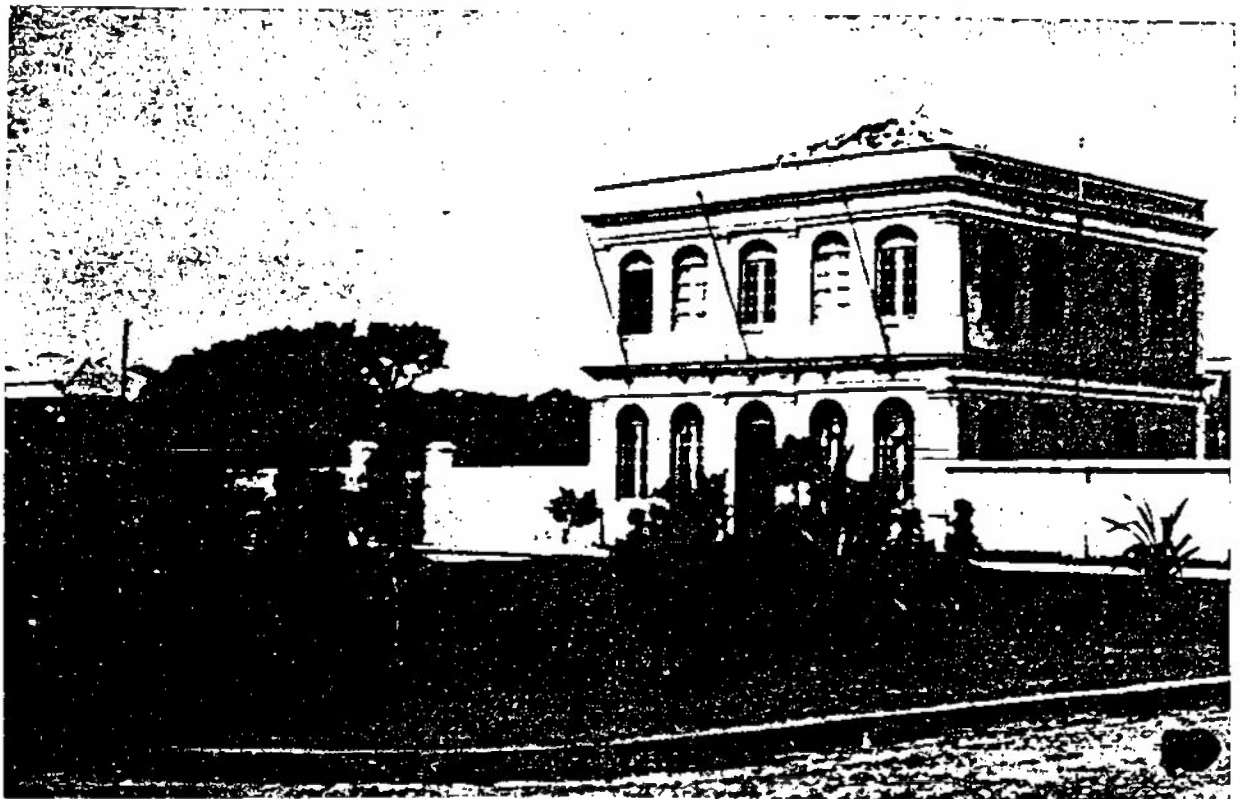
"Um dos outros quartos, como já disse, servia para reunião secreta do conselho de jurados. Restavam o outro quarto, onde fora installada a Collectoria, e o quartinho, onde se achava a secretaria da Camara."<sup>32</sup>

A impropriedade das dimensões do edifício, frente ao programa de necessidades, é inegável. Possivelmente, o Governo Provincial, não tinha como atender adequadamente a grande demanda de edifícios públicos por toda a província.

-----

<sup>32</sup> *Relatório do Intendente Washington Luís Pereira de Sousa*, de 31 de dezembro de 1898. Impresso. Museu Histórico Washington Luís.

A adoção de projetos-tipo para a construção de edifícios públicos foi uma prática usual nas cidades da expansão cafeeira e ferroviária, e mesmo na capital, provavelmente ocasionada pela pouca disponibilidade de técnicos e o grande número de obras a serem executadas. A Cadeia de Ribeirão Preto, construída<sup>33</sup> entre 1886 e 1888, pelo mesmo Annunziato Gallo, contratado em 17.06.1886,<sup>34</sup> embora apresentasse solução de fachada em arcos, seguiu o mesmo projeto-tipo n.º 53, como é possível ver na fotografia de 1888<sup>35</sup> e nas plantas abaixo, levantadas pelo engenheiro Victor Dubugras, em janeiro de 1896, quando se projetava sua ampliação.<sup>36</sup>

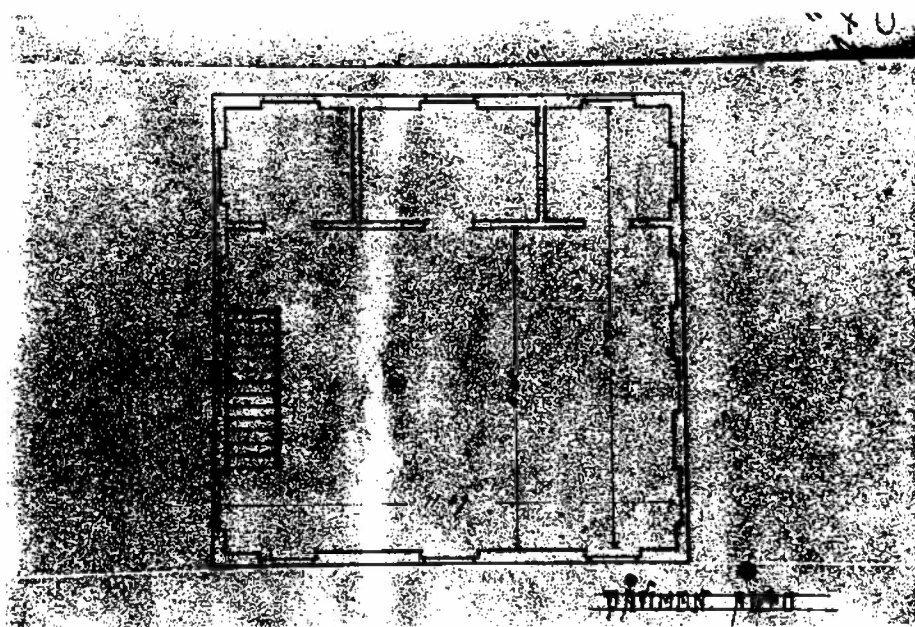
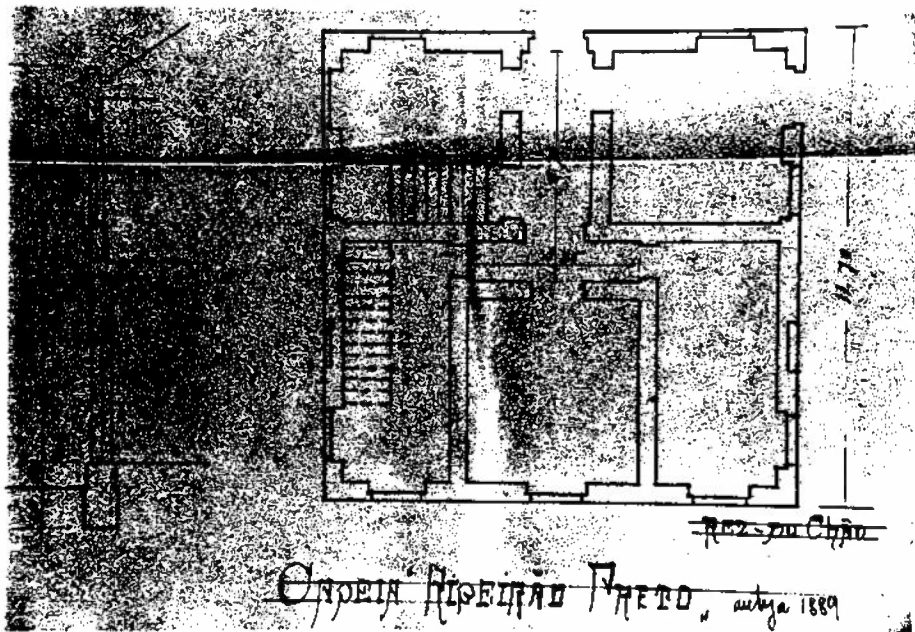


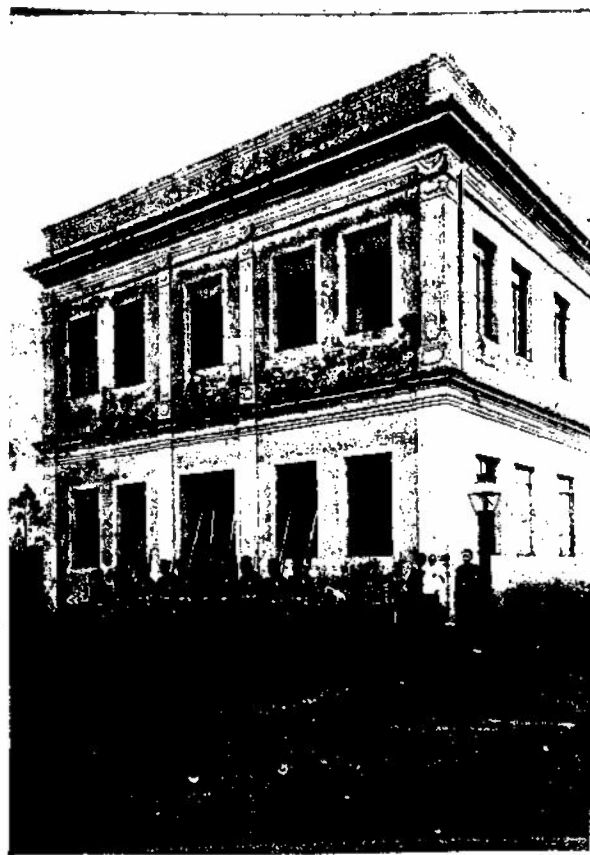
-----  
<sup>33</sup> AESP OP C.59 p.1 d.47 e C.62 p.1 d.65.

<sup>34</sup> AESP OP C.59 p.1 d.111.

<sup>35</sup> Reproduzida de Costa, J.E., *Album comemorativo da fundação da cidade de Ribeirão Preto*, 1956.

<sup>36</sup> AESP. Documentos Diversos. Sec. Agricultura, Ano 1898, C.169.





O edifício da Cadeia de Batatais foi composto com grande pureza geométrica, quer em seu volume, quer em seus vãos de modenatura rigorosa e simplificada ou em seus elementos decorativos.

Embora a fachada possua um acento mais forte das horizontais (base do primeiro andar, entablamentos e ático), as verticais simetricamente distribuídas (vãos, faixas e pilastras) equilibram a composição.

Na fachada principal, já distinta pela ornamentação, privilegia-se a entrada central, ladeando-a com as faixas e pilastras que vão se repetir nos flancos do edifício. Mas o que mais chama a atenção é a diferenciação operada entre os dois níveis. O nível inferior apresenta simples faixas lisas e o superior é realçado pela decoração: pilastras com painéis geométricos de vértices chanfrados decorando soco e corpo,

recebendo acima de uma leve vertical, os capitéis em forma de lira; e a cornija de maior projeção para o exterior. A função visual desta diferenciação nos parece evidente: o edifício sinaliza sua existência fazendo apelo ao olhar distante.

O exclusivo apelo ao ângulo reto, a simetria e a clareza na composição das fachadas deste verdadeiro sólido geométrico faziam deste edifício um exemplo acabado do rigoroso despojamento dos edifícios concebidos na linguagem da tradição clássica.

A Cadeia de Batatais foi o primeiro edifício, entre todos os remanescentes ou demolidos que datamos, a apresentar esta linguagem.

### A CHEGADA DOS ITALIANOS

É dado estabelecido que a Ferrovia Mogiana penetrou o interior do estado paulista seguindo a expansão das plantações de café, e que estas dependeram enormemente da importação de mão de obra, especialmente italiana, para seu desenvolvimento.<sup>37</sup>

Embora Batatais tenha recebido imigrantes austríacos, espanhóis, árabes e alemães, os italianos constituíram a maioria absoluta. A data mais remota que encontramos da vinda de um grupo significativo de imigrantes italianos para Batatais é 24.3.1887, quando as primeiras famílias, num total de 144 pessoas, desembarcaram em Santos, chegadas pelo navio *Savoie*.<sup>38</sup>

O fato é que, em 1889, os imigrantes ainda não são suficientemente numerosos para prover a necessidade local de mão de obra. A Câmara Municipal, em 13.06.1889, dirige-se ao Presidente da Província, solicitando "imigrantes sem destino, pois

-----

<sup>37</sup> Cf. Milliet, S. *Roteiro do Café e Outros Ensaio*s, p. 54.

<sup>38</sup> De acordo com pesquisa realizada em 1991, pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de Batatais, nos *Livros de Registro de Entrada de Imigrantes*, da antiga Hospedaria do Imigrante.

corre o risco de perder a lavoura de café por falta de braços."<sup>39</sup>

Num artigo intitulado "Italianos de Outrora,"<sup>40</sup> Jean de Frans destaca "o primeiro e melhor lugar ao mais antigo deles, ao velho Pedro Mascagni, lutador infatigável, que aqui veio fundar o primeiro hotel". O mesmo autor, citando o lançamento de impostos para "Indústrias e Profissões" de 1885, documento de paradeiro ignorado, aponta a existência de um hotel na cidade.<sup>41</sup> Possivelmente o *Hotel do Comércio*, que Mascagni estabeleceu na rua de mesmo nome. No mesmo artigo, é citado Miguel Pucinelli, que em 1889 é proprietário da primeira fábrica de cerveja de Batatais.

Como Mascagni e Pucinelli, muitos italianos não se dirigiram à lavoura cafeeira, ou então nela permaneceram pouco tempo, mas ligaram-se às primeiras iniciativas industriais, às atividades comerciais e de serviços. Talvez estas iniciativas tenham sido possíveis graças à formação de um pequeno pecúlio, ainda em solo italiano, e a alguma experiência no ramo.<sup>42</sup>

A Ata da reunião destinada a eleger o diretório republicano que "dirigisse e cuidasse dos negócios e interesses do município e do partido republicano de Batataes", realizada em 25.01.1890, relacionou, entre seus 268 votantes, os italianos: Nicolau Lipparelli - negociante [armazém Lanterna de Gênova], Egydio Zaccara - negociante [de secos e molhados], Raymundo Tambellini - sapateiro, Francisco Luchesi - barbeiro, e Pedro Mascagni, já

-----

<sup>39</sup> AESP. Documentos Diversos. C.37 p.5 d.74.

<sup>40</sup> *O Jornal*, 26.10.1943.

<sup>41</sup> Frans, *op. cit.*, p. 33.

<sup>42</sup> Ocorrência similar, em São Carlos, foi apontada por Oswaldo Truzzi, "Primórdios da atividade industrial entre italianos em São Carlos" in De Boni, L. A. et al, *A Presença Italiana no Brasil*. Vol.II. Porto Alegre, EST, 1990.

citado.<sup>43</sup>

Neste momento, é necessário assinalar a chegada dos italianos em Batatais, em virtude do predominante papel que exercerão na arquitetura das próximas décadas, sem que, no entanto, possamos afirmar que eles foram os responsáveis pela introdução da arquitetura de tijolos e da linguagem da tradição clássica. Como veremos, os primeiros edifícios em que foi possível estabelecer a autoria de construtores italianos foram realizados em 1898.

Os italianos ligados à construção civil só aparecerão na próxima década. Poder-se-ia objetar que Annunziato Gallo, empreiteiro da Cadeia Pública, em 1887, foi o primeiro italiano relacionado a esta atividade, mas Annunziato era um construtor ligado aos programas oficiais de edificações públicas, que não se fixou na cidade, pelo contrário, viajava constantemente atendendo a outras obras, como a Cadeia de Ribeirão Preto, construída na mesma época.

-----  
<sup>43</sup>Cf. Frans, *op. cit.*, pp. 123-129.

## OS ANOS 90S

A República já havia sido proclamada e Batatais, dependente da chegada do Dr. Herculano de Freitas, republicano de Ribeirão Preto, só pôde aderir em 17.11.1889, quando "tomando a palavra o Presidente [Cel. Manoel Theodolino do Carmo] declarou que, em nome da Camara Municipal, proclamava a adesão à Republica neste Município. O povo recebeu inthusiasticamente a proclamação do Presidente da Camara, levantando vivas à República. Bandas de musica toucarão a Marselhesa..."<sup>1</sup> E o largo em frente, o da Cadeia, passou a chamar-se Praça 15 de Novembro. Logo depois, não sabemos exatamente quando, a Rua dos Bambus passaria a ser a Rua da República.

Em 1890, sob inspiração de outro fato histórico, a recente abolição da escravatura, cria-se o Largo da Liberdade, "para o formosamento da Cidade", e a Rua 13 de Maio, por sugestão do Intendente Pedro Mascagni.<sup>2</sup>

A contínua e rápida expansão urbana obriga a novos emplacamento e numeração de ruas, praças e edifícios, executados e concluídos pelo alemão João Augusto Muller em 6.3.1891.<sup>3</sup>

O tratamento de ruas vai se estendendo continuamente. Ainda em 1889, as Ruas do Commercio, Theatro e Quitanda são abauladas e sarjetadas e, no ano seguinte, procede-se ao abaulamento das Ruas das Palmeiras e Capitão Andrade.

Nestes anos, torna-se freqüente e explicita a preocupação com

-----  
<sup>1</sup>Atas da Câmara. Vol. 1887-1893, fls. 68 e 69.

<sup>2</sup>Em 25.7.1890. Atas da Câmara. Vol. 1887-1893.

<sup>3</sup>Atas da Câmara. Vol. 1887-1893.

o aformoseamento da cidade. Contrata-se o eng. Manoel Honório de Oliveira Pinho, residente em Batatais, para projetar a abertura de novas ruas e alinhar os terrenos acima do Largo da Matriz, trabalho apresentado em duas plantas à Câmara Municipal em 4.2.1892.<sup>4</sup>

A contratação do eng. Oliveira Pinho marca um momento importante da atividade urbanística, por vários motivos. Em primeiro lugar, a expansão da trama urbana passa a ser planejada, deixando de enfrentar os problemas para a sua regularização, como os que, ainda neste ano de 1892, a Câmara evitou adiantando-se às edificações no Largo do Rosário:

"...pretendem alguns cidadãos edificar predios no largo do Rozario desta Cidade, por concessões de datas feitas pela Intendencia passada, e tornando-se os edificios naquelle lugar um obstaculo ao aformosiamiento da cidade, indicava que se mandasse proceder o alinhamento e arruamento por um engenheiro, e quando se torne a edificação contraria ao embellesamento, se cassassem as datas concedidas..."<sup>5</sup>

Além disso, um novo elemento urbanístico é concebido para a trama urbana: as avenidas, amplas e retilíneas. Logo acima, e paralelas ao Largo da Matriz, são abertas as Avenidas n.º 1, 2 e 3. A Av. n.º 1 receberá o nome definitivo de Av. dos Andradas, em 2.10.1897, por curiosa indicação do vereador M. Theodolindo do Carmo.<sup>6</sup>

-----

<sup>4</sup>Atas da Câmara. Vol. 1887-1893, fl. 151v.

<sup>5</sup>Em 2.4.1892. Atas da Câmara. Vol. 1887-1893, fl. 162.

<sup>6</sup>"Foi lido uma representação de diversos proprietarios e moradores na rua Avenida de numero um pedindo que a Camara lhes de um nome certo a aquella rua, por quanto ora tem-se chamado Avenida Floriano Pixoto, ora Avenida Saldanha da Gama...pediu a palavra o

Por fim, o momento da contratação do eng. Oliveira Pinho marcou o ato inaugural das atividades profissionais de engenheiros em projetos e propostas para o desenvolvimento urbano de Batatais.

Em 1894, o engenheiro civil Joaquim Mariano de Amorim Carrão, da vizinha cidade de Franca, é incumbido pela Câmara de apresentar os projetos e orçamentos para a construção de três pontes de madeira: "...uma para a rua do Outro Mundo, sobre o corrego do Castello; outra para a Rua Zêca da Botica [R. Senador Feijó], sobre o corrego do Capão e a terceira finalmente no Matadouro,"<sup>7</sup> que não sabemos se foram construídas.

No mesmo ano, a 30 de agosto, o engenheiro Camillo Kohn propõe a confecção da planta da cidade, revelando em sua proposta a consciência do papel deste instrumento na configuração do traçado urbano:

...sendo de grande utilidade e de extraordinaria vantagem para a Camara Municipal o levantamento da planta da cidade, com os arruamentos futuros, porquanto attender-se-a aos princípios de hygiene em relação á saude publica e particular, á facilidade de communicação por meio das necessarias ruas rectas, que tragão o embellezamento da cidade, vem requerer concessão para fazer esse serviço, precedendo o respectivo contracto com as bases do orçamento e

-----  
vereador Theodolindo que demonstrou a necessidade de dar-se a referida rua uma denominação mas que fosse essa de um nome já demonstrado e julgado pela estoria e não de pessoa ainda existente ou mesmo de algum recentemente falecido e que seu nome ainda necessite de tempo para o julgamento de seus actos, ofereceu uma indicação n'esse sentido dando o nome a aquela rua de Avenida Andradas." Atas da Câmara. Vol. 1892-1898, fl. 144.

<sup>7</sup>Projetos e orçamento apresentados em 23.5.1894. Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C.4/5

rascunho junto.

"Despensa-se o supplicante de revelar as vantagens d'esse serviço attendendo que só por elle poderá a Camara aforar terrenos ou conceder datas."<sup>8</sup>

No entanto, a despeito da grande utilidade de uma planta da cidade, especialmente nestes anos, na sessão de 4 de setembro de 1894, a Câmara rejeita a proposta.<sup>9</sup>

O abastecimento de água da cidade era um serviço que necessitava de urgente resolução. O antigo sistema de abastecimento das "pennas d'água" existentes nas residências, pelo rego de água que vinha do Córrego do Capão, serpenteando a cidade, já estava desaparecido.<sup>10</sup> A população utilizava-se da água dos córregos<sup>11</sup> ou dos poços abertos nos quintais dos edifícios.

Finalmente, em 4.9.1893, a Comissão de Obras Públicas opina pela aprovação do projeto de lei para a canalização dos córregos, revelando a existência dos referidos poços:

"...A comissão tendo examinado convincente o projeto para abastecimento d'água, offerecido pelo vereador João Leopoldo, e considerando que é de urgentíssima necessidade o

-----  
<sup>8</sup>Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

<sup>9</sup>A recusa se baseou no seguinte parecer, anexo à proposta: "...que a Municipalidade não tem actualmente necessidade do serviço a que se propoem faser o Engenheiro Camillo Khon, e que só o deverá fazer em occasião que a mesma Camara julgar indispensavel." Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

<sup>10</sup>Cf. Frans, *op. cit.*, p. 96.

<sup>11</sup>Em 22.11.1890, o Relatório do Fiscal da Câmara ponderou que era "de necessidade abrir-se no Corrego d'esta Cidade mais algumas aguadas para a servidão publica." Arquivo da Câmara. Anos 1839-1890. C. 1.

supprimento d'água a esta Cidade, cuja população ainda é forçada a uzar de água de cisterna, ha muito condemnada por nocivo á saude publica, e attendendo mais a que os tres corregos do "Capão", "do Castello" e do "Peixe" são justamente os mananciaes que mais facilmente podem ser aproveitados, é de parecer que seja approvedo o projecto."<sup>12</sup>

A canalização de água do Córrego do Peixe já havia sido iniciada,<sup>13</sup> em 1890, por alguns particulares, com auxílio da Câmara Municipal, mas o empreendimento não foi concluído e o encanamento foi utilizado, em 1894, para a canalização do Córrego do Capão.<sup>14</sup>

Atendendo à solicitação da Câmara Municipal, em 13.12.1893, o eng. Joaquim Mariano de Amorim Carrão apresentou o projeto de canalização de água do Córrego do Capão. Em 8.9.1894, as obras, iniciadas em maio, estão concluídas e o eng. Carrão entrega à Câmara o respectivo *Relatório*, especificando todo o percurso da canalização, que abasteceu fontes públicas em pontos estratégicos da cidade e residências:

"A distribuição publica actual consta de quatro chafarizes de madeira que foram collocados tres na Rua do Theatro e um na R. Parahyba do Sul, junto a casa de negocio do Sr. Joaquim Pereira Lima.

-----

<sup>12</sup>Atas da Câmara. Vol. 1892-1898.

<sup>13</sup>O serviço iniciado, entre outros, por Heitor Marques de Arantes e Manoel Gustavino de Andrade Junqueira consistia "...em um açoude na nascente d'água, caixa d'água e respectivos cannos de ferro já collocados até o largo da Matris." Atas da Câmara. Vol. 1887-1893, sessão de 7.10.1890.

<sup>14</sup>*Relatório da canalização d'água da Cidade de Batataes*, pelo eng. Joaquim Carrão, em 8.9.1894. Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

"Os dous de ferro que existem possuem duas torneiras e foram instalados um defronte da Cadeia velha, no Largo da Cadeia e um outro no Largo da Liberdade.

"Foram tambem colocados cinco torneiras, uma no Theatro, uma na Cadeia, duas na R. Sete de Setembro e uma na R. Pedro Mascani (?)."<sup>15</sup>

A iluminação pública, com o passar dos anos, foi sendo ampliada. Em 1892, perfazia um total de 50 lampiões a querosene, colocados nos largos e nas esquinas das ruas, em postes de 2,60 m de altura.<sup>16</sup> Dois anos depois, Israel Alves do Amaral apresentou à Câmara uma proposta para a execução da iluminação pública, declarando haver 75 lampiões em funcionamento.<sup>17</sup>

A iluminação elétrica, em 1894, já constava das perspectivas do progresso urbano. Neste ano, o eng. Guilherme Greenhalgh e o advogado Joaquim Raymundo Cunha Lobo tiveram aceita a proposta de concessão, por 20 anos, de uma linha de carris urbanos por tração elétrica e da iluminação pública à eletricidade.<sup>18</sup> A linha de carris nunca foi executada e a realização da iluminação elétrica esperou até o século seguinte.

Uma das grandes preocupações destes anos 90s foi dotar a cidade de novos edifícios públicos. A instalação de um mercado no prédio da Cadeia velha, foi aventada em diversas ocasiões, mas nem mesmo com o projeto de reconstrução do edifício, elaborado em

-----  
<sup>15</sup> *Relatório da canalização d'agua da Cidade de Batataes*. Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C.4/5.

<sup>16</sup> Atas da Câmara. Vol. 1887-1893. Sessões de 16.3; 2.4; 27.6 e 5.9.1892.

<sup>17</sup> Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

<sup>18</sup> Em 31.8.1894. Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

1894, pelo eng. Joaquim Carrão,<sup>19</sup> a medida foi efetivada. Só mais tarde, em 1898, o mercado passaria a funcionar regularmente num edifício especialmente construído para este fim.

Em 1892, é eleita uma comissão para dirigir os trabalhos de edificação da Santa Casa de Misericórdia, e embora tenha sido adquirido o terreno necessário, na Rua Boa Vista, sua construção só foi iniciada em 1905.

Como a Cadeia Velha era o único edifício público disponível, em 1889, também foi cogitada para a instalação de um lazareto.<sup>20</sup> Finalmente, em 3.3.1896, são aprovados a planta e o orçamento de um engenheiro para a construção do Lazareto Municipal que, no entanto, foi feito por iniciativa particular, com o auxílio de 6:000\$000 da Câmara Municipal.<sup>21</sup>

Quanto às escolas, já relatamos a tentativa de doação do Sobrado Ferreira da Rosa e da casa vizinha, ao governo Provincial para a instalação de um grupo escolar. Mas esta oferta não foi aceita e a municipalidade continuou a alugar salas de algumas residências, como as de Vicente Datena e do Cel. José Paulino, em 1892, para o funcionamento escolar.<sup>22</sup>

A administração municipal não dispunha de verbas para todas as obras que eram necessárias, mas a iniciativa privada se fortalecia, inclusive tomando a si os encargos de obras públicas, como a tentativa de canalização do Córrego do Peixe, a construção do Lazareto e a compra dos terrenos para a Santa Casa. A construção de residências e casas comerciais foi intensa nestes anos, e Batatais não possuía um Código de Posturas adequado. O velho *Código de Posturas de 1872* era praticado quase que de

-----

<sup>19</sup> Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

<sup>20</sup> Em 8.1.1889. Atas da Câmara. Vol. 1887-1893, fl. 34.

<sup>21</sup> *Relatório do Intendente Washington Luís Pereira de Sousa*, de 31.12.1898. *Suplemento d'A Penna* de 13.01.1899.

<sup>22</sup> Em 28.12.1892. Atas da Câmara. Vol. 1892-1898, fl. 5v.

memória, pois o fiscal da Câmara, desde 1889 reclamava sua reimpressão. Em 1890, não dispondo de nenhum exemplar, não pôde aplicar as multas necessárias, "visto que nos respectivos autos tem de citar o artigo infringido;"<sup>23</sup> culminando, em 4.2.1892, com o seguinte relato, à Intendência:

"...Em muitos quintaes desta Cidade existem chiqueiros com accumulção de porcos, que com as continuas chuvas, tem se tornado um lamaçal, que com alguns dias de sol será um foco putrido de exalações perniciosas. Existe um artigo de Posturas sobre este assumpto, mas presentemente inexiquivel, em razão de que o unico exemplar que existe do Codigo de Postura, está em poder do T. Cel. Manoel Theodolindo do Carmo, que não o cede e que, segundo dis, é de sua propriedade. Urge, pois, que providencieis neste sentido."<sup>24</sup>

Diante desta situação, Washington Luís, membro da Câmara Municipal, e sócio do escritório de advocacia com o Intendente Joaquim Celidônio Jr., em 1894, ofereceu-se, gratuitamente, para elaborar um novo código de Posturas para Batatais.<sup>25</sup>

#### O CÓDIGO DE POSTURAS DE 1894

No texto de apresentação à Câmara Municipal do projeto do novo Código, Washington Luís resume as bases de concepção do mesmo:

-----

<sup>23</sup>Relatório do fiscal Jonas José Pereira. Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C.4/5.

<sup>24</sup>Carta do fiscal, em 26.7.1890, para o Presidente e Membros da Intendência Municipal. Arquivo da Câmara. Anos 1839-1890. C.1.

<sup>25</sup>*Projecto de Código de Posturas*, de 4.7.1894. Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895. C. 4/5.

"O meu trabalho, pois que neste genero nada é concedido á imaginação, foi na sua maior parte a da consolidação das leis extravagantes municipaes, modificada pelo confronto com os codigos modernos de outros municipios e pelas necessidades peculiares a esta localidade. [...] Não obstante transplantei para este projecto as suas disposições [do Código de Posturas de 1872] que julguei aproveitáveis."

O *Código de Posturas da Cidade de Batataes*, promulgado pela Lei n.º 16 de 10.06.1894, foi dividido em três partes: "Posturas Urbanas", "Posturas Rurales", que trataram da viação e segurança na lavoura, e "Posturas Especiales", que regulavam os impostos e o trabalho de servidores e empregados municipais.

Trataremos apenas daquelas partes das "Posturas Urbanas" mais conformes com nosso trabalho, em especial, o que concerne aos edifícios e seu funcionamento.

O título "Limpeza Pública e Particular" revela, pelas suas disposições, que alguns aspectos rurais ainda persistem na cidade, pois a cada morador é permitido manter em seu quintal, uma vaca, cabra ou ovelha, para o leite diário, assim como um porco; e a adubação de hortas e jardins deve ser feita com estrume fermentado.

A coexistência de cisternas e latrinas leva à prescrição higiênica de proibir sua proximidade.

Algumas normas olhavam para o futuro, gerando contradições, como a que determinava a colocação do lixo das habitações em vasilhas especiais, para ser recolhido pelas carroças da limpeza pública, ainda não implantadas; ou a que proibia dar esgoto às águas servidas para as ruas e praças, uma vez que esses dejetos deveriam ser encaminhados "para a rede de esgotos geraes logo que esse serviço esteja estabelecido".

Previa-se a arborização de ruas e praças, facultando aos proprietários o plantio de árvores defronte suas residências, mas sujeitos à qualidade arbórea que o Intendente designasse e no

alinhamento determinado, padronizando a admissão da natureza nas vias urbanas.

As construções e demolições foram enquadradas no capítulo "Segurança Pública". As casas construídas na vigência do novo código deveriam obedecer as seguintes normas:

O nivelamento do edifício deveria ser 0,30m, pelo menos, superior ao da rua ou praça, e estavam proibidos os degraus sobre o passeio público.

O pé direito mínimo das casas térreas teria 4 metros e andares superiores, 3,50m. As portas das frentes seriam de 2,90m de altura e 1,10m de largura, distando uma das outras pelo menos 0,60m, porém com igualdade e simetria. O dimensionamento das janelas foi esquecido, mas em novembro de 1897, acrescentava-se ao *Código* sua especificação: deveriam ter 1,90m de altura e 0,90m de largura mínima.<sup>26</sup> Na verdade, o antigo *Código de 1872*, possivelmente, também previsse as dimensões e o espaçamento de portas e janelas, dada a regularidade observada nas fachadas das casas de taipas. Quanto ao pé direito, cujas medidas eram 18 palmos e 36 palmos para os andares superiores, o *Código de 1894* apenas diminuiu a altura mínima dos pavimentos superiores.

Adequando as construções às condições satisfatórias de insolação e ventilação, determinou-se que todos os compartimentos recebessem luz e ar, e que não teriam menos de 36m<sup>3</sup>, exceto latrinas, banheiros, dispensas e corredores.

Permitiu-se o rompimento da extensa muralidade que as fachadas apresentavam, pois foi admitida a construção para dentro do alinhamento, caso em que os edifícios deveriam ser cercados na frente. As casas que se edificassem no alinhamento de ruas e praças não poderiam ter portas, meias-portas ou venezianas que se abrissem para o exterior, em nível inferior a 2,50m, e nem ter beira de telhados ou sacadas que ultrapassassem 0,80m do

-----  
<sup>26</sup> Indicação de Washington Luís em 3.11.1897. Atas da Câmara. Vol. 1892-1898, fl. 148v.

alinhamento.

Nenhuma casa poderia ser coberta por material sujeito à combustão, nem ter varanda ou abrir janela para o terreno vizinho sem o recuo lateral mínimo de 1,50m.

No tocante ao acabamento externo dos edifícios, estes deveriam ter as frentes, os muros e os lados externos caiados anualmente, e os que fossem pintados a óleo seriam repintados trienalmente. O *Código de Posturas de 1894* foi o primeiro documento encontrado que fez referência à pintura a óleo. Estas prescrições foram incluídas no capítulo "Viação Urbana", revelando que o acabamento externo dos edifícios era parte integrante da paisagem urbana, organismo único e comunitário, e que não dizia respeito somente à própria edificação.

Ainda neste capítulo, tratando dos alinhamentos, previu-se o levantamento de um plano geral de viação, a partir do qual se realizaria a abertura de ruas e praças, mediante a contratação de um agrimensor para as demarcações necessárias. As ruas seriam, "tanto quanto possível", retas e teriam a largura mínima de 12 metros, obrigando os proprietários, naquelas já existentes, que não apresentassem a dimensão exigida, a recuarem ou aproximarem suas casas, na construção ou reconstrução, até igualarem esta largura.

Os estabelecimentos comerciais, incluídos no capítulo "Comercio e Industria" também receberam disposições construtivas relacionadas à higiene, que obrigavam as casas de secos e molhados a serem convenientemente ventiladas e ensolaradas por meio de bandeiras e portas gradeadas. Os açougues, além destas, deveriam ter paredes revestidas de azulejos ou material impermeável, solo ladrilhado ou cimentado e balcão de mármore ou outra pedra lavável.

Foi estabelecido o sistema único de pesos e medidas, o sistema métrico decimal, prevendo-se a multa de 50\$000 a quem utilizasse outro padrão. Mas, sinal da recente admissão do novo sistema, o próprio *Código* prescreveu lotes urbanos máximos de 80 palmos de frente, por 300 palmos de fundo.

Continuou-se com a inútil luta para a extinção de formigueiros, obrigação da municipalidade em ruas e praças, e dos habitantes em suas propriedades. Foi o único artigo que, além da multa, previu explicitamente a notificação judicial.

O *Código de Posturas de 1894* adequava-se, assim, às exigências requeridas pela vida municipal, em especial às novas construções, de renovada arquitetura, que já tinham começado a se estabelecer no núcleo urbano.

## A RENOVAÇÃO ARQUITETÔNICA

No decorrer da década de 90, a cidade de Batatais cresceu extraordinariamente. Os dados estatísticos extraídos no final de 1898, e expressos no *Relatório do Intendente Washington Luís*<sup>27</sup> nos informam a quase duplicação do número de edificações, no decorrer de sete anos: em 1891 existiam 420 edifícios e, em 1898, passaram a 800, abrigando uma população de 3.637 habitantes.

Os novos edifícios foram os protagonistas da renovação arquitetônica operada na cidade. Essa renovação talvez tenha se iniciado ainda no final da década anterior, mas os exemplares arquitetônicos remanescentes e as fotografias obtidas dos já demolidos ou modificados são datados desta década.

A renovação da arquitetura urbana apoiou-se, formalmente, na adoção da linguagem arquitetônica da tradição clássica e, estruturalmente, no emprego do novo material construtivo: o tijolo.

Alguns fatores foram preponderantes para a construção das novas edificações. Inicialmente foi necessário que os novos materiais construtivos estivessem disponíveis. E eles estavam. Chegaram, pela ferrovia, os tijolos, os sacos de cal, muitos deles importados da Europa pelo porto de Santos, como as barricas de

-----  
<sup>27</sup> Publicado no *Suplemento d'A Penna*, de 13.01.1899.

cimento, as telhas francesas, as ferragens inglesas para portas e janelas, os condutores e calhas, as colunas de ferro, os gradis e portões, o mármore e o pinho de Riga para os pisos.

Além da disponibilidade de materiais, a execução dos edifícios demandou uma mão de obra com domínio das novas técnicas construtivas. Procuramos identificar quais teriam sido os primeiros construtores a introduzir a nova arquitetura na cidade, mas como os contratos para edificações eram raríssimos, recorreremos aos *Livros de Lançamento dos Contribuintes ao Imposto Indústrias e Profissões*. Examinando o volume mais antigo, referente a 1895-1898, constatamos só ser possível afirmar que, pelo menos desde 1894, já que os impostos são pagos no início de 1895, entre os profissionais da construção civil, coexistem empreiteiros de obras brasileiros (9), e estrangeiros (um português e 6 italianos), trabalhando na cidade.<sup>28</sup>

Muito embora não tenhamos encontrado em Batatais nenhum livro ou publicação dirigida à construção civil, que pudesse ter sido empregado por estes construtores na elaboração da nova arquitetura cuja sofisticação exigia conhecimentos específicos para a aplicação de pilastras, capitéis, cornijas e outros elementos da tradição clássica, no final do século XIX, estes textos estavam disponíveis. Foram publicados e largamente utilizados os manuais que difundiram as *Regola delli cinque ordini dell'Arghitettura*,

-----

<sup>28</sup> Os empreiteiros de obras encontrados foram: Dezidério Bernardino do Carmo, José Santiago, Antônio Caixeira (?), Seraphim Ferreira Duarte, Severio Monteiro, Francisco Sebastião, Antônio Macario da Silva (construtor da Res. Joaquim P. Lima), Manoel Antônio Alves, José Barbosa da Silva, o português Antônio José Ribeiro, e os italianos Sílvio Strada, Emygdio Bruno, Santo Degani, José Zampieri (construtor do Mercado Público e do Matadouro), Pedro Petrarchi e Ricardo Degani. É interessante notar que os três primeiros italianos nomeados iniciaram suas atividades como "pedreiros" e, em 1897, já são designados "empreiteiros de obras".

conhecido como *Tratado de Vignola*, responsável no Renascimento pela sistematização da linguagem da arquitetura clássica. Entre estes manuais podemos citar as obras de Moisy, Lèveil, Speltz e Cunha.<sup>29</sup>

Certamente, os construtores e os novos materiais não seriam necessários se não houvesse uma clientela, solicitando moradias sob novos padrões. Uma nova cidade começa a surgir logo após a chegada da Ferrovia Mogiana e cremos que as viagens possibilitadas por ela tiveram um papel importante na difusão do gosto por uma arquitetura de características classicizantes, que já tomara conta de muitas cidades paulistas.

Através do trem, tornaram-se freqüentes as viagens de passeio a Campinas, a Santos e, sobretudo, a São Paulo, "porque naquela época, que tão distante vae, São Paulo era a Europa,"<sup>30</sup> onde os viajantes faziam contato e se maravilhavam com as novidades da capital.

Os relatos dessas viagens, escritos por Jean de Frans, nos envolvem no encantamento gerado por essas ocasiões, à vista dos edifícios, dos Jardins da Luz e de São Bento, das casas comerciais com seus "espelhos faiscantes", dos bondes e carros abertos, e da iluminação a gás, "clara, bonita sem o cheiro irritante do

-----  
<sup>29</sup> Moisy, *O Vinhola dos proprietários ou as cinco ordens de architectura segundo J. Barrozio de Vinhola*. Paris, Théodore Lefèvre e Cia. Editores, s/d. Traduzido por José da Fonseca. Lèveil, J. A. (org.), *Vinhola, Tratado practico elementar de architectura: estudo das cinco ordens segundo Jacques Barozzio Vinhola*. Rio de Janeiro/Paris, H. Garnier, s/d. Speltz, A., *A architectura classica no Brazil - Novo Vinhola brasileiro ao alcance de todos*. Rio de Janeiro, Ed. do autor, 1898. Cunha, X. da, *Biblioteca do Povo e das escolas*. Vol. XV - Architectura. Lisboa, David Corazzi Editor, 1886.

<sup>30</sup> Frans, *op. cit.*, p. 94.

kerozene".<sup>31</sup>

Obviamente, estes contatos faziam com que uma clientela, já enriquecida pelo café, desejasse para sua moradia e para a própria cidade, tudo aquilo que via nos grandes centros.

Ainda hoje Batatais possui o conjunto arquitetural da década de 1890 bastante homogêneo e conservado, considerando-se a destruição sistemática a que vem sendo submetida a arquitetura mais antiga em outras cidades da região, especialmente Ribeirão Preto, causada pelo crescente enriquecimento e pela consecutiva verticalização dessas cidades, advindo da produção de álcool da cana.

Na Batatais da década em questão, o vocabulário clássico foi empregado desde os edifícios públicos, como a Igreja Matriz e o Mercado Municipal, às habitações mais sofisticadas e às casas mais simples, que não deixaram de receber suas pilastras nos flancos das fachadas, suas vergas retas e seu cornijamento. Mas a renovação arquitetônica não se fez apenas sobre as fachadas, os novos edifícios também foram concebidos sob novas plantas, como veremos. Os edifícios relacionados abaixo estão localizados na planta à p. 224.

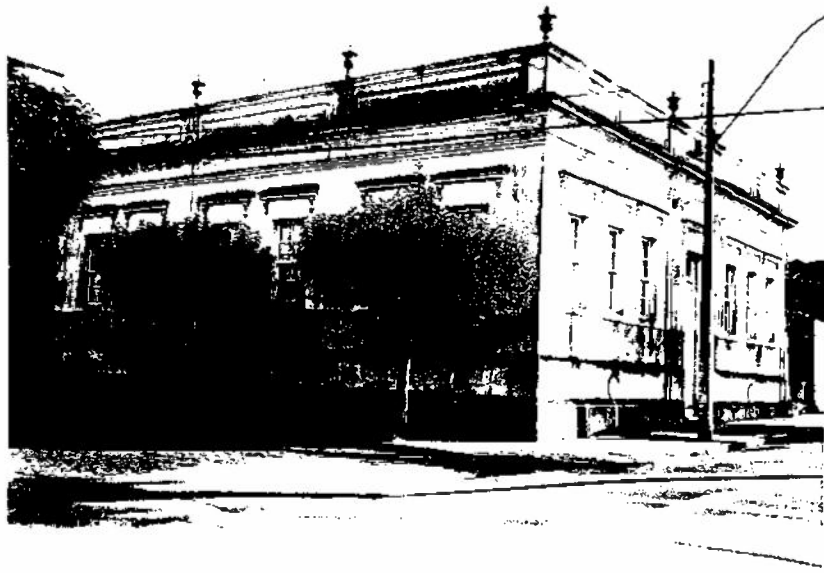
#### O ANTIGO PAÇO MUNICIPAL

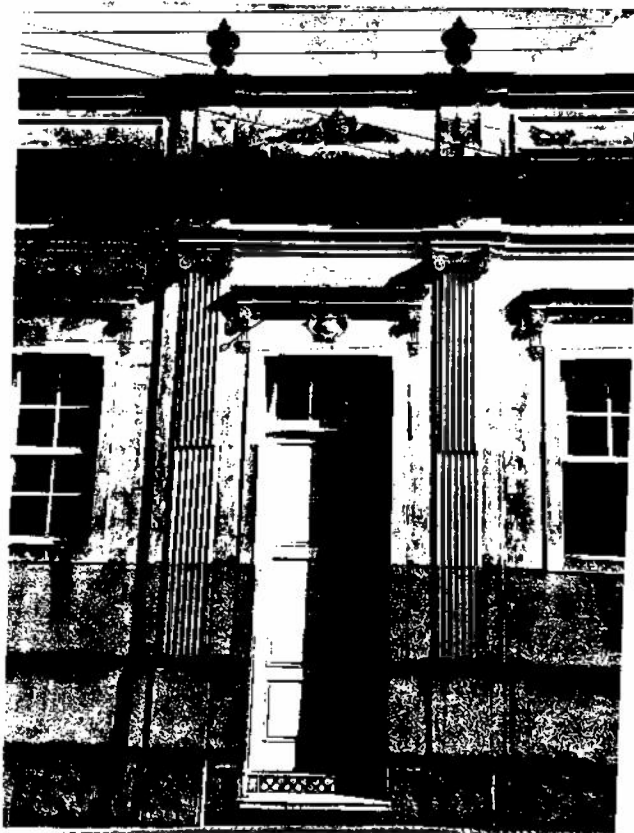
Pça. Côn. Joaquim Alves, 326 (antigo L. da Matriz - demolido)

Construído para residência do Cel. Martinho Ferreira da Rosa,<sup>32</sup> importante chefe político e fazendeiro local, o edifício ostenta, na cartela do ático, a data de 1892, constituindo-se no exemplar residencial mais antigo da nova arquitetura. Quando, em

-----  
<sup>31</sup>Frans, J. *Gente de minha terra (Batataes de outr'ora)*, pp. 81-82.

<sup>32</sup>Cartório do 1.º Ofício. L.42, fls. 10 e 11, 9.2.1898.





1898, o Intendente Washington Luís Pereira de Sousa procurou um prédio adequado à instalação do Paço Municipal, foi ali que encontrou o edifício "que reunia as condições de solidez, comodidade e elegância para servir para as repartições municipais."<sup>33</sup> O imóvel foi comprado em 9.2.1898 e o Paço Municipal permaneceu ali até 1926, quando foi transferido para um novo edifício. Em 13.03.1991, na noite da posse do COMPHAC, órgão de defesa do patrimônio cultural de Batatais, foi iniciada a demolição do prédio centenário.

O edifício resolvia-se num volume geométrico puro, incorporando porção, implantado nas testadas de um lote de esquina, com pequeno recuo lateral fechado por leve gradil, dominando um

-----  
<sup>33</sup> *Relatório do Intendente Washington Luís Pereira de Sousa, de 31.12.1898. Suplemento d'A Penna de 13.01.1899.*

dos ângulos do Largo da Matriz, esquina da então Rua Capitão Andrade.

A composição da fachada é estritamente simétrica e equilibrada, com acento da horizontalidade: à base marcada e aos socos de pilastras e faixas, podemos acrescentar a associação sutil da linha definidora da inversão das caneluras das pilastras às guilhotinas das janelas; as pequenas cornijas, apoiadas em consolos sobre os vãos; o entablamento e o ático, coroando o conjunto. A verticalidade da composição resulta dos próprios vãos, em especial da porta, de grande altura, das pilastras jônicas e das faixas lisas laterais que percorrem toda a fachada. Os quatro vasos que encimam o ático sinalizam os eixos verticais e balizam nosso olhar, caso contrário, a forte horizontalidade suprimiria o





efeito das leves verticais.

O centro da fachada, em leve ressalto, assinala e dignifica a porta de entrada do conjunto, já privilegiada pela ornamentação: aí se encontram as pilastras jônicas, cujos fustes apresentam rudenturas inversas, e as duas cartelas.

A utilização do volume geométrico perfeito, a habilidade na composição das fachadas, simplificadas nas laterais, e o despojamento ornamental incluem este edifício no âmbito da estética neoclássica.

O Intendente Washington Luís estava certo ao referir-se à sua elegância, sem paralelo entre seus pares, e à sua solidez. A recente demolição do edifício expôs sua estrutura: a alvenaria de tijolos era atirantada por dois duplos "Y", em perfil chato de ferro, que se cruzavam na altura do arranque do telhado, revelando um procedimento construtivo cuidadoso e raro.

O edifício era coberto por telhas francesas que trazem as inscrições "Guichard Frères - Seon St. Henri Marseille" e telhas planas fabricadas no país, "produtos paulistanos saídos da olaria dos franceses Antoine, Henri e Ernest Sacoman, aqui chegados em





1886"<sup>34</sup>, que apresentam a denominação "Sacoman Frères - São Paulo - Ypiranga", conforme podemos observar acima.

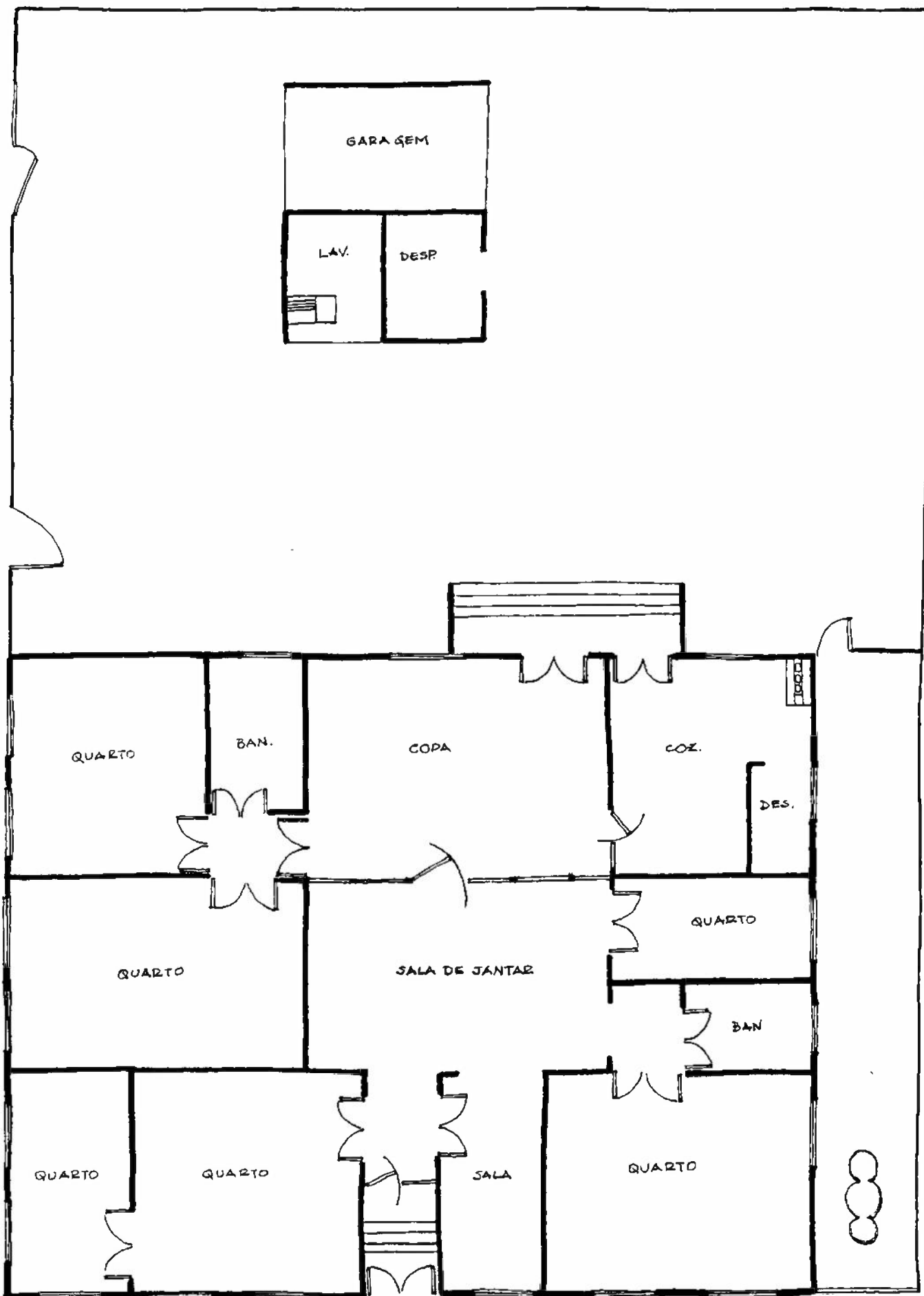
A construção do edifício sobre porão, além de isolar os pisos de tábuas corridas da umidade do solo, foi um procedimento construtivo que impediu a inconveniência das casas térreas, protegendo a moradia da visão do exterior. A porta central de grande altura compensava o desnível entre o piso residencial e o plano da calçada, vencido pela pequena escada interna. Além da escada de acesso, uma porta-paravento vedava o interior do olhar dos passantes e determinava um momento de leve transição na penetração da residência.

Na planta do edifício é possível observar uma nova concepção do espaço interno, se comparada com as plantas do Sobrado Ferreira da Rosa e da casa térrea vizinha, à p. 49. A não ser o pequeno quarto, à esquerda da entrada, e a grande sala central, os cômodos não são consecutivos, distribuindo-se independentemente nas faces do quadrilátero, de onde recebem luz e ar, antecipando-se às prescrições do *Código de Posturas de 1894*.

-----  
<sup>34</sup> Lemos, C.A.C. *Alvenaria burguesa*, p. 54.

RESIDÊNCIA MARTINHO FERREIRA DA ROSA / ANTIGO PAÇO MUNICIPAL  
PLANTA BAIXA S/ ESC.

RUA DR. ALBERTO GASPAR GOMES



RUA LÔN. JOAQUIM ALVES

Não foi possível determinar se o imóvel sofreu alterações internas, apesar da existência dos dois banheiros articulados aos quartos por pequenos halls, fato incomum nas plantas coevas examinadas.

Creemos que a porção central do edifício, pelas dimensões e posicionamento dos ambientes, originalmente mantinha outras funções: a pequena sala, à direita da entrada, possivelmente fosse ocupada por um gabinete; a sala central configurava-se numa sala de recepção, isolada, por uma segunda grande porta paravento, da sala de jantar, recentemente ocupada por uma copa.

Esta residência mantém a cozinha no corpo principal do edifício. Este procedimento não era comum, pois as cozinhas geralmente se localizavam num pequeno bloco ligado à edificação, ao qual dava-se o nome de "puxado", como veremos.

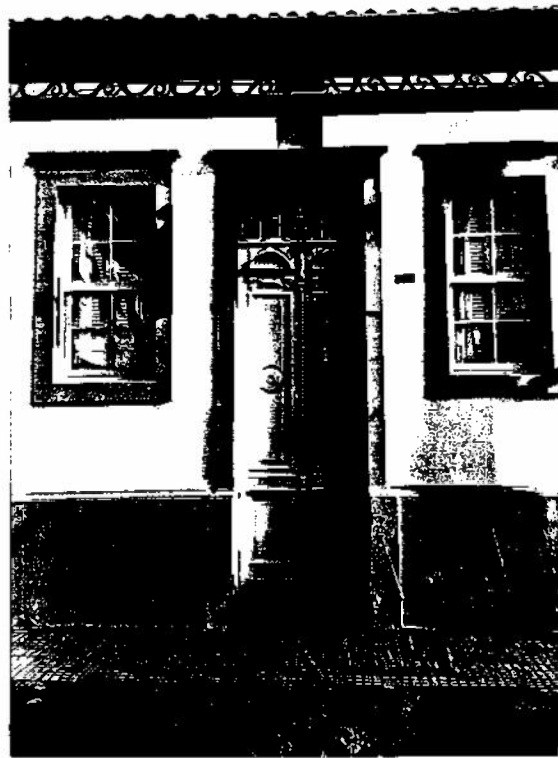
Entretanto, de uma forma geral, a distribuição dos espaços segue o esquema geral do tempo: a entrada ligada às salas de recepção, embora elas não ocupem a frontaria do edifício; os quartos agrupados nas laterais; a sala de jantar voltada para o quintal, e a cozinha ocupando o fundo do imóvel, com saída independente para a rua.

O bloco independente, constituído pela garagem, tanque de lavar roupas e um pequeno despejo, deve ter sido construído na mesma época, pois a escritura de compra e venda, de 1898, cita uma outra construção. Residências coevas também foram dotadas de garagem, para abrigar os "trolley", veículos de tração animal que estavam se tornando usuais.

Por fim, o recuo lateral é ocupado por um jardim, apresentando um canteiro geométrico próximo ao gradil, mas que não se integra à residência, chegando a ser isolado do quintal por um portão.

**RESIDÊNCIA DE D. CÂNDIDA ALVES PEREIRA**  
R. Dona Adorama, 398.

O edifício foi construído em 1893, data inscrita na bandeira



de ferro sobre a porta de entrada, para residência de D. Cândida Alves Pereira, cafeicultora local. Na transmissão de seu espólio, em 1949, observou-se que a casa fora "...construída de tijolos, coberta de telhas, assoalhada, forrada, envidraçada, [...], com o respectivo quintal fechado a muros de taipas."<sup>35</sup>

Seguindo o procedimento comum aos edifícios do tempo, foi implantado no alinhamento da rua, com recuo lateral, sobre o porão denunciado pela existência dos óculos, em losango, na barra de base.

A fachada desenvolve-se com simetria, distribuindo três janelas envidraçadas sobre venezianas de cada lado da porta central, e é emoldurada por pilastras lisas que recebem duplos capitéis dóricos, na linha das vergas e da cornija.

Um pequeno friso decorativo, entre o cornijamento e a cimalha, quebra a austeridade da fachada, desenvolvendo um delicado grafismo em forma de volutas, ou pequenas ondas, convergentes para a faixa central, sobre a porta.

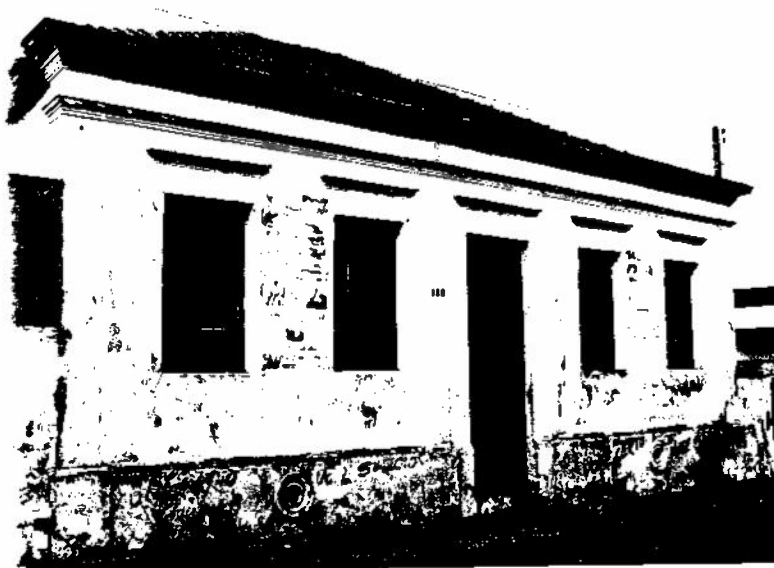
Embora a linguagem clássica esteja claramente afirmada, mesmo na porta apainelada e encimada por pequenos arcos baseados em cornija e modilhões, alguns elementos compositivos da fachada familiarizam este edifício com as antigas construções de taipas, como as molduras retas e largas dos vãos, sobrepostas por vergas salientes, e o telhado em capa-canal, sem um ático que o esconda.

#### RESIDÊNCIA IZAAC ADOLPHO FERREIRA

R. Dona Adorama, 332.

Izaac Adolpho Ferreira, em 23.2.1894, declarava, na venda do imóvel a Olegário Ribeiro de Noronha, ter construído sua casa "... em um terreno que houve, por compra, de Joaquim Garcia de Oliveira

-----  
<sup>35</sup> Cartório de Registro de Imóveis. Livro 3J, transcrição 8524, de 24.2.1949, fl. 51v.



e sua mulher..."<sup>36</sup> Portanto, a construção é anterior a 1894.

A residência, construída de tijolos e coberta por quatro águas de telhas planas, apresenta uma fachada estritamente simétrica e bastante simplificada em relação aos dois edifícios anteriores.

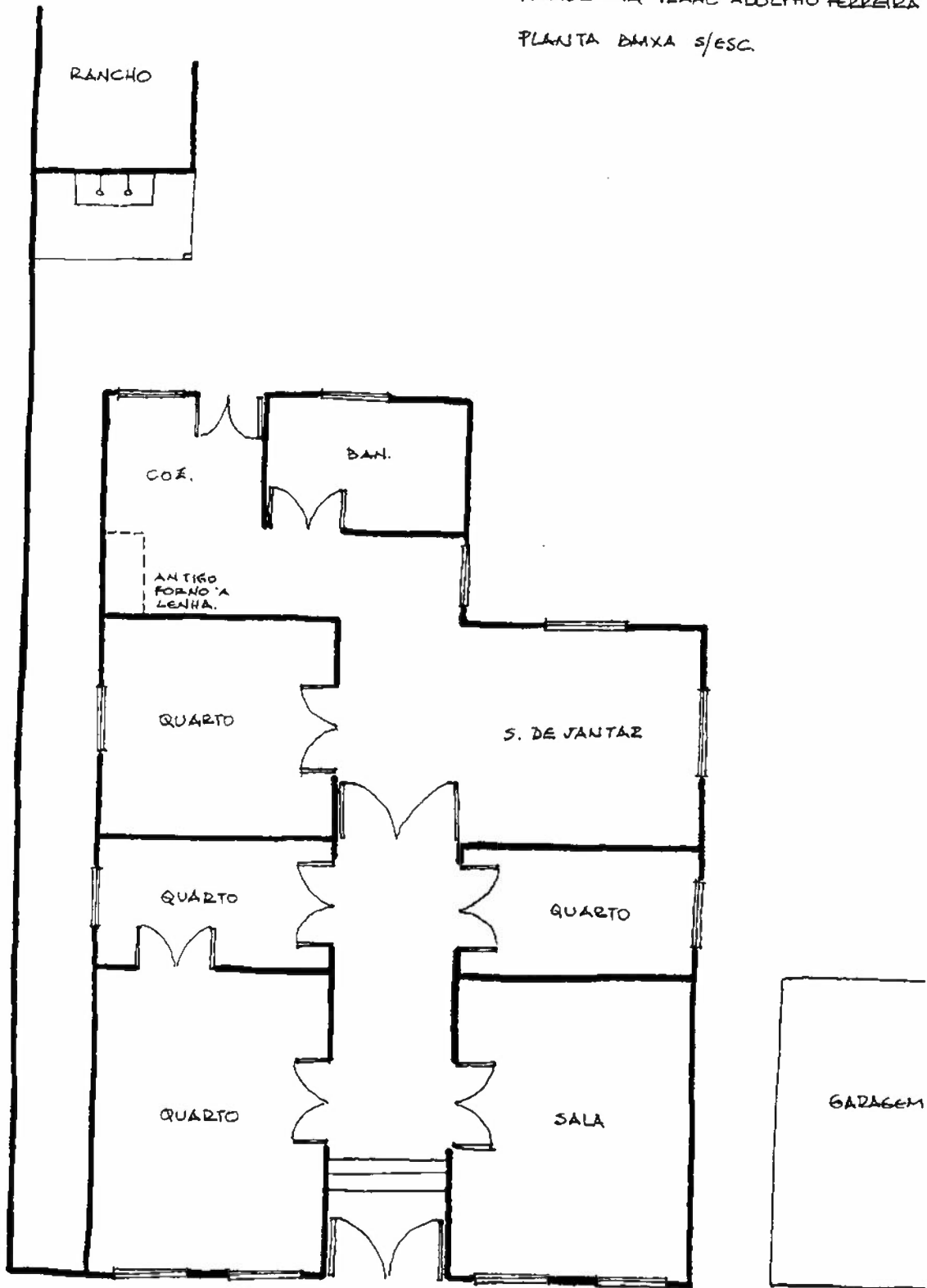
Partindo da barra de base, que abriga os óculos de círculos concêntricos do porão, as pilastras lisas ladeiam o edifício e a porta central, recebendo capitéis formados pelos ressaltos do cornijamento superior. Acima da frisa lisa, o telhado é arrematado por uma larga cimalha.

A porta de entrada, composta por duas folhas de madeira, em painéis, encimadas por bandeira envidraçada, não deixou de ser ressaltada do conjunto de vãos pela moldura, em faixa lisa, unida à verga alteada. A mesma verga é repetida nas janelas de vidraças externas, tipo guilhotina, sobre duplas folhas venezianas.

A planta do edifício é bastante similar à tipologia da "casa de porão alto", suprimidas as alcovas e a ausência de janelas

-----  
<sup>36</sup> Cartório do Registro de Imóveis. L. 4D, fl.105v.

RESIDÊNCIA ISAAC ADOLPHO FERREIRA  
PLANTA BAIXA S/ESC.



RUA DONA ADORAMA, 332.

laterais, definida por Nestor Goulart dos Reis Filho.<sup>37</sup>

O corredor, percorrendo o quadrilátero da planta, define-se como eixo central de distribuição de espaços simétricos e congruentes e de articulação com a cozinha e banheiro, que pode ter sido acrescido posteriormente, nos fundos. O bloco contendo estes cômodos distingue-se do corpo principal, apresentando telhado independente e pé direito de menor altura.

O quadrilátero reúne a parte "nobre" da residência: a sala (ou talvez as salas) de recepção na frente, seguida pelos quartos e a grande sala de refeições, voltada para o quintal; os fundos ficam reservados às áreas de serviço e higiene, aliadas ao tanque e ao "rancho" de despejo, na pequena construção independente.

Alguns aspectos da planta ainda são notáveis: o duplo afastamento lateral, possibilitando à esquerda o arejamento e insolação e, à direita, a implantação de uma garagem; a porta dupla de madeira, isolando o corredor da sala de refeições; e a alternativa de espaços consecutivos nos dois cômodos da esquerda da frontaria.

#### RESIDÊNCIA JOAQUIM GARCIA DE OLIVEIRA

R. Celso Garcia, 157 (antiga R. do Commercio).

Este edifício pertenceu a Joaquim Garcia de Oliveira Júnior, o popular Quita, fazendeiro, comerciante e personagem folclórico que, hipocondríaco, chegou a ser acometido de febre puerperal.<sup>38</sup>

O documento mais antigo que encontramos aponta o pagamento do imposto predial de 1895.<sup>39</sup> Portanto, sua construção é anterior a

-----  
<sup>37</sup> *Quadro da Arquitetura no Brasil*, pp. 39 a 41.

<sup>38</sup> Cf. Frans, J., *Gente de minha terra (Batataes de outr'ora)*, p. 53.

<sup>39</sup> *Livro de lançamento dos contribuintes ao imposto predial*. Vol. 1895-1898, n.º de ordem 257, p. 10.



esta data.

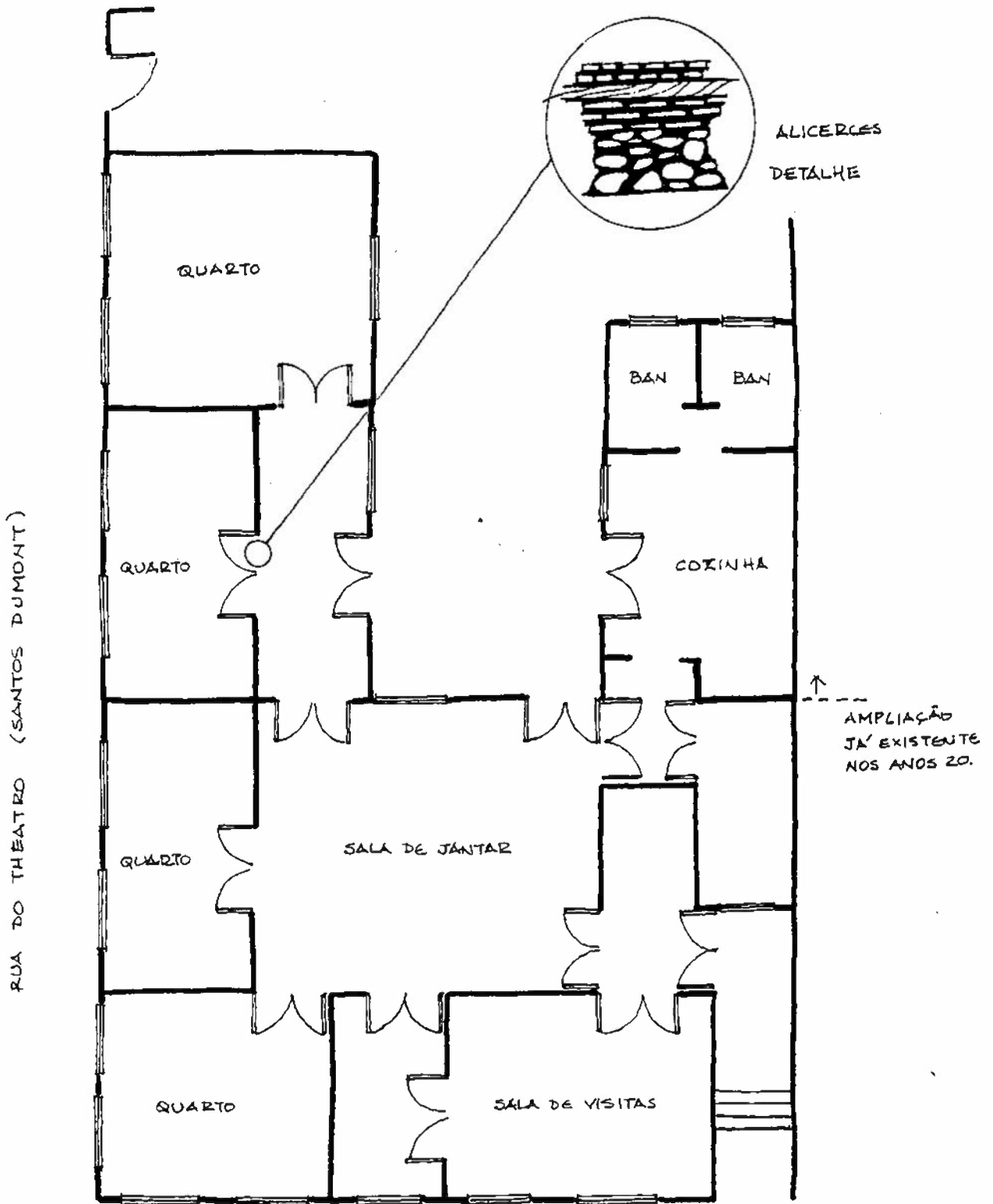
A residência, implantada nos alinhamentos das antigas Ruas do Comercio e do Theatro, sobre alto porão, desenvolve a planta em "L", e sua porta foi retirada da rua. Um pequeno corredor lateral acessa a entrada através da escadaria de quatro degraus.

A concepção das fachadas, tanto externas quanto internas, é simples, sem nenhum requinte ornamental. Sobre a larga faixa de base, marcando o porão, apoiam-se os socos das pilastras lisas de capitéis dóricos, que assinalam os ângulos do edifício. As altas janelas, mais uma vez, envidraçadas, do tipo guilhotina sobre folhas duplas de madeira, têm a verticalidade acentuada pelas molduras retas unidas às vergas alteadas. Coroando o conjunto, a cornija corre sobre os capitéis, e uma larga cimalha esconde o telhado. Na posterior colocação dos condutores de águas pluviais, observou-se a simetria das fachadas.

A composição do espaço interno, conforme planta a seguir, é determinada pela grande sala de jantar central, elemento articulador da circulação, e que define o agrupamento de quartos na área esquerda; o pequeno hall, a sala de visitas e, talvez, um pequeno gabinete consecutivo, como espaços de recepção ligados à

RESIDÊNCIA JOAQUIM GARCIA DE OLIVEIRA.

PLANTA BAIXA - S/ESC.



R. DO COMMÉRCIO (CELSO GARCIA, 157)

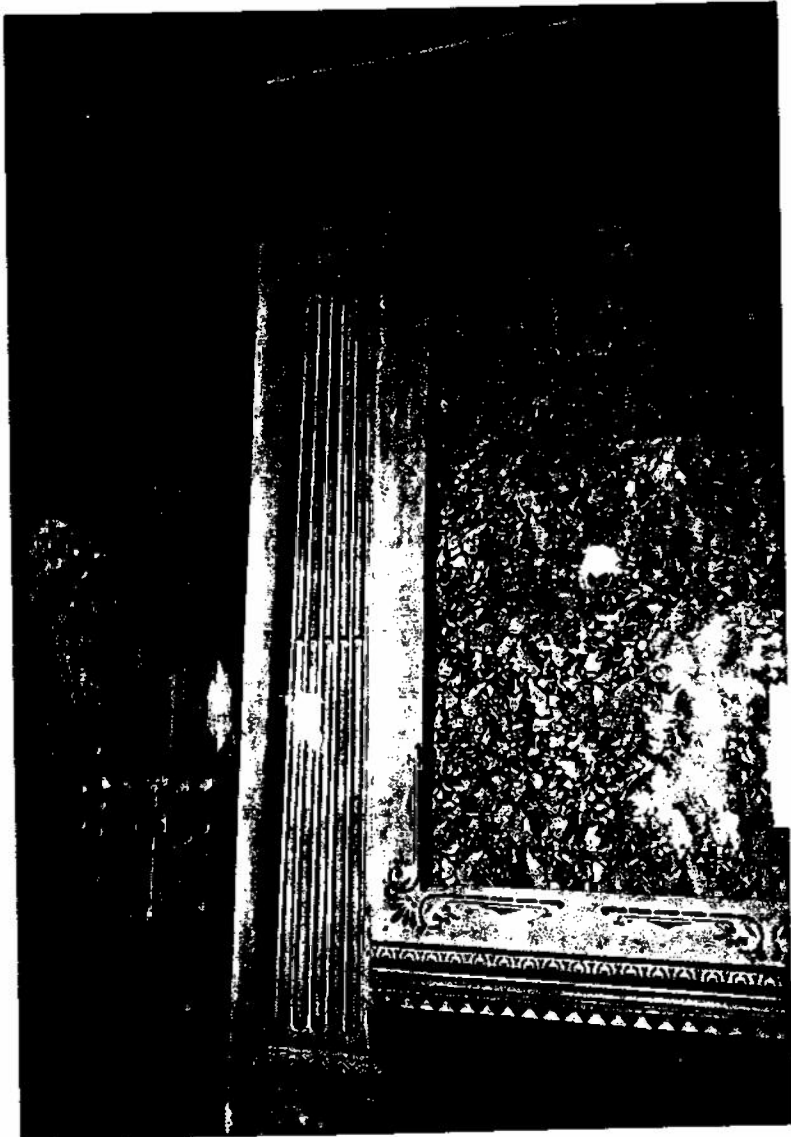
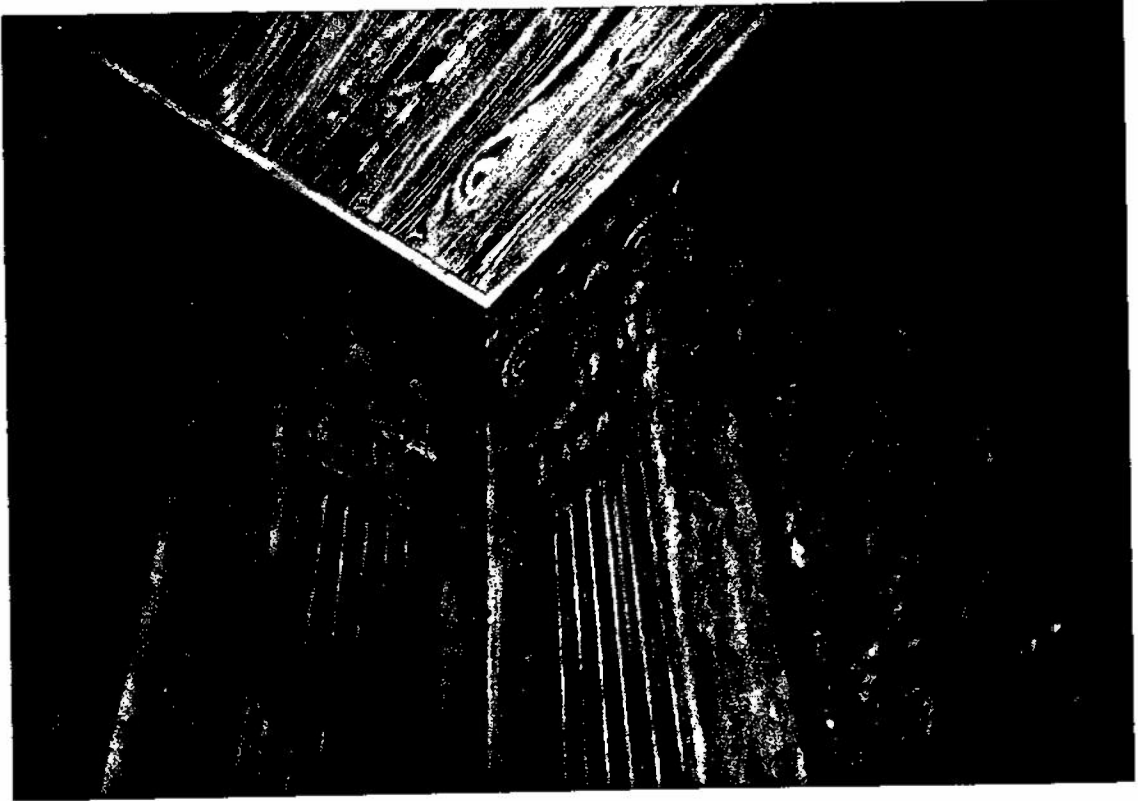
entrada lateral; e a ala direita, onde provavelmente se localizavam uma despensa, contígua ao hall de entrada, e a cozinha e banheiro aos fundos. A preservação da privacidade destas três áreas, parcialmente no caso dos quartos, é garantida pela existência de portas na sala de jantar.

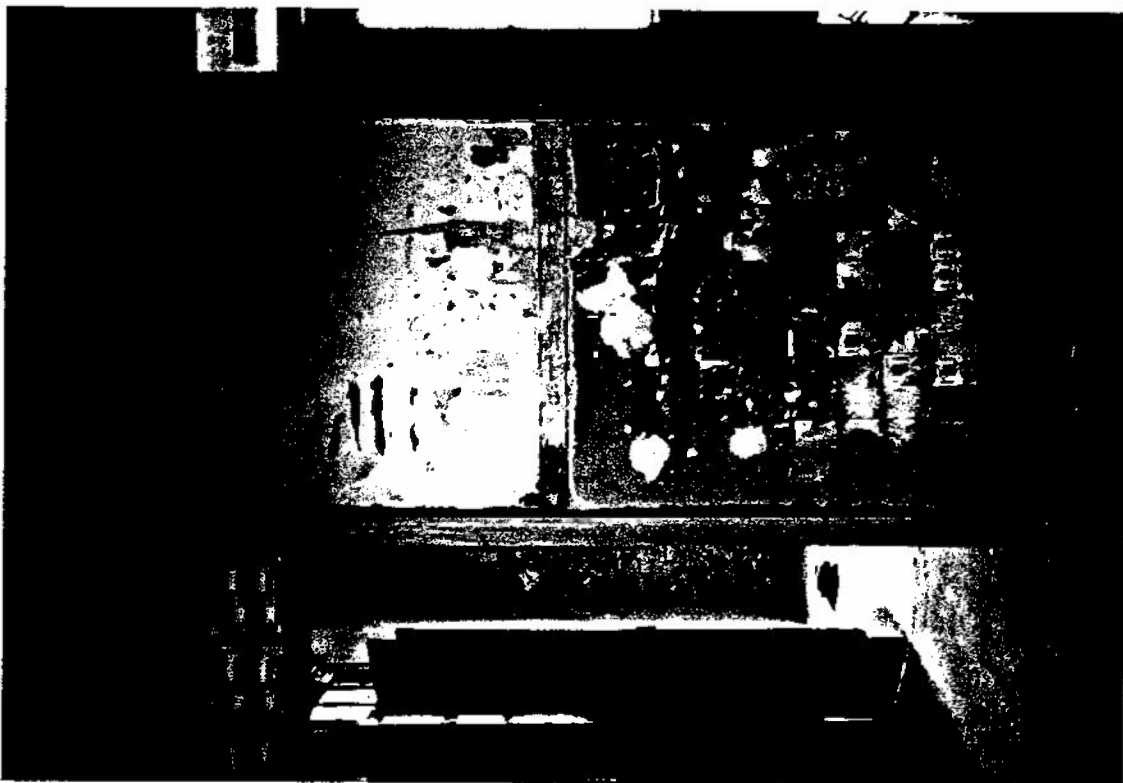
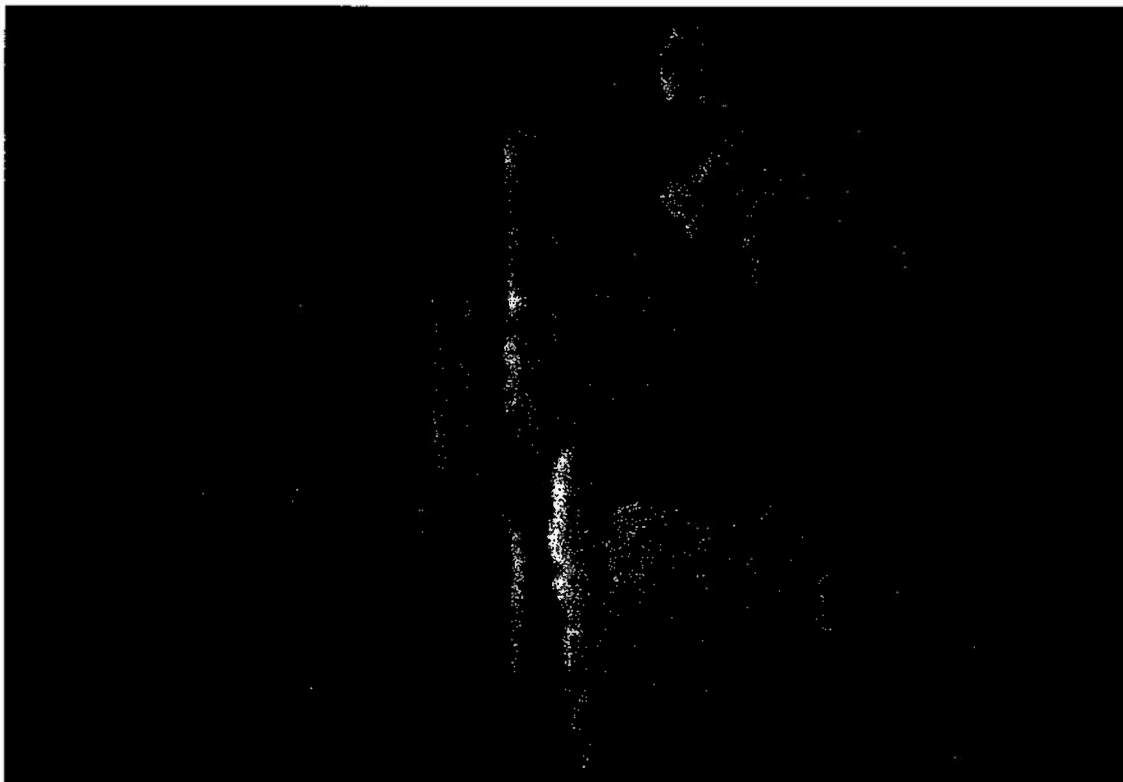
A edificação sofreu o acréscimo do corpo posterior à direita, onde se situam, na planta, a cozinha e os dois banheiros (resultado da recente adaptação do prédio para instalação de um escritório), mas esta adição já era mostrada por fotos aéreas de 1929.

Durante a restauração do assoalho de tábuas corridas, observamos os alicerces do prédio: compõem-se de uma ampla base de pedras, sobre a qual dispõem-se sucessivamente três fiadas de tijolos, o vigamento de madeira, arrematados por duas fiadas de tijolos, que recebem o madeiramento do assoalho, conforme detalhe na planta baixa. Este simples detalhe técnico revela como as técnicas construtivas se sofisticaram, proporcionando maior solidez e resistência às edificações.

Nos interiores, o aspecto mais surpreendente diz respeito à decoração mural. Na sala de visitas, as paredes receberam um *trompe l'oeil* arquitetônico, incorporando a linguagem da tradição clássica das fachadas ao interior da residência. O *trompe l'oeil* não se constitui em abertura para o exterior, mas reforça a finitude espacial. As paredes foram ladeadas por pilastras coríntias, com caneluras e rudenturas, apoiadas no soco apainelado, com imitação de mármore. Amplos painéis de motivos vegetais preenchem as paredes, acima da larga barra imitando um lambril de madeira bicolor, arrematado por estreitas faixas decorativas. Acima das pilastras, faixas decorativas similares completam a ornamentação. Nesta pintura predominam os marrons, castanhos, cinzas, rosa pálido e amarelo.

Como a pintura do edifício estava sendo refeita, abrimos pequenas "janelas" na sala de visitas, retirando as camadas de tintas sobrepostas à pintura original, que revelou-se composta por um barrado, acima do rodapé, com larga faixa cinza, encimada por





duas outras, em marrom terroso e castanho escuro; e delicadas faixas de espessuras variadas, à meia altura das portas, em preto e azul claro, sobre a parede rosa pálida, conforme foto acima. A pintura exterior repetia o mesmo rosa pálido, com os elementos decorativos pintados de branco.

#### RESIDÊNCIA FELIPE CASELLA

Av. dos Andradas, 256 - desfigurada

A residência de Felipe Casella foi construída na primeira avenida de Batatais, a Av. dos Andradas, esquina com a então Rua das Palmeiras e, provavelmente, concluída em 1895.<sup>40</sup>

A imagem seguinte, retratando o edifício original (o último à esquerda), foi tirada por volta de 1912, a partir do Largo da Matriz. Atualmente, o imóvel se encontra desfigurado pela modificação da cobertura, que suprimiu a platibanda e os capitéis, e pela alteração dos vãos, originalmente encimados por arcos plenos.

O edifício resolvia-se num volume geométrico, marcado pela simetria e rigor na disposição das aberturas e dos elementos decorativos.

A partir da base marcada, as pilastras caneladas elevavam-se sobre socos, assinalando os vértices do edifício e isolando as duas aberturas centrais. Não é possível verificar a que ordem pertenciam os capitéis, mas acima deles corriam o cornijamento ressaltado e a platibanda retilínea, coroada por pinhas alinhadas às pilastras.

Ao lado da fachada principal, estava disposta uma entrada de serviços, acessada por pequeno portão de ferro, ladeado por

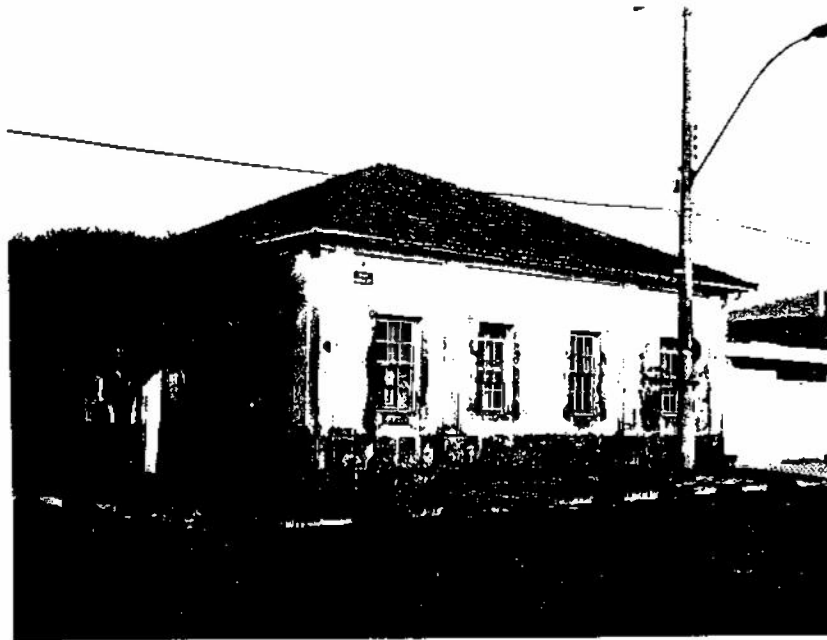
-----

<sup>40</sup> Em 19.02.1896, foi pago o primeiro imposto predial do imóvel. *Livro de lançamento dos contribuintes ao imposto predial*. Vol. 1895-1898, p.33, n.º de ordem 59.

CASA DO CÓN. JOAQUIM A. FERREIRA  
↓  
SALÃO SANTA CECÍLIA

RAS. FELIPE CASELLA  
↓





pilares arrematados pelas mesmas pinhas que coroavam o edifício.

Quanto às aberturas, este prédio se destaca do conjunto arquitetônico em exame, por apresentar vãos encimados por arcos centrados.

A concepção rigidamente geométrica, a sobriedade e o despojamento decorativos, salientando o perfeito equilíbrio das verticais e horizontais, são testemunhos da habilidade com que está sendo realizada a renovação arquitetônica de Batatais.

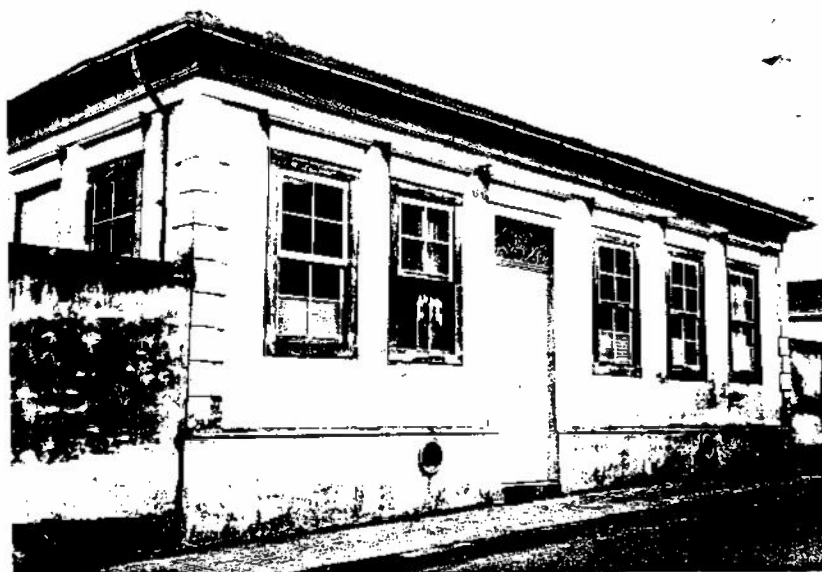
#### RESIDÊNCIA JOAQUIM ANTÔNIO PEREIRA LIMA

R. Celso Garcia, 227 (antiga Rua do Comercio)

Joaquim Antônio Pereira Lima contrata a construção de sua casa com o empreiteiro de obras Antônio Macário da Silva em 9.12.1896, determinando a entrega do prédio dali a sete meses.<sup>41</sup>

-----

<sup>41</sup>2.º Cartório de Notas. Livro 14, escritura de empreitada, fls. 18 e 18v.



A residência foi implantada na testada do lote, sobre porão, mantendo amplos afastamentos dos vizinhos lindeiros, que permitem soluções satisfatórias de insolação e ventilação.

Este edifício não se utilizou de nenhuma ordem clássica na composição de sua fachada, mas de elementos decorativos desta tradição, que acentuam sua horizontalidade: a base marcada por um friso superior; as vergas das envasaduras formadas por um amplo retângulo liso, com ressalto superior; a larga cimalha, ligeiramente côncava e frisada, sob o beiral do telhado; e as bossagens, da base à cimalha, reforçando plasticamente os ângulos do prédio.

Quanto aos vãos, a porta de entrada é descentralizada e encimada por uma bandeira de ferro trabalhado em volutas onde se inserem as iniciais do proprietário: JAPL. As janelas repetem o modelo das antigas casas de taipas, emoldurando as vidraças externas com quadro reto de madeira.

O contrato de construção da casa estipulou condições que descreveram toda a constituição e acabamento do imóvel: alicerces de pedras, paredes de tijolos, assoalhos e forros de madeira e especificações para a composição dos vãos. No entanto, as prescrições espaciais, que resumimos abaixo, nos parecem mais

relevantes para a compreensão da planta do edifício.

A casa deveria ter sessenta palmos de frente e quarenta de fundo, com pé direito de dezoito palmos, e um "puxado" de vinte e quatro palmos por trinta, com pé direito reduzido para quinze palmos.

Internamente, a casa seria toda assoalhada e dividida em seis cômodos, dos quais especificou-se a sala de visitas e o corredor, assoalhados com tábuas mais estreitas, e a sala de jantar, com porta para o corredor e saída para o quintal, por uma escada de pedras. O puxado deveria ter dois cômodos, não especificados, ladrilhados de tijolos acimentados.

Mediante estas definições, constatamos que a planta deste edifício é extremamente próxima à da residência Izaac Adolpho Ferreira. No quadrilátero frontal, todo assoalhado, a parte "nobre", contendo seis cômodos: sala de visitas, quartos e corredor com porta para a sala de jantar aos fundos. A especificação de assoalho mais estreito para a sala de visitas e corredor porque, certamente, estariam ao alcance do olhar dos visitantes. No fundo, o "puxado", com pé direito menor, abriga a cozinha e, talvez, um banheiro, já que recebia piso ladrilhado de tijolos.

No acabamento da casa, ficou especificado que as paredes da frente e dos dois lados seriam oleadas com cor à escolha do proprietário, as demais pintadas e a sala de visitas seria empapelada. As vidraças inferiores das janelas da frente seriam vermelhas. Enfim, o acabamento sempre tinha em vista o olhar sobre a casa: o que era para ser visto recebia tratamento especial, e o vidro vermelho vedava o interior do olhar curioso que podia devassar a casa devido ao porão de pequena altura.

A antiga cidade de terra estava indo para o chão, pois o contrato estabelecia que "a madeira e a telha aproveitados e que estejam em boas condições da casa que foi demolida no lugar da edificação, o empreiteiro deverá utilizar na construção da casa ora empreitada".

Na década de 1890, além das residências já vistas, que seguiram de maneira mais ou menos próximas, o desenvolvimento da volumetria e a aplicação da linguagem da tradição clássica, Batatais conheceu outra tipologia de edificação: o chalet.

Os chalets situam-se na órbita da estética do Pitoresco que, a partir das estruturas desenhadas para adornar os jardins do século XVIII, originou-se na Inglaterra do início do século XIX, inicialmente sob inspiração das igrejas medievais, das villas italianas e das casas de campo rústicas, admitindo, em sua evolução posterior, os motivos exóticos chineses, egípcios e indianos, buscando resultados agradáveis à visão.<sup>42</sup>

No Brasil, os chalets foram difundidos no final do século XIX, contando com álbuns de divulgação de modelos, como o *D'Architecture Privée au XIX Siècle*, de César Daly,<sup>43</sup> e muitos exemplares foram construídos nos anos 80s, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A cidade de Batatais preservou dois chalets: o *Chalet do Dr. Furtado*, intacto, e o *Chalet do Dr. Altino Arantes*, cuja cobertura foi modificada. No antigo Largo da Liberdade (atual Pça. Barão do Rio Branco) existiu um chalet luxuoso, similar ao *Chalet do Dr. Furtado*, que pertenceu a Joaquim Ferreira da Rosa, já demolido e sem memória fotográfica, mas esta tipologia foi bastante difundida em edifícios mais simples, que mantinham as empenas nas fachadas e pouca decoração, em geral, reduzida a pilastras laterais, vergas retas, alteadas nas janelas, e lambrequins nos beirais, como podemos verificar na edificação, à direita da Cadeia, na p. 177.

-----

<sup>42</sup>Hitchcock, H.-R., *Arquitectura de siglos XIX y XX*. Madrid, Ediciones Cátedra SA, 1985, pp. 21, 29, 155 e 161.

<sup>43</sup>Paris, Ducher, 1870, 9 Vol., citado por Lemos, C. A. C., *Alvenaria Burguesa*. São Paulo, Nobel, 1989.

## CHALET DO DR. FURTADO

R. Coronel Pereira, 162.

Esta residência pertenceu ao médico Dr. Manoel Antônio Furtado, notório republicano e um dos responsáveis pelo início da construção da Santa Casa de Misericórdia, em 1905.

O edifício apresenta duas cartelas datadas: uma, de 1894, situada na base da parede externa, ao lado da entrada principal, e outra na empena da garagem, datada de 1897. Estas datas se referem ao início e ao término de sua construção.<sup>44</sup>



O *Chalet do Dr. Furtado* apresenta, além da nova tipologia, novidades na implantação. Embora mantenha o padrão dominante de assentamento no alinhamento da rua, os recuos laterais foram ampliados, instalando-se uma garagem para o "troly", e admitindo-se, pela primeira vez, um amplo jardim de variados

---

<sup>44</sup> Conforme o *Livro de lançamentos dos contribuintes ao imposto predial*, Vol. 1895-1898.





canteiros geométricos, visível da rua através da transparência do gradil de ferro.

O edifício possui um pavimento, porão e sótão, acessado por uma escada circular de madeira, no interior da residência.

A requintada decoração da fachada acentua a composição dos pavimentos e observa a mesma simetria das residências anteriores na disposição dos elementos ornamentais. O porão é marcado pela base de painéis e pelos socos das pilastras coríntias que emolduram o térreo. Entre as pilastras, distribuem-se cinco janelas de vergas retas, decoradas por volutas, concha e elementos vegetais; e parapeitos salientes apoiados em consoles vegetais. O pavimento térreo também distingue-se pelo colorido castanho dos veios dos painéis de mármore que revestem sua



superfície. Um cornijamento saliente isola a empena, em cujo centro abre-se a porta para pequena sacada, ladeada pelas duplas molduras frisadas que limitam a decoração em "chinesices", formada por um dragão alado e guirlandas de ramos e flores, em baixo relêvo.

A profusão ornamental da fachada principal simplifica-se na lateral, repetindo as pilastras coríntias e os elementos decorativos das vergas das janelas. Nas extremidades desta fachada, localizam-se as duas portas de entrada, protegidas por pequenos telhados independentes, apoiados em esbeltas colunas de ferro, conforme imagem anterior.

O espaço interno compõe-se de duas salas na frontaria, seguidas pelo corredor central que articula os quartos e a cozinha ao fundo, repetindo o esquema geral das plantas do tempo.

As feições originais do imóvel foram conservadas, mesmo internamente, subsistindo sob a atual pintura da sala de visitas, logo à entrada, as pinturas a óleo, cuja temática é o Rio de Janeiro, com vistas do Pão de Açúcar, e guirlandas de frutos e flores.<sup>45</sup>

O edifício apresenta num só corpo longitudinal, a residência principal, da qual tratamos, e a residência dos criados, distinta da anterior pela menor largura, pavimento único e parca decoração, em pilastras lisas. Nesta ala posterior subsiste o antigo lambrequim, que unificava os beirais.

A chegada dos materiais importados, pela ferrovia, é atestada pela extensa lista destes elementos construtivos utilizados no *Chalet*: telhas francesas, ferragens inglesas para portas e janelas, colunas de ferro, porta-carta, gradil e portão de fechamento frontal, mármore para a fachada e pinho de Riga para os parquetes bicolores.

-----  
<sup>45</sup>Conforme informações prestadas pelo atual proprietário, Dr. Octacílio Annibal Jardim, em 1991.

## CHALET DO DR. ALTINO ARANTES

Pça Cônego Joaquim Alves, 142.

Este edifício, embora desfigurado, foi um chalet construído para moradia do Cel. Lúcio Eneas de Mello Fagundes,<sup>46</sup> entre 1896 e 1897. Em abril de 1898, foi vendido<sup>47</sup> ao Dr. Altino Arantes Marques, futuro Presidente da Província, e é como *Chalet do Dr. Altino* que é conhecido em Batatais.



As adulterações que o imóvel sofreu referem-se ao telhado e ao alpendre. A cobertura original comportava uma empena decorada por um friso triangular, contendo um óculo superior, e era arrematada por lambrequim. O alpendre e a loja foram acrescentados

-----  
<sup>46</sup> Livro de Lançamentos dos contribuintes ao Imposto Predial. Vol. 1895-1898, pp. 1 e 86.

<sup>47</sup> 1.º Cartório de Notas. Livro índice de escrituras, indicando a venda inscrita no L.43, fl.15v, extraviado.



posteriormente, pois o chalet era ladeado por dois pequenos pilares encimados por uma pinha, que determinavam a entrada social à esquerda e a entrada de serviço, através de um pequeno portão, à direita, como podemos ver na foto seguinte.

Este chalet não apresenta o requinte ou o exotismo das "chinesices" do edifício anterior. Sua decoração de fachada comporta somente os elementos da tradição clássica e seus materiais de acabamento também são mais simples.

No entanto, o vocabulário decorativo também evidenciava na fachada, quando esta ainda mantinha a empena frontal, a composição do interior, obedecendo à mais estrita simetria. O porão é marcado por painéis e óculos circulares. No pavimento térreo, pilastras apaineladas e capitéis coríntios flanqueiam as janelas de molduras retas, sobrepostas pelas vergas alteadas em modilhões, contendo pequeno elemento decorativo de formas vegetais, e a empena, conforme já nos referimos.

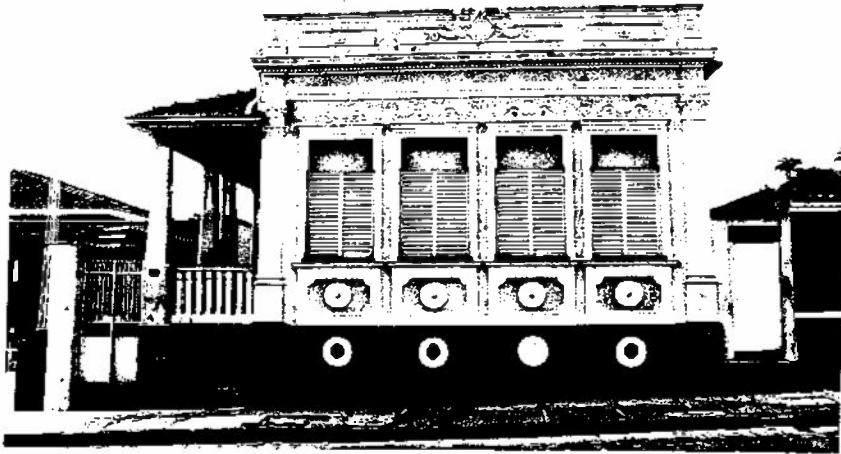
A implantação na testada do lote, com recuos laterais, seguiu a forma de assentamento dominante.

A última residência datada destes anos apresenta uma solução mista, destacando-se das duas tipologias já vistas.

#### RESIDÊNCIA À RUA CORONEL JOAQUIM ROSA, 418

Este edifício foi construído, ou concluído, em 1897, como indica a cartela no ático. Embora não se trate de um chalet, adotou a entrada lateral, à esquerda, independente do corpo do edifício. E sua ornamentação de fachada revela o parentesco estilístico com o *Chalet do Dr. Furtado*, concluído no mesmo ano, utilizando-se da ordem coríntia, dos mesmos elementos decorativos sobre as vergas das janelas e a presença das "chinesices", ladeando a cartela.

Os painéis retangulares de óculos centrados, marcando o





porção, estabelecem um interessante contraponto vazios-cheios, com os elementos circulares dispostos nos painéis vazados, sob os peitoris das janelas.

As quatro janelas originais foram substituídas por venezianas metálicas de menor altura, mas conservaram-se as molduras retas, trabalhadas em ressaltos e encimadas por decoração em volutas e concha central. Ladeando este conjunto de janelas e painéis, as pilastras coríntias, de fustes apainelados, marcam os ângulos do edifício.

A decoração comporta outros elementos compositivos novos e delicados, como o friso em óvulos e denticulos, sob a ressaltada cornija superior. Acima desta, o ático recebe painéis de cantos chanfrados, reservando o central para a disposição da cartela ladeada por dois dragões alados. Nas extremidades do ático, um leve ressalto, seguindo a linha das pilastras, colaboram na determinação de verticais que suavizam o forte efeito horizontalizante.

O ático esconde a água do telhado voltada para a rua e a fachada não apresenta nenhuma solução de continuidade nas laterais. O alpendre lateral balaustrado, com cobertura independente, é uma adição posterior, quer por suas características estilísticas (pilastras, balaustres e decoração típica dos anos 1920), quer pelo estrago que sua colocação causou ao capitel coríntio.

Apesar da excepcional elaboração da fachada, o efeito geral do edifício é descompassado. Além do alpendre, o próprio telhado apresenta águas dissimétricas que se ajustam mal ao conjunto.

## OS EDIFÍCIOS PÚBLICOS

A partir de meados da década de 1890, iniciou-se a reconstrução da Igreja Matriz, e Batatais foi dotada de três novos edifícios públicos: o Lazareto, iniciado por iniciativa particular em 1896, o Matadouro, construído em 1898, já demolidos e sem

registro fotográfico, e o Mercado Público, também edificado em 1898. Nada podemos afirmar a respeito dos edifícios do Lazareto e do Matadouro, mas provavelmente apresentavam o mesmo vocabulário clássico que tomou conta da cidade.

#### A IGREJA MATRIZ

Largo da Matriz - demolida.

O Cônego Joaquim Alves e a Comissão composta, entre outros, pelos coronéis Manoel Theodolino do Carmo, Antonio Rosa, Francisco Prudente e Manoel de Paiva Leite, organizaram-se, em 1895, a fim de reconstruir a Igreja Matriz de Batatais.<sup>48</sup>



-----  
<sup>48</sup>Frans, J., "In illo tempore (Memórias de nosso tempo), Theatro, theatricas e theatreiros." X Anna Chaves. *Gazeta de Batataes*. no. 648, 16.03.1919.

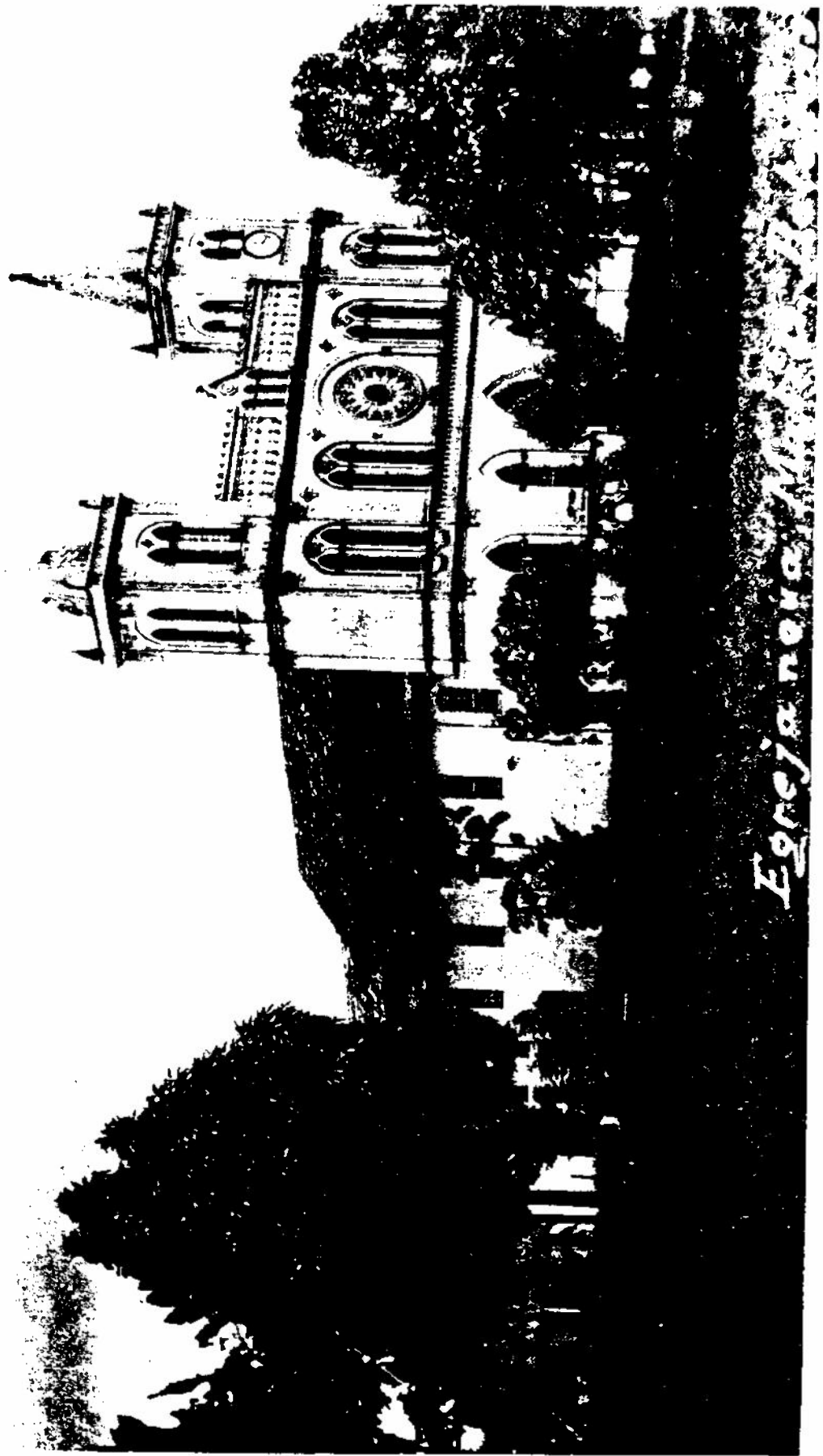
O primeiro documento iconográfico a fixar a imagem da nova fachada da Igreja, que ainda mantinha o corpo do velho edifício, foi a tela pintada a óleo, em 1909, pelo artista Carlos Alberto de Agostini, do qual voltaremos a falar.

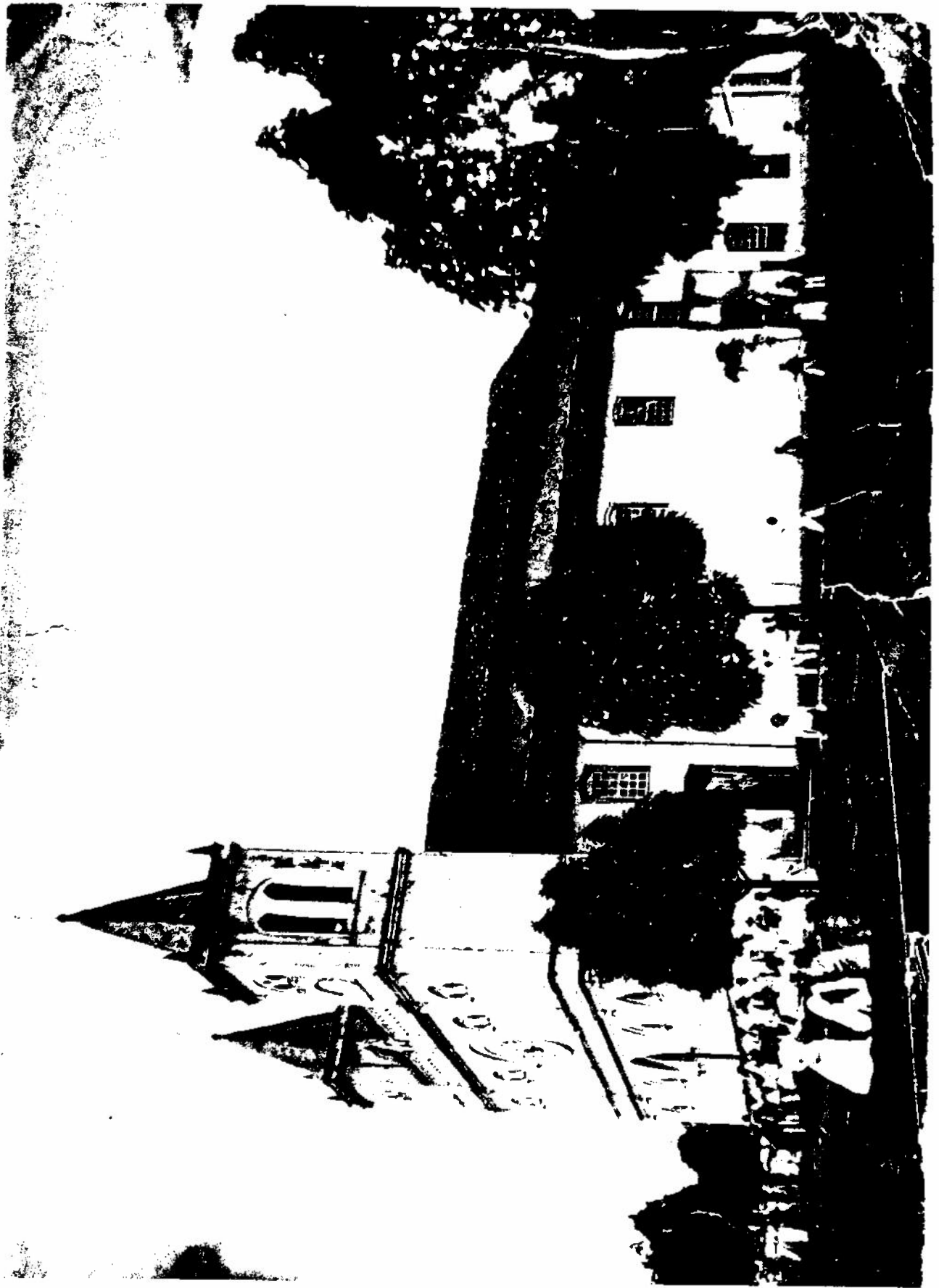
As obras de reconstrução levariam anos, como atestam as seguintes imagens: a primeira, de 1911, quando a Igreja Matriz foi adotada como um dos cartões postais de Batatais; a segunda, de 1915, data inscrita no verso da fotografia, com a anotação "vista das obras"; e as duas últimas, de 1927, mostrando a parte posterior do edifício parcialmente reconstruída. Neste ano, 1927, as obras foram paralisadas e a reconstrução da Igreja não foi concluída. Um novo projeto, de uma nova Matriz já estava pronto, como veremos mais tarde.

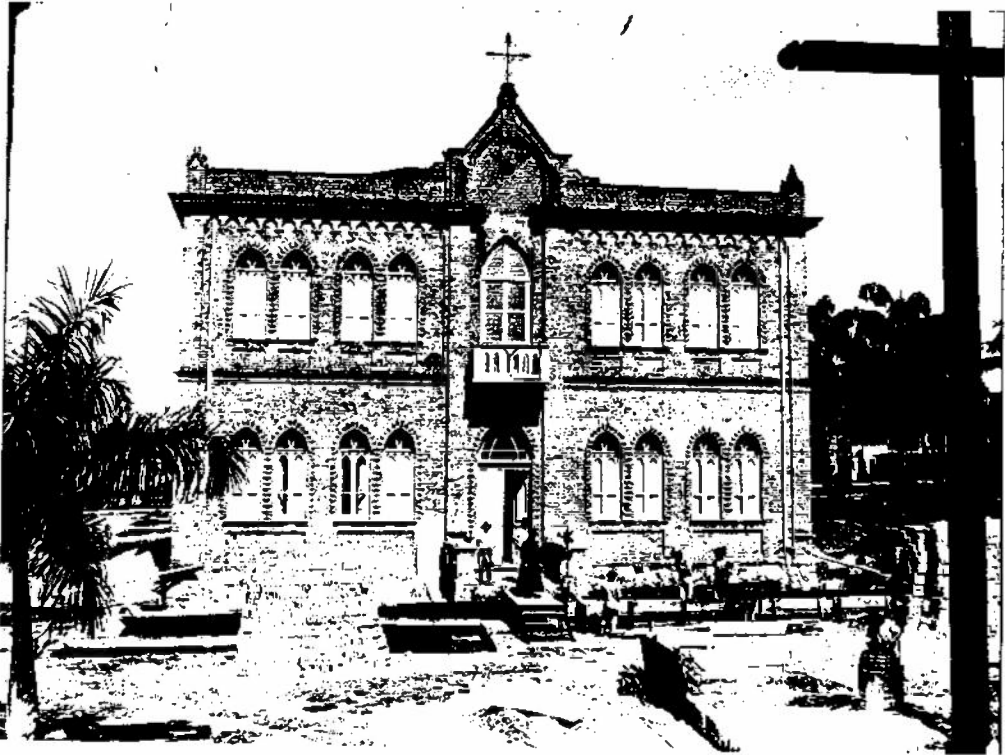
No novo edifício, a utilização de elementos do vocabulário gótico é intensa: as aberturas em arcos ogivais, emolduradas por arquivoltas; a grande rosácea acima da entrada; as pirâmides hexagonais que culminam as tôrres, e os pequenos pináculos, a assinalar seus ângulos e os do bloco posterior; as arcaduras no friso sobre a porta central, no coroamento da fachada posterior e, principalmente, no arremate da fachada entre os campanários; e por fim, os esguios contrafortes laterais.

A impressão geral é de um edifício neogótico. No Brasil, sob esta inspiração, já haviam sido construídos alguns edifícios na década de 80. No Rio de Janeiro, o prédio da alfândega, na Ilha Fiscal, e o Gabinete Português de Leitura, construído de 1880 a 1887, com elementos do chamado estilo manuelino.<sup>49</sup> Em São Paulo, a Capela e o pavilhão central da Santa Casa de Misericórdia, projetado por Luigi Pucci, em 1887, e construídos por Giulio

-----  
<sup>49</sup>Cf. Barata, M., "Século XIX. Transição e início do século XX," Zanini, W. (coord.), *História Geral da Arte no Brasil*. Vol. I p. 400.







Micheli.<sup>50</sup>

A origem do neogótico é apontada por Hitchcock como um desdobramento da poética do Pitoresco, ao qual já nos referimos. O "neogótico maduro", estabelecido na Inglaterra durante a década de 1830, e que acabou difundindo-se por toda parte, foi iniciado por Pugin Filho, sob estrita observância das formas góticas, mas também de seus métodos construtivos, em que as formas resultavam expressão direta da estrutura. A partir daí, o neogótico tinha estabelecido suas principais características: a irregularidade, a variedade de silhueta, a complexa organização plástica e a decoração colorista, que explorou as texturas dos diversos materiais tradicionais, inclusive os quase rústicos.<sup>51</sup>

Na Igreja Matriz de Batatais encontramos elementos góticos que não passam de citações e são insuficientes para introduzir o edifício na poética do neogótico. A fachada reconstruída não resiste à simples comparação com a "Matriz velha de Batatais - 1895 - amador JAPL", inscrição lateral da fotografia abaixo:



<sup>50</sup>Cf. Debenedetti, E. e Salmoni, A., *Arquitetura italiana em São Paulo*. São Paulo, Perspectiva, 1981, pp. 51 e 101.

<sup>51</sup>Hitchcock, H.- R., *Arquitectura de los siglos XIX y XX*, pp. 159 a 161 e 167.

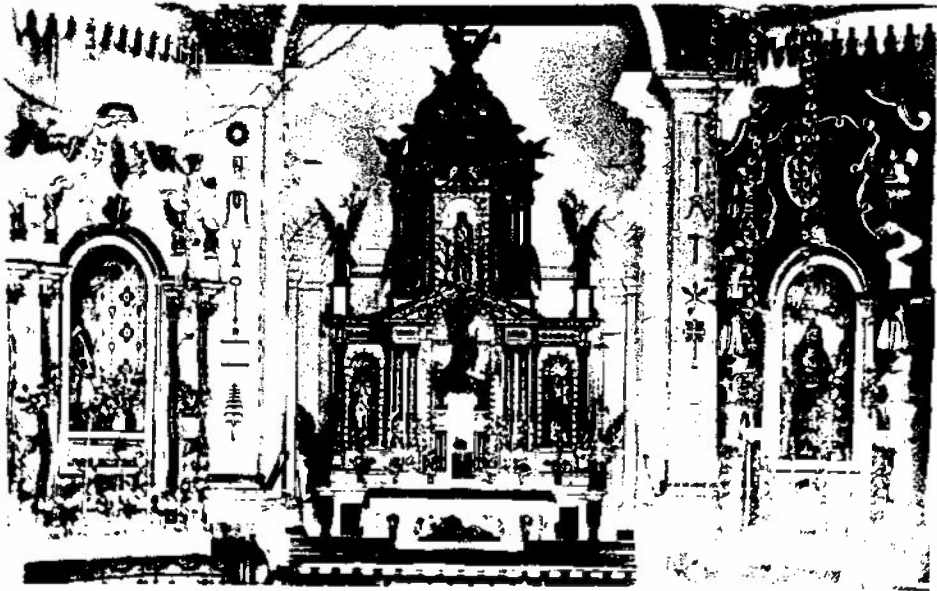
Na nova fachada, persistem as mesmas muralidade, disposição volumétrica e colocação simétrica de vãos do passado. Embora a reconstrução não tenha sido concluída, pelo desenvolvimento do bloco posterior, caminhando para a frontaria, podemos admitir a mesma planta retangular e o volume paralelepípedo. Nada da diversidade de silhueta ou da complexa organização plástica dos cânones neogóticos.

Além disso, a constatação de absoluta importância é a aplicação das pilastras apaineladas, marcando as longas verticais dos campanários, e dos colunelos, ladeando as aberturas. Na mais perfeita superposição de ordens, sistematizada desde o Renascimento, as pilastras e colunelos inferiores são jônicos, sucessivamente seguidos pelos coríntios e compósitos. Sem contar outros elementos estranhos ao neogótico, como as guirlandas florais, ornamentando os frisos laterais da fachada. A Igreja Matriz, portanto, se insere perfeitamente no conjunto de edifícios que estão procedendo à renovação arquitetônica de Batatais, mediante a adoção da linguagem da tradição clássica.

Em 24.1.1919, foi inaugurado o novo altar-mor da Igreja,<sup>52</sup> disposto na parte posterior do edifício, já reconstruída. Possivelmente, nesta ocasião, foram tiradas duas fotografias de seus interiores, a seguir. Estas imagens revelam a mais completa ausência de elementos do vocabulário medieval, e a extensiva aplicação de arcos plenos e de pilastras dóricas arrematadas por um largo cornijamento, que não levantam suspeitas sobre as ocorrências formais exteriores.

Quanto aos construtores da nova Matriz, sabemos que Guilherme Rosada, italiano nascido na cidade de Rovigo, em 1.2.1877, dirigiu as obras de reconstrução pelo menos desde o início do século XX, pois, em 1906, apresentaria à prefeitura o projeto da Capela Santo Antônio e, em 1907, uma proposta para construção de um coreto no Largo da Matriz.

-----  
<sup>52</sup> *Gazeta de Batataes*, 26.1.1919.



Guilherme Rosada foi responsável por duas obras de vulto na vizinha cidade de Ribeirão Preto, para onde se mudou nos anos 20s, que também apresentam elementos da linguagem gótica: a Capela do Colégio Santa Úrsula e o Seminário Diocesano,<sup>53</sup> hoje desfigurado. Nestes dois edifícios, a exemplo do que ocorrera na Matriz de Batatais, as citações góticas se revelam insuficientes para as suas filiações à poética neogótica.

#### O MERCADO MUNICIPAL

Largo do Rosário - demolido.

A necessidade de dotar a cidade de um mercado era antiga, como já vimos. Em 1889, uma representação de 225 cidadãos solicitava sua instalação. Finalmente, em 1898, o Mercado Municipal é edificado.

O *Relatório do Intendente Washington Luis*,<sup>54</sup> de 31.12.1898, registrou as planejadas etapas realizadas para a construção do edifício: a escolha do local, o projeto e orçamento e a contratação do empreiteiro de obras.

A escolha do Largo do Rosário reuniu a satisfação de aspectos funcionais e estéticos explicitamente determinados:

"Designei o Largo do Rozario para local do Mercado, obedecendo as seguintes considerações: 1.º) ser esse largo o mais central da cidade [excluído o Largo da Matriz]; 2.º) ser mais próximo do córrego do Capão, permittindo a derivação fácil da limpeza; 3.º) ser um dos pontos mais baixos da cidade, onde a agua vae com abundancia e não faltará; 4.º) por permittir aos consumidores a ida ou a volta com uma só subida

-----

<sup>53</sup> *Gazeta de Batataes*. N.º 1121, 26.01.1928.

<sup>54</sup> Publicado no *Supplemento d'A Penna*, de 13.01.1899.

ou descida; 5.º) o embelezamento de um largo central, esburacado, ruído, até então, pelas enxurradas."

Embora o *Relatório* não tenha designado o autor do projeto do Mercado, observou que "pela planta e orçamento forão pagos 300\$000; e as dispezas do edificio foram calculadas em 22:000\$000."

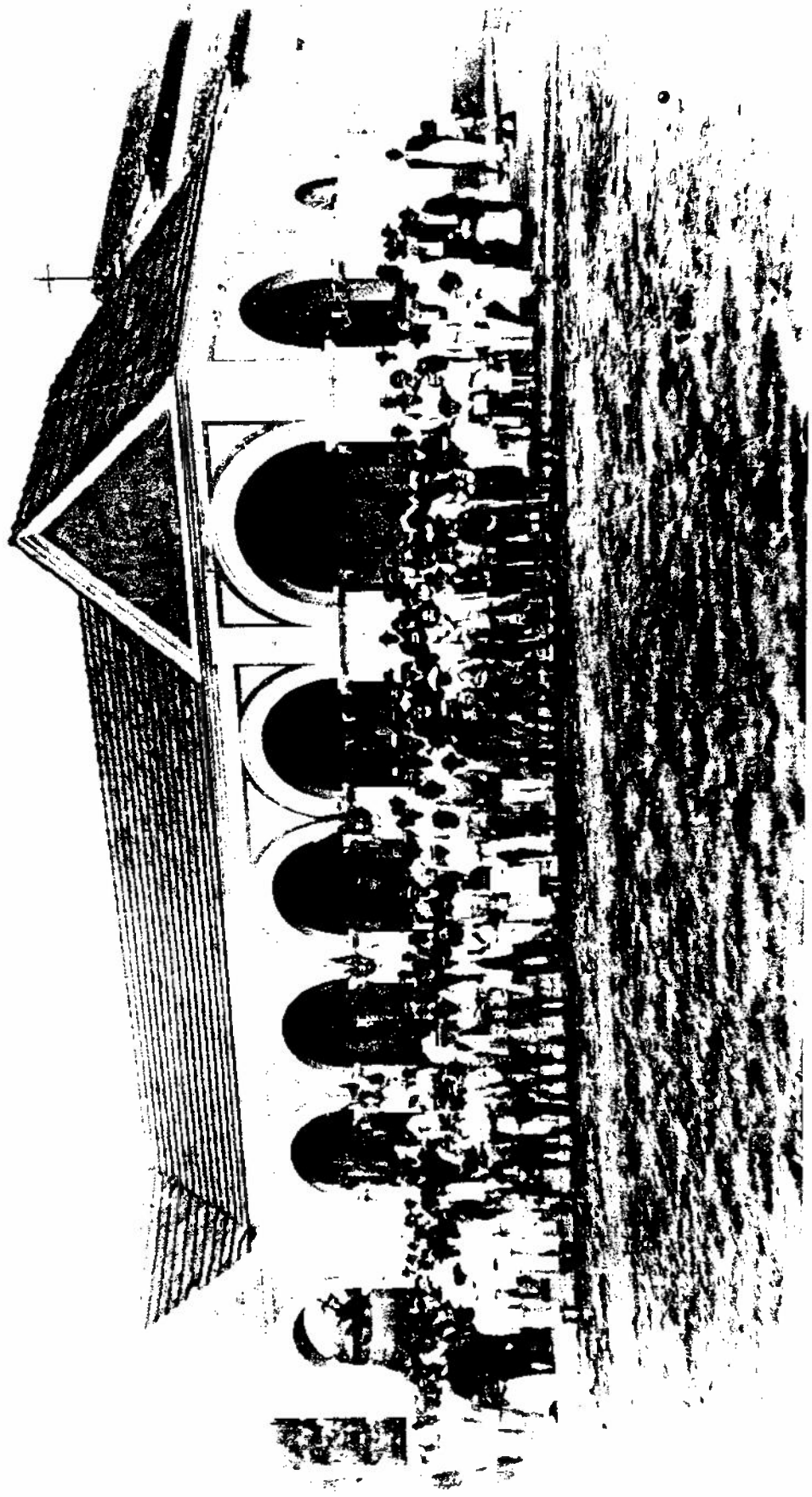
Aberta a concorrência pública para a execução das obras, em 4.5.1898, e não se apresentando nenhuma proposta, o Intendente resolveu fazer o melhoramento "por conta dos cofres municipaes" e, em 26.7.1898, contratou<sup>55</sup> o empreiteiro de obras italiano José Zampieri, morador à R. da Quitanda, e responsável também pela construção do Matadouro Municipal. Provavelmente, Zampieri não seja o autor do projeto do Mercado, pois o Matadouro seguiu a planta elaborada por Ângelo Bonvicino, do qual não encontramos maiores referências.

O contrato estabelecido com José Zampieri previa que o Mercado teria três entradas abertas, localizadas no muro de tijolos à sua direita. Mas o Intendente Washington Luis modificou o projeto "mandando fazer uma só entrada com portão de ferro sobre o paredão".

O Mercado Municipal foi concluído no natal de 1898 e inaugurado a 1 de janeiro de 1899.

As fotografias seguintes mostram o Mercado Municipal, à frente da Igreja do Rosário, velha construção de taipas, e a implantação geral do edificio, por volta de 1926, com uma nova entrada na parede diagonal, voltada para a R. Cel. Joaquim Alves (antiga Rua Direita), e a Igreja substituída pelo Paço Municipal de então.

-----  
<sup>55</sup>Cf. Atestado da Câmara Municipal de Batatais, das obras executadas por José Zampieri. AESP. Offícios Diversos. Secr. da Agricultura. Ano 1900. C.244.





O edifício do Mercado Municipal era elegante e sóbrio, desenvolvendo-se em um único bloco, quase retangular. Seu encanto era conferido pelo ritmo dos elementos de fachada e pela movimentação do telhado: coberto por duas águas de telhas francesas, possuía, nas duas extremidades, as empenas ressaltadas e voltadas para a fachada.

A arcada, ressaltada nas laterais, compunha-se de seis arcos plenos sustentados por robustos pilares de seção quadrada, sobre socos, e realçados pelas impostas fortemente marcadas. A linha destas impostas prolongava-se na lateral do edifício, encimada por uma bandeira de mesmo arco.

A planta do edifício era extremamente simples: atrás da arcada, um plano de parede dividia a largura do bloco ao meio e abrigava as portas, em arco pleno, que davam acesso aos locais de venda dos produtos, chamados "quartos".

A ornamentação era reduzida, limitando-se ao cornijamento que envolvia o prédio na altura dos beirais e contornava as duas empenas, dando-lhes o aspecto de frontões, aos ressaltos dos arcos, e à bossagem abaixo das impostas.

A pintura do edifício sublinhou, em linhas mais escuras sobre fundo claro, os elementos da linguagem clássica: arcos, cornijas, pilastras dóricas e frontões.

Na cidade de São Paulo, existiu um mercado público, "na rua 25 de Março esquina de General Carneiro, inaugurado em 1867,"<sup>56</sup> com planta e características estilísticas muito próximas das do nosso mercado, que talvez tenham nos servido de modelo.



O mercado paulistano era um longo bloco retangular com fachada resolvida em arcadas, e seus "quartos" também ocupavam a metade posterior do edifício, que "foi demolido em 1907 para se construir o mercado novo"<sup>57</sup>, mas não apresentava a mesma riqueza

-----  
<sup>56</sup> Bruno, E.S., *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. III; p. 1462, do qual reproduzimos a imagem.

<sup>57</sup> Martins, A.E., *São Paulo Antigo*, vol. I, citado por Bruno, *op.*

formal do Mercado Público de Batatais.

A partir do exame dos edifícios, é possível chegar a algumas conclusões.

Nos anos 90s a antiga unidade visual e construtiva que caracterizava Batatais até meados da década de 1880, é definitivamente alterada. Basta olharmos a fotografia seguinte, de 1910, para verificar o contraste estabelecido entre a Residência Joaquim Garcia de Oliveira e as demais casas, uniformizadas pela arquitetura de taipas, no cruzamento das, então, Ruas do Theatro e do Comercio.

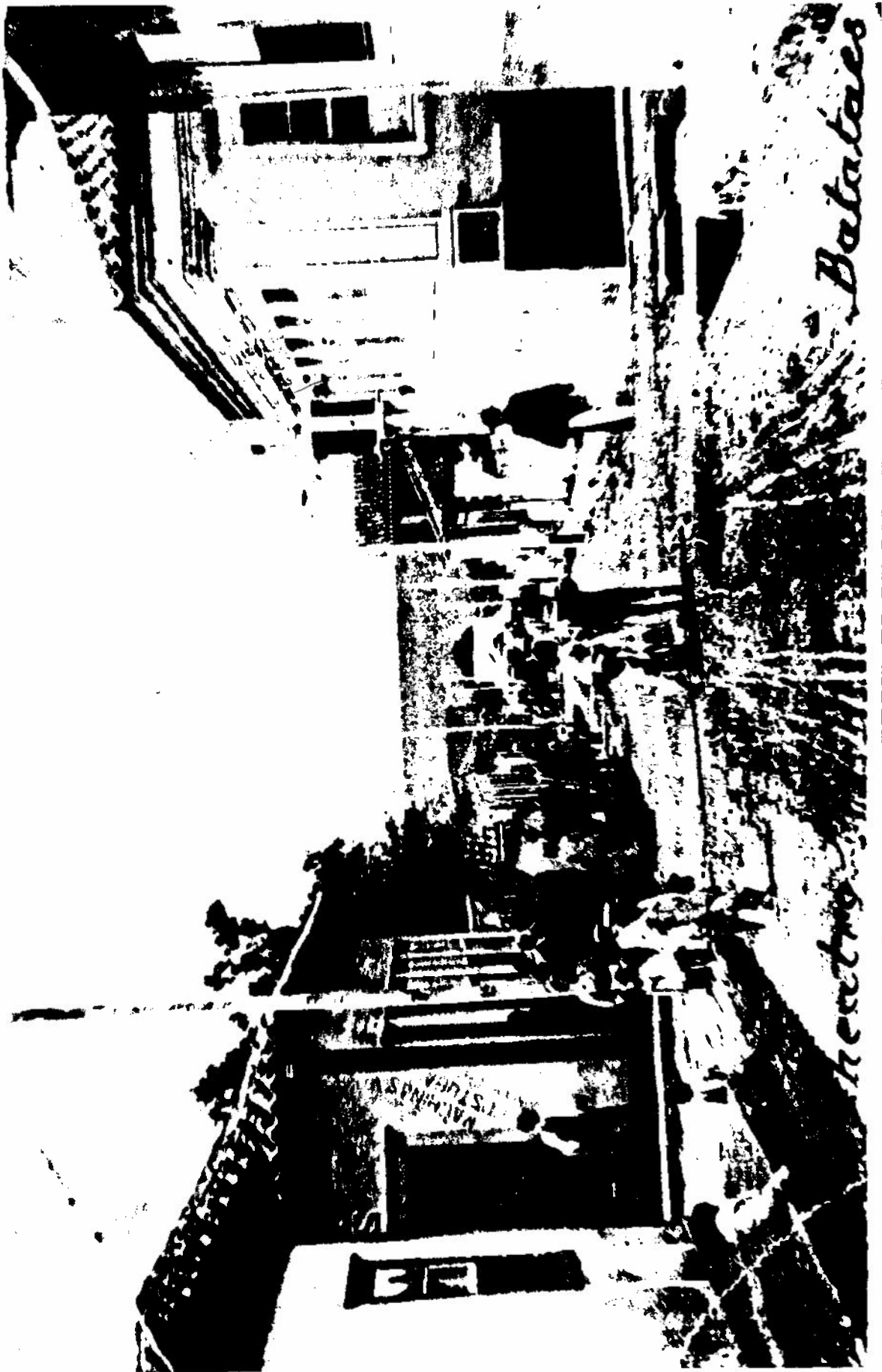
Os novos edifícios que examinamos vieram estabelecer, além da antiga diferença quantitativa, a diferença qualitativa, derivada da adoção da linguagem arquitetônica da tradição clássica. Agora, o gosto no arranjo das fachadas, os materiais utilizados e a habilidade do construtor influem na qualidade da arquitetura produzida.

O contraste estabelecido com a antiga arquitetura é extensivo aos edifícios coevos. Cada edifício passa a possuir um rosto próprio e alguns, mais luxuosos, tornam-se ponto de referência na cidade, como podemos observar no anúncio publicado na *Gazeta de Batataes*, de 20.11.1909, pelo Externato Soares, localizado "em prédio bastante confortável do Largo da Liberdade, abaixo do *Chalet do Dr. Furtado*."

Na ornamentação destas fachadas constatamos uma hierarquia no emprego das ordens: jônica ou coríntia nos edifícios mais luxuosos (Antigo Paço Municipal e Chalet do Dr. Furtado) ou de execução mais cuidadosa de fachada (Chalet do Dr. Altino Arantes e Residência da R. Cel. Joaquim Rosa, 41B), e a ordem dórica, bastante difundida, compondo o Mercado Municipal e os exemplares menos suntuosos. A composição de ordens (jônica, coríntia e

-----

*cit.*, p. 1144.



compósita) só pode ser observada num único edifício excepcional: a Igreja Matriz. Ainda no tocante à decoração de fachadas, a qualidade dos ornatos esculpidos, especialmente na Matriz, no Chalet do Dr. Furtado e no Antigo Paço Municipal, faz supor a existência de excelentes *ateliers* ornamentistas.

Embora a linguagem da tradição clássica esteja clara e diferencialmente afirmada em cada um dos edifícios examinados, alguns exemplares ainda mantêm algumas características que os aproxima da antiga arquitetura, como as molduras retas e largas dos vãos, ainda em madeira no caso da Res. Joaquim Pereira Lima, ou sobrepostas por vergas salientes na Res. Cândida Alves Pereira; e os telhados aparentes sem um ático que os esconda.

Na verdade, a nova arquitetura ainda mantêm alguns contatos com a arquitetura de taipas, se considerarmos a volumetria e as fachadas ritmadas pelos vãos, e possivelmente essas similaridades também tenham sido responsáveis por sua rápida difusão.

A antiga muralidade apresentada pelas ruas formadas por sucessivas fachadas é interrompida aqui e ali pela introdução dos recuos laterais, onde a natureza aflora por sobre os muros dos quintais, ou nos poucos jardins, sempre contidos em canteiros geométricos, que ladeiam algumas casas. Mas ainda que essas interrupções ocorram, a manutenção das edificações nos alinhamentos das ruas, muito embora o *Código de Posturas de 1894* permita os recuos frontais, não descaracteriza de todo esse aspecto mural.

A paisagem urbana é enriquecida com a variedade dos novos objetos arquitetônicos, mas continua íntegra, mantendo, inclusive, sua horizontalidade pela predominância das edificações térreas.

A renovação arquitetônica foi profunda, atingindo, além da realização de novas fachadas sobre um novo sistema construtivo, baseado no tijolo, o próprio interior dos edifícios.

A antiga disposição de cômodos sucessivos desapareceu quase por completo, configurando-se, em alguns casos, em alternativa de utilização, como apontamos nas Residências Joaquim Garcia de Oliveira e Izaac Adolpho Ferreira.

As nova residências foram dotadas de recuos laterais que possibilitaram a entrada de luz e a renovação do ar, com a total abolição das antigas alcovas, mesmo antes das prescrições do *Código de Posturas de 1894*.

Pudemos observar a criação de espaços especializados, atendendo à satisfação de novas necessidades: o gabinete, local apropriado para tratar de negócios, disposto próximo à entrada social das residências; a construção de garagens para os "trollys", localizadas ao lado da fachada principal, ou no quintal, com acesso por um portão aberto no muro lateral, como no Antigo Paço Municipal; e as dependências exclusivas de criados, existentes no Chalet do Dr. Furtado.

As plantas arquitetônicas mais difundidas, provavelmente pela facilidade de execução e economia, foram aquelas de corredor central configurado como eixo de simetria, distribuindo a sala de recepção à frente, os quartos nas laterais, e a cozinha e banheiro dispostos, num corpo anexo, ao fundo. Assim foram edificadas as Residências Izaac A. Ferreira, Joaquim P. Lima e, provavelmente, a Residência de D. Cândida Alves Pereira.

As residências desenvolvidas com plantas mais elaboradas, como o Antigo Paço Municipal e a Res. Joaquim Garcia de Oliveira, utilizaram-se das salas centralizadas como elementos de articulação e distribuição dos cômodos.

A planta do Antigo Paço, no entanto, caracterizou-se pela excepcionalidade ao admitir a cozinha no mesmo bloco do restante da edificação, e ao deslocar a sala de recepção da frontaria para o centro do prédio.

Por fim, quanto à localização dos imóveis, a totalidade dos edifícios que examinamos foram instalados no centro da cidade, no próprio Largo da Matriz, ou em locais próximos, como o recém criado Largo da Liberdade, de 1890, e as ruas e avenidas abertas, a partir de 1892, logo acima do primeiro largo.

As novas edificações se misturaram aos antigos prédios de taipas e, por vezes, foram construídos após a demolição de alguns destes, como a Residência Joaquim Pereira Lima e o Chalet do Dr.

#### A INTENDÊNCIA WASHINGTON LUÍS

O relatório do Intendente Washington Luís Pereira de Souza, de 31.12.1898, publicado no *Suplemento d'A Penna* é um documento informativo e analítico minucioso, acompanhado de dados estatísticos, resumindo as realizações e projetos da Batatais do final do século XIX.

As rendas do município de Batatais, incluindo os distritos de Matto Grosso (Altinópolis) e Ilha Grande (Jardinópolis), cresceram extraordinariamente. Em 1889, a arrecadação foi de 16:016\$784; em 1893, 35:284\$297; e, em 1898, já estava em 136:753\$872, dos quais 87:595\$370 correspondiam ao distrito de Batatais.

O substancial aumento da arrecadação, aliado à capacidade administrativa de Washington Luís, cuja primeira iniciativa foi a reforma da escrituração municipal, possibilitaram a realização de medidas há muito projetadas.

O Theatro Municipal, em 1897, foi completamente reformado e recebeu cadeiras na platéia e camarotes. A construção de um Matadouro era uma necessidade urgente, já que aquele edificado em 1886 era precário, como reconheceu Lopes de Oliveira, então Presidente da Câmara. O novo Matadouro foi construído com todas as condições de higiene e comodidade, junto ao Córrego do Lageado, pelo empreiteiro José Zampieri, de acordo com projeto elaborado por Angelo Bonvicino, tendo sido inaugurado em 13.06.1898.

Neste mesmo ano de 1898, finalmente, foi edificado o Mercado Público e instalado o Paço Municipal, dos quais já falamos, sendo que o último, até então, ocupava o prédio da Cadeia, na casa comprada de Martinho Ferreira da Rosa.

-----

<sup>58</sup> Construído após a demolição da velha casa de Tristão Antônio da Silveira, em 1894. *Livro de Lançamentos dos contribuintes ao imposto predial*. Vol 1895-1898, p. 1, e Frans, *op. cit.*, p. 29

Algumas previsões do *Código de Posturas de 1894*, elaborado pelo próprio Washington Luís, foram realizadas, como o estabelecimento do serviço de limpeza pública através de carroças que recolhiam a varredura das ruas e o lixo das habitações, e o levantamento da planta da cidade, elaborada pelo engenheiro José Niederkrücker.<sup>59</sup>

A canalização do Córrego do Peixe, que havia sido iniciada por particulares em 1893 e abandonada no ano seguinte, foi retomada e concluída em 1898, sob a direção do mesmo engenheiro Niederkrücker, abastecendo 91 "pennas d'água". Com a canalização dos córregos, a água disponível nas habitações se tornou abundante, requerendo a organização de um serviço de remoção de águas servidas. O Relatório do Intendente expôs a situação:

"As edificações em Batataes, vão se concentrando, diminuindo os quintaes, e a abundancia de agua de que dispoem, transformam os pateos em lameiros que escorrem para as ruas constituindo focos de infecção perigosissimos para a saude publica.

"Do mesmo modo merece estudo attento e acurado da Camara Municipal a remoção de materias fecaes.

"É verdade que já não se utiliza a agua de cisternas; mas, mesmo assim, chamo a attenção dos poderes municipaes para esse questão de extrema necessidade e importancia."

Apesar da questão do esgoto ter sido estudada no mesmo ano pelo higienista Dr. Gualter Pereira, e terem sido realizados estudos preliminares para a rede de captação, em 1899, os recursos disponíveis não permitiram a obra, orçada em 1:000:000\$000, quando

-----

<sup>59</sup> Esta planta se encontra enquadrada no Museu Histórico Washington Luís, em Batatais. Não obtivemos uma cópia fotográfica satisfatória e sua fragilidade desaconselhou a remoção para ser copiada em papel.

as rendas municipais atingiam 103:515\$590,<sup>60</sup> e estavam desfalcadas da contribuição do terceiro distrito, Jardinópolis, recentemente emancipado.

A colaboração da iniciativa privada, esboçada nestes anos 90s, participa da ampliação da iluminação pública, oferecendo à municipalidade, em 1897, seis lampeões a querosene com os respectivos postes para serem colocados na Rua Direita.<sup>61</sup> O número de lampeões doados não foi inexpressivo, se considerarmos que, em 1898, foram acrescentados 36 aos 91 existentes. Entretanto, sonhava-se com a iluminação elétrica e o Intendente considerou a iluminação existente "imprestável, indigna mesmo de uma cidade como Batataes". Mas a eletricidade só chegaria no início do próximo século.

Por fim, outra realização relevante de 1898 foi o sargeteamento de 2.805 metros de rua, ultrapassando a duplicação dos 2.295 metros que já existiam.

O Intendente Washington Luís, após fazer esse balanço dos serviços realizados e das necessidades que cumpria atender, conclui:

"As condições do município são, pois, prosperas, florescentes; e alimento a certeza de que si administrações futuras forem energicas, escrupulosas e trabalhadoras, o município de Batataes ocupará um dos primeiros lugares entre os seus irmãos de S. Paulo." (P. 27.)

-----  
<sup>60</sup> O Relatório do Intendente Washington Luís, de 02 de janeiro de 1900. *Suplemento d'A Penna*, 25.02.1900

<sup>61</sup> Ofício do Dr. Joaquim Raimundo da Cunha Lobo e outros. Atas da Câmara V. 1892-1898, fl. 118.

## O INICIO DO SÉCULO XX

O século XX se iniciou sob expectativas otimistas, como expressou o Intendente Washington Luís em seu *Relatório de 1898*. Mas estas expectativas não se confirmaram. O mesmo *Relatório* já detectara a crise e alertara o município para os riscos advindos da produção agrícola baseada na monocultura cafeeira:

"Terríveis são as circunstancias em que se encontra grande parte deste município; aquella que se dedica á lavoura exclusiva do café.

"Os lavradores de café, illudidos com a alta anterior dos preços d'esse producto, sacaram sobre o futuro, empenhando-se para o alargamento de suas plantações, construcções de machinas, casas, custosos terreiros, unificando a sua producção, exaggerando a retribuição ao trabalhador agrícola.

"Bem cedo amarga desillusão veio mostrar que o *café não dá para tudo*; e o minguado preço que logram alcançar pelo seu unico producto de exportação, esvae-se em salarios a colonos e em juros a capitalistas.

[...]

"Ainda assim, não tem sido este município dos que mais tem soffrido com a grande crise, porque não é exclusivamente cafeeiro, é tambem criador, extrahe borracha, de que é rico, tem pequena lavoura de canna de assucar, alem da de cereaes monopolisada pelos colonos."

Tendo em mente esta problemática, Washington Luís chegou a encomendar, no mesmo ano, estudos ao engenheiro Adolpho Barbalho Ulhôa Cavalcanti, comissionado pelo governo estadual, visando a

plantação e a extração racional da borracha, então caracterizada como atividade executada aleatoriamente, "como uma exploração de cousa achada".

A preocupação com a diversidade agrícola materializava-se na própria concessão de cartas de datas, fornecidas sob determinadas condições, a serem cumpridas no prazo de um ano: construir a casa de moradia e limitar o terreno conforme o *Código de Posturas*; e cultivar meio hectare do terreno "de qualquer maneira, contando que entre essa cultura haja legumes ou cereaes."<sup>1</sup>

No entanto, a crise do café esboçada no final do século afetou Batatais severamente. Em 1902, são constantes as circulares, ofícios e publicações recebidas pela Câmara Municipal, tratando da crise, como: "A Colonização e a limitação da plantaçoão cafeeira", de Carlos Botelho; "A Alta do Café", de Cezar Freijanes; e "Manifesto à Lavoura", da Sociedade Nacional de Agricultura. Na sessão da Câmara de 23.6.1902, chegou-se a propor que seu Presidente apurasse "a opinião da maioria dos lavradores do município sobre a ideia de limitação de novas plantaçoões de café."<sup>2</sup>

Durante o período de 1902 a 1904, foram tomadas algumas medidas paliativas que beneficiaram a população. Em 2.10.1902, são reduzidos "os preços de aluguel dos quartos do Mercado Municipal ficando o preço a 10\$000 para os quartos pequenos e 15\$000 para os grandes."<sup>3</sup> Uma redução significativa, se compararmos estes preços com aqueles estabelecidos pela Lei n.º 126, de 10.01.1900: respectivamente, 30\$000 e 40\$000.<sup>4</sup> Esta mesma lei hierarquizou o núcleo urbano, dividindo a cidade em primeiro e segundo

-----

<sup>1</sup>Carta de data n.º 27, de 12.6.1897, anexa ao requerimento de 28.6.1905. Arquivo da Câmara. Ano 1905, C. 31.

<sup>2</sup>Atas da Câmara. Vol. 1901-1902.

<sup>3</sup>Atas da Câmara. Vol. 1901-1902.

<sup>4</sup>Publicada no *Supplemento d'A Penna* em janeiro de 1900.

perímetros, para a cobrança do imposto "viação". No último trimestre de 1902, este imposto foi cobrado apenas no primeiro perímetro, e para o exercício de 1904, os impostos "Indústrias e Profissões", "Predial", "Alvarás e Licenças" e "Produção de Café" tiveram uma redução de 10%, e o imposto "Viação" foi suprimido.<sup>5</sup>

O jornal *O Cartel*, de 13.1.1904, sob o sugestivo título "Sem Nuvens", apelava para a retomada do progresso:

"É necessario, urge, que aqui o progresso reviva forte, e corra qual Pegaso Novo, para que assim Batataes possa emparelhar-se com cidades visinhas, saindo de vez dessa apathia, desse torpor, dessa retrogradação, para a qual velosamente a encaminhavam..."

Aliás, a crise também foi severa com a imprensa local. Em 1895, a cidade contava com cinco periódicos, entre os quais *A Penna*, que chegou a atingir a elevada tiragem de 600 exemplares, mas foi extinto com o início do século. Neste período, foram lançados cerca de 20 jornais, a maioria de curtíssima duração. Só em 1908, com o lançamento de *A Gazeta*, mais tarde chamada *Gazeta de Batataes*, a cidade contaria com um jornal estável e longevo.

Essa conjuntura deve ter afetado o dinamismo construtivo que foi uma das principais características da Batatais do final do século XIX, e que só será retomado na próxima década; e provavelmente explique o pequeno número de edificações remanescentes do início do século XX, construídas a partir de 1905.

Os edifícios públicos já existentes, como o Paço, o Matadouro e o Theatro, foram, em 1906, apenas mantidos com reparos e pintura. Na ocasião dos reparos do Theatro Municipal, Carlos Alberto de Agostini, "Pintor Acadêmico", propôs-se, em 21.3.1906, a "fazer e pintar os scenarios indispensaveis para a organização

-----

<sup>5</sup>Em 3.11.1903. Atas da Câmara. Vol. 1903-1905.

de boas peças", pelos quais cobraria um conto de réis "attendendo o estado actual das cousas."<sup>6</sup> Sua proposta não foi aceita pela Câmara Municipal, embora reconhecesse sua necessidade, por falta de verbas. A Cadeia Pública foi reformada e ampliada com verba proveniente do governo estadual. Além do auxílio financeiro concedido para a construção do Grupo Escolar "Dr. Washington Luís", o único edifício público construído com verbas municipais foi o pequeno coreto do Largo da Matriz, em 1907.

Apesar das condições desfavoráveis, algumas realizações importantes foram efetivadas.

As iniciativas municipais da primeira década do século XX centraram-se principalmente na educação primária. O ensino público estadual, como já vimos, constava de escolas instaladas nas salas de algumas residências, e existiam pequenas escolas particulares, mas, ao que parece, desejava-se escolas maiores, públicas ou privadas, que reunissem e atendessem a um número maior de crianças.

Neste sentido, foram aprovados dois projetos,<sup>7</sup> ainda em dezembro de 1899: o primeiro autorizava o Intendente a "despender a quantia de 200\$000 mensaes em auxílio ao collegio que se fundar nesta cidade e que demonstrar ter condições de estabilidade", e resultou, em 1904, na fundação das escolas salesianas: a Escola Agrícola São José, masculina, que mais tarde passou a ser o Colégio São José, e o Colégio Nossa Sra. Auxiliadora, para o sexo feminino. O segundo projeto criou o curso primário, municipal, atendendo crianças de ambos os sexos. Não sabemos exatamente quando foi inaugurada a Escola Municipal de Batatais, em prédio alugado, mas em 1901, já estava em funcionamento,<sup>8</sup> e existiu até a instalação do Grupo Escolar Dr. Washington Luís, em 1911.

-----

<sup>6</sup>Arquivo da Câmara. Ano 1906, C. 32.

<sup>7</sup>Em 11.12.1899. Atas da Câmara. Vol 1899-1901, fl. 19.

<sup>8</sup>Em 2.7.1901. Atas da Câmara. Vol. 1899-1901, fl. 357.

O Intendente Renato Jardim, em 30.8.1901, já tinha proposto a criação da primeira escola agrícola, a Escola Municipal de Agricultura, que foi instalada no edifício do Lazareto Público, provavelmente já desativado, e nos terrenos anexos.<sup>9</sup> Em 1904, esta escola foi transferida para o governo estadual, e transformada em Posto Zootechnico, onde se realizou de 20 a 22 de junho de 1905 a Exposição Regional de Batatais, apresentando animais e maquinaria agrícola,<sup>10</sup> na qual certamente figurava a máquina de beneficiar arroz inventada em 1899 em Batatais pelo italiano Samuel Biagi.

A criação das escolas agrícolas, do Posto Zootechnico e a realização da Exposição Regional se inserem na busca de uma saída para a problemática da crise de superprodução de café, formando mão de obra para culturas diversificadas e apoiando o desenvolvimento agropecuário.

Batatais ainda não possuía um hospital. As primeiras providências para a construção da Santa Casa de Misericórdia já haviam sido tomadas, mas o edifício, iniciado em 1905, só estaria pronto na próxima década. A iniciativa de atender à saúde pública coube à Sociedade Italiana de Beneficência, criada no final do século. Em 17.04.1901, seu Presidente, Giovanni Ponte, comunica à Câmara a criação de "uma assistência pública, para proteger e socorrer aos infelizes e desprotegidos da sorte, sem distinção de nacionalidade."<sup>11</sup>

O serviço telefônico talvez tenha sido estabelecido a partir do contrato lavrado em 13.11.1906, com Francisco Antonio Gonçalves, pois, em 1908, o serviço está em funcionamento.

A necessidade de dotar a cidade de uma iluminação pública mais eficiente era uma discussão constante. Um edital de concorrência pública "para a iluminação da cidade a gaz acetylene,

-----

<sup>9</sup>Atas da Câmara. Vol 1899-1901, fls. 374 a 387.

<sup>10</sup>Arquivo da Câmara. Ano 1905. C. 31.

<sup>11</sup>Atas da Câmara. Vol. 1899-1901, sessão de 15.5.1901, fl. 342.

electricidade ou qualquer outro systema já experimentado no Brazil" foi publicado no jornal *A Penna*, de 25.2.1900. Talvez derive daí a primeira experiência neste sentido, realizada no Theatro Municipal que, em fevereiro de 1903, inaugurava a iluminação "a gaz acetylene".<sup>12</sup>

Finalmente, na sessão ordinária de 4.4.1904, a Câmara Municipal, sob a forte impressão causada pelo recebimento do convite da Câmara Municipal de Franca, para assistir aos festejos da inauguração da luz elétrica francana, autoriza imediatamente o Intendente a "chamar concorrentes para a illuminação publica a luz electrica."<sup>13</sup> A concorrência pública, aberta no dia seguinte, foi vencida pela Companhia Paulista de Eletricidade, criada em 1888, com sede em São Paulo, e, em 5 de agosto de 1904, celebrou-se a assinatura do contrato com o prazo de 6 meses para a eletrificação da cidade.<sup>14</sup> Após ser concedida a prorrogação do prazo estabelecido, por 40 dias, "sob a condição de serem substituídos os dous arcos voltaicos não installados, por vinte lampadas incandescentes que serão collocadas no centro da cidade,"<sup>15</sup> a iluminação elétrica de Batatais foi inaugurada em 16 de março de 1906.<sup>16</sup>

Na fotografia seguinte, podemos observar alguns aspectos da Rua Barão de Cotegipe, a partir do Largo da Matriz. Esta imagem é datável da primeira década deste século, a partir de 1906, pois exatamente nas esquinas do Largo, bem nos ângulos dos edifícios,

-----

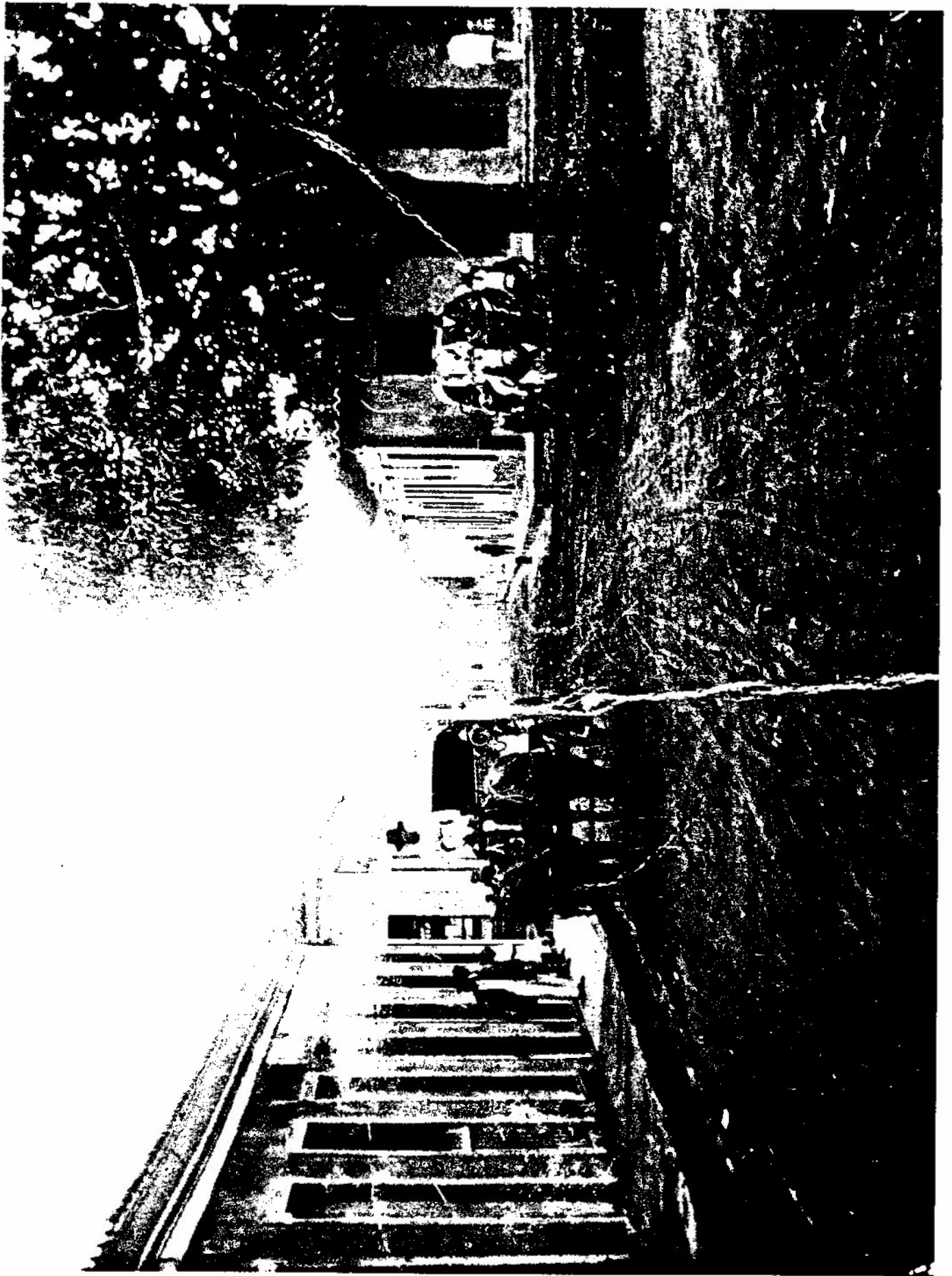
<sup>12</sup>Frans, J. "In illo tempore..." I. O Theatro em Batataes. *Gazeta de Batataes*. n. 636, 22.12.1918.

<sup>13</sup>Atas da Câmara. Vol. 1903-1905, fls. 116 e 117.

<sup>14</sup>Atas da Câmara. Vol. 1903-1905, fl. 165.

<sup>15</sup>Em 2.2.1906. Atas da Câmara. Vol. 1905-1907, fl. 31.

<sup>16</sup>Primeiro Relatório Trimestral do Intendente Municipal Vigilato Augusto Franco. Arquivo da Câmara. Ano 1906, C. 32.



estão colocadas as luminárias, e os postes da rede elétrica perfilam-se, descendo a rua, pelas sarjetas, disposição que talvez tenha sido idealizada para evitar estragos nas calçadas. No final da rua, defrontando-se com ela, o escritório da Companhia Paulista de Eletricidade, na Pça 15 de Novembro.

As duas últimas residências, à esquerda, interrompem com seus áticos a linha contínua dos beirais dos telhados, e mesclam suas fachadas "clássicas" com as velhas fachadas dos edifícios de taipas.

As ruas de terra apresentam-se sulcadas pelas rodas dos carros à tração animal, único meio de transporte público, cuja ocupação principal era a conexão da cidade com a estação de trem.

O ajardinamento do Largo da Matriz não é visível porque seus canteiros não chegavam até o alinhamento das ruas.

A arborização de ruas e praças passou a compor o orçamento municipal em 1901, com o intuito de embelezar a cidade. Em 2.1.1901, o Largo da Liberdade passou a se chamar Largo Barão do Rio Branco, em homenagem ao Barão, pela satisfatória solução da questão dos limites entre o nosso país e a França. Nesta ocasião, a Câmara autoriza o Intendente a "mandar levantar planta e orçamento para o ajardinamento do Largo", mas só em 1905 é autorizado a contrair um empréstimo de 6:000\$000 pagável em 1906, para o ajardinamento da então Praça Barão do Rio Branco.

Não sabemos exatamente em que ocasião foi ajardinado o Largo da Matriz, em torno da igreja, mas no final de 1905, já estava pronto e, em princípios de 1906, o Intendente Vigilato Franco declara estar "tratando de ajardinar o Largo da Matriz, na parte que fica à frente da Igreja."<sup>17</sup>

As ruas continuaram a receber abaulamento e sarjetamento, benfeitorias que, em 1906, alcançaram as ruas mais periféricas, como a Santa Cruz e a 21 de Março.

-----  
<sup>17</sup>Primeiro Relatório Trimestral do Intendente Vigilato Augusto Franco. Arquivo da Câmara. Ano 1906, C. 32.

A inexistência de uma rede de esgotos continuava a ser um problema, mas se tomou uma medida paliativa, em 1908, para contornar as inconveniências da condução das águas servidas pelas ruas:

"As águas servidas, menos as de lavagem de cozinha, só poderão escoar para as sarjetas depois das 8,30 horas da noite em diante, sendo convenientemente desinfectadas com creolina ou outra substância analoga."<sup>18</sup>

As realizações mais importantes deste período abalado pela crise cafeeira, portanto, só foram executadas a partir de meados da década: a implantação de novas escolas, a iluminação elétrica, o ajardinamento das praças, a instalação telefônica e a construção de novos edifícios (localizados na planta à p. 224).

#### EDIFÍCIO DO CAP. MANOEL DE PAIVA LEITE

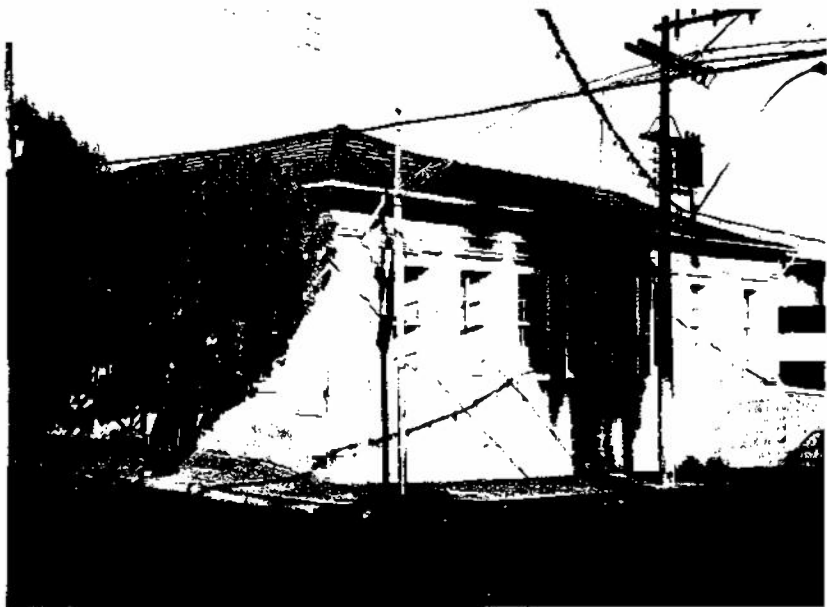
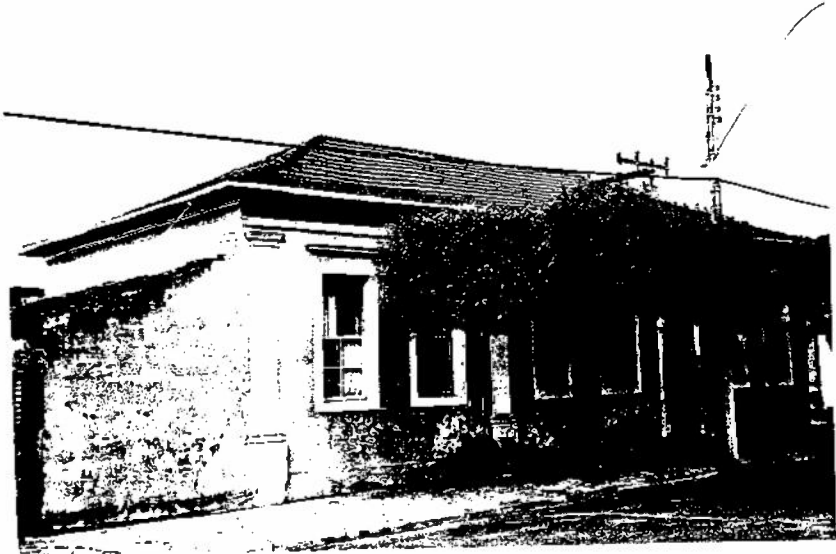
Rua Floriano Peixoto, 6.

O edifício, atualmente ocupado pelo Hotel Sta. Lúcia, foi construído pelo Cap. Manoel de Paiva Leite, possivelmente com o propósito de alugá-lo, como podemos inferir do requerimento de Henrique de Arruda, de 15.03.1905, dirigido à Câmara Municipal:

"O abaixo assignado requer a V.Sa. digne-se ordenar ao encarregado do serviço de águas, o assentamento de duas torneiras no *prédio recentemente construído* pelo Sr. Capitão Manoel de Paiva Leite, a rua Municipal esquina do Largo das

-----

<sup>18</sup> Em 2.10.1908. Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fl. 31v.



Dores, predio esse alugado pelo abaixo assignado..."<sup>19</sup>

A razão do requerente ter situado o prédio à R. Municipal talvez se deva a uma caracterização geral da localização do imóvel, que foi edificado na esquina das então R. Aurora (atual Floriano Peixoto) e R. Municipal (atual R. Mal. Deodoro).

O edifício se desenvolveu em "L", seguindo os alinhamentos da esquina e utilizou o porção para compensar o acentuado declive da rua lateral.

A composição de sua fachada não apresenta a mesma regularidade e simetria na disposição dos seus elementos decorativos, como nos edifícios até agora vistos. O descuido com o aspecto exterior do prédio talvez se deva ao fato de não ter sido construído para moradia própria.

Os flancos das fachadas são marcados por pilastras dóricas de fuste liso, assentadas sobre socos, que se repetem dissimetricamente, isolando duas janelas na fachada principal e uma única janela na lateral.

O ajuste do nível do porção à fachada principal ocasionou a brusca interrupção das bossagens que marcam a base da fachada lateral, sob as pilastras da esquina.

No entanto, a concepção dos vãos de molduras lisas e retas sobrepostas por vergas frisadas e a cornija percorrendo o perímetro do imóvel, sob os beirais do telhado, oferecem uma impressão geral de regularidade ao edifício.

#### RESIDÊNCIA E CASA COMERCIAL DE ANTÔNIO SIMIONI

R. Sete de Setembro, 311, esquina R. Mj. Antônio Cândido.

A data da edificação é destacada nas duas cartelas do friso, sobre a porta da esquina: 7.6.1905.

-----

<sup>19</sup>Arquivo da Câmara, Ano 1905, C. 29.



FOTO: J. COLI

O prédio, congregando casa comercial e residência, foi construído para o italiano Antônio Simioni, nascido em Marano, em 1866. Simioni chegou a Batatais em 1894 e iniciou seus negócios com as economias reunidas enquanto colono em Cravinhos e, posteriormente, empregado de uma casa comercial em Ribeirão Preto.

Em 1905 instala-se no novo edifício comercializando produtos diversificados: alimentos, tecidos, roupas brancas, ferragens e miudezas,<sup>20</sup> muitos deles expostos nas portas de seu estabelecimento, como vemos abaixo.



A implantação do edifício foi executada nos alinhamentos das ruas, sobre porão, com pequeno afastamento lateral e amplo recuo de fundo, onde se situa o quintal da residência.

As duas funções, comercial e residencial, não são destacadas pela ornamentação das fachadas, mas unicamente pela disposição das aberturas. A casa comercial, reconhecível pela seqüência de portas, volta-se para a R. Sete de Setembro, e o acesso à residência se faz por uma porta discretamente colocada na fachada lateral, voltada para a R. Major Antônio Cândido. A fachada posterior, também indistinta pela decoração, abriga a porta residencial dos fundos, centralizada entre duas janelas, e acessada por uma escada de degraus circulares.

O edifício foi construído basicamente num bloco retangular,

---

<sup>20</sup>Buccelli, V., *Libro d'oro dello Stato di S. Paolo*. Roma, Fratelli Capaccini, 1912. p. 446.



cuja única perturbação é a esquina chanfrada. Este corte na retangularidade, além de destacar uma das entradas comerciais, sobre a qual estão dispostas as cartelas datadas, possibilitou a continuidade rítmica das fachadas, já propiciada pela aplicação uniforme dos elementos decorativos e pela equidistância dos vãos.

Os vértices do prédio são marcados por pilastras dóricas caneladas, assentadas em socos retangulares. Acima dos capitéis corre a longa arquitrave em três faixas, recebendo o friso superior composto por triglifos e métopas, sob o beiral da cobertura. O tratamento dos vãos repete-se em todas as fachadas: molduras retas e lisas, acima das quais um pequeno elemento decorativo em arabesco insere-se entre os modilhões da verga frisada. As portas são compostas por bandeira de ferro e duplas folhas de madeira, e as janelas por bandeira fixa de vidro e duplas folhas envidraçadas sobre folhas de madeira.

Internamente, a casa comercial ocupa o grande retângulo fronteiro e a residência, pela disposição das duas portas de entrada, deve apresentar um corredor central em "L".

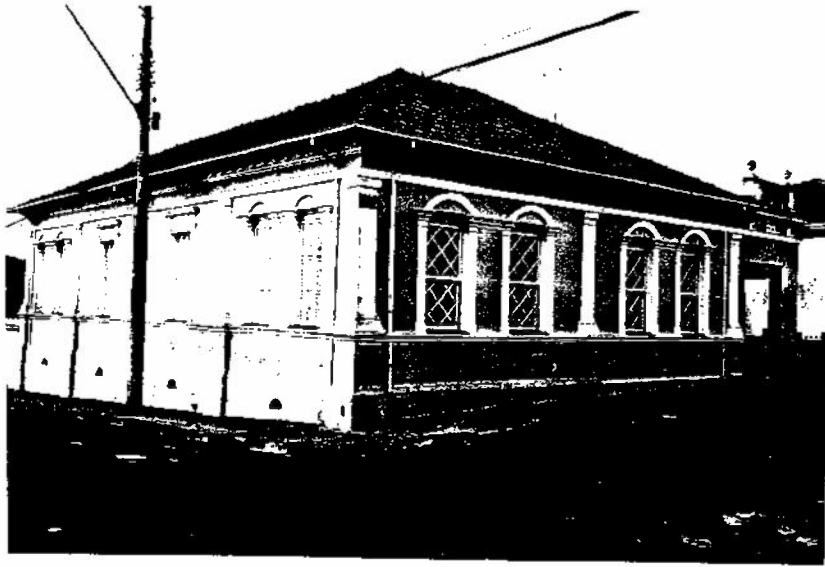
O edifício de Antônio Simioni apresenta uma composição simples e harmoniosa, habilmente resolvida com poucos elementos da sintaxe clássica.

#### RESIDÊNCIA DR. JOSÉ PAULINO PINTO NAZÁRIO

R. Dona Adorama, 309.

Este edifício resultou de uma reforma realizada em 1908, como mostra a cartela na fachada, que transformou a casa comercial da família Paulino na residência do médico José Paulino Pinto Nazário. Uma reforma posterior removeu o portão de ferro, contendo as iniciais "JPPN" do Dr. José Paulino, que servia de entrada à residência, sob o pequeno ático, e acrescentou o atual alpendre lateral.

A leitura das fachadas do edifício revela algumas ocorrências que renovam a aplicação ornamental. Em primeiro lugar, notamos um exercício de duplicação dos elementos decorativos, a começar pela



base marcada ao nível do porão e na linha dos parapeitos das janelas. Estas, na fachada principal e nos flancos da fachada lateral, são ladeadas por pequenas pilastras dóricas de duplos capitéis e sofrem, elas próprias, um efeito visual de duplicação, advindo não só da linha unificadora de seus parapeitos, na verdade uma cornija deslocada, mas também de um engenhoso artifício: o prolongamento dos capitéis promovendo a união. Na fachada lateral, as janelas isoladas centrais substituem o arco superior por duplas vergas retas que são continuação dos capitéis.

Além disso, observa-se uma concentração decorativa entre o alinhamento dos parapeitos e a faixa frisada superior, onde se inserem as pilastras dóricas, sobre socos originários da base, que assinalam os vértices do edifício, isolam as janelas e, possivelmente, marcavam as laterais do antigo portão.

Por fim, sob os beirais do telhado, é notável a faixa ressaltada por mútulos agigantados.

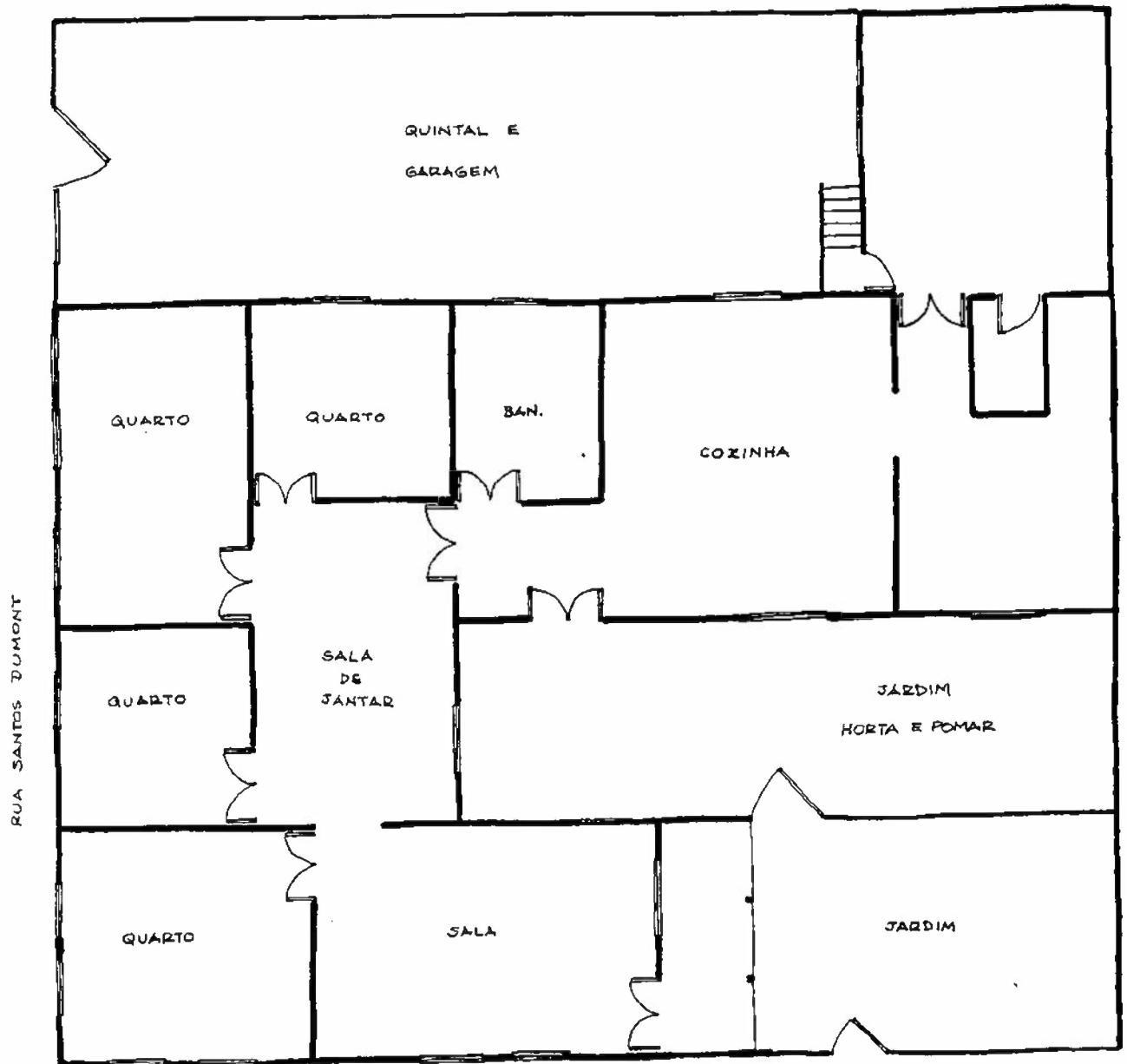
A estrutura que encimava o portão de ferro, composta por um pequeno ático retangular, ornamentado por um arco em meio a um baixo relevo floral, e coroado por vasos, ajusta-se mal ao corpo principal do edifício, talvez resultado das alterações impostas pela mais recente reforma do imóvel.

A composição da fachada deste edifício revela que a linguagem arquitetônica da tradição clássica está sendo utilizada de maneira nova e inventiva, explorando as possibilidades criativas dos elementos decorativos em novos arranjos formais.

No levantamento da planta do edifício deixamos de nomear a parte dos fundos, à direita, resultantes da última reforma. A nosso ver, a cozinha original ligava-se diretamente à escada de acesso ao quintal e talvez tenha existido aí um outro recuo lateral.

A implantação do edifício na esquina do lote apresenta um recuo lateral, onde se instala a porta de entrada, ampliado pelo afastamento dos blocos que possibilita o arejamento da sala de jantar. Neste afastamento foi criado uma espécie de quintal interior cultivado, isolado do jardim fronteiro por um muro alto

RESIDÊNCIA DR. JOSÉ PAULINO PINTO NAZÁRIO  
PLANTA BAIXA S/ESC.



RUA DONA ADORAMA, 309

que, no entanto, possui um portão que possibilita um segundo acesso da cozinha à rua.

O esquema geral de distribuição e circulação do espaço interno é semelhante aquele empreendido pela Residência Joaquim Garcia de Oliveira, à p. 114: entrada lateral abrindo-se para a sala de recepção, os quartos agrupados na parte esquerda do imóvel, a sala de jantar voltada para o pequeno quintal, agindo como principal elemento articulador dos espaços interiores, e o banheiro e cozinha ao fundo, ligando-se ao quintal.

#### CADEIA - PROJETO DE AMPLIAÇÃO

Pça XV de Novembro - demolida.

A Cadeia Pública, inaugurada em 1888, encontrava-se, passados dez anos, em deplorável estado de conservação e solidez, apresentando comprometedoras rachaduras longitudinais nas paredes laterais e de fundo, e ameaçando ruir, conforme constatou o eng. Thomaz Frezza, da Superintendência das Obras Públicas, em 31.3.1898.<sup>21</sup>

A Câmara Municipal de Batatais havia sido encarregada pela Superintendência, em 8.3.1892, de fazer alguns reparos no edifício e de construir uma calçada de pedras à sua volta,<sup>22</sup> mas não realizou os serviços, o que ocasionou a corrosão dos alicerces pelas infiltrações pluviais e as conseqüentes rachaduras das paredes.<sup>23</sup>

-----  
<sup>21</sup>AESP, "Ofícios Diversos". Secr. da Agric. Ano 1898, C. 169.

<sup>22</sup>"...sendo de dois metros na frente e metro e meio no fundo e nos lados [...] mediante a verba autorizada de Rs 1:080\$200". Arquivo da Câmara. Anos 1893-1895, C. 4/5.

<sup>23</sup>"Sendo as fendas existentes devidas principalmente a infiltração das aguas pluviaes nos alicerces, por não ter a Camara Municipal

Diante da urgência na execução dos reparos, a Superintendência enviou o eng. Augusto Lefèvre para novo exame do edifício, a partir do qual Lefèvre opinou pela remoção dos presos e elaborou dois orçamentos: um para os reparos urgentes (amarração e escoramento do edifício e construção da calçada) e outro acompanhado de um projeto de ampliação, reproduzido à p. 77, solicitada pela Câmara, que iria "reforçar satisfatoriamente todo o edifício."<sup>24</sup>

Em 21.6.1898, foram autorizadas somente as obras indispensáveis, "ficando adiadas as referentes ao aumento da cadeia para a construção de aposentos destinados ao Jury e Camara Municipal".

A ampliação da Cadeia foi realizada durante o ano de 1900, iniciando-se com a contratação de José Zampieri, vencedor da concorrência pública, em 12.3.1900, com o prazo de quatro meses para a conclusão do edifício.<sup>25</sup> Zampieri já construía o Mercado e o Matadouro de Batatais, valendo-se dessas obras na apresentação de sua proposta à concorrência.

Em 30.4.1900, com as obras bastante adiantadas, José Zampieri solicita a presença de um engenheiro para inspeção do serviço já realizado e para "esclarecer-se de alguns pontos duvidosos da planta". A Superintendência designou o eng. Huascar de Souza Pereira, que introduziu algumas modificações, conforme planta seguinte, no projeto de ampliação do eng. Augusto Lefèvre, em

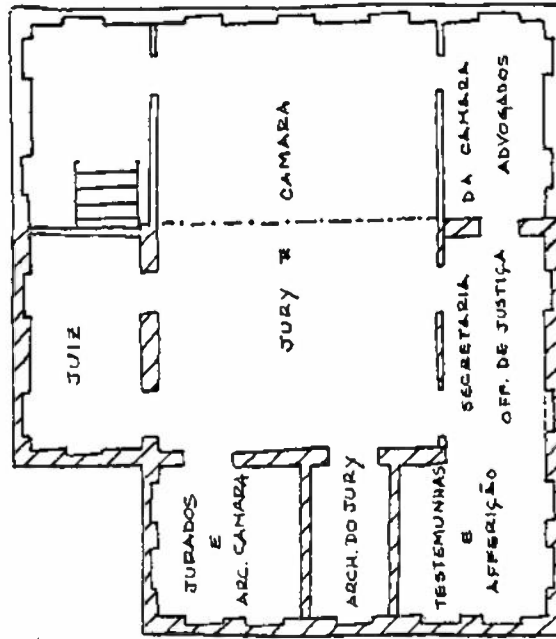
-----

feito em tempo o encaminhamento dessas águas, que devida a inclinação do terreno, correm em direcção do edifício escavando-o todo em redor. [...] É indispensável também construir uma calçada em volta do edifício..." Relatório de vistoria da Cadeia, pelo eng. Augusto Lefèvre em 30.4.1898. AESP "Ofs. Divs.", Secr. Agric. Ano 1898, C. 169.

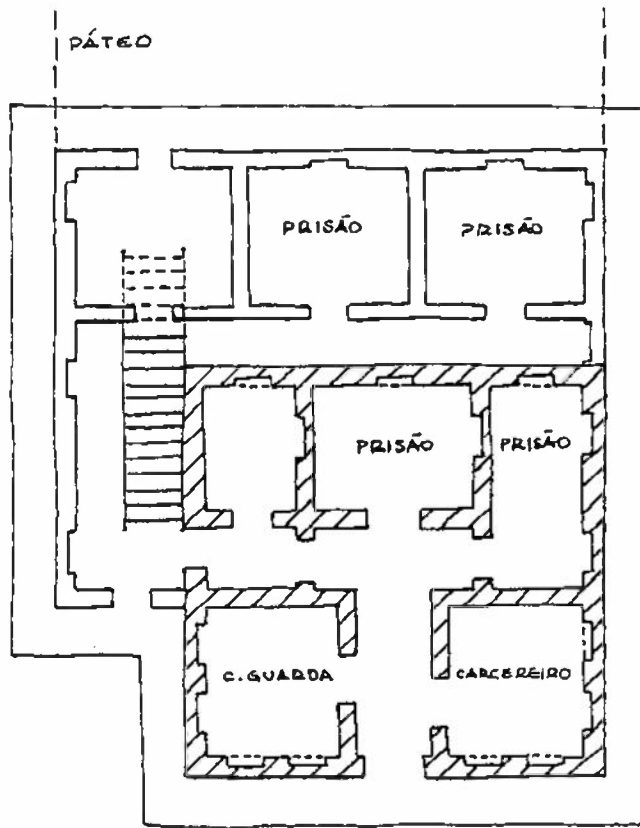
<sup>24</sup>AESP. "Ofs. Divs.", Secr. Agric. Ano 1898, C. 169.

<sup>25</sup>AESP. "Ofs. Divs.", Secr. Agric. Ano 1900, C. 244.

PROJETO DE AUMENTO DA CADEIA DE BATATAIS,  
DE AUGUSTO LEFÈVRE, DE 20.5.1898, COM MODIFI-  
CAÇÕES DE HUASCAR S. PEREIRA, EM 28.5.1900.



PAVIMENTO SUPERIOR



TÉRREO

29.5.1900:

"As modificações que adoptei a pedido do Dr. Presidente da Camara e do Dr. Juiz de Direito foram: a) Dar comunicação directa entre a cadeia e o pateo fechado. b) facilitar o acesso do 2o. pavimento mudando a escada, de modo a dar entrada conveniente ao publico, isolando-o do recinto reservado ao Jury, e evitando a passagem pela porta reservada a cadeia. c) Facilitar a ventilação das enxovias que ficavam sem ar nem luz directas. d) Fechar completamente as comunicações entre a cadeia e a sala do Jury e Camara, por meio de portas de ferro."<sup>26</sup>

O projeto de ampliação de Lefèvre conciliou a solicitação de mais espaço à necessidade de reforço estrutural do edifício, envolvendo com um "L" as paredes mais afetadas. As modificações empreendidas pelo eng. Huascar visaram, principalmente, a privatização dos acessos e da circulação entre os diversos espaços funcionais, sem alterar a volumetria determinada por Lefèvre.

A fotografia seguinte, tirada em 1910 para a confecção de cartões postais, retratou a Praça 15 de Novembro, mostrando o edifício da Cadeia, ao fundo. As obras de ampliação não atingiram a fachada original, e estenderam a ornamentação das laterais à parte ampliada.

-----  
<sup>26</sup>AESP, "Ofs. Divs.", Secr. Agric., Ano 1900. C. 244. (Anexo ao Ofício n. 799, de 20.6.1900).



*Escuela Luz Electrica, Cadetes Publicos, D. C.*

## ESCRITÓRIO DA COMPANHIA PAULISTA DE ELETRICIDADE.

Praça XV de Novembro - demolido.

O escritório da Companhia Paulista de Eletricidade foi construído na Praça XV de Novembro, no local antes ocupado pela cadeia velha. A data de sua construção provavelmente tenha sido entre agosto de 1904, quando foi assinado o contrato para instalação da luz elétrica, e março de 1906, data da inauguração da iluminação.

O edifício, reproduzido na imagem anterior, em frente à Cadeia Nova, compõe-se de um volume paralelepípedo, agregando à fachada de caráter classicizante, o telhado sobreposto por uma mansarda de cobertura independente, envolta por lambrequim, buscando o efeito pitoresco.

A organização da fachada é perfeitamente simétrica, utilizando-se de pilastras, cuja ordem não é possível determinar, para ladear a porta central e as duas janelas laterais, que são sobrepostas por vergas alteadas em modilhões.

No entanto, acima da cornija se encontra uma organização formal bastante original: um estreito friso ressaltado corre sobreposto ao meio da platibanda, formando um frontão triangular central, que recebe a placa com as iniciais da empresa e realça a porta de entrada do edifício. Este pequeno frontão estabelece um diálogo com as estruturas superiores: retoma em seus lados a inclinação do telhado, coaduna sua largura com a dimensão longitudinal da mansarda, e repete a triangulação das empenas desta, voltadas para as fachadas laterais.

O pequeno escritório revela o potencial plástico da linguagem arquitetônica da tradição clássica e sua capacidade de conjugar elementos exóticos em perfeita harmonia.

## CAPELA DE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA - demolida.

A Câmara Municipal, em 2.2.1906, examinou a petição da

Associação de Santo António de Pádua, "requerendo gratuitamente a data de terra devoluta n.º. 24, a fim de ser construída uma capella com o mesmo nome", e concordou com seu deferimento, "depois de aprovada a planta da projectada capella."<sup>27</sup>

Em 5.2.1906, foram apresentados "os documentos n.º. 1, 2 e 3 os quaes dão idea da Capella de Santo Antonio a construir-se nesta cidade", aprovados, no dia seguinte, pelo Intendente Vigilato Franco.

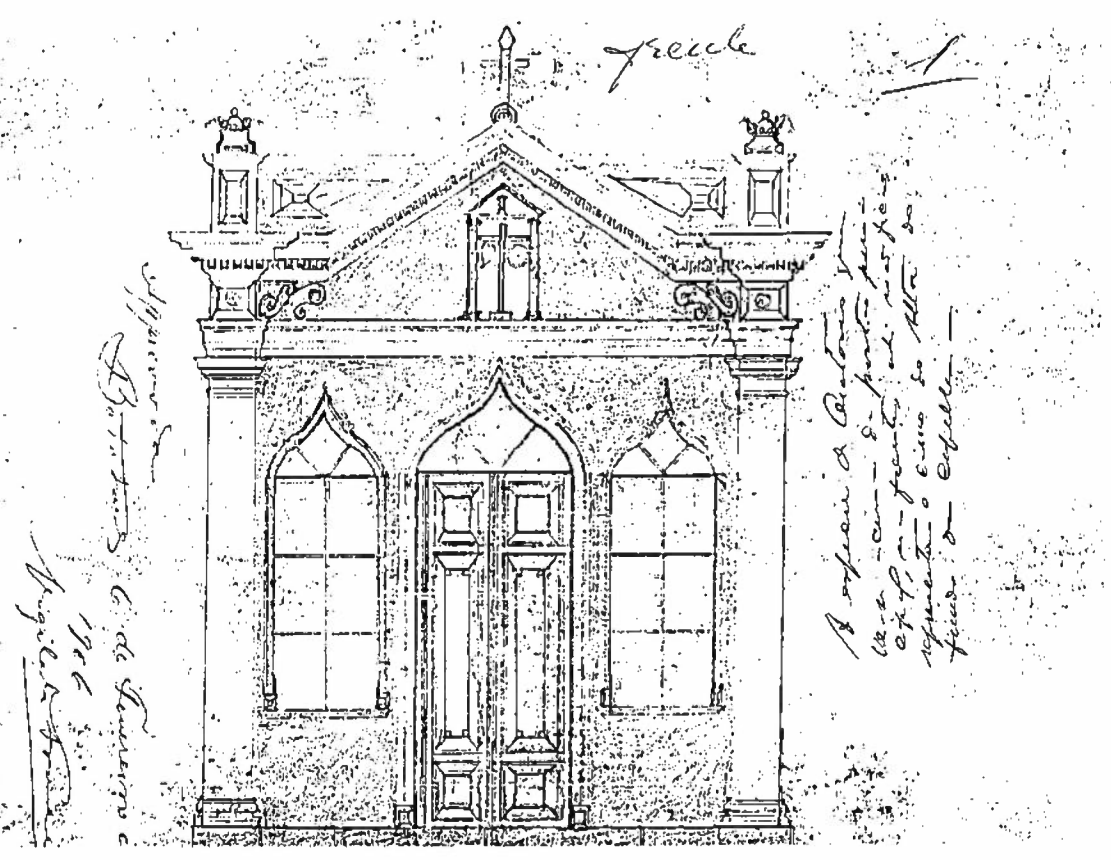
Os referidos documentos, reproduzidos a seguir, constituem-se no projeto arquitetônico e a interessante observação de que eles "dão idea da Capella" encontra sua razão de ser no exame do projeto, de autoria de Guilherme Rosada. Este exame revela um desenho tecnicamente modesto, com certa dose de ingenuidade, que apresenta vãos desproporcionais ao edificio e congrega projeções de diferentes planos, como os "oclos para lus dentro", na planta baixa, e o pequeno oratório do frontão, explicado na planta de fachada, pelo próprio Intendente: "A espécie de Oratorio que ve-se acima da porta principal, na frente, ahi não fica, representa o cimo do Altar do fundo da Capella." Entretanto, o projeto apresentou as plantas com a escala determinada de 3:100 e observou a declividade do terreno na composição da fachada lateral.

A capela projetada consistia num volume paralelepípedo, abrigando nave única, de modestas proporções: 5m de frente, 7m de fundo e cerca de 6,3m de altura.

A organização da fachada é simples, mas comporta alguma sofisticação na articulação dos elementos formais, especialmente no entablamento que desenvolve um complexo sistema de sustentação visual. A partir das pilastras dóricas laterais, os ressaltos vão sendo sucessivamente ampliados até o arremate do frontão e o apoio à decoração do ático. A inserção do frontão triangular quebrado é perfeita, sobrepujando o ático, ao mesmo tempo em que lhe dá sustentação. Este sistema de apoios visuais envolve até pequenos

-----

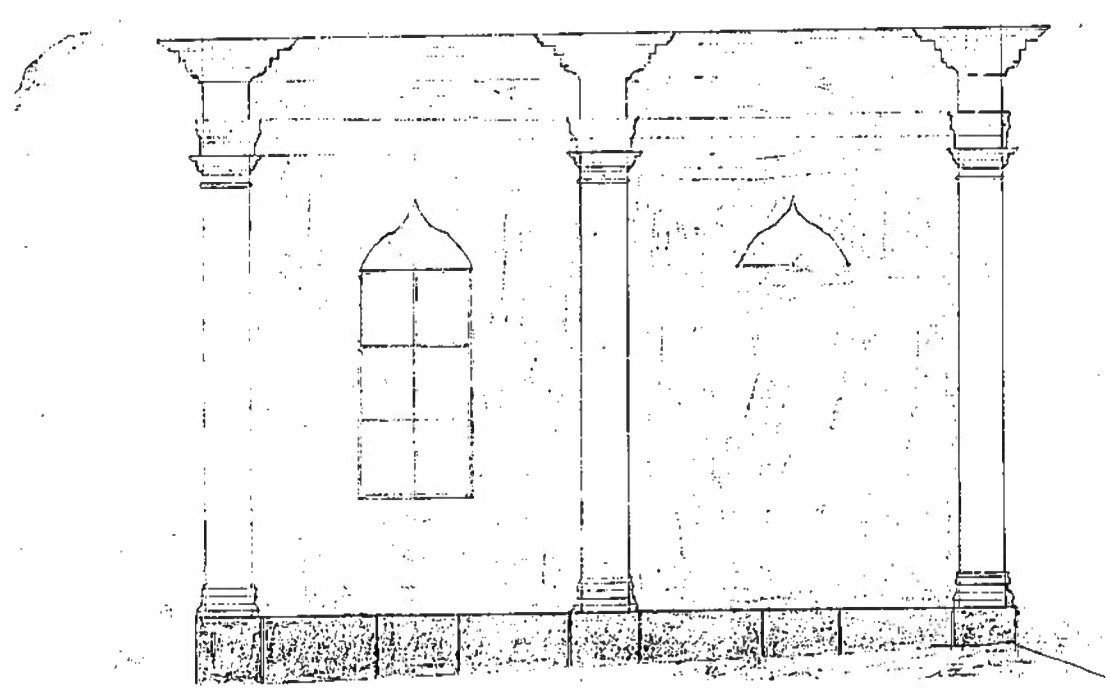
<sup>27</sup> Atas da Câmara. Vol. 1905-1907, fl. 31v.

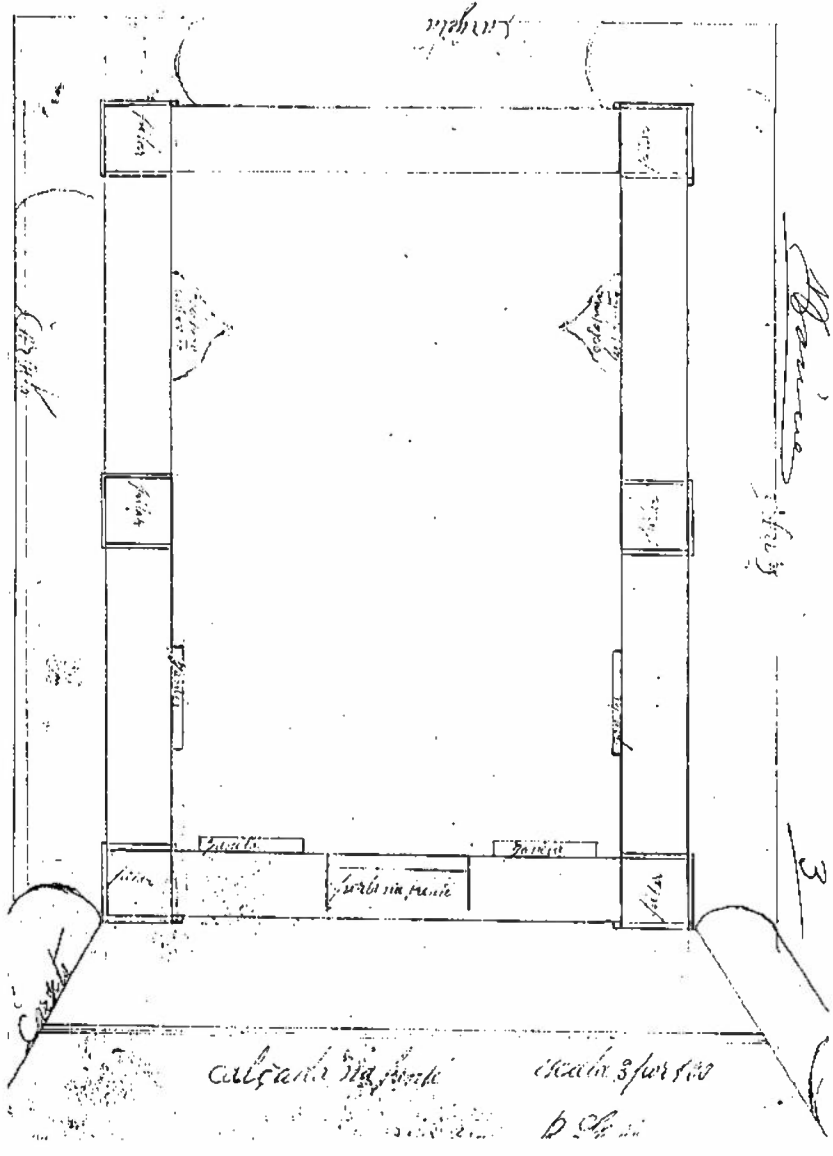


*W. W. Brown*  
 6-2-1916

Latéral

2





elementos, como os conjuntos de volutas sob o acabamento do frontão.

Nas fachadas laterais, a ornamentação é simplificada às pilastras dóricas nos vértices e no centro, isolando a janela e o óculo, e à platibanda, com cornijamento ressaltado na linha das pilastras.

As aberturas, encimadas por bandeiras de arco composto, evocando formas orientais, compreendem os elementos exóticos das fachadas, mas a exemplo do que ocorre na reconstrução da Igreja Matriz não passam de citações dentro da rígida concepção volumétrica e formal da tradição clássica. Tradição esta que abarca até mesmo o pequeno altar, composto por pilastras jônicas, sustentando o frontão triangular.

É curioso observar como à modéstia técnica do desenho não corresponde a elaboração formal da fachada. Esta dicotomia possivelmente resulte da formação não-acadêmica de Guilherme Rosada que, no entanto, foi um profissional extremamente treinado na prática construtiva e com domínio das regras compositivas.

Este projeto foi o único documento iconográfico da Capela de Sto. Antônio que encontramos, não sendo possível nos certificarmos da execução integral do projeto. No entanto, o edifício foi construído, pois em 2.7.1910, a Câmara, atendendo à solicitação da Irmandade de Sto. Antônio, autoriza o Prefeito "a dar escriptura publica do terreno *onde está edificada a Igreja de seu padroeiro*, obedecendo entretanto as conveniencias do alinhamento de modo a não prejudica-lo futuramente..."<sup>28</sup>

#### CORETO DO LARGO DA MATRIZ - demolido.

A construção de um coreto no Largo da Matriz foi decidida pela Câmara Municipal em 13.12.1899, "a fim de nelle, aos Domingos

-----

<sup>28</sup> Atas da Câmara. Vol. 1908-12, fl. 80.

e dias de festa, reunirem-se as bandas musicas a fim de servir de entretenimento publico."<sup>29</sup>

No entanto, passaram-se oito anos até que, em fevereiro de 1907, a Câmara apresentasse a planta do coreto, abrindo concorrência pública para sua construção. Foram apresentadas duas propostas. A primeira, em 15.2.1907, de José Augusto do Amaral, especificando os materiais (alicerces de pedra, estrutura de madeira e cobertura de zinco) e as dimensões a serem observadas, orçada em 2:700\$000. Em 22.2.1907, Guilherme Rosada orça sua proposta em 2:995\$000, excluídos "os demais serviços que não constam da referida planta, e que são de summa necessidade, como sejam: Tres oculos para a correntesa de ar [30\$000], passeio de cimento em volta do coreto de 1<sup>m</sup>. de largura por 15<sup>cent.</sup> de alt. [100\$000], quatro estantes e quatro bancos bem feitos de madeira e um no centro para o mestre da música [195\$000]."<sup>30</sup>

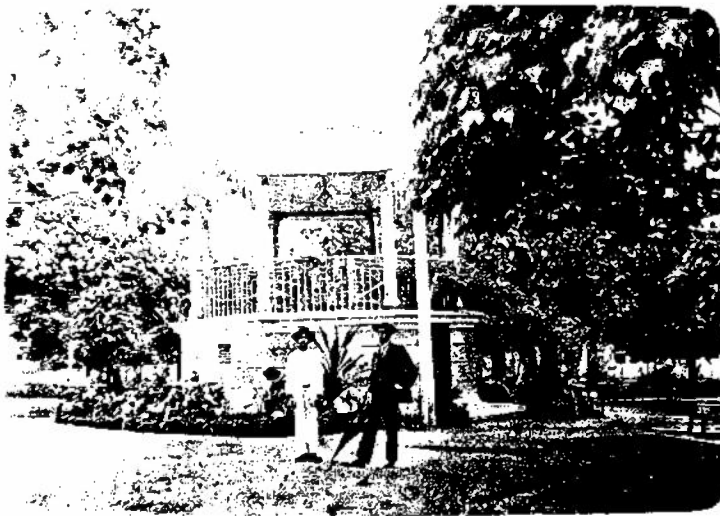
Não encontramos o resultado da concorrência, mas supomos que tenha sido aceita a proposta de Guilherme Rosada, profissional já prestigiado pela reconstrução da Igreja Matriz, pelo projeto e execução da Capela Santo Antônio de Pádua e capaz de sugerir importantes elementos construtivos adicionais à planta apresentada pela Câmara. Além disso, só a sua proposta recebeu a anotação "Acceitavel 22.2.907", do Intendente Vigilato Franco.

O local indicado para a construção do coreto, no centro do jardim, à frente da Igreja Matriz, foi alvo de acalorada discussão,<sup>31</sup> mas manteve-se o local designado, e a construção foi

-----  
<sup>29</sup> Atas da Câmara. Vol. 1899-1901. fl. 39.

<sup>30</sup> Propostas para a construção do coreto. Arquivo da Câmara. Ano 1907. C. 34.

<sup>31</sup> Em 4.4.1907, a Câmara apreciou a representação de 86 pessoas, contrárias à localização escolhida "...visto que ir cercear a liberdade com que as familias costumam dirigir-se á Egreja e perturbar as funcções religiosas da Matris", e a representação



iniciada em seguida.

-----

favorável, contendo 284 assinaturas, "...visto com aos grandes interesses de uma colectividade é necessário que não sobrepujem as conveniências de uma parcialidade". Atas da Câmara, Vol. 1905-1907, fl. 70.

O coreto impunha-se no centro do jardim pela variedade formal que apresentava, a partir de sua base octogonal. Esta alta base em alvenaria, marcada por bossagens, abrigava a entrada e servia para guardar os instrumentos musicais das bandas, possivelmente nas estantes de madeira propostas por Guilherme Rosada, que também indicou a abertura dos óculos para ventilação e a calçada envoltória. Acima da base erguiam-se as oito colunas oitavadas sustentando a movimentada cobertura de zinco, adornada com lambrequins nas quatro empenas e na cúpula piramidal, de base envidraçada, que coroava o edifício. Uma leve balaustrada de madeira torneada fechava o recinto do coreto e compensava a robustez da base.

O coreto do Largo da Matriz situava-se na órbita dos pequenos edifícios pitorescos construídos para adornar os jardins, buscando uma ambientação romântica. Procurando exemplares nacionais antecedentes, encontramos edifícios construídos no Rio de Janeiro, em 1903, no início da administração Pereira Passos: o Coreto da Praça XV, cujo projeto foi copiado do jornal *Les Métaux Ouvrés*, que reproduziu o pavilhão exibido na Exposição Universal pela casa *M. M. Jouffroy & C.*; e o Pavilhão Rústico do Jardim do Alto da Boa Vista, projetado por L. Rey, bastante similar ao coreto de Batatais na sua planta octogonal e na concepção da cobertura.<sup>32</sup>

#### GRUPO ESCOLAR "DR. WASHINGTON LUÍS"

Pça. Anita Garibaldi.

O primeiro local escolhido para a instalação de um grupo escolar foi a Pça Barão do Rio Branco, no terreno doado à Câmara

-----  
<sup>32</sup>Cf. Del Brenna, G.R., *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro, Index, 1985, pp. 81, 82 e 107.

Municipal pelo Dr. Manoel Furtado, em abril de 1905.<sup>33</sup> A partir desta data, até 1908, foi desenvolvido o projeto de um edifício de planta quadrada, encerrando um pátio interno.<sup>34</sup> Sem que os documentos revelem as razões, este projeto e o próprio local foram abandonados.

O projeto definitivo do Grupo Escolar "Dr. Washington Luís" foi elaborado em 1909 pelo arquiteto Mauro Álvaro, e implantado na Pça. Anita Garibaldi. O projeto de Mauro Álvaro foi complementado pelo arquiteto José Van Humbeeck, com planta de 13.9.1910, apresentando a implantação do edifício com os galpões e sanitários ao fundo, já demolidos, e o projeto do gradil e muro de fecho.

A execução do edifício foi contratada em 1.12.1909, com o engenheiro Affonso Geribello, de Ribeirão Preto, e iniciada dias depois.<sup>35</sup> Em 4.6.1911, inaugurou-se o edifício com a presença do homenageado pelo nome do Grupo Escolar, o ex-Intendente Washington Luís, então Secretário da Justiça e Segurança Pública do Estado.<sup>36</sup>

O edifício de um pavimento, sobre porão, adotou a planta em "U", com entrada central, através de escadaria, dando para o vestíbulo que se configura no eixo de simetria que divide o prédio em duas alas idênticas: a masculina, à esquerda, e a feminina, à direita. Este isolamento verifica-se já nos portões, na disposição das salas docentes, situadas ao lado das escadas e entradas laterais para alunos, e na separação física das áreas de recreação e sanitários.

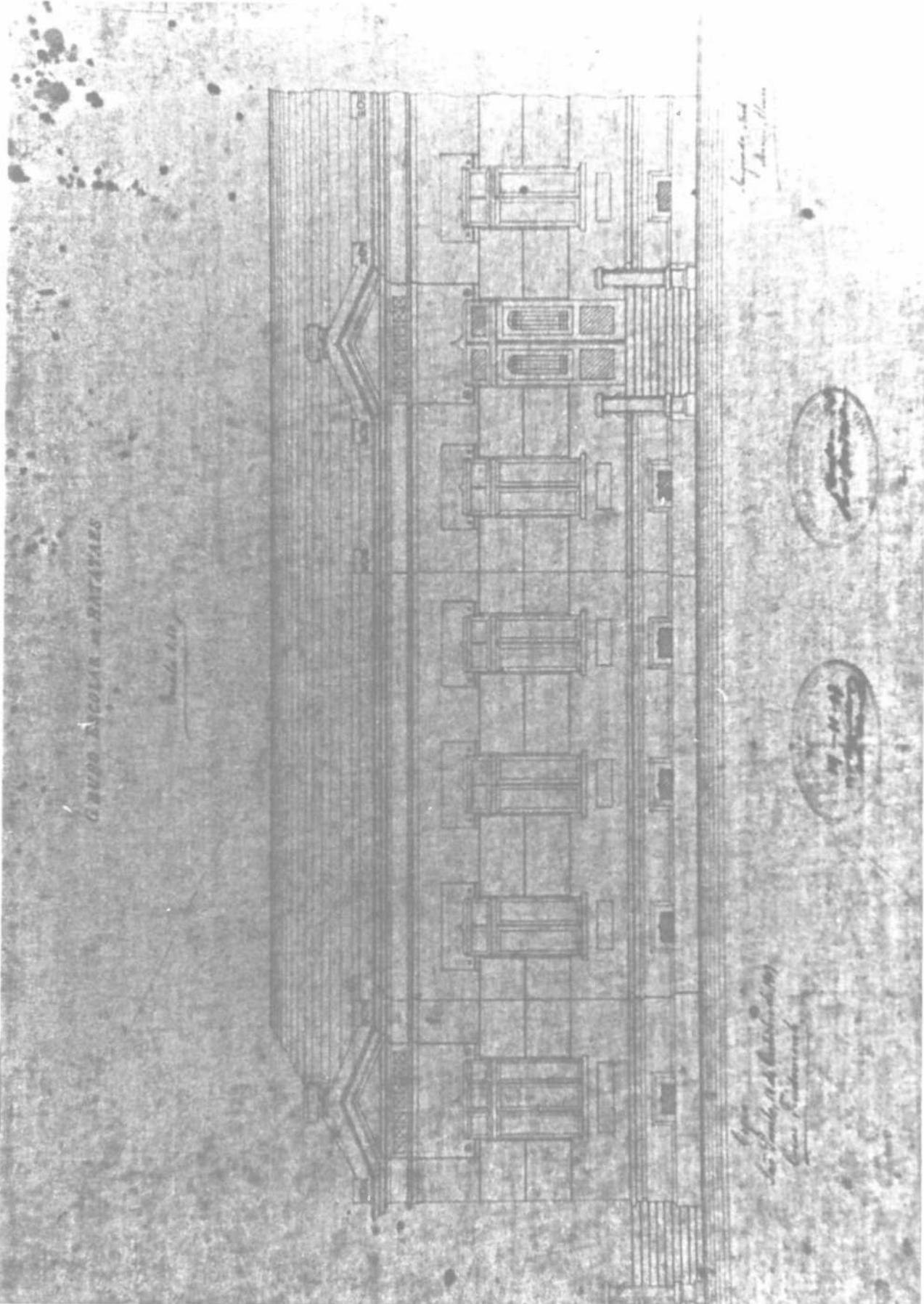
O prédio volta-se para um pátio interno, através da varanda coberta, que interliga as dependências da escola. Esta varanda de circulação possui cobertura independente sustentada por esbeltas colunas de ferro e guarda-corpos trabalhados em arabescos,

-----  
<sup>33</sup> Atas da Câmara. Vol. 1905-1907, fls. 3v, 4 e 9.

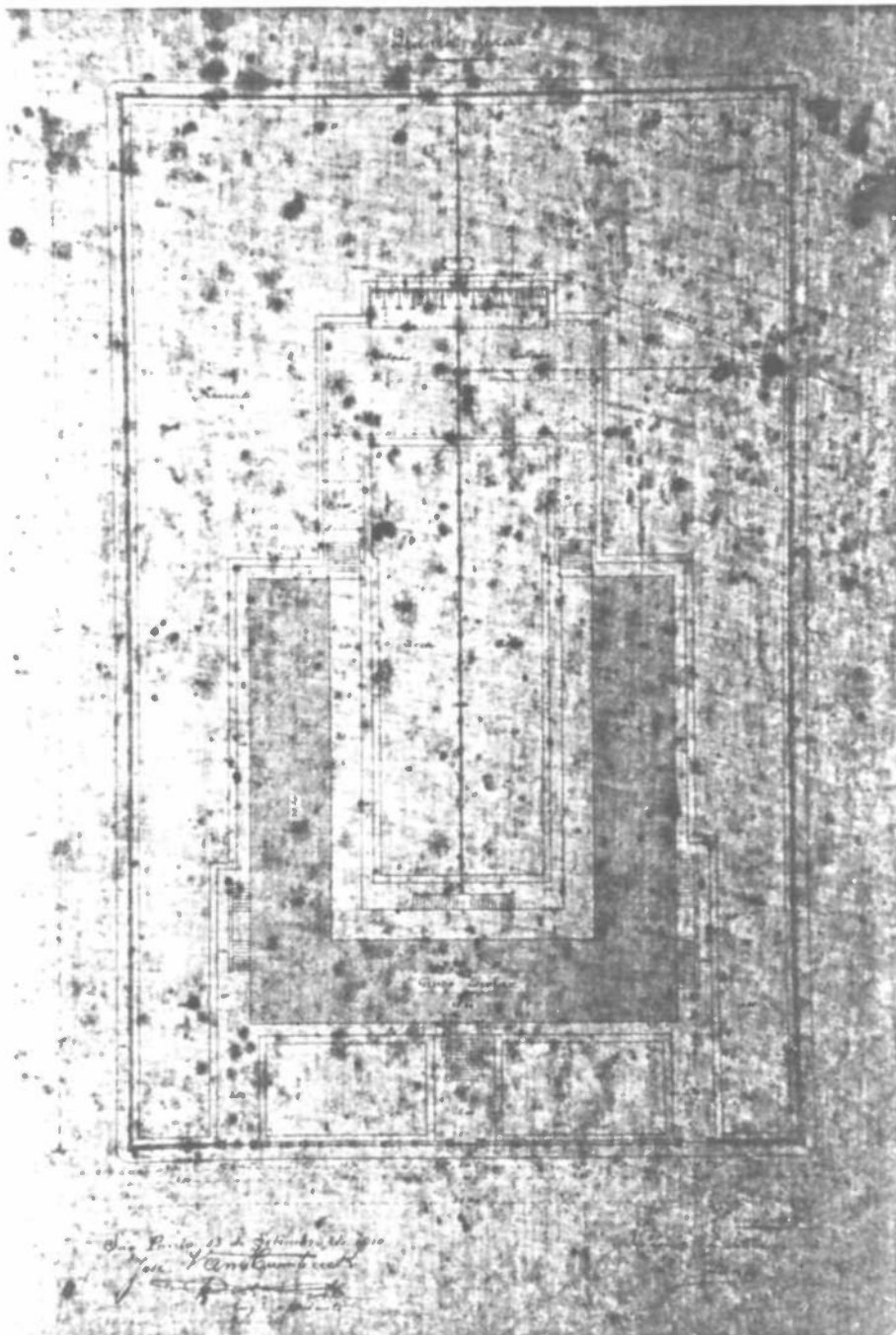
<sup>34</sup> Planta Geral de Manoel Sabater, de 17.6.1908.

<sup>35</sup> *Gazeta de Batataes*, 11 e 18.12.1909.

<sup>36</sup> *Gazeta de Batataes*, 4.6.1911.

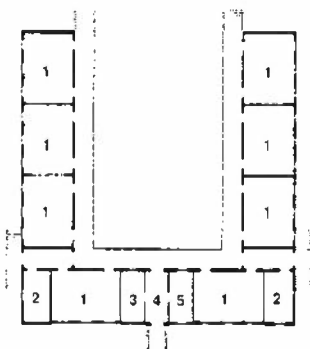




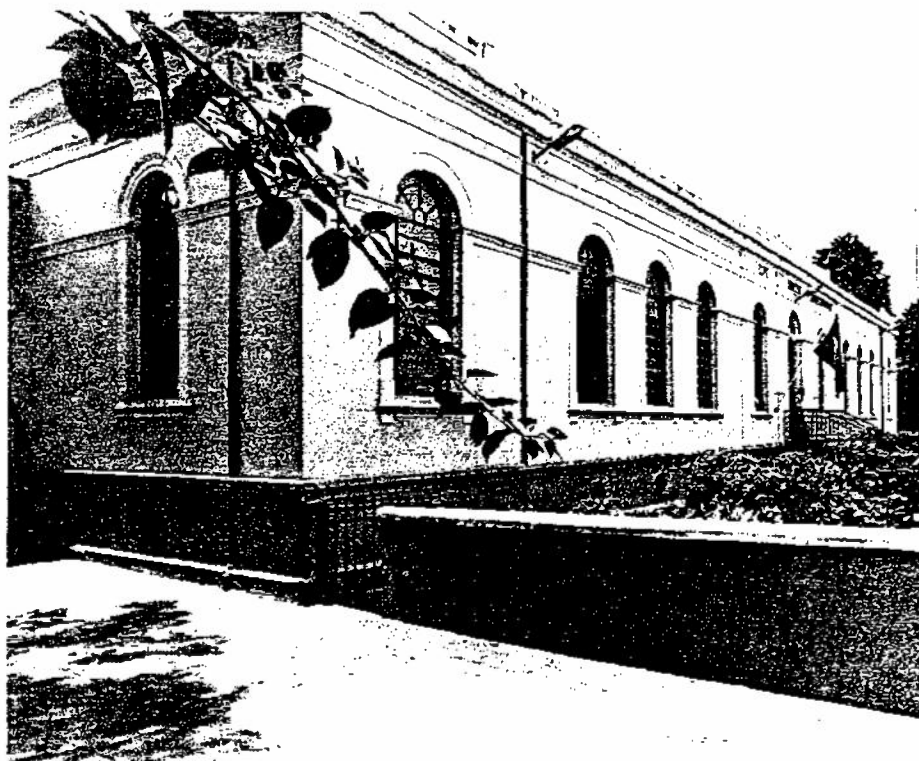


protegidos por corrimãos de madeira. A escada que vence o desnível entre a varanda e o pátio é apresentada em sua forma definitiva, de dois lances, na planta de José Van Humbeeck.

A planta adotada em Batatais, foi implantada também pelo Grupo Escolar de Palmeiras, em 1909, embora apresente diferente tratamento formal de fachada, utilizando-se de vãos em arco pleno.<sup>37</sup>



- 1. sala de aula
- 2. professores
- 3. objetos escolares
- 4. vestibulo
- 5. diretor

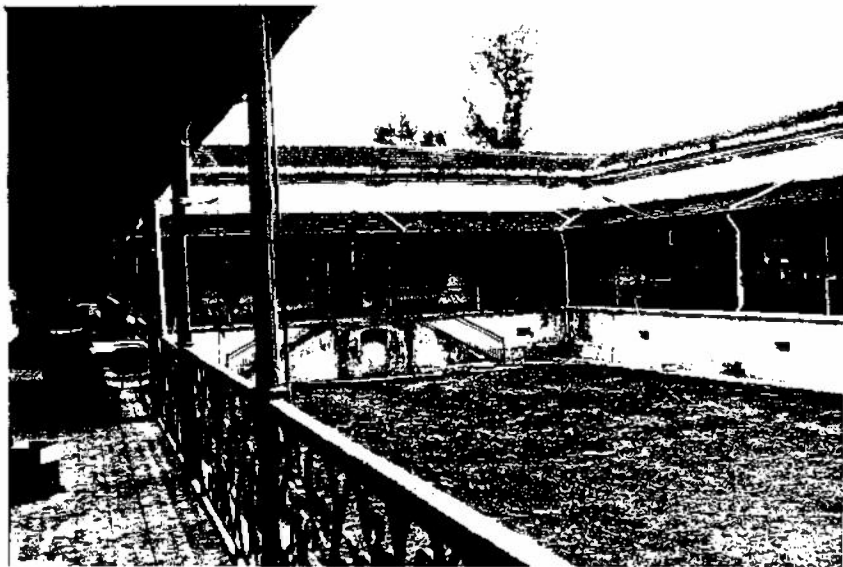


A organização da fachada do G. E. "Dr. Washington Luís" obedece estrita simetria, com leves ressaltos marcando as entradas

-----

<sup>37</sup> O volume *Arquitetura Escolar Paulista 1890-1920*, Introdução, (Corrêa, M. E. P., et al.) esclarece que "com algumas exceções, para as edificações escolares executadas entre 1890 e 1920 foram utilizados 'projetos padrões', que com variações de fachadas ou mesmo com fachadas idênticas, eram implantados em diversas localidades".





central e laterais, e as extremidades do bloco frontal, coroadas por frontões triangulares unificados por uma estreita platibanda e pelo cornijamento inferior.

A linguagem ornamental é bastante simplificada: os elementos decorativos são reduzidos às faixas; às linhas incisivas unindo os vãos; aos painéis geométricos fixados por pequenas peças circulares sobre as aberturas; e aos painéis retangulares sob as janelas. A substituição das janelas originais por vitrôs alterou a antiga relação formal e proporcional existente no conjunto janela-painéis.

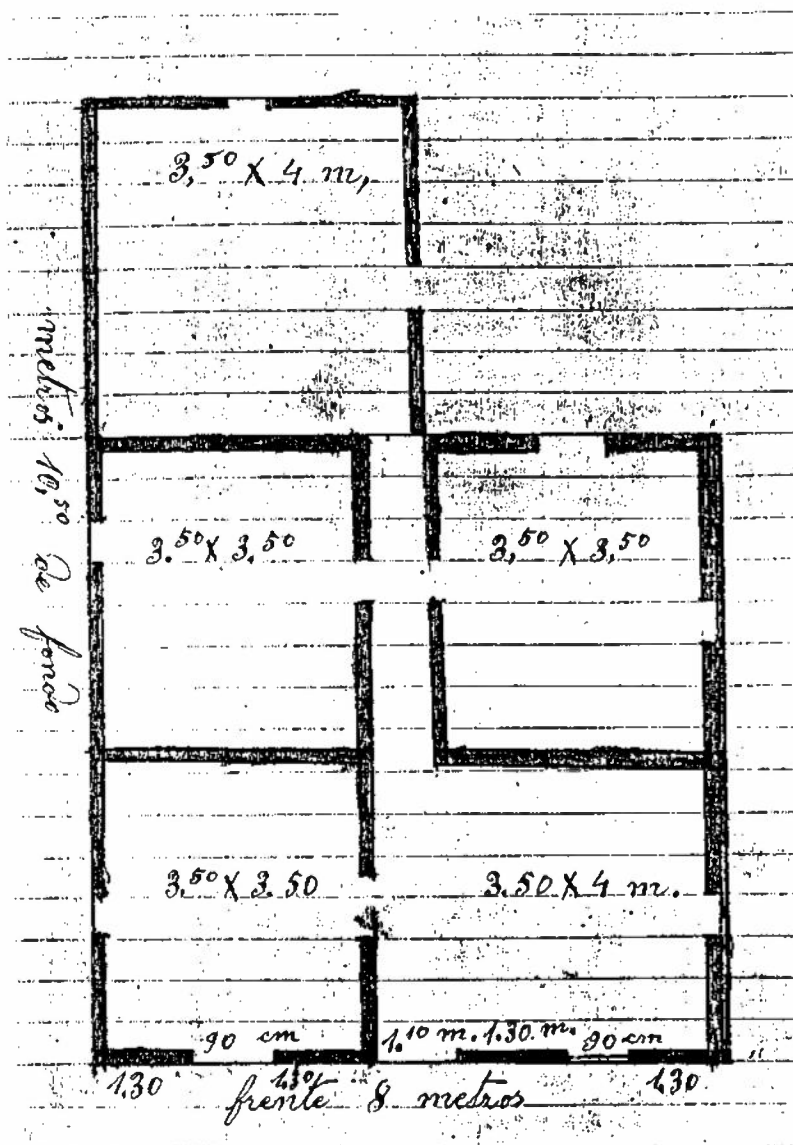
A inserção do edifício no ambiente urbano é perfeita. Quer por sua volumetria, externamente configurada num prisma geométrico, quer pelo vocabulário formal empregado, com nítida ascendência da linguagem da tradição clássica, quer pelas simetrias observadas em sua composição, o Grupo Escolar não rompe com o diálogo estabelecido entre os edifícios da cidade.

Nesta pequena amostragem da arquitetura batataense de meados da primeira década do século XX, não existem edifícios luxuosos, como certamente foram o Antigo Paço Municipal e o Chalet do Dr. Furtado. Evidentemente, se a crise cafeeira do início do século chegou a afetar o dinamismo construtivo da cidade, também impediu a execução de construções suntuosas. No entanto, comparadas as produções dos dois períodos, constata-se que nos edifícios mais recentes ocorre uma exploração da linguagem arquitetônica da tradição clássica.

Esta linguagem é trabalhada, em cada edifício, de maneira sempre nova e inventiva, explorando as possibilidades criativas dos elementos decorativos em novos arranjos formais. Especialmente a Residência José Paulino Pinto Nazário, o Escritório da C. P. E., e a Capela de Santo Antônio apresentam relações formais e proporcionais mais elaboradas, com grande envolvimento dos elementos compositivos mobilizados através de duplicações, justaposições, sobreposições, alongamentos e ampliações.

Mesmo no edifício Antônio Simioni, onde a linguagem formal é claramente afirmada, sem maiores complicações, buscou-se um efeito determinado, levando em conta a localização do edifício (numa esquina) e sua função (comercial) neste ponto, para destacar o vértice do prédio através da quebra de sua retangularidade e da condensação dos ornamentos que compõem as fachadas. Este artifício, além de realçar a casa de negócios, certamente destaca o edifício das demais construções no cruzamento das ruas.

Quanto às plantas arquitetônicas residenciais, além da familiaridade constatada entre a Res. José Paulino Pinto Nazário e a Residência Joaquim Garcia de Oliveira, acrescentamos a planta abaixo, apresentada em 29.5.1905, para aprovação pela Intendência



Municipal,<sup>38</sup> que retoma o difundido esquema de entrada e corredor central, configurado como eixo de simetria, dispondo a sala na frontaria, quartos nas laterais e cozinha ao fundo.

Ainda que duas plantas seja um número extremamente reduzido de exemplares, elas apontam para a permanência das tipologias correntes na última década do século XIX.

O Grupo Escolar "Dr. Washignton Luís", projetado em 1909, deriva de um programa oficial de construções escolares, desvinculado da produção arquitetônica local. No entanto, o projeto das fachadas opera uma simplificação e geometrização dos elementos decorativos, derivados da linguagem da tradição clássica, antecipando ocorrências similares que vão ser empreendidas em Batatais no mesmo ano de sua inauguração, em 1911. E o recuo frontal observado na implantação do edifício também está sendo desenvolvido, com maior movimentação de fachada, na construção da Santa Casa de Misericórdia, iniciada em 1905.

Na verdade, o exercício do olhar sobre o conjunto de objetos, mesmo o Grupo Escolar "importado", revela que a arquitetura se assenta sobre um fundo cultural comum, desenvolvendo-se no seu próprio interior, e mantendo poucas relações com a arquitetura internacional do século XIX.

-----

<sup>38</sup> Planta anexa ao pedido de licença para edificação, apresentado por Marino Sopranzetti(?). Arquivo da Câmara. Ano 1905. C.30, doc. 1866.

MARIA STELLA TEIXEIRA FERNANDES DUTRA

A ARQUITETURA DE BATATAIS

1880 A 1930

VOLUME 2

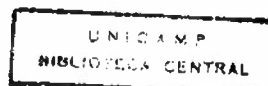
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA  
AO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DO INS-  
TITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HU-  
MANAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
CAMPINAS.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À  
REDAÇÃO FINAL DO VOLUME 2 DA  
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APRO-  
VADA PELA COMISSÃO JULGADORA  
EM 15/09/1993.

  
PROF. DR. JORGE COLI  
ORIENTADOR

SETEMBRO DE 1993

196



## A DÉCADA DE 10

Na segunda década deste século, precisamente em 1911, se iniciou uma nova época para Batatais, sobretudo tendo-se em vista a problemática conjuntura econômica do início do século, quando a crise de superprodução de café, conforme já vimos, a atingiu severamente, reduzindo a realização de melhorias urbanas e a construção de edifícios.

Os acontecimentos que principiaram em 1911 mostram que a recuperação econômica já se iniciara<sup>1</sup> e que este ano se apresentou como um marco da revitalização urbanística, arquitetônica e cultural de Batatais.

1911 foi o preciso momento em que Batatais, decididamente, passou a se desejar uma cidade moderna e progressista, iniciando um conjunto harmônico de providências que, como veremos, visou desde a erradicação de antigos aspectos urbanos indesejáveis até a dotação de melhoramentos, como os modernos e funcionais equipamentos de infra-estrutura (rede de esgotos, água, calçamento, reforma da iluminação pública), o ajardinamento de praças e ruas, a uniformização dos passeios, a busca de espaços

-----

<sup>1</sup>As estatísticas disponíveis apontam os anos 1912-1913, como o pico da produção de café no município, no período de 1912 a 1922:

1912-1913	10.878.000	cafeeiros	664.350	arrobas	produzidas
1913-1914	7.454.750	"	569.650	"	"
...					
1920-1921	9.737.200	"	306.000	"	"
1921-1922	7.243.000	"	330.000	"	"

Cf. Piza, M., *Os municípios do Estado de São Paulo - Informações interessantes*. Serviço de Publ. da Secr. da Agric., Com. e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 1924

mais adequados a novas atividades recreativas e culturais, e o incentivo à construção de novos edifícios.

A *Gazeta de Batataes*, já firmada como órgão estável e forte da imprensa local, que também contava com o jornal *A Cidade*, passa, a partir de 1911, e com grande acento na próxima década, a influir decisivamente nos rumos que a cidade tomará. Na verdade, a influência da imprensa no desenvolvimento local já se mostrara claramente em 1886, quando se opôs ao projeto de revisão do *Código de Posturas de 1872*, conforme relatamos às pp. 67ss. Mas agora a *Gazeta de Batataes* é porta-voz de ideais progressistas, iniciando em 1911 uma longa série de artigos que propugnava pelo progresso e modernização da cidade, indicando como modelos as cidades que sofreram, ou estavam sofrendo, uma série de intervenções urbanas modernizadoras, das quais se tomava conhecimento através das revistas, "com as paginas repletas de photographias do passado que cede lugar ás grandes manifestações do futuro", e dos jornais que "noticiam planos arrojados para proximas inovações":

"A Capital da Republica, desde a benefica administração de Passos, caminha dessassombradamente ao lado das mais bellas capitaes do mundo.

"A população de Recife assiste satisfeita de alguns dias para cá a demolição de innumerous predios para a abertura de avenidas.

"A Capital do nosso Estado, já liberta do nome de cidade velha, é hoje um centro elegante. Com os melhoramentos com que vae ser dotada será um verdadeiro orgulho para a patria brasileira."<sup>2</sup>

A partir destes modelos e da constatação do superior desenvolvimento do interior paulista, com a criação de escolas, a fundação de "casas de beneficiencia", a multiplicação das

-----

<sup>2</sup>*Gazeta de Batataes*, 19.2.1911.

fábricas, mostrando a "marcha triumphal da Industria", o crescimento do comércio com a expansão das vias de comunicação e o surgimento de "centros de diversões" por toda parte, o artigo salienta que Batatais não pode ficar indiferente "a essa febre salutar de progresso, [...] a cidade está exigindo reformas."

As reformas recaem sobre os edificios particulares, já que os edificios públicos "salvo raras exceções são dignos de figurar ao lado dos melhores do Estado". Assim, são apontados aspectos anti-estéticos e inconfortáveis que figuram nas ruas centrais da cidade: casas que "mal permitem que o homem n'ellas se conserve em pé [e que] além d'este inconveniente peccam mortalmente contra a esthetica: baixas, compridas, acaçapadas, mostrando além da parede quasi um metro de telhas quebradas..."; casas com a altura suficiente, mas onde "o reboque vae se desprendendo das paredes enquanto os vidros vão se pondo em debandada..."; e propriedades sem calçadas ou que "conservam as antigas, que era melhor não existirem. Nas construcções das já feitas não se observou uniformidade na largura, e alguns proprietários querendo ganhar espaço dentro de casa atravancaram os passeios com degraus impedindo o livre transito."

Esses aspectos indesejáveis dos edificios particulares eram advindos não só da inobservância das prescrições do *Código de Posturas de 1894* (altura das edificações, irregularidade ou inexistência de passeios, e degraus sobre as calçadas) e da má conservação dos prédios, mas principalmente da manutenção de construcções cuja descrição resume as características da antiga arquitetura de taipas, e de calçadas antigas, "que era melhor não existirem."

O jornal arrematou este artigo com palavras paradigmáticas, que passarão a nortear o desenvolvimento da cidade, e se constituíram no primeiro sinal da sistemática rejeição às antigas características urbanas, especialmente as construcções de taipas, que vai ser acentuada nos próximos anos 20s:

"Guardemos do passado tudo o que elle produziu de bom

mas deixemos desaparecer com elle tudo o que o presente  
e o futuro se envergonham de conservar"

A resposta da Prefeitura Municipal a este artigo  
jornalístico, foi concreta. Já no início de março de 1911  
determinou-se aos proprietários a imediata construção de calçadas  
nas ruas sargetadas, gerando as irônicas "Farpas", publicadas na  
*Gazeta*, que não deixaram de associar a medida à desejada  
modernidade urbana:

"A gente pobre não gostou  
E lá mesmo muito damnou,  
Mas ... o que da lei *fazer*,  
Si ella manda dizer  
*Incontinenti* se faça  
Do gosto...moderna graça?"<sup>3</sup>

Em agosto de 1911 desabou parte do telhado de um prédio à R.  
Cel. Joaquim Alves, e seu concerto foi embargado pela Prefeitura  
sob a alegação de que o imóvel estava em desacordo com o *Código de*  
*Posturas* quanto à altura e à construção.<sup>4</sup> Novas "Farpas",  
entretanto, colocaram às claras a propriedade da medida, capaz de  
erradicar edificações consideradas anti-estéticas:

"Que medida estupenda  
Esta agora em vigor  
Que prohiibe o concerto  
Do que cahir e feio fôr...

Que desabe um por dia

-----

<sup>3</sup> *Gazeta de Batataes*, 5.3.1911.

<sup>4</sup> *Gazeta de Batataes*, 27.8.1911.

(Já se sabe é telhado)

Pois, leitores, eu vos digo!

E assim... que bello achado!"<sup>5</sup>

Outros itens das reformas exigidas foram contemplados em outubro do mesmo ano, quando o imposto viação passou a incidir sobre os degraus nos passeios e sobre as frentes dos edificios sem calçamento, onde existiam guias.<sup>6</sup>

Chega a ser surpreendente a correspondência estabelecida entre as melhorias reclamadas pela *Gazeta de Batataes*, e as medidas que vão sendo tomadas pela administração municipal, então dirigida pelo Dr. Arlindo Lima. Certamente muitos dos melhoramentos locais necessários, seguidamente apontados pela *Gazeta*, constituíam-se em necessidades evidentes, de primeira ordem, que, inclusive, já haviam sido objeto da atenção de administrações anteriores, como foi o caso da remoção de águas servidas e materiais fecais, minuciosamente estudada pelo higienista Dr. Gualter Pereira, em 1898, durante a Intendência Washington Luis, conforme já vimos. Mas cremos que as constantes reclamações e sugestões deste jornal exerceram tal pressão sobre os órgãos públicos, que apressaram as soluções requeridas.

A cidade, que se desejava moderna e progressista, devia, além de erradicar suas características construtivas indesejáveis, ser dotada de equipamentos de infraestrutura urbana para seu bom funcionamento.

Assim, os melhoramentos mais necessários a Batatais, tidos como índices do "adiantamento" das cidades, são enumerados pelo jornal, em 5.3.1911: o estabelecimento da rede de esgotos, o aumento do suprimento de água, a numeração e emplacamento da cidade, a continuação do serviço de remoção das "pastagens" das

-----  
<sup>5</sup>*Gazeta de Batataes*, 17.9.1911.

<sup>6</sup>Lei 264, de 11.10.1911.

ruas, o ajardinamento de praças e a conservação do jardim público, como era chamado o jardim do Largo da Matriz, já que "seus canteiros não obedecem a nenhum plano artístico, mas sim à boa vontade do ex-fiscal Mattoso, o creador do jardim em Batataes."

No tocante à vegetação, é importante atentar para dois aspectos: o primeiro diz respeito à ironia com a qual é nomeada a vegetação que cresce nas ruas de terra: "pastagens", numa clara alusão a uma característica rural que deve ser removida do centro urbano que se deseja "adiantado"; o segundo aspecto refere-se à conservação do jardim do Largo da Matriz, cujos "canteiros não obedecem a nenhum plano artístico." O estado que o jardim apresentava nesta ocasião pode ser constatado na fotografia superior da p. 184. O confronto desta imagem com a observação sobre os canteiros certamente sugere que "plano artístico" significava canteiros geometricamente delimitados.

Com esta configuração geométrica e racional foram traçados os jardins públicos executados a partir de 1911, conforme podemos ver nas fotografias aéreas, tiradas no início dos anos 20s, a seguir. Logo após os artigos da *Gazeta*, é determinado, em 12.4.1911, o ajardinamento da Pça. Anita Garibaldi, embelezando a área fronteira ao G. E. Dr. Washington Luís.<sup>7</sup> Em outubro do mesmo ano, o Prefeito Arlindo Lima relata à Câmara a arborização das primeiras ruas da cidade: a Av. Andradas e a R. das Palmeiras.<sup>8</sup> O ajardinamento da Pça. Independência (antigo Largo N. Sra. das Dores, atual Pça. João de Andrade) foi realizado em 1914, possivelmente com mudas e sementes de palmeiras que foram encomendadas pela Prefeitura ao Instituto Agrônomo de Campinas.<sup>9</sup> Em 1917 foi projetado e executado o ajardinamento da Pça. Barão do

-----  
<sup>7</sup> Lei 250, de 12.4.1911. *Livro de Registro de Leis* n.º 2.

<sup>8</sup> *Relatório do Pref. Arlindo Lima*, de 10.10.1911. Arquivo da Câmara. C. 47.

<sup>9</sup> *Gazeta de Batataes*, 8.2.1914 e 10.01.1915.





Rio Branco, em frente ao novo edifício da Cadeia e Forum.<sup>10</sup> No ano seguinte, além das praças, se encontra arborizada a R. Dr. Rebouças (antiga R. da Estação).<sup>11</sup> Finalmente, entre 1919 e 1920, a Pça. Côn. Joaquim Alves (antigo Largo da Matriz) foi completamente remodelada: jardins e palmeiras foram dispostos, pelo jardineiro José Antônio Ribeiro, em canteiros geométricos, em torno da Igreja Matriz, acentuando as linhas longitudinais do edifício; e no jardim fronteiro à igreja, foram reformados e pintados o coreto, por Romeu Coraucci, e os bancos, com ferragens fornecidas por Luiz Lupato.<sup>12</sup>

Quanto aos demais melhoramentos necessários, elencados em 5.3.1911, as providências tomadas pela Prefeitura Municipal consistiram na decretação de uma série de leis durante o mês seguinte.

A primeira delas,<sup>13</sup> anunciada "com imenso entusiasmo" pela *Gazeta de Batataes*, e considerada como "echo de [suas] reclamações", determinou a realização do serviço de nomenclatura das ruas e praças e a numeração de casas, por emplacamento. O antigo sistema de comunicação visual, baseado na pintura de números e nomes sobre as fachadas dos edifícios era inadequado, pois necessitava de constantes reformas, nem sempre executadas. O novo emplacamento foi realizado com 160 placas metálicas esmaltadas, executadas pela oficina paulistana "Massuci & Petraco".<sup>14</sup>

-----  
<sup>10</sup> Lei 359, de 11.7.1917. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, pp. 77v e 78. *Gazeta de Batataes*, 30.12.1917.

<sup>11</sup> Cf. Godoy, J. P. de, *Almanach do Amparo para 1918*, s/d, p. 315.

<sup>12</sup> Lei 381, de 10.9.1919. *Gazeta de Batataes*, 8.8.1920 e 23.1.1921.

<sup>13</sup> Lei 243, de 11.4.1911.

<sup>14</sup> *Gazeta de Batataes*, 7.9 e 22.10.1911. A necessidade de adoção deste tipo de emplacamento já tinha sido apontada pelo jornal *A*

Certamente aproveitando a ocasião deste novo e duradouro emplacamento, em 11.10.1911 foi aprovada a reforma geral nas denominações de ruas e praças,<sup>15</sup> que haviam sido estabelecidas em 1886. Dois anos antes, em 1909, as ruas Boa Vista e Direita já tinham sido alteradas para R. Dr. Furtado e R. Cel. Joaquim Alves, respectivamente.<sup>16</sup> As novas denominações, que podem ser vistas na planta à p. 224, deixaram de se referir às características locais e passaram a homenagear datas e figuras históricas marcadamente de interesse nacional, que em sua maioria permanece até hoje: R. Prudente de Moraes (antiga R. Alegre), R. 21 de abril (Bambus), R. Mal. Deodoro (Municipal), R. Gal. Osório (Campo Alegre), R. Duque de Caxias (Santa Cruz), R. Treze de Maio (Princeza), R. Affonso Penna (Palmeiras), R. Santos Dumont (Theatro), R. Celso Garcia (Comercio), R. Cel. Joaquim Rosa (Quitanda), R. Joaquim Nabuco (Canto), R. Primeiro de Maio (13 de Maio), R. Tiradentes (Floresta), e R. Dr. Rebouças (Estação). Os largos, exceto o Largo do Rosário, passaram a ser denominados praças: Pça. Côn. Joaquim Alves (antigo Largo da Matriz), Pça. da Independência (L. das Dores) e Pça. Municipal (L. do Jardim). Com esta nova nomenclatura, em 3.12.1911, o emplacamento estava quase concluído.<sup>17</sup>

Outras leis, decretadas em abril de 1911, tomaram providências para a reorganização do serviço de água e luz; na impossibilidade da implantação imediata da rede de esgotos, e procurando atender às reclamações da *Gazeta*, autorizaram o aumento de carroças com pipas para a tiragem das águas servidas nos domicílios particulares; e proibiram a matança de gado de qualquer

-----  
Penna, em 30.12.1898.

<sup>15</sup> Lei 268, de 11.10.1911. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, pp. 13v e 14.

<sup>16</sup> Em 2.4.1909. Atas da Câmara, Vol. 1908-1912, fl. 46v.

<sup>17</sup> *Gazeta de Batataes*, 3.12.1911.

espécie, mesmo para consumo próprio, fora do matadouro, e a manutenção de porcos, "ainda que soltos nos quintaes", dentro do perímetro urbano.<sup>18</sup>

A *Gazeta de Batataes* festejou algumas medidas e criticou outras. Embora reconhecesse que a proibição de criar porcos no perímetro urbano era extremamente apropriada, ressaltando que "A cidade onde criam porcos, disse um jornalista, é porca. E antes que nos atirem a pecha, acabemos com os porcos da cidade", criticou a pouca abrangência da área do perímetro urbano em vigor, uma vez que "os moradores das R. Sta. Cruz, da Estação e 21 de março [poderiam] criar porcos",<sup>19</sup> ruas bastante movimentadas, no caminho da Estação Batataes, e sugeriu mais um melhoramento: a divisão da cidade em perímetros. Em 13.7.1912, uma nova área foi delimitada, hierarquizando a cidade em três perímetros: dois centrais e um suburbano.<sup>20</sup>

As primeiras providências para a construção da rede de esgotos e da ampliação do abastecimento de água potável foram tomadas ainda em 1911, com a contratação do eng. Affonso Geribello, que dirigira as obras do G. E. Washington Luís, para a realização de estudos relativos a estes serviços, entregues no *Relatório* examinado pela Câmara em 11.10.1911.<sup>21</sup>

O projeto e execução das redes de esgoto e água, de acordo com os estudos realizados por Geribello, foram contratados com a firma paulistana Duarte & Aranha, em 28.10.1912.<sup>22</sup> Este contrato

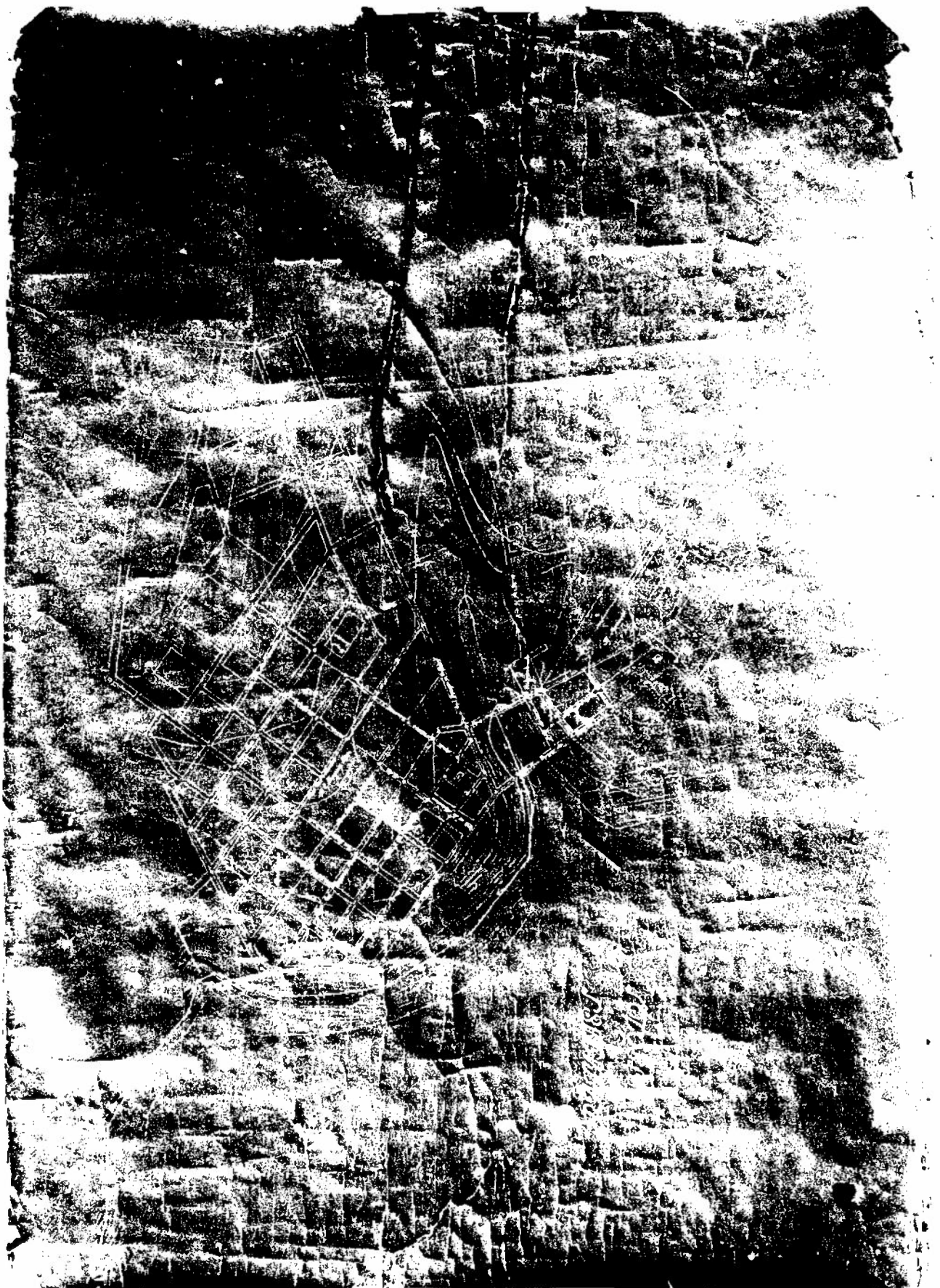
-----  
<sup>18</sup> Leis 244 e 245, de 11.4.1911, Lei 257, de 18.4.1911 e Lei 247, de 12.4.1911. *Livro de Registro de Leis* n.º 2.

<sup>19</sup> *Gazeta de Batataes*, 7.5.1911.

<sup>20</sup> Lei 282. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, pp. 23 a 24v.

<sup>21</sup> Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fl. 130v.

<sup>22</sup> Contrato lavrado entre os concessionários João Duarte Júnior e Olavo Egydio de Souza Aranha Júnior, engenheiros, e a



Município. 2.º Tabelião. Livro de Notas 62, fls. 79 a 86.

criou a Companhia Melhoramentos de Batataes, concessionária destes serviços e do fornecimento de força e luz elétrica, que a Companhia Paulista de Eletricidade havia vendido, em 1907, para a Câmara Municipal.<sup>23</sup>

Os projetos das redes de esgoto (foto anterior) e de água foram realizados em 1912, atendendo toda a área central da cidade, as imediações das praças da Independência e Municipal, e parte da Av. Rebouças. Os serviços da rede de esgotos, dirigidos pelo engenheiro Aureliano Botelho, foram iniciados em 25.8.1913.<sup>24</sup> Não sabemos quando as obras foram terminadas, mas em 12.4.1915 o prazo de conclusão foi prorrogado por mais vinte e dois meses.<sup>25</sup>

O último grande empreendimento de infra-estrutura urbana, iniciado nesta década, foi o calçamento de ruas com paralelepípedos de pedra.<sup>26</sup> A necessidade deste melhoramento, tido como um sinal de progresso, já havia sido apontada pelo jornal *A Cidade*, em 23.9.1911. A *Gazeta de Batataes*, em 12.4.1914, festejou a iniciativa municipal, sob o título "Batataes Progride", falando do calçamento e de sua significação para a cidade:

"Calçar uma cidade é, de certo modo, integral-a na civilização, com um aspecto extraordinario de asseio e belleza"

-----  
<sup>23</sup>Em 5.4.1907. Atas da Câmara. Vol. 1905-1907, fl. 69v.

<sup>24</sup>*Gazeta de Batataes*, 31.8.1913.

<sup>25</sup>Lei 334. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, p. 65.

<sup>26</sup>Para o qual, em 1915, a Prefeitura foi autorizada "a contrair um empréstimo de cinquenta contos de reis (50:000\$000) [...], dando como garantia, deste empréstimo, as rendas do imposto de 'Produção de Café'". Lei 335, de 15.5.1915. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, p. 65v.

O empreendimento modernizador veio revestir as ruas, parcialmente dotadas das redes de água e esgotos, e acabar com os velhos problemas da poeira e da conservação constante das ruas de terra, freqüentemente erodidas pela chuva. Além de resolver problemas de higiene e conforto, em 1913 a cidade já possuía 13 automóveis,<sup>27</sup> e estes veículos necessitavam de vias mais regulares para sua circulação.

Os serviços de calçamento a paralelepípedos foram iniciados com a abertura de concorrência pública, em 22.3.1914, para o local onde era mais necessário: a R. Mal. Deodoro, entre a R. Santos Dumont e a R. 13 de Maio, porção mais acidentada da principal via de ligação entre a colina central e a Estação da Mogyana, atravessando o Córrego do Capão.<sup>28</sup> Em 10.10.1914, seu calçamento estava concluído.<sup>29</sup>

Em seguida, a partir de 11.7.1914, o centro da cidade, ao redor da Pça. Côn. Joaquim Alves, foi sendo preparado para o calçamento, com a colocação de sarjetas de paralelepípedos e guias de 15 cms.<sup>30</sup>

Creemos que entre 1914 e 1915, é que o amplo espaço desta praça foi dividido em duas quadras (uma contendo a Matriz, e outra o jardim), que receberam passeios de 2m de largura, revestidos por "mosaicos com frisos em baixo relevo côr de cimento". Visando a uniformidade da praça central, os proprietários de prédios com frente para ela, foram obrigados a construir ou reformar seus passeios com o mesmo tipo de revestimento.<sup>31</sup>

Em 10.7.1915, objetivando o "embellezamento e elegância" da

-----  
<sup>27</sup> *Gazeta de Batataes*, 30.1.1913.

<sup>28</sup> *Gazeta de Batataes*, 22.3.1914.

<sup>29</sup> Cf. Lei 317. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, p. 58.

<sup>30</sup> Lei 315, de 11.7.1914. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, p. 57.

<sup>31</sup> Lei 317, de 10.10.1914. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, p. 58.

cidade, a uniformização dos passeios é estendida às demais ruas e praças que "forem beneficiadas com o serviço de sargetamento, calçamento ou collocação de guias". Esta uniformização, entretanto, foi hierarquizada, pois o Prefeito poderia "adoptar diferentes typos [de revestimento], conforme a importancia das ruas que receberem aquelles melhoramentos". No estabelecimento do prazo para a conclusão dos passeios, ficam claras as dificuldades advindas do tempo da 1.ª Guerra, pois seriam levados em consideração: a facilidade ou dificuldade para a aquisição do material preciso; os recursos pecuniários disponíveis pelos proprietários; e "o obstaculo resultante da falta de pedreiros e auxiliares, notoriamente conhecida..."<sup>32</sup>

O efetivo calçamento a paralelepípedos do centro da cidade foi iniciado, possivelmente em 1915,<sup>33</sup> pela Pça. Côn. Joaquim Alves e sucessivamente estendido às demais ruas, serviço que adentrou por toda década seguinte.

Por fim, em 1920, a iluminação pública foi consideravelmente melhorada. As antigas lâmpadas de 10, 25 e 32 velas foram substituídas por lâmpadas de 50 velas em todo o perímetro urbano, e o novo jardim da Pça. Côn. Joaquim Alves recebeu diversos postes de ferro, contendo duas lâmpadas cada um.<sup>34</sup>

Alguns projetos, idealizados ainda em 1911, não foram realizados, mas seu exame revela que a satisfação das necessidades locais recebia influências dos projetos e realizações urbanísticas ocorridas nas maiores cidades brasileiras.

Entre os estudos encomendados pela Câmara Municipal ao

-----

<sup>32</sup> Lei 336, de 10.7.1915. *Livro de Registro de Leis*, n.º 2, pp. 66 e 66v.

<sup>33</sup> Em 14.10.1915 o imposto de Viação passou a incidir sobre calçamento de ruas a paralelepípedos. Lei 337. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, p. 66v.

<sup>34</sup> *Gazeta de Batataes*, 8.8.1920.

engenheiro Affonso Geribello, além da construção da rede de esgotos e da ampliação do abastecimento de água, às quais já nos referimos, constavam também o embelezamento da cidade e a construção de um teatro.<sup>35</sup>

A *Gazeta de Batataes* informou em 17.9.1911, antecipada e resumidamente, no que consistiria o projeto de embelezamento da cidade:

"A avenida que [...] será feita na rua Cel. Joaquim Alves, antiga rua Direita, virá propor-nos um embellezamento digno de admiração.

"O jardim e o parque, cujo local ainda ignoramos, serão outros encantadores embellezamentos e também aprazíveis logradouros publicos, onde encontraremos o recreio ameno de nosso trabalho diario."

Ainda que estes melhoramentos não tenham sido concretizados, o fato de terem sido alvo de projetos municipais confirmam a idéia, já explicitada pela *Gazeta de Batataes*, de que a cidade adotava como modelos as cidades mais modernas e progressistas do país. Neste caso, torna-se difícil não constatar a possível influência da ampla discussão, promovida pela imprensa paulistana, em torno dos projetos apresentados em 1910-1911 para os melhoramentos, a abertura de avenidas e a formação do parque do Anhangabaú, na capital paulista.<sup>36</sup> Embora a *Gazeta de Batataes*

-----  
<sup>35</sup>Relatório do eng. A. Geribello, examinado pela Câmara em 11.10.1911. Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fl. 130v.

<sup>36</sup>Projeto "Grandes Avenidas", do arq. Alexandre de Albuquerque; projeto apresentado pelo Prefeito Antônio Prado, elaborado pelos engs. Victor da S. Freire e Eugênio Guilhem; o projeto de Samuel das Neves, iniciativa da Secretaria da Agricultura; e o projeto encomendado ao arq. Bouvard, pelo Prefeito Raimundo Duprat.

ignorasse a localização do jardim e do parque, e na falta do *Relatório* do eng. Geribello, podemos sugerir que eles possivelmente seriam implantados nas proximidades da planejada avenida, embelezando o pequeno vale do Córrego do Capão, e promovendo a integração das duas colinas ocupadas pelo centro urbano.

A construção de um novo teatro era uma necessidade insistentemente apontada pela *Gazeta*:

"Representa elle [o teatro] para nós um verdadeiro problema. Por que não vêm até aqui boas companhias dramáticas e mesmo lyricas, quando chegam até Ribeirão Preto [que então contava com o elegante Theatro Carlos Gomes] e ... ás vezes passam directamente? Unicamente porque não temos um theatro que garanta as exigências de commodidade!..."<sup>37</sup>

Na verdade, o velho Theatro Municipal, localizado na esquina da R. Santos Dumont com o Largo do Rosário, sofrera sua última reforma em 1897, na Intendência de Washington Luís, e já não apresentava as condições de conforto, beleza e localização então requeridas.

Em 26.2.1911, já informada da disposição municipal de construir um novo teatro, a *Gazeta de Batataes* publicou um artigo analisando "o local mais apropriado para uma edificação de tal natureza" e sugeriu sua implantação no Largo do Rosário.<sup>38</sup> Diante da possível idéia de reconstruir o edifício na mesma esquina

-----  
<sup>37</sup> *Gazeta de Batataes*, 17.9.1911.

<sup>38</sup> Em favor desta escolha, o artigo invocou a apreciação do local, apresentada por Washington Luís em 1898, para a construção do mercado (cf. p. 125), e a proximidade do L. do Rosário com o "actual Theatro cuja collocação jamais foi censurada pela população que frequenta esse templo de Arte".

ocupada pelo Theatro Municipal, argumentou:

"Aos que nos dizem que o novo Theatro deve ser construído no mesmo local do velho, responderemos que um templo da arte, feito com todos os requisitos da esthetica moderna, não ficaria bem ali.

"O espaço é sufficientemente comprido mas não tem a conveniente largura.

"Mas, se esta ultima condição existisse pela compra da casa vizinha, o edificio ficaria encravado na successão das casas sem que o effeito da sua belleza pudesse ser observado.

"O Theatro é um dos edificios publicos e como tal deve ser dotado de belleza artistica e esta para brilhar tem necessidade de uma boa collocação.

"O local do theatro velho não serve portanto para n'elle ser erguido o novo."

A localização ideal do edificio foi então apontada no centro do Largo do Rosário, implicando na demolição da Igreja do Rosário,<sup>39</sup> exemplar da antiga arquitetura de adobes e esteios de madeira, já desativado:

"Não seria o primeiro templo que desappareceria para dar lugar a melhoramentos.

"Para não irmos muito longe podemos ver nos ultimos jornaes do Rio photographias da Igreja do Corpo Santo que desapparecerá para dar lugar á Avenida Marquez de Olinda, no Recife.

"Entretanto, isto lá, se faz sem um protesto sequer.

-----  
<sup>39</sup> Para isso a Câmara entraria em entendimento com o Pe. Joaquim Alves, "sacerdote criterioso e moço progressista", pagando-se uma indenização pela demolição da Igreja, que seria destinada à continuação das obras da nova Matriz.

CADEIA PÚBLICA  
↓  
IGREJA DO ROSÁRIO  
↓  
MERCADO  
↓  
IGREJA MATRIZ



Panorama da Cidade de Asunción

"Em Batataes, esperando confiantes no espirito adiantado de seus filhos há de succeder o mesmo."

Na fotografia anterior, "Panorama da cidade - Batataes", de 1911, podemos ver a Igreja do Rosário, no centro da foto, ao lado do Mercado Público.

Este teatro, projetado pelo eng. A. Geribello, também não foi construído, mas este artigo revelou algumas questões do maior interesse: Em princípio, o edifício desejado deveria preencher os "requisitos da esthetica moderna". A discussão sobre a implantação do edifício público no espaço urbano revela que ela não se dá ao acaso, mas é analisada, procurando-se o local mais adequado ao seu destaque, no centro de um largo, para que "o effeito de sua belleza [artística] possa ser observado." O novo edifício substituiria uma velha construção de adobes, numa clara e renovada demonstração de rejeição do passado arquitetônico local. Essa substituição do antigo pelo novo e moderno encontrou respaldo em situação semelhante, ocorrida em Recife, da qual se tomou conhecimento por um jornal de fora da cidade, o que reafirma as influências exteriores sobre a cidade e sua forma de divulgação.

Mas a necessidade de espaços destinados à recreação e às atividades culturais estavam na ordem do dia. Os planos para o novo teatro, o jardim e o parque não deram certo, mas o cinema constituía-se numa nova e atraente diversão que requeria um edifício adequado ao seu permanente funcionamento.

Até agora as exhibições cinematográficas eram espetáculos apresentados temporariamente no Theatro Municipal, dependentes da chegada de exibidores ambulantes a Batatais, como nos informa Jean de Frans:

"O primeiro cinematógrapho que appareceu em Batatais, e cujo successo foi tal que não se póde descrever cabalmente, foi levado pelo Miguel Rizzo, conhecido photographo na capital, isso em maio de 1900. Era um aparelho modestíssimo, mas que arrastou ao theatro toda a gente. Parece-nos que

foram oito ou dez espectáculos, todos com *casa á cunha* e preços elevadíssimos e era com indivizível satisfação que o publico engulia os pequeninos *films* desenrolados - *brigas de creanças, brigas de mulheres*, etc. [...] Uma dellas, então, a *chegada de um trem*, alem de figurar em todos os programmas, era exhibida no começo, no meio e no fim de cada espectáculo, tal o agrado que despertou. Depois o povo foi se acostumando, pouco a pouco. Tambem pudera: ao Rizzo succedeu o Kaurt, a este um sr. Mayo, a este a Empreza Elles e Companhia [...] e o cinema de Orlando Affonso."<sup>40</sup>

Em 1909 constatamos a longa permanência, de julho a dezembro, do cinematógrafo da Empreza Gullaci & Filho, se apresentando no Theatro Municipal.<sup>41</sup> Mas cremos que a instalação definitiva de um cinematógrafo na cidade deu-se no início de 1911, com o Cinema Pathé, dos Irmãos Corsini, funcionando no mesmo teatro. Neste mesmo ano, a 11 de outubro, é que a Câmara Municipal regulamentou os "impostos para empresas cinematographicas estabelecidas neste município com carater permanente."<sup>42</sup>

A *Gazeta de Batataes*, em 5.3.1911, noticiou os planos dos "progressistas empresarios" Irmãos Corsini, de construir "um elegante e espaçoso pavilhão para sessões cinematographicas, com boas commodidades para as exmas familias, obedecendo todo rigor da hygiene e das construcções modernas". No entanto, apesar de ter sido anunciado, em 3.12.1911, o breve início da construção deste cinema, sob a denominação de Salão São Carlos, a obra não foi

-----  
<sup>40</sup>Frans, J., "In illo tempore. (Memórias de nosso tempo), Theatro, theatrices e theatreiros. XXV De tudo um pouco..." *Gazeta de Batataes*, 31.08.1919.

<sup>41</sup>*A Gazeta*, 7.7.1909 e 18.12.1909. Atas da Câmara. Vol. 1908-1910, fl. 59v.

<sup>42</sup>Lei 269. *Livro de Registro de Leis* n.º 2, pp. 14 e 14v.

realizada. Em 11.4.1913 Ernesto Corsini acabou comprando o próprio Theatro Municipal "pela quantia de 6 contos de reis", obrigando-se "a reformar o predio segundo projeto apresentado e a destiná-lo sempre a diversão e espectáculos."<sup>43</sup> As obras, iniciadas no mesmo mês resultaram no São Carlos Theatro, onde se apresentaram sessões cinematográficas e espetáculos diversos.

O ano de 1911 revelou-se pródigo em iniciativas que visavam a construção de edificios destinados à instalação de cinemas. Ainda que também não tenha sido realizada, em dezembro deste ano, Romeu Coraucci, marceneiro e comerciante estabelecido com o *Bazar Moderno*, chegou a submeter à aprovação municipal a planta de um salão para cinema.<sup>44</sup>

Finalmente, em 3.9.1911, estava concluído o *Salão Santa Cecília*, edificio festejado por seu "estyllo moderno", inaugurado a 7 de setembro com espetáculo teatral e sessão cinematográfica, na qual também se inaugurava "um aparelho ultimo modelo da Casa Pathé Frères".<sup>45</sup> Possivelmente o *Santa Cecília* não tenha sido o grande teatro sonhado, mas pode receber importantes companhias teatrais, como a *Companhia Dramática Italiana Clara Della Guardia*, que vinda de São Paulo, onde se apresentou entre 5 e 14.2.1919 no Municipal e no Colombo,<sup>46</sup> excursionou pelo interior, encenando em Batatais "Il padrone delle ferrieri", de George Ohnet, em 6.4.1919.

Outros importantes edificios ficariam prontos em 1911: o G. E. Washington Luís, a Santa Casa de Misericórdia e o Posto Zootechnico, que após reformas e ampliações, foi inaugurado em outubro. Neste mesmo ano, a 18 de abril, a Câmara aprovou o início

-----  
<sup>43</sup> Atas da Câmara. Vol. 1912-1920, fls. 73v e 74.

<sup>44</sup> *Gazeta de Batataes*, 17.12.1911.

<sup>45</sup> *Gazeta de Batataes*, 3 e 7.9.1911.

<sup>46</sup> Cf. Silveira, M., *A contribuição italiana ao teatro brasileiro*. São Paulo, Quíron/Mec, 1976, p. 173.

das negociações com o Governo Estadual "...no sentido de ser adquirido até dez contos de reis, o edificio da actual cadeia publica desta cidade para nelle ser installado o Paço Municipal construindo o Governo do Estado um novo edificio para cadeia...",<sup>47</sup> que resultaria no suntuoso edificio da Cadeia e Forum, construído entre 1914 e 1917. Além disso, não esqueçamos que a cidade também estava sendo dotada de uma nova Igreja Matriz, em reconstrução.

Assim, a *Gazeta de Batataes*, enumerando esses edificios concluidos e os melhoramentos urbanos então planejados (rede de esgotos, água, teatro, jardim e parque), festejava, em 17.9.1911, o "constante progredir material da cidade", apelando para que retrospectivamente se comparasse a "cidade de hoje com a que foi ha tres annos passados", e aí se encontrassem "motivos de orgulho":

"E como não, si esses grandes progressos nos tornaram conhecidos habitantes de uma prospera e importante cidade do Estado de São Paulo? Como assim não deve ser, si realmente estamos conquistando o verdadeiro lugar para Batataes, em face de outras cidades do interior deste Estado?"

Comentários deste tipo, comparando e enaltecendo a posição de Batatais no cenário paulista, tornaram-se frequentes e revelam, no mínimo, não só os parâmetros exteriores que a cidade manteve para o seu desenvolvimento, confirmando o que já constatáramos, mas o próprio entusiasmo e esforço de superação das condições locais, nem sempre favoráveis, para suas realizações.

Até meados desta década, outros empreendimentos objetivando a

-----  
<sup>47</sup> Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fl. 121. Em 29.8.1912 a Câmara dirigiu um requerimento à Câmara dos Deputados expondo as inadequadas condições da velha Cadeia e representando a necessidade deste melhoramento no município, "um dos mais ricos e prosperos deste opulento Estado."

satisfação de necessidades culturais e recreativas foram realizados. Em 3.5.1913, foi inaugurado um outro salão de cinema, o Polytheama, instalado com a compra de um espaçoso pavilhão situado na Pça. Municipal, esquina da R. Germano Moreira.<sup>48</sup>

A Sociedade Italiana de Mutuo Socorro Filocaristica adquiriu, em dezembro de 1911, um terreno na R. Cel. Joaquim Alves para a construção de sua nova sede. Este edifício, inaugurado em 23.3.1913 com um "sarau dançante", foi projetado por Guilherme Rosada, presidente da Sociedade.<sup>49</sup>

Em 1914, foi fundado o segundo clube de Batatais, o Grémio 14 de Março, núcleo original da atual Sociedade Recreativa 14 de Março, num edifício da Pça. Côn. Joaquim Alves.<sup>50</sup>

Assim, de 1911 a 1914, além dos concertos musicais proporcionados, no coreto, pelas bandas "Euterpe Batataense" e "Santa Cecília", Batatais também foi dotada de novos "centros de diversões": salões de cinema, incluindo-se o reformado S. Carlos Theatro que, ao lado das apresentações teatrais e dos espetáculos variados, também manteve seu cinematógrafo, e dois clubes, locais de reuniões e de animados bailes. Mas não foi só.

Em 1913 um importante acontecimento veio enriquecer a vida artística local: a primeira exposição de pinturas apresentada em Batatais, por Carlos Alberto De Agostini, retratado a seguir.

Nesta exposição, inaugurada a 10.8.1913, Agostini provavelmente tenha exposto as paisagens urbanas mostrando a

-----  
<sup>48</sup> *Gazeta de Batataes*, 2.3 e 1.º.5.1913.

<sup>49</sup> Cf. nota publicada na *Gazeta de Batataes*, em 30.4.1911: "...O Senhor Presidente [...] tomou a seguinte medida de desenhar uma belíssima planta, que foi aprovada por todos os sócios, contendo um salão de baile de 11.50m por 9.50m, contendo uma divisão, para salão de jogos, e reservado para damas, e um belíssimo salão para botequim..."

<sup>50</sup> *Gazeta de Batataes*, 19.7.1914.



Igreja Matriz, de 1909, (p. 135) e a Santa Casa de Misericórdia, de 1913, (p. 226) pertencentes à coleção do Monsenhor Joaquim Alves Ferreira.

Já havíamos constatado a presença do artista na cidade, em 1906, quando, intitulado-se "pintor acadêmico", Agostini se ofereceu para pintar os cenários do Theatro Municipal.<sup>51</sup> Mas sua permanência em Batatais foi interrompida, conforme verificamos na *Gazeta de Batataes* de 21.4.1912: "procedente da capital da

-----

<sup>51</sup>Arquivo da Câmara. Ano 1906. Cx. 32.

Republica, brevemente chegará a esta cidade, onde já residiu por algum tempo e vem fixar residência, o Sr. Carlos Alberto De Agostini, hábil desenhista e photographo."

Agostini ( ? - Batatais, 9.9.1917) cursou a Escola Nacional de Bellas Artes, no Rio de Janeiro. Nesta cidade executou pinturas na Exposição Nacional de 1908 e foi professor do Instituto de Surdos Mudos. Além de pintor e fotógrafo, atendendo o interior do Estado, conforme o anúncio publicado no *Almanach do Amparo para*



1914, também foi escultor, como podemos observar no retrato que o colheu em plena atividade, tridimensionando o quadro à esquerda.

No ano seguinte, entre 25.7 e 9.8.1914, Agostini apresentou sua segunda exposição no recém-inaugurado Grémio 14 de Março, exposição concorrida, à qual não faltaram compradores para seus retratos e paisagens, entre eles, Altino Arantes, Arlindo Lima e seu grande incentivador local, Monsenhor Joaquim Alves Ferreira.<sup>52</sup>

As exposições de pinturas se tornarão freqüentes nos próximos anos 20s, constituindo-se num dos elementos da rica e variada vida cultural de Batatais.

O movimento pela Batatais moderna e progressista, iniciado em 1911, também contou com o estímulo da legislação municipal às novas edificações.

A primeira dessas leis, de 12.07.1911, isentava das taxas e

<sup>52</sup> *Gazeta de Batataes*, 19.7, 2.8 e 9.8.1914.

dos impostos predial e viação, pelo prazo de cinco anos, a construção ou reedificação de prédios até 31.12.1913, cujo custo, a ser provado à prefeitura mediante planta e orçamento, fosse superior a cinco contos de réis.<sup>53</sup>

Logo depois, em 11.10.1911, visando "o progresso e o engrandecimento" de Batatais, uma nova lei procurou atingir objetivos mais audaciosos, premiando com dez contos de réis, a construção "dentro do primeiro perímetro, [de] pelo menos quinze prédios [de estylo moderno e] de valor minimo de sete contos de réis cada um."<sup>54</sup>

Ainda que não tenhamos encontrado nenhuma evidência do sucesso desta última lei, ela é importante na medida em que mostra, mais uma vez, a prioridade da porção central da cidade, na qual localizam-se todos os edificios remanescentes desta década; e em que estabelece a condição do "estilo moderno" para a premiação dos edificios, sugerindo que a arquitetura poderia apresentar uma modernidade correspondente aos anseios modernizantes e progressistas da cidade. Como veremos a seguir, 1911 realmente se constituiu num marco modernizador da produção arquitetônica local.

## A ARQUITETURA NA DÉCADA DE 10

### 1. A MODERNIZAÇÃO DA LINGUAGEM DA TRADIÇÃO CLÁSSICA

1911 foi um marco para a arquitetura local. Neste ano, foram realizados três edificios que apresentam em suas fachadas uma notável transformação estilística.

-----  
<sup>53</sup> Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fl. 126. Lei 258, de 12.7.1911, publicada na *Gazeta de Batataes*, 16.9.1911.

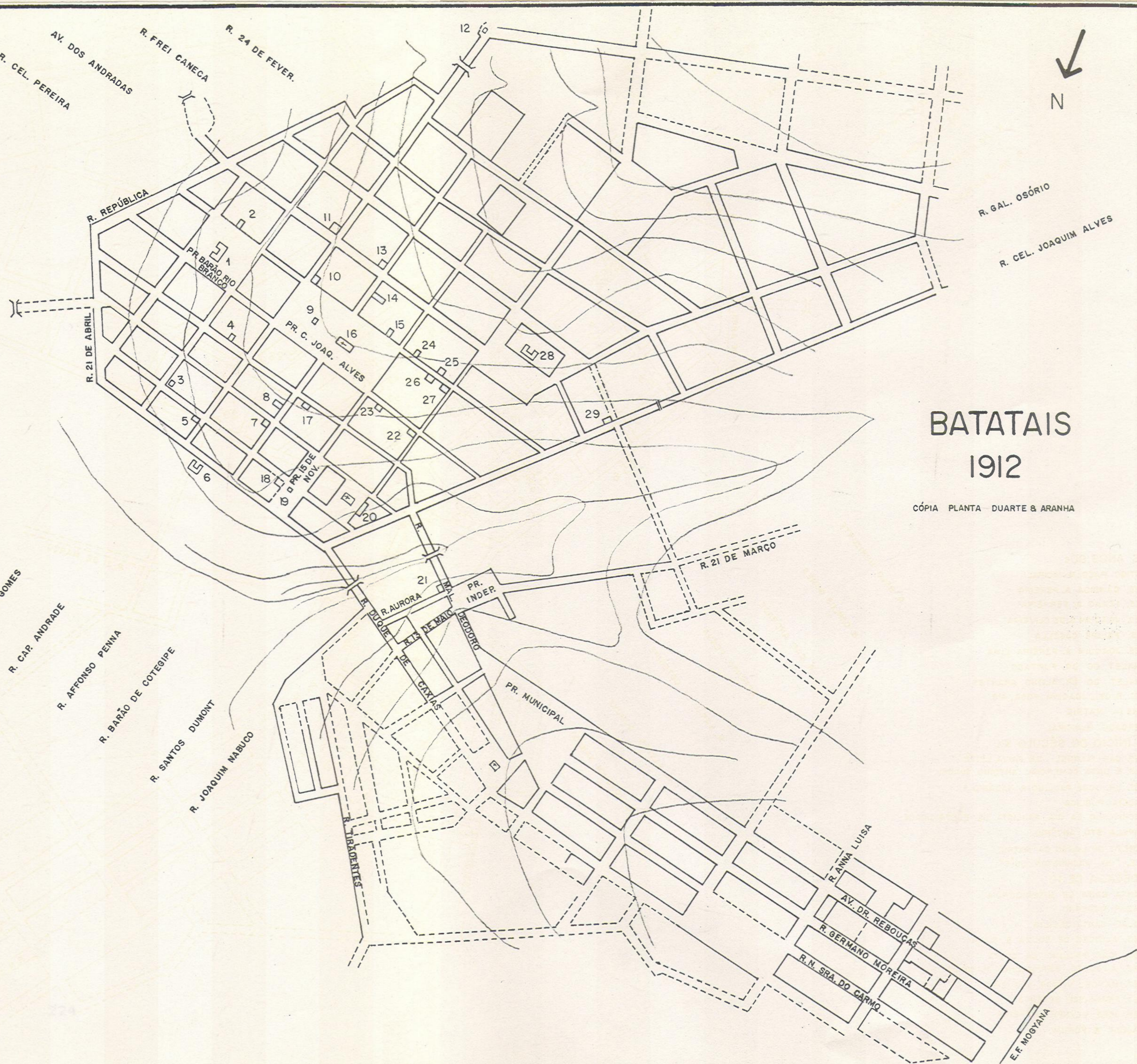
<sup>54</sup> Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fl. 131v. Lei 263, de 11.10.1911, publicada na *Gazeta de Batataes*, 22.10.1911.



R. CELSO GARCIA  
 R. CEL. JOAQUIM ROSA  
 R. 7 DE SETEMBRO  
 R. PRUDENTE DE MORAES  
 R. DR. FURTADO

AV. DOS ANDRADAS  
 R. CEL. PEREIRA  
 R. FREI CANECA  
 R. 24 DE FEVER.

R. GAL. OSÓRIO  
 R. CEL. JOAQUIM ALVES



# BATATAIS 1912

CÓPIA PLANTA DUARTE & ARANHA

- OS ANOS 90s
- 10. ANTIGO PAÇO MUNICIPAL
  - 24. RES. CÂNDIDA A. PEREIRA
  - 25. RES. IZAAC A. FERREIRA
  - 22. RES. JOAQUIM G. DE OLIVEIRA
  - 13. RES. FELIPE CASELLA
  - 23. RES. JOAQUIM A. PEREIRA LIMA
  - 2. CHALET DO DR. FURTADO
  - 15. CHALET DO DR. ALTINO ARANTES
  - 4. RES. R. CEL. JOAQUIM ROSA, 418
  - 16. IGREJA MATRIZ
  - 20. MERCADO MUNICIPAL
- O INÍCIO DO SÉCULO XX
- 21. RES. CAR MANOEL DE PAIVA LEITE
  - 7. RES. E CASA COMERCIAL ANTONIO SIMIONI
  - 27. RES. DR. JOSÉ PAULINO P. NAZÁRIO
  - 18. CADEIA PÚBLICA
  - 19. ESCRITÓRIO DA CIA. PAULISTA DE ELETRICIDADE
  - 12. CAPELA STO. ANTÔNIO
  - 9. CORETO DO LARGO DA MATRIZ
  - 28. G.E. "DR. WASHINGTON LUÍS"
- A DÉCADA DE 10
- 6. SANTA CASA DE MISERICÓRDIA
  - 17. BAZAR MODERNO
  - 14. SALÃO SANTA CECÍLIA
  - 8. RES. ALCIDES DE SOUZA E SILVA
  - 5. RES. JOÃO PAULINO DA COSTA
  - 26. RES. AUGUSTO BERNARDINO MARQUES
  - 11. RES. MANOEL VICTOR NOGUEIRA
  - 29. RES. FRANCISCO SETENTA
  - 3. RES. JOSÉ OLYMPIO PEREIRA
  - 1. CADEIA E FORUM

BATATAIS  
1912

R. BELO HORIZONTE  
 R. CARLOS GOMES  
 R. CAR. ANDRADE  
 R. AFFONSO PENNA  
 R. BARÃO DE COTEGIPE  
 R. SANTOS DUMONT  
 R. JOAQUIM NABUCO

R. LIBERTÉ

R. ANNA LUISA  
 AV. DR. REBOUÇAS  
 R. GERMANO MOREIRA  
 R. N. SRA. DO CARMO  
 E.F. MOGYANA

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA  
R. Dr. Manoel Furtado, 317.

A Comissão eleita para dirigir os trabalhos de edificação da Santa Casa de Misericórdia já estava constituída e de posse dos terrenos necessários, fronteiriços à R. Barão de Cotegipe, em 27.6.1892.<sup>55</sup>

A construção do edifício, no entanto, só foi iniciada em 1905, sob a direção do Dr. Manoel Furtado, então Presidente da Sociedade da Santa Casa de Misericórdia.<sup>56</sup> A conclusão do edifício, contratada em 22.6.1910, com o eng. José J. Pifer, foi prevista para outubro do mesmo ano.<sup>57</sup> Cremos que nesta ocasião o prédio não foi inteiramente concluído, pois apesar do funcionamento de duas enfermarias, uma para cada sexo, ter sido vistoriado, em 1.12.1910, pelo diretor do Serviço Sanitário, Dr. Eduardo Lopes,<sup>58</sup> a inauguração do edifício "recentemente concluído" foi anunciada, pelo jornal *A Cidade*, para o início de novembro de 1911.<sup>59</sup>

A concretização da Santa Casa levou 19 longos anos, durante os quais, aos esforços dos cidadãos que formaram suas diretorias se somou a doação de grande parte dos materiais construtivos, de fretes da Companhia Mogyana e serviços de carpinteiros e pedreiros

-----  
<sup>55</sup> *Atas da Câmara*. Vol. 1887-1893, fls. 169v e 170.

<sup>56</sup> Arquivo da Câmara. Ano 1907. C. 34. *O Jornal*, 25.1.1949.

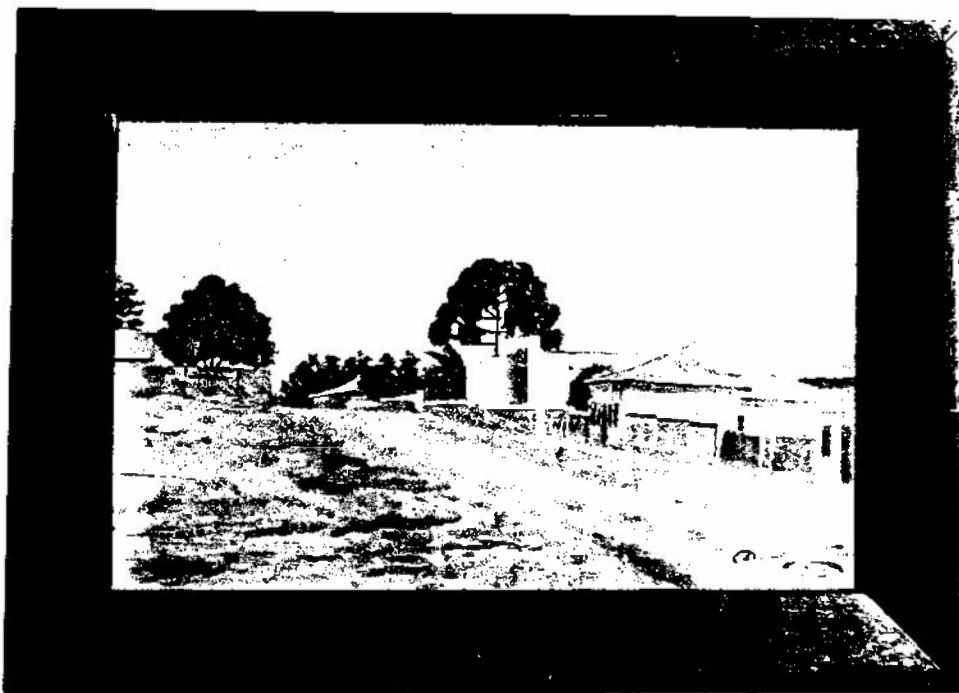
<sup>57</sup> *A Gazeta*, 25.6.1910.

<sup>58</sup> *A Gazeta*, 3.12.1910.

<sup>59</sup> Em 1938, o atendimento hospitalar passou a ser realizado no recém-inaugurado Hospital Major Antônio Cândido, projetado pelo eng. Carlos Zamboni. O arquivo do hospital conserva apenas as atas iniciadas neste ano, sem que se saiba o paradeiro das atas mais antigas, referentes à fundação da Santa Casa.

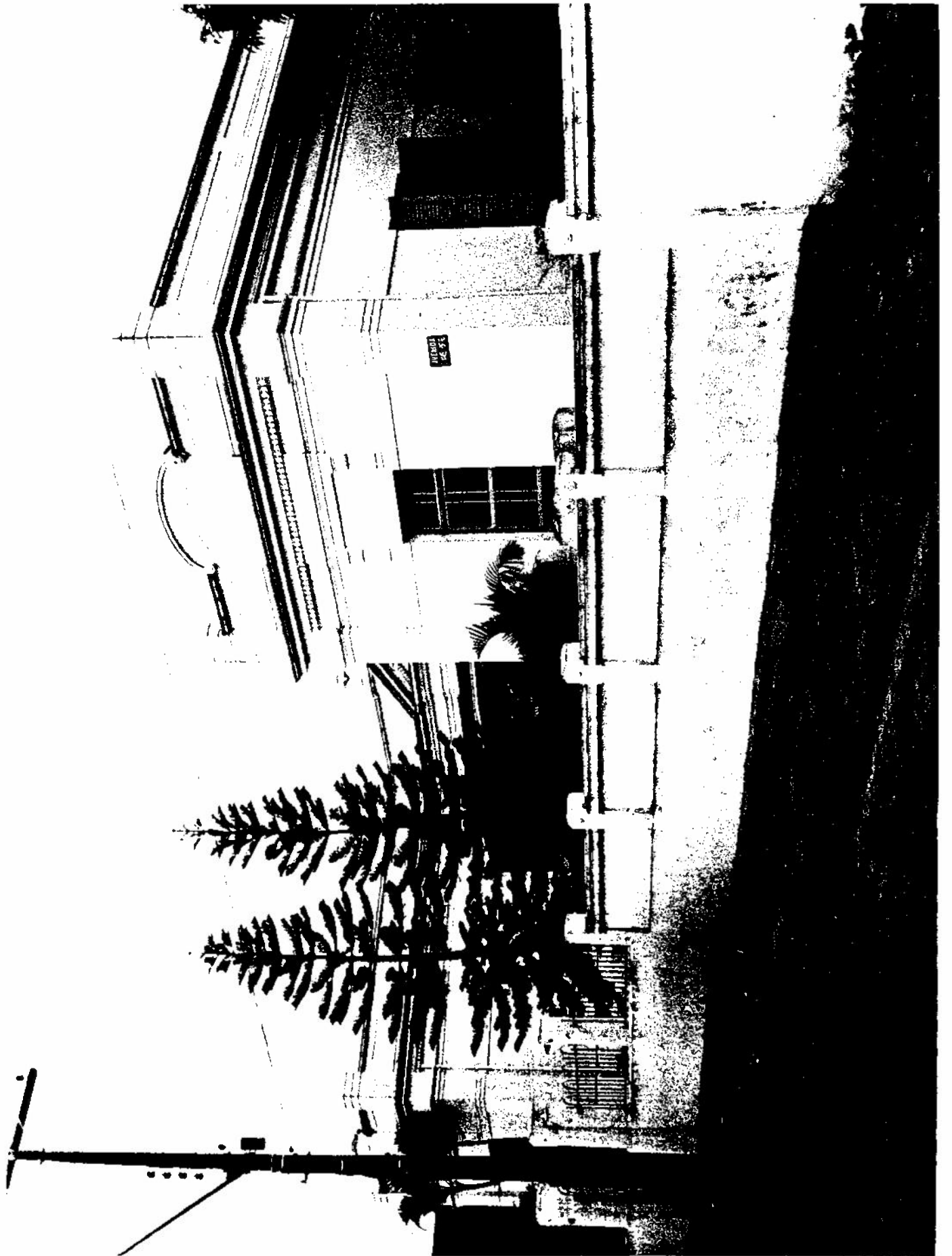
que foram prestados gratuitamente.

O mais antigo documento iconográfico retratando a Santa Casa é a tela pintada por Carlos A. De Agostini, em 1913.<sup>60</sup> Embora o quadro não tenha detalhado as fachadas da Santa Casa, retratou seus dois blocos geométricos, recuados do alinhamento da rua, em franco contraste com as casas vizinhas, de feições mais antigas, implantadas nas testadas dos lotes, com amplos telhados de cobertura.



O edifício da Santa Casa inovou o partido arquitetônico até então utilizado em Batatais. Além do afastamento frontal, também executado no G.E. Dr. Washington Luís, construção coeva inaugurada em 1911, a Santa Casa apresenta maior complexidade volumétrica, movimentando a fachada com blocos laterais avançados, que definem o amplo recuo frontal, onde se situa a entrada do edifício, em meio ao jardim.

-----  
<sup>60</sup> Este quadro fazia parte da Coleção do Monsenhor Joaquim Alves Ferreira, hoje desmembrada entre seus herdeiros.





A inovação mais espetacular, no entanto, ocorre no vocabulário formal adotado nas fachadas. Este vocabulário deriva de modificações impostas à linguagem arquitetônica da tradição clássica, gerando uma nova linguagem que chamamos "modernizada".

A gênese clássica desta linguagem "modernizada" é evidente, já que apresenta em seus elementos constitutivos reminiscências de caneluras, triglifos e cornijas (nas linhas verticais e horizontais sobre as pilastras) e de consolos (apoiando o longo painel que parte do ático). Mas este antigo repertório foi ultrapassado. O novo vocabulário formal compõe-se de formas geométricas simplificadas, em que a antiga volumetria foi abandonada em favor de elementos chapados, paralelos ao plano de parede, ou de simples linhas incisivas traçadas com precisão e clareza sobre as superfícies.

A organização e articulação entre os elementos desta linguagem clássica "modernizada" permitem arranjos complexos, em que os elementos formais extravasam as antigas delimitações impostas pela tradição clássica, e reorganizam-se mais livremente, sem que as resultantes percam em definição e clareza. Assim, nos blocos laterais, o pequeno frontão curvilíneo do ático atravessa o cornijamento e a linha dos denticulos, num longo painel que vai se apoiar nas peças geométricas, ou consolos chapados, sobre a faixa superior à janela. É notável também a ação das linhas incisivas verticais que, cruzando as linhas horizontais ou passando sob a cornija e as faixas das pilastras, prosseguem em seu desenvolvimento sem perder a potencialidade.

Esta nova linguagem formal apresenta forte filiação ao repertório estilístico europeu do século XIX, em especial o *art nouveau*, ao qual podemos associar diretamente alguns elementos como as próprias linhas incisivas ou os pequenos frontões curvilíneos preenchidos por painéis. A esta familiaridade com o *art nouveau* ainda voltaremos em diversas ocasiões.

A entrada do edifício, situada no corpo central avarandado por cobertura independente apoiada em esbeltas colunas de ferro, é destacada pela ornamentação através do frontão triangular

ressaltado, sobreposto ao ático, e da distinção da porta e janelas centrais com molduras em arco pleno.

A antiga pintura bicolor das fachadas, conforme podemos observar na fotografia abaixo, da década de 20, estabelecia um contraste eficiente entre a fachada mural e os elementos ornamentais, hoje suprimido com a uniformidade da pintura branca.



#### BAZAR MODERNO

R. Cel. Joaquim Rosa, 211 e 227.

O Bazar Moderno foi construído em 1911, como atesta a data no frontão, para o comerciante e marceneiro Romeu Coraucci, com a demolição da antiga casa de taipas, vizinha ao Sobrado Ferreira da Rosa,<sup>61</sup> do qual aparece parte da fachada, à direita do bazar, na fotografia dos anos 20s.

-----

<sup>61</sup>Estes edifícios foram analisados no capítulo 1.



## BAZAR MODERNO

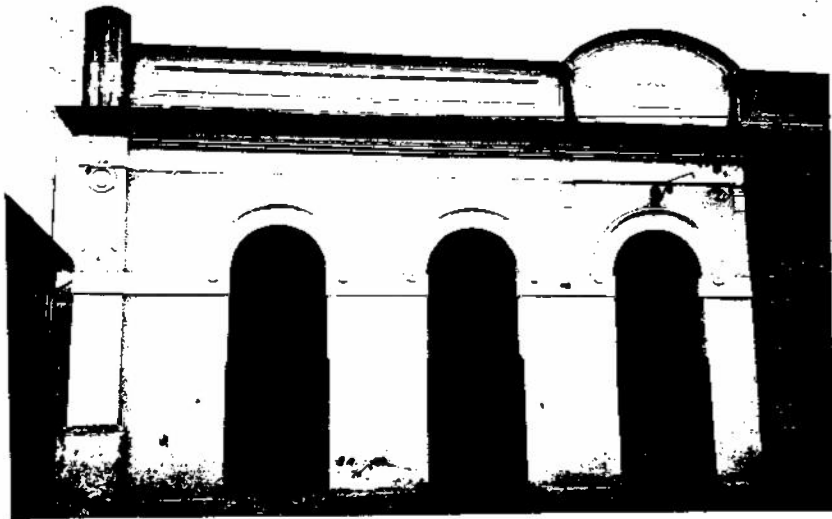
DE

### Romeu Coraucci

Este grande e importante estabelecimento situado á rua Coronel Joaquim Rosa, acha-se completamente reformado, cuja disposição de mercadorias em dois vastos salões deslumbra

Mencionar o que tem á venda este BAZAR,—um dos mais importantes do interior do Estado — é perfeitamente impossível — Assimsendo, visitem-no que lá encontrarão, —conservente ao seu ramo de negocio,— tudo quanto quizerem.

Batataes



Em 1.2.1912, Coraucci publicou o primeiro anúncio de seu bazar, composto por "dois vastos salões", na *Gazeta de Batataes*.

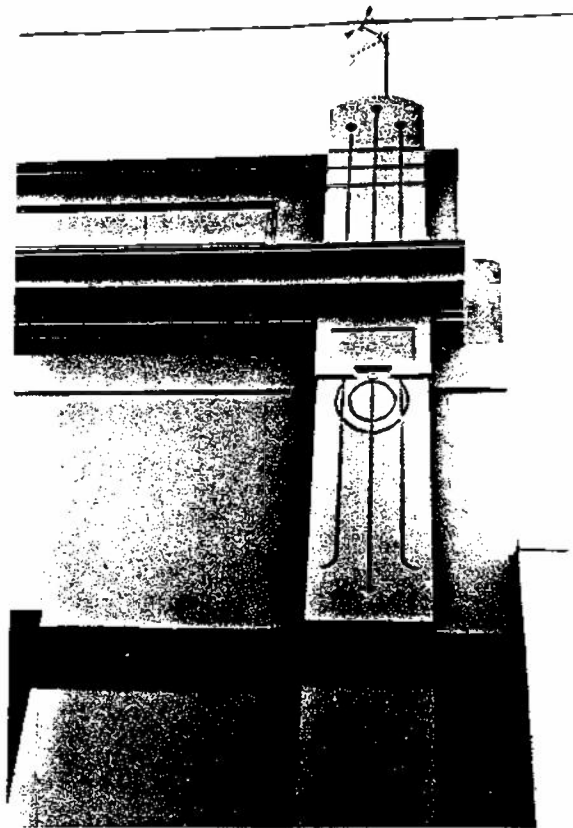
O edifício, comparado à Santa Casa, mantém aspectos mais tradicionais na volumetria paralelepipedal, na fachada mural ladeada por pilastras, e na implantação alinhada à rua.

A fachada, parcialmente descaracterizada, foi composta com sobriedade e simetria, apresentando cinco portas duplas de madeira, encimadas por bandeiras de arco pleno, trabalhadas em arabescos de ferro, que se comportam como caligrafias extremamente contrastantes com a superfície mural. A composição é horizontalmente acentuada pelas faixas que se sobrepõem às pilastras: a inferior apoiando visualmente as molduras circulares arrematadas por volutas, sobre as portas, e a superior na base da cornija; pelo próprio cornijamento ressaltado; e pelo ático que, embora interrompido pela circularidade do frontão, é preenchido por longos painéis retangulares laterais.

No entanto, o tratamento de fachada é inovador e estilisticamente próximo daquele empregado na Santa Casa. No Bazar Moderno também foi utilizada a linguagem clássica "modernizada", com a acentuação bidimensional e geométrica dos ornamentos e a aplicação de linhas incisivas na superfície das pilastras, numa nítida tendência a operar no plano.

Aqui também ocorre uma nova articulação entre os elementos formais. O pequeno frontão curvilíneo alonga-se sob o cornijamento, com a base, formada pelo ressalto da faixa inferior, apoiada em dois consolos geométricos. As próprias faixas horizontais, sobrepondo-se às pilastras, onde a faixa superior é transformada num retângulo vazado, que toma o lugar do antigo capitel e está em estreita relação com o grafismo linear, são exemplos de um novo arranjo formal.

Nas linhas incisivas, gravadas sobre as pilastras, encontram-se os vestígios mais claros da linguagem da tradição clássica: as três linhas verticais, na parte inferior das pilastras, lembram as caneluras; e na superior, os tríglifos, cruzados pelas três horizontais que guardam a memória de uma



cornija. Mas são lembranças. As antigas formas "clássicas" foram modernizadas, num processo simplificador e redutor. De que forma, na vigência da ordem dórica, tríglifos e cornija poderiam se sobrepor, como parece ocorrer nesta nova linguagem?

Por fim, ainda são notáveis: a infiltração do *art nouveau* na configuração deste novo vocabulário, explicitamente citado no painel que preenche o tímpano do frontão, e o sistema de fixação deste painel por meio de peças circulares. Ainda veremos como estes aspectos formais serão importantes para uma determinada linhagem arquitetônica produzida nos anos 20s.

## SALÃO SANTA CECÍLIA

R. das Palmeiras (atual R. Mons. Alves) - demolido.

O edifício, apesar da aparência de pavilhão fabril, era um salão artístico que abrigava sessões cinematográficas e espetáculos teatrais, construído no terreno que até então fora o quintal da Residência do Cônego Joaquim Alves Ferreira, como podemos ver na fotografia à página 119.

Sua construção e inauguração, a 7.9.1911, mereceu seguidas reportagens da *Gazeta de Batataes*, destacando a atitude progressista de seu realizador:

"...é ao nosso digno e progressista parococho padre Joaquim Alves Ferreira, que devemos, orgulhosos, a construção do artístico Salão", "...esse sumptuoso edificio que mostrara aos posteros a tenacidade, o espirito de progresso e o amor do filho dilecto a seu torrão natal"<sup>62</sup>

Com a conclusão do prédio, em 16.7.1911, o jornal descreveu o edificio, salientando seu aspecto modernizador e sua importância para a cidade:

"Visitámos o bello e sumptuoso 'Salão Santa Cecília', cujas obras acham-se terminadas.

"É um enriquecimento para nossa cidade a construção desse prédio.

[...]

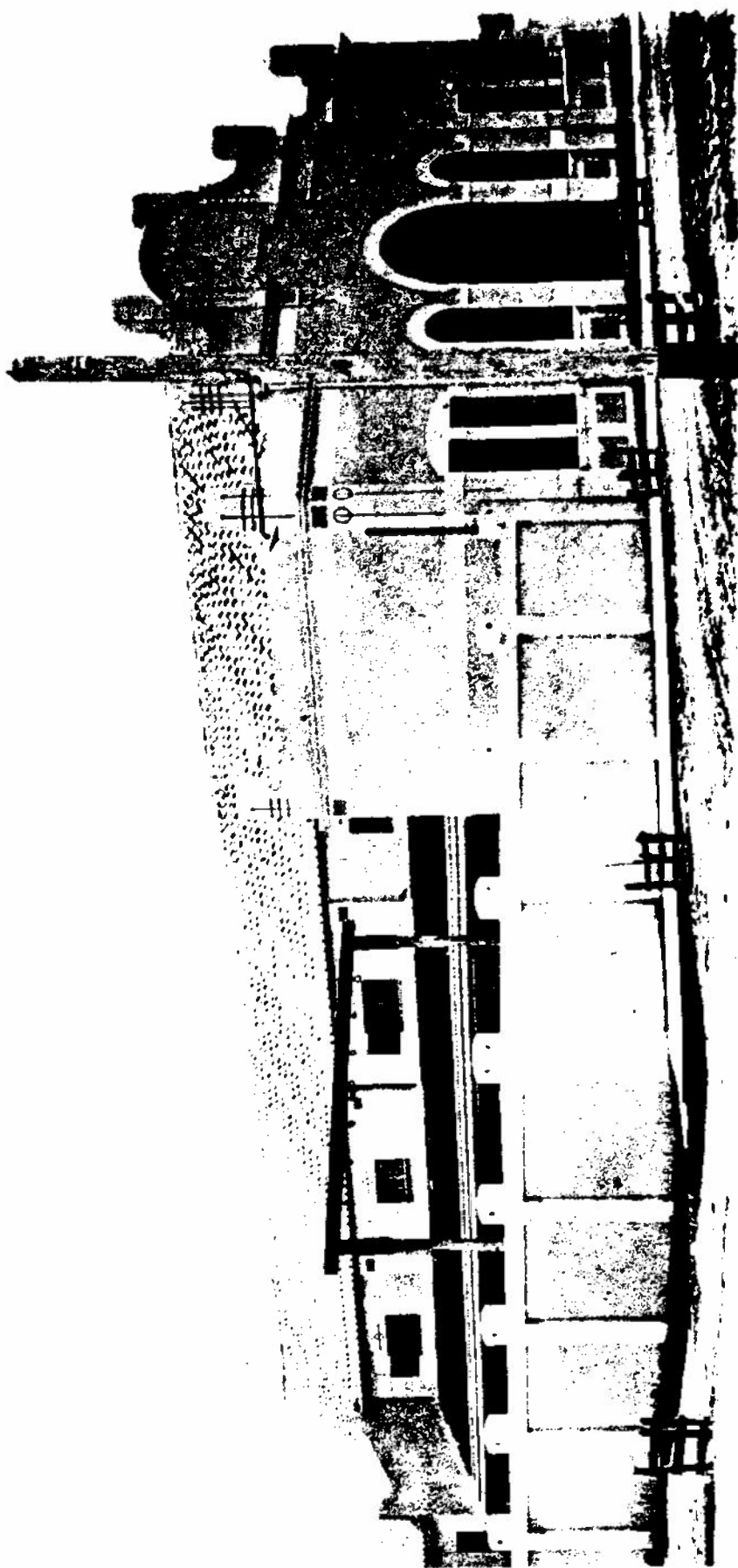
"A construção do 'Salão Santa Cecília' é moderna e, na extensão da palavra, artística.

[...]

"Seu frontispicio é simples quanto á architettura, porém offerece belleza e artistica disposição, tendo uma porta ao

-----

<sup>62</sup>*Gazeta de Batataes*, 3 e 10.9.1911.



centro e duas janellas de cada lado.

"Interiormente é luxuoso e encantador.

"Logo á entrada encontram-se diversos compartimentos já determinados para diferentes commodidades, sendo assoalhados com mosaico e as paredes excellentemente pintadas.

"Seguidamente entra-se no grande, bello e artistico salão que será a platéa, cujo assoalho é tambem de mosaico sobre o qual estão collocados, distantes da parede um metro e pouco, columnas de ferro de dois metros de altura que sustentam os camarotes latteraes e os de frente.

[...]

"A estupenda pintura dessa sala-platéa é encantadora e verdadeiramente artistica, não deixando nada a desejar.

"O panno de boca do palco é de finissima pintura e representa a virgem e martyr romana Santa Cecilia coroada."

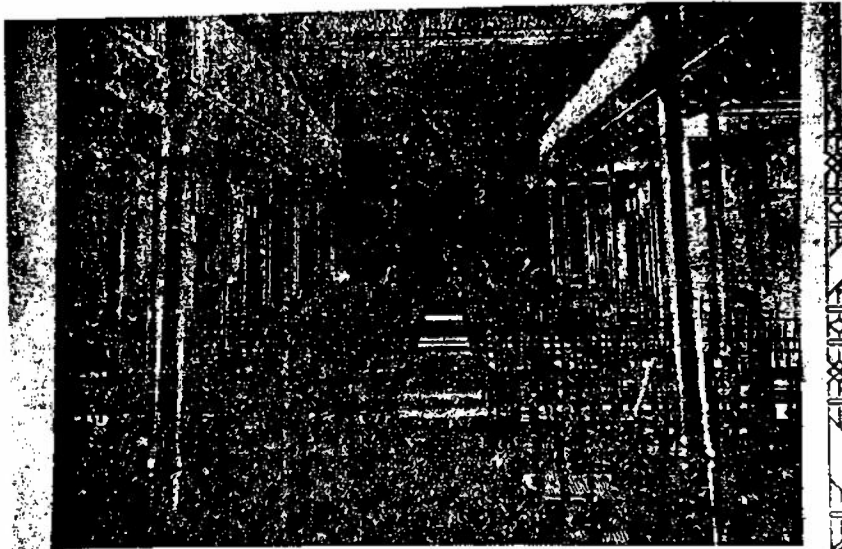
A "artística disposição" do frontispício é a distribuição simétrica e regular dos vãos e, extensivamente, dos demais elementos composicionais: "uma porta ao centro e duas [na verdade, três] janellas de cada lado". E é também uma expressão atualizada das antigas "regras d'arte" que deveriam ser observadas na concepção dos novos edificios, segundo o projeto de revisão do *Código de Posturas* em 1886.<sup>63</sup>

Atentar para a conexão destas expressões, temporalmente tão afastadas, 25 anos, é compreender que o processo arquitetônico comporta rupturas (na transformação modernizadora da antiga linguagem formal, por exemplo), mas também continuidades, como na permanência de normas compositivas.

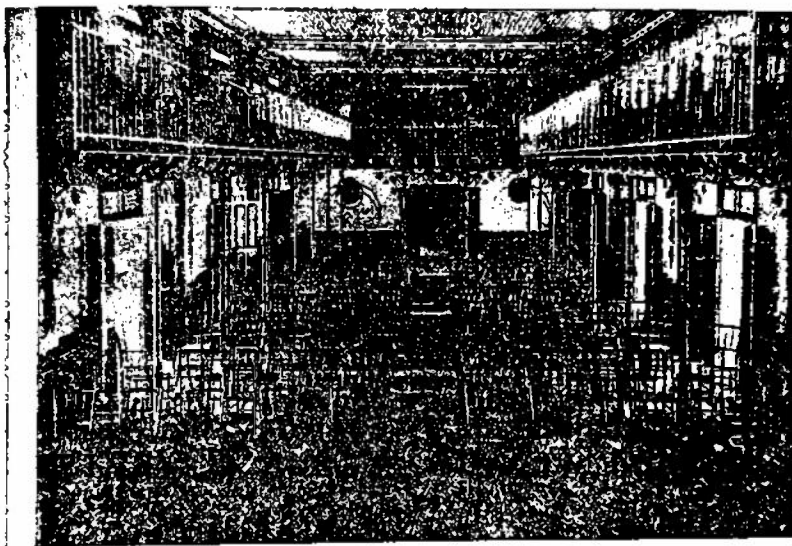
O Salão Santa Cecília também apresentava em suas fachadas a linguagem clássica "modernizada", já utilizada nos dois edificios anteriores, porém com maior liberdade e complexidade no arranjo dos elementos decorativos.

-----

<sup>63</sup>Cf. capítulo 2, pp. 72.



Photographia tirada da porta que dá entrada á sala-plateá



Photographia tirada do palco para a plateá

A fachada, ainda que estritamente mural, mostrava-se bastante movimentada, dispondo, simetricamente, vãos de vergas curvas e retas com o mesmo escalonamento de alturas, reproduzido pelo cornijamento seccionado e pelas pilastras alteadas, determinando um ático extremamente recortado por curvas e contra-curvas.

Aqui, o conjunto de linhas ortogonais incisivas foram traçadas com mais desenvoltura, particularizando cada dupla de pilastras, de mesma altura, com um desenho próprio. Nas pilastras laterais, sob o cornijamento, e nas fachadas laterais, acima das janelas, o grafismo aliava à linha vertical, um círculo claramente delineado, disposto sob um retângulo.

O traçado dessas linhas é de uma precisão e definição tais que parece desejar afastar qualquer sinal artesanal, aproximando-se de uma concepção industrial do desenho. Desta mesma forma, podemos encarar outros elementos formais, chapados e paralelos ao plano de parede, como o painel que preenhe o tímpano do frontão, de preciso recorte geométrico (cuja forma podemos associar diretamente à linguagem *art nouveau*) fixado à superfície com elementos circulares, como se fosse uma placa metálica industrialmente produzida.

A infiltração do repertório *art nouveau* na produção artística realizada em Batatais, a partir de 1911, não deixa dúvidas se examinarmos a pintura mural dos interiores do Salão Santa Cecília. Ainda que a nitidez das fotografias<sup>64</sup> seja sofrível, é possível observar a pintura de medalhões emoldurados pela sinuosidade linear e as formas florais que decoravam as paredes da platéia.

Em 31.5.1928, o Salão Santa Cecília foi fechado com a apresentação do filme *O Alto Bordo*. As atividades artísticas já contavam com um novo espaço, o Theatro Santa Helena, inaugurado

-----  
<sup>64</sup> Reproduzidas da reportagem da inauguração do Salão Santa Cecília. *Gazeta de Batataes*, 7.9.1911.

dias depois.<sup>65</sup> Nesta época, o Salão passou por reformas que remodelaram sua fachada e adequaram o edifício a novas funções, com a remoção dos camarotes. Uma nova Igreja Matriz começava a ser construída e os serviços religiosos foram transferidos para o antigo Salão, que tomou a denominação de Capela Santa Cecília.<sup>66</sup> Possivelmente, nesta ocasião, o edifício foi internamente dotado de uma grade formada pela justaposição de virabrequins de antigos (automóveis) Fords e Chevrolets que, com a demolição do edifício, nos anos 80s, foi reutilizada como grafil de fechamento residencial.<sup>67</sup>

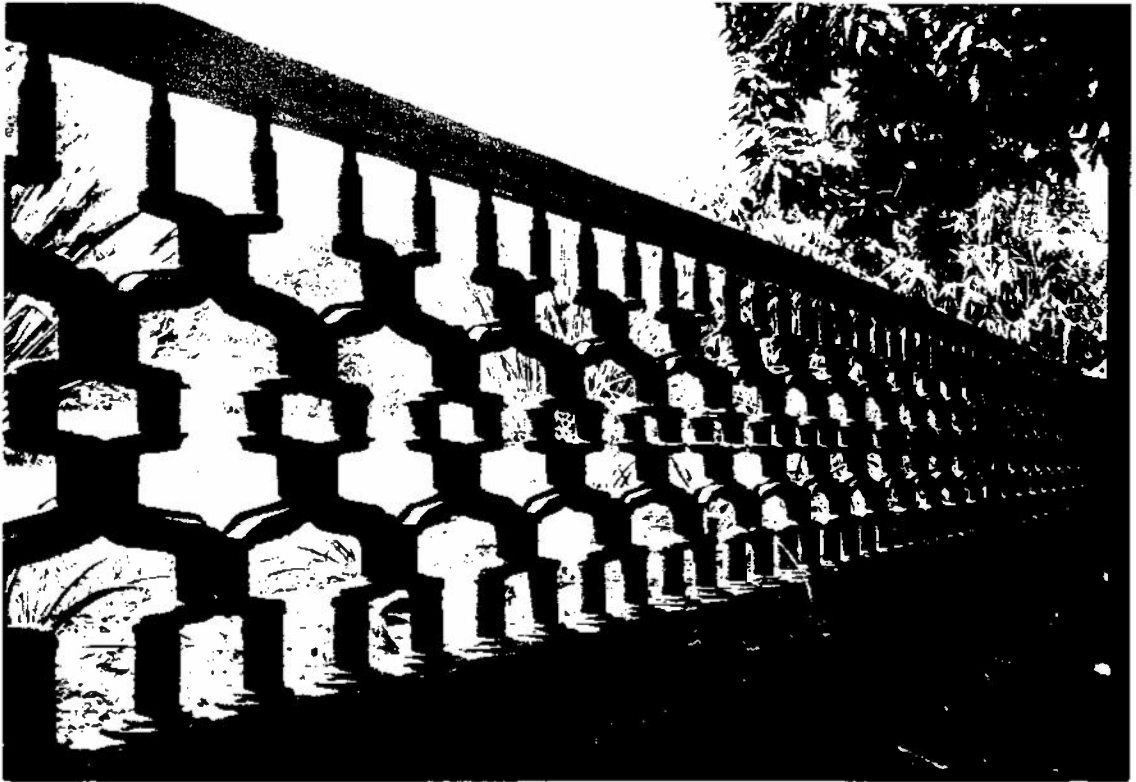


-----  
<sup>65</sup> *Gazeta de Batataes*, 31.5.1928.

<sup>66</sup> Cf. entrevista com Sr. José Braga Morato, 24.4.1992.

<sup>67</sup> Cf. entrevista com o colecionador batataense Sr. Gaspar Sousa Prado Neto.

A presença da grade de virabrequins, peças da indústria automobilística alçadas a elementos formais de componentes arquitetônicos, atesta o fascínio exercido pelas máquinas e pelas formas industriais, cujos primeiros sinais já são dados em 1911, mas que seduzirão principalmente a Batatais dos anos 20s, no momento em que é mobilizado o esforço pela industrialização, encarada como a única via para o progresso e a modernização da cidade, conforme veremos mais tarde.



#### UM POSSÍVEL MODELO ART NOUVEAU

A familiaridade estilística constatada nos edifícios da Santa Casa, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, a partir da adoção de uma linguagem clássica "modernizada", com clara penetração das formas *art nouveau*, não se deu por acaso. Muito provavelmente foram concebidos pelo mesmo artista. Apesar de ter

sido noticiada a contratação do eng. José J. Pifer para a conclusão das obras da Santa Casa, cremos que o construtor italiano Angelo Rossim, trazido a Batatais pelos salesianos, por volta de 1904, para a construção da Escola Agrícola São José,<sup>68</sup> foi o responsável pela concepção dos três edifícios. Como ainda veremos, Angelo Rossim será o responsável pela futura realização de edifícios que apresentam características *art nouveau*.

As constantes alusões jornalísticas ao "estilo moderno", com o qual teria sido construído o Salão Santa Cecília (e, por extensão, a Santa Casa e o Bazar Moderno), e com o qual se desejava dotar as novas edificações, inclusive através de incentivos da legislação municipal, nos levaram a examinar com cuidado os principais edifícios construídos no país, anteriores a 1911, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, freqüentemente referidas e tomadas como modelos, pela imprensa local, de cidades progressistas e modernas, conforme já vimos.

Assim, pudemos constatar as semelhanças formais que os três edifícios de Batatais apresentavam com o edifício paulistano conhecido como Vila Penteado.

A Vila Penteado foi projetada, em 1902, pelo arquiteto sueco Carlos Ekman para residência de Antônio Álvares Penteado, no bairro de Higienópolis. Este edifício, monumental e suntuoso, notável por sua inovadora arquitetura *art nouveau*, também despertava a atenção, na época, pela elevada posição social e econômica de seu proprietário. O Conde Álvares Penteado era a figura típica do homem empreendedor e progressista: cafeicultor e pioneiro da indústria paulista, tomou, entre outras iniciativas, a de construir a Escola Álvares Penteado, também projetada por Ekman, e o Teatro Sant'Ana, que existiu na Rua 24 de Maio.

Entre as várias possibilidades do construtor dos edifícios batataenses ter entrado em contato com a Vila Penteado, como a própria visita ao prédio, uma delas nos parece especialmente

-----  
<sup>68</sup>Cf. entrevista com Sr. José Braga Morato.

apropriada: a divulgação que o edifício mereceu.

No início do século, uma série de publicações, editadas no Brasil e no exterior, traziam reportagens ilustradas sobre o desenvolvimento econômico, social e cultural do país, destacando seus principais edifícios públicos e privados, sobretudo aqueles da então Capital federal e do Estado de São Paulo. Nestas publicações, como *The New Brazil*, que localizamos na Biblioteca Municipal de Batatais, *Twentieth Century Impressions of Brazil*, das quais reproduzimos as fotografias, e *Il Brasile e gli italiani*, a Vila Penteado teve sua imagem bastante divulgada.<sup>69</sup>



RESIDENCE OF COUNT ALVARES PENTEADO, SÃO PAULO.

---

<sup>69</sup> Alguns números das revistas *Brazil Magazine* e *Vida Moderna* também apresentaram artigos ilustrados sobre esta residências, segundo Prado, M.C.N.H. e Machado, L.G. (corrds.), *Exposição Vila Penteado*. São Paulo, FAUUSP, 1976, p. 13.



HYGIENÓPOLIS, SHOWING PENTEADO PALACE.

As fotografias publicadas foram frequentemente tomadas do mesmo ângulo, evidenciando, em primeiro plano, o pavilhão lateral ao palacete, que abrigava uma estufa para plantas, já demolido.

A nosso ver, este pavilhão pode perfeitamente ter servido de modelo para a composição das fachadas dos três edifícios batataenses, em especial, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, dadas as surpreendentes semelhanças entre suas fachadas. Imediatamente, percebemos a volumetria paralelepipedal, a manutenção das simetrias e a tendência bidimensional e geométrica da ornamentação. Mas as semelhanças estendem-se aos detalhes: as mesmas pilastras alteadas, decoradas por linhas retas incisivas, retângulos e círculos delineados com precisão; nos áticos, a repetição da discreta utilização curvilínea nos arcos, terminando em volutas, dos pequenos frontões centralizados.

No entanto, o pavilhão da Vila Penteado nos parece uma

experiência *art nouveau* mais radical e, como já observamos, os edifícios de Batataes utilizaram-se de elementos formais do *art nouveau* para a modernização da linguagem da tradição clássica, até então dominante na arquitetura local.

#### RESIDÊNCIA ALCIDES DE SOUZA E SILVA

R. Major Antônio Cândido, 175 (antiga R. Affonso Penna).

A construção da residência de Alcides de Souza e Silva, dentista, foi contratada com o empreiteiro de obras Angelo Rossim, em 3.4.1916, por 8:000\$000, "de acordo com a planta já aprovada pela Prefeitura."<sup>70</sup>

O contrato estipulou as condições de execução do edifício, das quais destacamos as de maior interesse: internamente, além dos cômodos habituais, a casa seria provida de dispensa, banheiro e, surpreendentemente, de uma alcova. Os cômodos seriam assoalhados e forrados com ventiladores, sendo a cozinha e o porão ladrilhados. Este foi o primeiro edifício encontrado que dispunha de porão utilizável. Por fim, a determinação da origem dos materiais construtivos básicos demonstra a dependência local da importação: "alicerces de pedras de Visconde do Parnahyba", "tijollos fabricados em Pontal, deste Estado" e "telhas de Mogy-Guassú".

O edifício é um volume paralelepípedo, implantado na testada do lote, que mantém dois recuos laterais: a entrada principal, à direita, acessada pelo alpendre; e a entrada de veículos, à esquerda. Se o partido arquitetônico e a situação do imóvel são tradicionais, a fachada se quer nitidamente "moderna", com clara influência do *art nouveau*.

A composição da fachada constitui-se num complexo jogo simétrico e ritmado por curvas e contra-curvas, estruturadas por algumas horizontais e verticais. As altas janelas, em arco pleno,

-----

<sup>70</sup>Primeiro Cartório. L. 71, fls. 36v a 39v.



são unidas duas a duas por uma grande moldura circular, terminada em volutas, mas firmemente apoiada num friso horizontal.

É admirável como a animação promovida pelos elementos formais repousam em relações cuidadosamente estabelecidas, das quais destacamos duas: Os painéis em um quarto de círculo, sob as janelas, estão dispostos de forma tal que ampliam as verticais das ombreiras externas das aberturas; e os respiradouros do porão, rebatendo o formato desses painéis, encostam-se à moldura curvilínea que desce das janelas à base da fachada, restabelecendo os dois semi-círculos vazados do ático.

No entanto, a presença de elementos tais como o cornijamento, ainda que seccionado; o ático que, mesmo alterado pelo movimento em curvas, nos é familiar; e o próprio volume prismático do imóvel, traem a adoção de novas roupagens para um velho corpo "clássico". A modernização da fachada admite também elementos mais sutis, como os traços incisivos horizontais, nas extremidades do edifício, que sugerem as antigas bossagens, e os traços nas laterais alteadas do ático, que retomam os tríglifos.

A linguagem formal empregada na Residência Sousa e Silva alinha-se à modernização já empreendida, em 1911, nas fachadas dos três edifícios anteriores, mas enfatiza decididamente a expressividade da curva.

A penetração do *art nouveau* nas formas arquitetônicas desta década atingiu mesmo os edifícios mais modestos, como veremos a seguir.

#### **RESIDÊNCIA JOÃO PAULINO DA COSTA**

R. Prudente de Moraes, 379 - desfigurada.

O edifício, construído em 1918, provavelmente já tenha sido concebido como casa comercial e residência, pois em 9.2.1921, seu proprietário, João Paulino da Costa, vendendo o imóvel, declara



que este possui "comodos para negócios e família".<sup>71</sup>

A fotografia de 1981 mostra as marcas, sob as janelas, de remodelações, onde possivelmente estivessem as portas comerciais; e a composição da fachada, apresentando dois tipos de pilastras, surgere esta antiga dupla função do imóvel.

O edifício não se constitui, como os que vimos anteriormente, num exemplar arquitetônico de destacada concepção formal ou de esmerada execução técnica, no entanto, testemunha a influência do *art nouveau* mesmo nos prédios mais modestos. A porta de entrada residencial recebe uma moldura circular, abrigando acima da verga, duas cartelas ostentando a data de 1918. As pilastras lisas que ladeiam a entrada apoiam-se em socos alteados, compostos por uma sucessão de retângulos sobrepostos e decrescentes, sob uma linha de óvulos, repetida nos capitéis.

A justaposição central de pilastras revela o contraste daquela de forma mais "clássica", à esquerda, descendo do cornijamento e apoiando-se sobre um soco retangular, e a pilastra "modernizada", perfeitamente suspensa pelo conjunto de elementos geométricos, e que se permite terminar na altura do friso, abaixo do cornijamento.

Este edifício, pelos seus contrastes, demonstra estar ocorrendo uma sensível transformação estilística, que não descarta a tradição "clássica" na qual se baseia, mas a enriquece com novos elementos.

#### A EXPLORAÇÃO PLÁSTICA DA LINGUAGEM DA TRADIÇÃO CLÁSSICA

Nos anos 10s, concomitantes às experiências mais inovadoras que tiveram lugar nos edifícios anteriormente analisados, foram construídos prédios de configuração formal mais tradicional, ainda

-----  
<sup>71</sup> Cartório de Registro de Imóveis. L. 79, fl. 84v. Venda efetuada a Joaquim de Arantes.

que, à semelhança das realizações arquitetônicas da década passada, tenham explorado as possibilidades plásticas da linguagem da tradição clássica, ou acrescentado-lhe elementos exóticos, como o edifício de inusitada inspiração maneirista. Esses edifícios, no entanto, ampliaram as formas de implantação no lote.

#### RESIDÊNCIAS AUGUSTO BERNARDINO MARQUES

R. D. Adorama, 339 e 359 (parte da antiga R. Cel. Pereira)

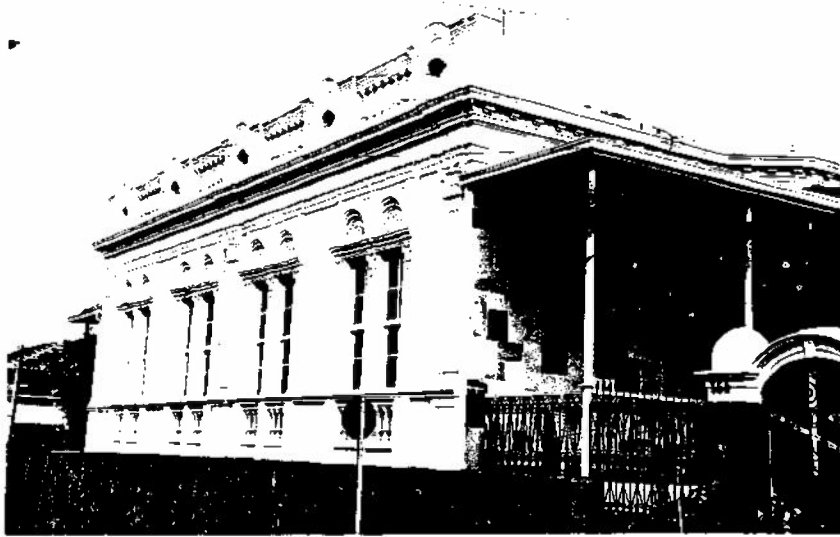
Em 1913, data gravada na bandeira da porta de entrada, o Major Augusto Bernardino Marques construiu o conjunto residencial de duas unidades geminadas, para moradia de seus filhos.<sup>72</sup>

O conjunto se ergue sobre porão alto, no alinhamento da rua, com amplos recuos laterais que abrigam o alpendre, acessado por escadaria, a entrada para carros e o jardim.

As duas residências possuem a fachada principal unificada, onde a simetria e a duplicidade são características marcantes da composição. Além do arranjo decorativo privilegiar o exercício de duplicação das aberturas do porão e do conjunto das janelas, estabelece múltiplos diálogos entre os elementos formais dos quais destacamos: as pilastras coríntias que ladeiam e assinalam, ao centro, a linha divisória das residências, são repetidas nas ombreiras das janelas; os balaústres cegos sob estas comunicam-se com aqueles vazados do ático; os arcos são retomados nos três níveis da fachada: porão, térreo e ático.

Sem recorrer à modernização da linguagem formal, como nos edifícios anteriores, esta fachada explora as possibilidades criativas da linguagem da tradição clássica, no mesmo sentido de

-----  
<sup>72</sup> Cartório do Registro de Imóveis. L. ant., fl. 81v, transcrições n. 8289 e 8290, escrituras de doação e de compra e venda, em 4.4.1925.





renovação da aplicação ornamental que já examinamos na década passada, especialmente na Res. Dr. José Paulino Pinto Nazário, à p. 169.

#### RESIDÊNCIA CEL. MANOEL VICTOR NOGUEIRA

Av. dos Andradas, 366 esq. R. Dr. Alberto G. Gomes - demolida.

Uma breve notícia de jornal, em maio de 1914, nos forneceu dados preciosos a respeito do edifício: "Dia 16 do corrente, benção da residência do Cel. Manoel Victor Nogueira, à R. Capitão Andrade, esquina com Av. Andradas, executada pelo empreiteiro

Cordiano Degani."<sup>73</sup> Cordiano, italiano nascido em 1891 em Vicenza,<sup>74</sup> veio para o Brasil com o pai, Ricardo Degani, empreiteiro de obras que, como já vimos, trabalhou em Batatais a partir de 1898.<sup>75</sup>

Este edifício distinguia-se pela notável implantação, perfeitamente adequada a um terreno de esquina: compunha-se de dois paralelepípedos, dispostos nos alinhamentos das ruas e parcialmente justapostos, possibilitando a criação de um quadrilátero livre na esquina, onde se situavam o jardim e o portão de entrada. As fachadas internas eram unificadas por uma ampla varanda, de cobertura independente, guarnecida de lambrequins, como podemos ver abaixo, na fotografia da década de 20.



-----  
<sup>73</sup>*Gazeta de Batataes*, 24.5.1914.

<sup>74</sup>*Livro de identificação dos condutores de automóvel matriculados no município de Batataes, 1925-1926, Delegacia de Polícia*, fl.111.

<sup>75</sup>*Livro de lançamento dos contribuintes ao imposto Indústrias e Profissões. Exercício 1898*, p.60, n.º de ordem 39.



Os quatro planos de fachada apresentavam a mesma composição modulada por pilastras dóricas, ladeando duas janelas centrais e os vértices do edifício. O largo entablamento era coroado, entre as pilastras centrais, por um frontão em arco abatido, decorado por guirlandas florais, e por palmetas que sinalizavam as prumadas das pilastras. O portão de entrada era ladeado por dois leões que conferiam uma imagem de altivez e imponência ao acesso da residência.



A ornamentação, portanto, era sóbria e simétrica, sem nenhuma sofisticação, pelo contrário, sua execução era bastante rústica, como podemos verificar no detalhe da janela. Este talvez tenha sido um dos motivos da insatisfação do Cel. Manoel V. Nogueira, cafeicultor e político destacado, para com seu edifício, levando-o a indicar, no ano seguinte, outro construtor italiano, Federico Bombonato, para a construção da residência do Sr. Francisco Setenta,<sup>76</sup> que veremos a seguir.

-----  
<sup>76</sup>Cf. entrevista com o Sr. Felício Bombonato, também construtor, filho de Federico Bombonato, em 18.9.1991.

## RESIDÊNCIA SR. FRANCISCO SETENTA

Av. Dr. Chiquinho Arantes, 161 (antiga Av. Frei Caneca) - desfigurada.

Este foi o primeiro edifício projetado e construído pelo italiano Federico Bombonato, em 1915, logo após sua chegada ao Brasil, para o Sr. Francisco Setenta. Entre outros edifícios que construiu, este é o único remanescente.

Federico Bombonato nasceu em 27.12.1889, em Castelbelforte, Mântua, e se formou arquiteto em Milão, fato desconhecido em Batatais, onde é tido por empreiteiro de obras. Talvez isso se deva à sua morte prematura, ocorrida durante a construção do sobrado de José Faggioni, já demolido, em 10.8.1928, época em que tratava do processo de reconhecimento de seu diploma no país.<sup>77</sup>

O edifício foi projetado em "L" e implantado nas testadas de um lote de esquina. No tratamento de fachada é notável como ao rígido sistema composicional, herdeiro da tradição clássica, que não quebra as regras de articulação dos elementos formais (base marcada, pilastras dóricas nos vértices, entablamento...), se contrapõe uma grande liberdade na concepção da delicada e variada ornamentação, mesclando elementos estritamente geométricos (painéis retangulares, geometricamente decorados, sob as janelas; molduras retas e frisadas em janelas e porta; e a frisa superior formada por peças geométricas em forma de setas), a rendilhados e arabescos (faixa rendilhada na base do entablamento e decoração sobre as vergas, conjugando arabescos, ora volumétricos, ora incisivos, aos elementos vegetais).

Neste sentido, a residência concebida por Bombonato mostra-se

-----  
<sup>77</sup>Cf. entrevista com seu filho, Sr. Felício Bombonato, em 18.9.1991. Para o estabelecimento preciso das datas de nascimento e morte, consultamos a lápide de Federico Bombonato, no Cemitério Municipal, e *Gazeta de Batataes*, 12.8.1928.



mais conforme à modernização empreendida nas fachadas dos primeiros edifícios construídos na década, do que aos dois prédios anteriores, que trabalham com elementos decorativos mais tradicionais.

#### RESIDÊNCIA JOSÉ OLYMPIO PEREIRA

R. Prudente de Moraes, 478

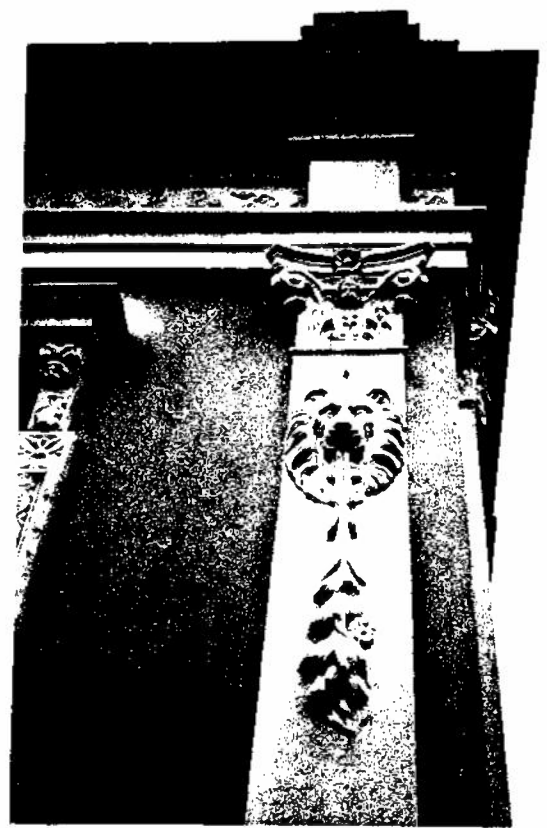
Esta residência é assim conhecida em Batatais por ter sido a moradia de infância do editor José Olympio, já falecido. Entretanto, o edifício foi construído para Marcello Comparini, possivelmente em 1916, pois em 6 de outubro deste ano, Francisco Uliana declarava ser proprietário de um "prédio de construção recente, ainda sem número, nesta cidade, á rua Prudente de Moraes, esquina da Rua Carlos Gomes [...] havido por compra a Marcello Comparini...".<sup>78</sup>

O edifício se constitui no primeiro exemplar residencial, concebido em prisma geométrico, que foi implantado no centro do lote, inteiramente livre dos limites lindeiros, convivendo com jardins na frente e na lateral.

Além da inovadora implantação, o edifício é notável pela perfeita articulação dos elementos da linguagem da tradição clássica, composta por pilastras coríntias, que ladeiam o edifício isolando os vãos centrais, e se elevam em faixas lisas sinalizadas pelos pináculos sobre o ático; pelo próprio ático duplicado e centralmente curvilíneo, marcando a entrada do prédio; e por cornijas, consoles e frisa.

A composição das fachadas foi enriquecida pela profusão de elementos decorativos que congrega anjos, cisnes compondo a frisa, flores em baixo relevo sobre as molduras de porta e janelas,

-----  
<sup>78</sup> Cartório de Registro de Imóveis. Livro 26 - Inscrição Especial, n.º de ordem 1864, p. 17v.



máscaras nos pilares do gradil, e leões se transformando em pendentes vegetais nos fustes das pilastras coríntias e nos pilares do portão de entrada. Esta composição aliando animais, vegetais, anjos e carrancas se remete claramente à decoração maneirista, do final do século XVI, especialmente pela metamorfose dos leões em pendentes vegetais.

Comparada com o conjunto de edifícios produzidos nesta década, esta residência parece resumir parte das experiências empreendidas: a constante inovação na implantação dos volumes geométricos no lote e a liberdade no trato ornamental, ainda que não apresente a linguagem clássica "modernizada" do primeiro grupo de edifícios.

## UM DESTACADO EDIFÍCIO PÚBLICO

### CADEIA E FORUM

Pça. Rio Branco, 1.

A construção de um novo edifício para a instalação da Cadeia e Forum de Batatais foi cogitada e solicitada, em 1911, ao governo estadual.<sup>79</sup> O amplo terreno destinado ao novo prédio, na Pça. Barão do Rio Branco, foi concedido pelo Bispo da Diocese, em 17.3.1913, por doação ao Estado.<sup>80</sup>

Em agosto de 1913, aberta a concorrência pública para a

-----

<sup>79</sup> Em 18.4.1911, a Câmara Municipal é de parecer que se entre em negociação com o governo, "...no sentido de ser adquirido até dez contos de reis, o edificio da actual cadeia publica desta cidade para nelle ser installado o Paço Municipal construindo o Governo do Estado um novo edificio para cadeia..." Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, fls. 117v e 121.

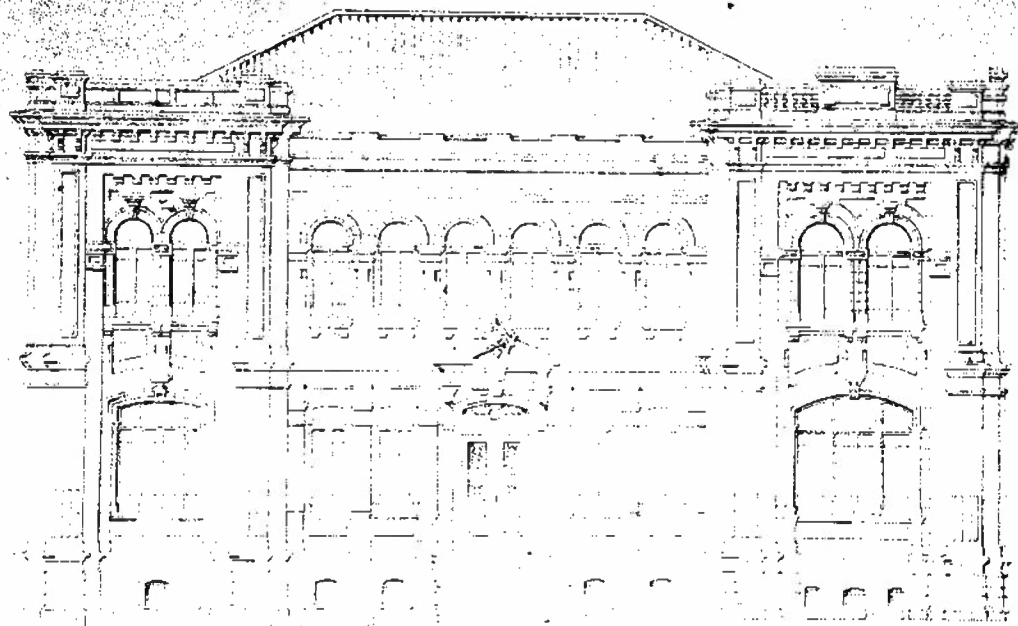
<sup>80</sup> *Gazeta de Batataes*, 30.3.1913.

CADEIA e FORUM

de

BATATAES.

FACHADA PRINCIPAL.

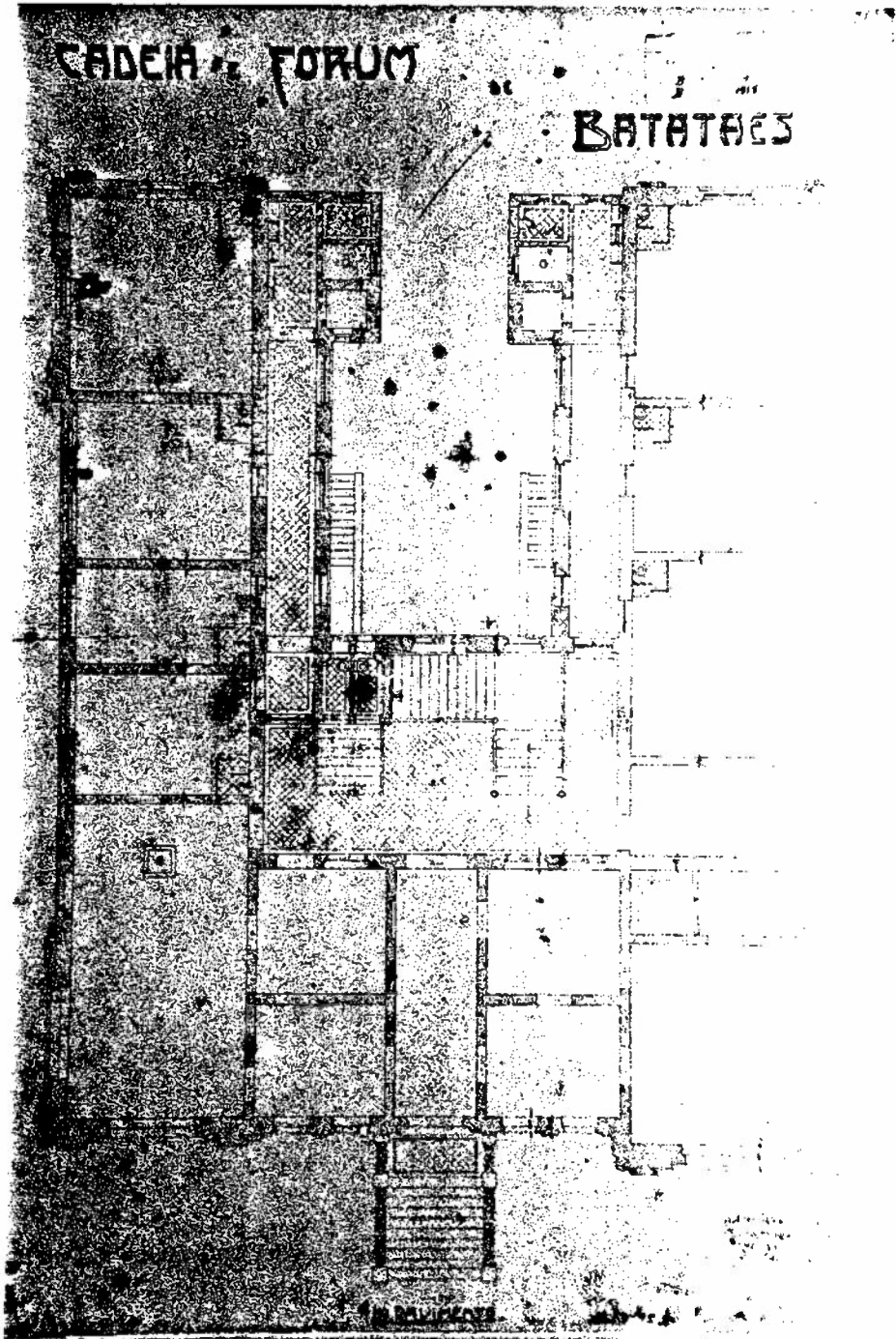


construção do edifício, foi aceita a proposta do italiano Vicente Lo Giudice.<sup>81</sup> Este construtor, chegado ao Brasil em 1890, iniciou sua carreira executando pequenas obras em diversos pontos do Estado, tendo se estabelecido, por volta de 1896, em Ribeirão Preto, como construtor e empreiteiro de obras públicas.<sup>82</sup>

A *Gazeta de Batataes* de 25.9.1913, noticiou que já tinham sido iniciados os serviços para a construção da Cadeia e Forum. Certamente tratava-se dos serviços preliminares, pois o projeto

-----  
<sup>81</sup> *Gazeta de Batataes*, 10.8.1913.

<sup>82</sup> Cf. Rotellini, V., *Il Brasile e gli italiani*. Firenze, R. Bemporad & Figlio Editori, 1906, p. 1136.



arquitetônico só foi concebido no ano seguinte.

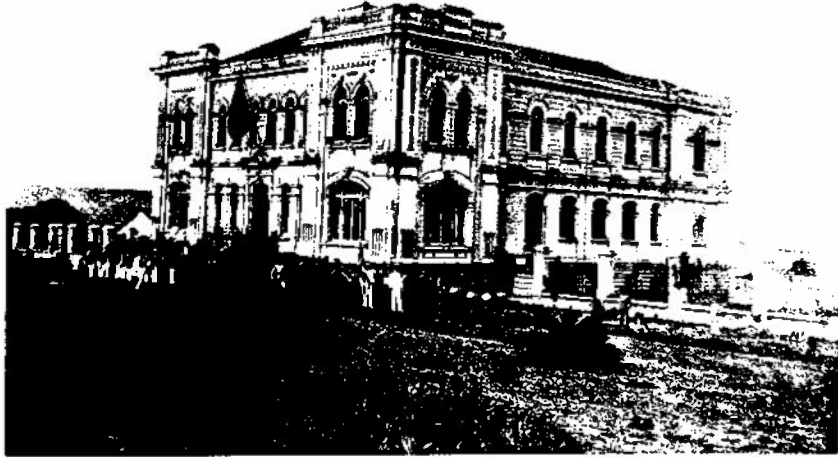
As plantas do projeto arquitetônico, do qual reproduzimos a fachada principal e o 1.º pavimento, foram desenvolvidas de 19.10.1914 a 12.11.1914. Estas plantas trazem a notação "Adaptação do Projecto do Arch.<sup>to</sup> G. B. Maroni", e são assinadas pelo arquiteto Carlos Rosencrantz, "nascido e formado na Alemanha, iniciou suas atividades na antiga Diretoria de Obras Públicas da Secretaria da Agricultura como desenhista, no ano de 1911, e só em 1913 foi nomeado para o cargo de arquiteto dessa Secretaria."<sup>83</sup> O projeto de G. B. Maroni não foi localizado. No entanto, examinando outros projetos de Rosencrantz, encontramos o projeto da Escola Normal de Pirassununga (1912-1918), que apesar de atender a um programa diferente, adotou um partido arquitetônico similar aquele adotado para a Cadeia e Forum de Batatais.

O edifício do Forum foi concebido em "U", de aproximadamente 27x30m, com a reentrância na fachada posterior dando para um pátio interno, e desenvolvido em dois pavimentos sobre porão.

A implantação do Forum no centro de uma quadra privilegiou seu aspecto monumental, posto em destaque pelo gradil de ferro trabalhado, entre robustas pilastras, que ladeava a fachada, com 5 metros de recuo, e completava o fecho do amplo terreno murado. O muro e o gradil foram construídos dois anos depois da inauguração do edifício, que se deu a 7.4.1917, a partir do projeto do arquiteto César Marchisio, de 10.7.1919. Hoje o prédio se apresenta sem o gradil, todo murado, perdendo a leveza advinda do fechamento caligráfico e transparente, como atesta a fotografia de 1922. Outra alteração importante refere-se à substituição das janelas originais, em madeira e vidro, por vitrôs.

A composição de fachada admite uma complexa variação formal, desde o tratamento de superfície ao formato das envasaduras e aos elementos decorativos, distintos segundo o pavimento que ocupam.

-----  
<sup>83</sup> Cf. Corrêa, M.E.P., et al., *Arquitetura Escolar Paulista 1890-1920*. São Paulo, FDE, 1991, p. 105.



Os ângulos do edifício são ressaltados, formando torres acentuadamente verticais, pela supressão do cornijamento, que marca a passagem dos pavimentos, e pelas pilastras colossais ocupando seus flancos. O prédio, aparentemente simétrico, surpreende pela diferenciação dimensional entre essas torres fronteiriças, que também apresentam platibandas distintas. Esta distinção entre as torres já estava prevista no projeto. Por sinal, a construção do Fórum seguiu o projeto de Rosencrantz à risca. Poucos elementos diferiram de seu extenso detalhamento, que incluiu até detalhes da armação da ferragem.

Na verdade, um edifício como este se liga mais estreitamente a outros edifícios de iniciativa estadual, incluindo os grupos escolares e as escolas normais, que foram espalhadas pelo Estado de São Paulo. Do ponto de vista arquitetônico, no momento em que se inserem nas cidades do interior, são como corpos estranhos às arquiteturas locais que, de longa data, vêm sendo desenvolvidas. Um exemplo marcante desta ocorrência pode ser verificado na própria Batatais, quando, em 1886, foi construída a *Cadeia Pública* numa nova linguagem formal e em alvenaria de tijolos, num momento em que a arquitetura da cidade era formada por edifícios de adobes e esteios de madeira aparente.



A nova Cadeia e Forum era um projeto grandioso, de complexo vocabulário formal e tecnicamente ousado, ao sobrepor duas longas janelas ao grande vão do primeiro andar das torres frontais. Sua planta derivou das inúmeras experiências projetuais e construtivas, constantemente ajustadas e aperfeiçoadas na capital paulista por profissionais experientes, entre os quais alguns formados fora do país, como é o caso do próprio Rosencrantz.

No entanto, estas obras eram motivo de admiração e orgulho por parte dos habitantes das cidades onde elas eram instaladas e, frequentemente, tomadas como modelos pelos profissionais locais. Ainda veremos, no Capítulo 6, como certos aspectos da Cadeia e Forum foram levados em conta no edifício construído por Romulo Rigotto, em 1925, para o novo Paço Municipal de Batatais.

### CONCLUSÕES

O exame da arquitetura de Batatais, durante esta década, aponta o ano de 1911 como um marco. Marco arquitetônico completamente coerente com os ideais modernizadores e progressistas que movem a cidade, sob múltiplos aspectos, justamente a partir de 1911.

Neste ano, através de três edifícios datados, atestamos uma notável transformação estilística, derivada da ação do vocabulário *art nouveau* sobre a linguagem arquitetônica da tradição clássica, gerando sua modernização. A linguagem clássica "modernizada", como a nomeamos, caracteriza-se pela acentuação bidimensional e geométrica dos ornamentos da tradição clássica e pela aplicação de linhas incisivas, que remetem às antigas caneluras, tríglifos e cornijas, nas superfícies murais, numa nítida tendência a operar no plano, possibilitando novas articulações entre os elementos formais. Esta renovação estilística, no entanto, não perturbou a estrutura volumétrica dos edifícios, basicamente paralelepipedal.

A linguagem clássica "modernizada" ficou registrada mesmo em residências menos pretensiosas, como a *Residência José P. da*

*Costa*, construída já no final da década. Na verdade, estes edifícios fundam uma linhagem arquitetônica que vai se desenvolver nos anos 20s, como veremos.

Do ponto de vista formal, destacamos a ocorrência concomitante de um conjunto de edifícios que, sem recorrer à modernização da linguagem da tradição clássica, exploraram-na em suas possibilidades plásticas e criativas, no mesmo sentido que constatamos na década anterior, por vezes, acrescentando-lhe elementos exóticos, como as Residências José Olympio Pereira e Francisco Setenta.

A Cadeia e Forum, como já assinalamos, situa-se na esfera das iniciativas estaduais, sem manter relações estreitas com o desenvolvimento formal que vinha sendo desenvolvido pela arquitetura local, mas perfeitamente inserido no cenário urbano.

Nesta década assistimos à realização mais variadas soluções de implantação dos edifícios nos lotes. A partir da inovação da Santa Casa, abrindo um amplo recuo frontal entre seus blocos laterais avançados, e abolindo qualquer contato com os limites do lote, novas implantações se sucederam. A Residência Cel. Nogueira adaptou-se perfeitamente ao lote de esquina e a Residência José Olympio Pereira foi centralizada no lote, abrindo mais espaço para os jardins e rompendo ainda mais a antiga muralidade das fachadas justapostas.

No entanto, a dominante horizontalidade urbana foi mantida pela continuada construção de edifícios térreos. Se observarmos as duas vistas aéreas do início dos anos 20s, às pp. 203 e 204, vamos verificar esta horizontalidade. A Cadeia e Forum, no alto da foto oval, foi a única edificação em dois pavimentos que constatamos ter sido realizada nesta década, mas estava em perfeito acordo com o desejado destaque urbano dos edifícios públicos, propiciado pela própria implantação.

A persistência na ocupação da área central da cidade, nas proximidades da Igreja Matriz, caracteriza a localização de todos os edifícios remanescentes. Mas observando as mesmas fotografias, verificamos que, ainda no início dos anos 20s, restava muito

espaço livre nesta área, inclusive pela manutenção de muitos dos antigos e longos lotes, indo de uma rua à outra, ainda não desmembrados. Além disso, o centro da cidade, pelos prioritários cuidados que continuamente lhe eram dispensados, certamente, exercia uma forte atração sobre os habitantes.

A comprovada atuação de construtores italianos em Batatais, cuja presença na cidade já constatamos pelo menos desde 1894, amplia-se consideravelmente nesta década. Se considerarmos os construtores já identificados, veremos que nos anos 90s do século XIX, ao lado de José Zampieri e Angelo Bonvicino encontramos o único empreiteiro de obras não italiano, Antônio Macário da Silva, no longo período abordado por nosso trabalho. Na década passada, os italianos Guilherme Rosada e o eng. Affonso Geribello foram responsáveis por algumas obras. Nesta década, à atuação de Guilherme Rosada, projetando o edifício da Sociedade Italiana, em 1913, e dirigindo as obras de ampliação do Colégio São José,<sup>84</sup> em 1920; e do eng. Geribello, autor dos estudos para a construção de um teatro, em 1911; acrescentamos os nomes de Angelo Rossin, Cordiano Degani, Federico Bombonato e Vicente Lo Giudice, empreiteiro de obras da Cadeia e Forum.

A visão panorâmica desta década revela a consciência do tempo, da cidade como uma unidade, da qual tomam parte os edifícios, as praças, as ruas, os equipamentos infraestruturais.

Mas a construção deste conjunto de elementos, que é a cidade, não é realizada ao acaso: os edifícios públicos devem ocupar determinados lugares, com destaque; as principais residências buscam as esquinas e as praças; o ajardinamento das praças deve obedecer a canteiros artísticos, onde a vegetação não deve crescer ao léu, mas ser geometricamente confinada; os passeios precisam ser uniformizados; as redes de esgotos e de água são planejadas por engenheiros; o calçamento das ruas atende em primeiríssimo lugar ao local mais necessitado, onde a declividade e o tráfego de

-----  
<sup>84</sup> *Gazeta de Batataes*, 25.4.1920.

veículos são mais intensos...

Por trás das medidas tomadas pela municipalidade e das sugestões e cobranças da imprensa, vemos um sentido que sugere a ordem, a clareza, a funcionalidade, o conforto, a beleza, enfim, os princípios racionais de organização. Ideais que permeiam a arquitetura e o urbanismo.

## A DÉCADA DE 20

Na década precedente, vimos como, a partir de 1911, sob o influxo de ideais progressistas e modernos, a cidade recebeu, além de importantes edifícios, um conjunto de melhorias e equipamentos urbanos que propiciaram seu funcionamento higiênico e confortável.

Batatais, portanto, iniciou os anos 20s com os problemas de infraestrutura urbana praticamente resolvidos. O calçamento de ruas a paralelepípedos de pedras já atingia, em 1925, a metade do centro da cidade, na área que vai desde a Pça. Côn. Joaquim Alves até a R. Prudente de Moraes. A partir desta data, foi iniciado o revestimento das ruas e avenidas localizadas acima da praça central.<sup>1</sup> Por volta de 1927/1928, a cidade estava praticamente calçada, e o calçamento estendia-se pela Av. Rebouças, atingindo a estação da Mogyana.

Nos anos 20s, as iniciativas municipais e as campanhas orquestradas pela imprensa local centraram-se sobretudo no embelezamento da cidade. Afinal, a estética urbana era um sinal evidente de progresso e modernidade.

## O EMBELEZAMENTO DAS PRAÇAS PÚBLICAS

As praças mereceram atenção especial. Entre 1924 e 1925, decidiu-se embelezar a Pça. XV de novembro, abrindo e calçando as duas ruas laterais que permaneciam indefinidas, ajardinando a praça, e combinando "com a Companhia Melhoramentos de Batataes, para se proceder á demolição do prédio que se acha na referida

-----  
<sup>1</sup>Lei 447, de 10.8.1925. Livro de Reg. de leis n.º 2, pp. 136v e 137.

praça e que já serviu de escriptório,"<sup>2</sup> o antigo *Escritório da CPE*, que vimos à p. 178. Em 21.2.1926, a *Gazeta de Batataes* noticiou o início dos serviços de embelezamento: "serão construídos passeios de mosaico em suas quatro faces, ficando o centro todo ajardinado." No mês seguinte, anunciou-se a breve entrega da praça ao público: "não illuminada, porque a luz, ahi, será subterrânea e, basta dizer isto, para comprehender-se o quanto é moderna e artística."



A imagem acima, de 1927, mostra o arranjo de canteiros perfeitamente geométricos e a disposição simétrica e regular da vegetação de maior porte, moldada pela topiaria.

A Praça João de Andrade, antiga Pça. da Independência, foi completamente reformada e dotada de um coreto, elemento essencial dos jardins do tempo. Em 26.7.1925, o coreto já estava quase concluído e "a praça toda gramada com canteiros dispostos em elegante simetria." A inauguração do conjunto deu-se a 7.9.1925, com um magnífico concerto da Banda Musical Santa Cecília, que

-----

<sup>2</sup>Leis 421 e 437, de 11.4.1924 e 12.1.1925, respectivamente.

completava seu oitavo aniversário.<sup>3</sup>



As fotografias acima, de autoria de João Augusto Loyola,<sup>4</sup>

-----

<sup>3</sup> *Gazeta de Batataes*, 26.7.1925 e 13.9.1925.

<sup>4</sup> João A. Loyola (Batatais, 9.6.1884 - ?) foi fotógrafo, pintor.

retrataram a suave declividade da praça, delineada com ajardinados canteiros geométricos e palmeiras dispostas com estrita simetria, em torno do pequeno coreto descoberto. Na segunda foto, Loyola compôs o cenário tomando partido das modernas residências recentemente concluídas.

Embora as praças mantivessem um padrão racional de organização, cada uma delas apresentava aspectos próprios, quer no traçado, quer na configuração vegetal. A Pça. Barão do Rio Branco recebeu canteiros geométricos que deixaram livre um amplo semi-círculo frente à entrada do edifício da Cadeia e Forum,



ator e diretor artístico do *Grupo Dramático João Caetano*, de teatro amador. Atuante em Batatais pelo menos desde o início do século, quando em 16.1.1906 apresentou uma proposta para pintar o Theatro Municipal (Arquivo da Câmara. C. 34). Entre seus inúmeros trabalhos de registro da paisagem urbana local, encontra-se o Album Comemorativo do Centenário da Independência, não assinado, pertencente ao acervo da Casa da Cultura de Batatais, cuja autoria foi determinada por nossas pesquisas, cf. "Relação de gastos com o Centenário da Independência pela Câmara": João Loyola - 2 albuns com photographias das festas do Centenário - 190\$000. *Gazeta de Batataes*, 18.2.1923.

ressaltando sua monumentalidade, e sua vegetação mesclou palmeiras, árvores e arbustos tratados pela topiaria.

A remodelação das praças públicas foi extensa. Em 17.5.1925, a *Gazeta de Batataes* informava estar quase terminada a reforma da Pça. Côn. Joaquim Alves, "com seus grammados e esbeltas palmeiras," lamentando, no entanto, a existência de "sensíveis falhas": "o ruinoso coreto que a enfeia... e a falta de calçamento de suas aleas e da parte central," que prejudicariam a estética do logradouro, que logo receberia uma "illuminação moderna e artística."

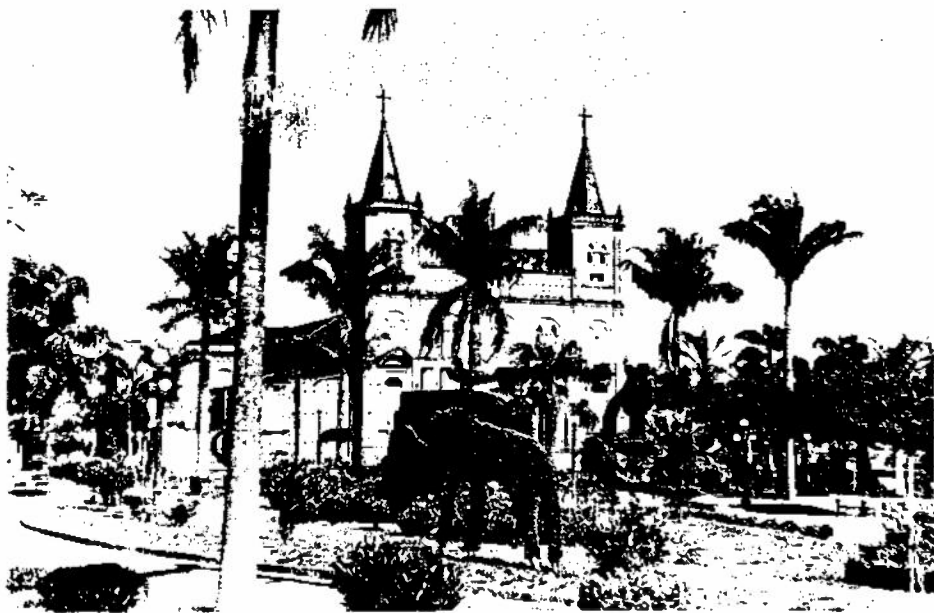


A fotografia acima mostra a praça nesta ocasião, com o "ruinoso" coreto, construído em 1907, as alamedas de terra, os postes ainda de madeira e a arborização sendo formada.

Por volta de 1928, a Pça. Côn. Joaquim Alves já se apresentava em toda sua exuberância vegetal, um novo coreto fora inaugurado em 7.9.1927, e a moderna iluminação estava em funcionamento. As imagens abaixo mostram os caminhos curvilíneos delineados por canteiros entremeados pela vegetação moldada em elementos fantasiosos: um exótico elefante; um arco com as iniciais da praça, disposto entre pilares coroados por galinhas; e ciprestes recortados nas mais variadas formas geométricas. A foto

aérea, tirada em 31.8.1929, retratou a praça inserida no centro urbano.

Jorge Sandrin (Campinas, 4.9.1892 - Batatais, 29.8.1963) foi o jardineiro responsável pela remodelação dessas praças. Em 1924, chegou a Batatais, vindo de Ribeirão Preto, onde se iniciara como ajudante de jardineiro em 1915. Sem qualquer instrução em topiaria, iniciou as esculturas vegetais, frutos de sua própria imaginação, nos jardins de Batatais. Seu filho e continuador, Adelino Sandrin (Ribeirão Preto, 10.07.1914 - Batatais, julho 1992) trabalhou a seu lado, a partir de 1924, e cuidou dos jardins da cidade até 1936, quando partiu para dirigir o ajardinamento da







vizinha Sertãozinho.<sup>5</sup>

Na verdade, a remodelação das praças públicas representou o momento culminante de um movimento de dominação da natureza no espaço urbano, que se desejava nitidamente destacado da área rural. Se relembrarmos alguns episódios passados, como o contínuo esforço da manutenção de ruas retilíneas e uniformes; a exclusão dos animais primeiro das ruas, depois dos próprios quintais; a contenção da vegetação pelos muros residenciais; a remoção das "pastagens" que cresciam nas ruas de terra, vamos verificar que a natureza foi admitida na cidade, mas desde que submetida a padrões racionais, em harmonia com os padrões construtivos e urbanísticos. Nos jardins de Jorge Sandrin, notamos o esforço determinado de deter e moldar racionalmente a caprichosa fantasia da natureza, e constatamos que os animais são readmitidos na praça central, mas já não podem vagar pelas ruas, nem precisam ser amarrados nas palmeiras da Matriz.

O episódio do corte do arvoredo da cidade é revelador. Em 5.7.1925, a *Gazeta de Batataes* dava início a uma campanha pelo corte de pelo menos 50% das árvores, frutíferas ou não, pois alegava o jornal: "Não raro, ouvimos dizer por pessoas aqui residentes e pelas que nos visitam, que nossa cidade é um verdadeiro bosque." Depois de enumerar os melhoramentos então promovidos pela administração municipal (calçamento de ruas, ajardinamento de praças), a reforma da iluminação pública pela Companhia Melhoramentos de Batataes, e os ganhos obtidos, pela cidade, da iniciativa particular, com a construção dos "bellos e grandes pavilhões das fábricas de chapéus e tecidos" e de "lindos predios e bangalôs", concluía:

"Deante desse nosso progresso material, estamos em afirmar

-----

<sup>5</sup>Cf. correspondência mantida com Martha M. Sandrin de Freitas, que tomou o depoimento de seu avô, Adelino Sandrin, a partir de questões que formulamos.

que o enorme arvoredado que se vê na cidade enfeia esta porque lhe tira a vista dos seus prédios, além de prejudicar, de certo modo, a hygiene das habitações."

O argumento principal era, então, que a cidade era um bosque e a visibilidade de seus prédios estava prejudicada. Mas com o segundo argumento: a hygiene das habitações, o jornal consegue, no ano seguinte, o aval do fiscal sanitário, Dr. Caetano Zanitti Mammana, condenando o arvoredado dos quintais, "em cuja sombra perpetua proliferam pernilongos e micróbios de toda especie."<sup>6</sup>

Finalmente, em 23.6.1927, a Câmara Municipal levou ao conhecimento público a vistoria de todos os quintais, pelo inspetor da hygiene, sentenciando:

"Será [...] procedida a devastação das arvores existentes nos perímetros urbanos, as quaes não só dão á cidade um aspecto de floresta, encobrimdo as casas para quem faz sua observação fora do povoado como também servem de guaritos dos pernilongos e mosquitos perniciosos à nossa saúde."

Interessante é que o aviso da Câmara Municipal reafirmou a primazia da estética na ordem das questões envolvidas (estética e hygiene). Neste episódio também fica evidente, mais uma vez, a necessidade da nítida distinção entre o centro urbano e o mundo rural. A grande quantidade de árvores, que davam à cidade o aspecto de "bosque" ou "floresta", era condizente com a área rural, não com a Batatais que se desejava progressista. Além disso, havia o olhar dos visitantes, explicitamente referidos no artigo jornalístico. O próprio aviso da Câmara salientou que as árvores encobriam as casas "para quem faz sua observação fora do povoado." Claro, porque se observarmos a vista aérea da cidade, constataremos que quem andasse pelas ruas não teria a visibilidade

-----

<sup>6</sup>Gazeta de Batataes, 22.7.1926.

dos prédios prejudicada porque inexistia arborização de vias públicas, a não ser na R. das Palmeiras e Av. dos Andrades, logo acima da praça central, e em conformidade com os registros municipais consultados. Ora, para observar a "floresta" formada pelos quintais, era necessário olhar a cidade do alto, justamente por onde se chegava a ela. E Batatais não queria ser considerada pelos visitantes caipira ou atrasada.

#### A REFORMA DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA

A reforma e ampliação da iluminação pública, executada pela Companhia Melhoramentos de Batataes, constituiu-se não só na considerável melhoria das condições de iluminação, mas também num dos fatores de embelezamento das ruas e, principalmente, das praças.

A *Gazeta de Batataes* seguiu cada passo da extensa reforma, que substituiu os antigos postes de madeira por postes de ferro, e trocou as lâmpadas de 50 velas por potentes lâmpadas de 60, 100 e 200 velas, triplicando a iluminação da cidade.

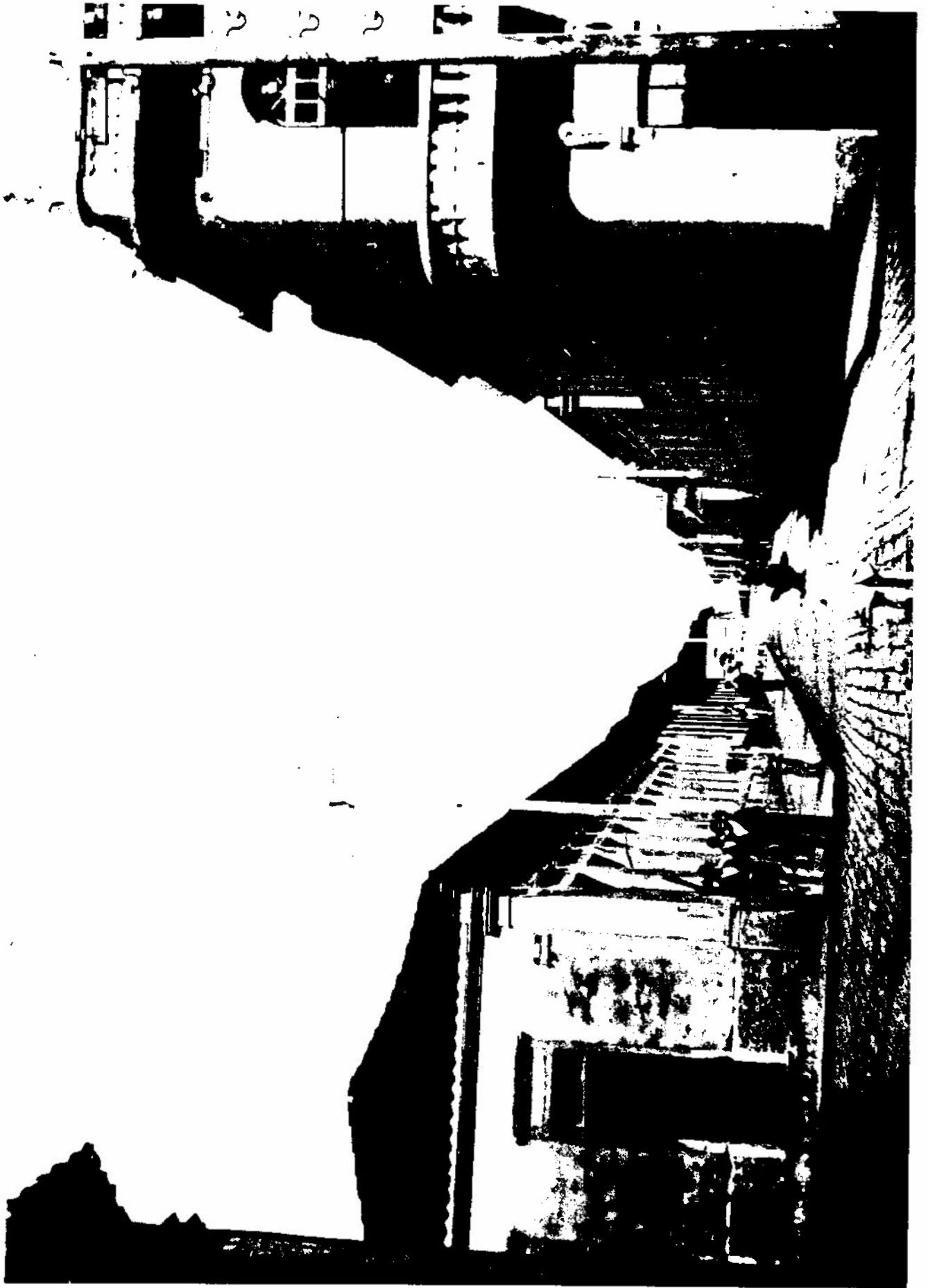
Em 24.8.1924, o material adquirido nos EUA já se achava no porto de Santos e, em 10.3.1925, estava iniciada a colocação dos postes de ferro nas ruas. Mas o jornal, notando o desalinhamento na disposição dos postes, alguns fincados no centro dos passeios, pediu o perfilamento das colunas de ferro, visando a uniformidade que impunha "a esthetica da cidade".

Com a conclusão do serviço nas ruas, em 22.4.1926, a *Gazeta* comemorava:

"Bem se pode dizer que hoje Batataes é uma das cidades mais bem iluminadas do interior de São Paulo.

"Esse serviço público foi radicalmente reformado e de maneira moderníssima e sólida."

Logo depois foi iniciado o trabalho nas praças, cujo "systema





de illumina-las vae ser differente daquele que actualmente existe e sempre existiu." Em maio de 1927, a nova iluminação das praças Côn. Joaquim Alves, XV de novembro e Washington Luis, que pode ser observada nas fotos passadas, foi experimentada com sucesso, ressaltando-se a modernidade do sistema adotado: fios condutores subterrâneos, postes de ferro, como os das ruas, mas de menor altura, variando o número de globos opacos, de grandes dimensões, "de conformidade com o systema adotado em Paris, Londres, Berlim, Rio e São Paulo."<sup>7</sup>

As fotografias acima, a primeira, anterior a 1924, e a segunda, de autoria de João Loyola, datável de 1926, retrataram o mesmo trecho da R. Barão de Cotegipe, subindo em direção à Pça. Côn. Joaquim Alves. Nelas pode ser observada a substituição dos antigos postes de madeira pelos novos postes de ferro, com as lâmpadas suspensas por um elegante arco, decorado com a sinuosidade linear do *art nouveau*.

#### A REJEIÇÃO DA ARQUITETURA DE ADOBES E TAIPAS

Comparando as duas fotos, podemos observar também que a extensa linha de largos beirais dos edifícios, à esquerda, é interrompida, na segunda foto, por recortadas platibandas, que acompanham o coroamento do lado direito da rua, inteiramente composto por elas. Cremos que estas alterações tenham sido executadas no sentido de uma atualização ou modernização das fachadas.

A imagem abaixo, anterior a 1926, uma vez que ainda apresenta os antigos postes de madeira da iluminação, retratou uma das faces da Pça. Côn. Joaquim Alves. Na sucessão de edifícios, podemos observar o mesmo tipo de alterações: a segunda e a quarta fachadas, a partir da esquerda, são características da antiga

-----

<sup>7</sup> *Gazeta de Batataes*, 19.5.1927.

arquitetura de adobes, acrescidas de platibandas.



Estas ocorrências de atualização das fachadas estavam em perfeita sintonia com a verdadeira febre de modernização que assolava Batatais. Desde 1921, a *Gazeta de Batataes* vinha noticiando e festejando os novos e modernos prédios erguidos na cidade. Além disso, esta década assistiu à uma intensa atividade construtiva e o jornal não deixou de registrar este dinamismo:

"...a cidade está se enchendo de construções novas e modernas.

...

"Sabemos que ha varios capitalistas da cidade dispostos a construirem ricos palacetes para sua residencia."

(18.12.1921)

"Em materia de construcção predial, a cidade continua a progredir extraordinariamente. Numerosas são essas obras e todas de linhas modernas." (16.3.1924)

"A construcção predial vae aumentando extraordinariamente. Basta dizer que de julho a meados deste mes, a secretaria municipal expediu vinte e seis cartas-licença para levantamento de casas em diversas ruas e praças." (30.9.1926)

"A renovação da cidade, iniciada de alguns annos a esta parte, não soffreu o menor abalo com a verdadeira crise de numerario que afflige, actualmente, todos os ramos da actiividade nacional.

"Batataes continua a levantar, annualmente, dezenas de construcções, todas levadas a effeito com muito gosto e arte." (22.9.1929)

Os dados que levantamos dos "Lançamentos dos contribuintes ao imposto predial"<sup>8</sup> mostram que, no período de 1924 a 1929, foram construídos 732 edifícios: 1054 edifícios (1924), 1082 (1925), 1177 (1926), 1228 (1928) e 1786 (1929).<sup>9</sup> Nos dois últimos anos, os dados mostram a incrível cifra de 558 edificações. A configuração e a extensão urbanas da Batatais de 1929 só pode ser observada na fotografia aérea, pois não restou nenhuma planta da cidade executada nesta década ou nas duas seguintes.

Muitos dos novos prédios foram construídos no local de antigos edifícios, a partir de suas demolições. Nas duas fotografias da R. Barão de Cotegipe, uma dessas substituições ficou claramente registrada: no final da rua, à esquerda, dando

-----  
<sup>8</sup> Annualmente publicados pela *Gazeta de Batataes*.

<sup>9</sup> Os dados de 1929 foram extraídos da estatística organizada pelos fiscaes sanitários. *Gazeta de Batataes*, 1.9.1929.

frente para a praça, aparece o velho casarão de esquina, que pertenceu ao capitão Antônio Jacintho Lopes de Oliveira,<sup>10</sup> e foi demolido em 1924 para dar lugar ao elegante *bungalow* de Affonso Vieira, proprietário da fábrica de chapéus.

Na verdade, ser moderna e progressista apresentava, então, um duplo aspecto: o constante estímulo às novas e modernas construções e o correspondente repúdio ao antigo e ao ultrapassado que era, na realidade, a velha cidade de adobes e taipas.

Esta rejeição, como já vimos, se iniciara em 1911, quando a *Gazeta de Batataes* indicou a demolição da Igreja do Rosário para a construção do planejado teatro que, por fim, foi substituída, em 1925, pelo novo Paço Municipal.

No entanto, mesmo alguns antigos edifícios públicos, construídos de tijolos, foram indicados para demolição: o Escritório da CPE, em 1925, pela própria prefeitura; o velho coreto da Pça. Côn. Joaquim Alves, reconstruído em 1927;<sup>11</sup> o Mercado Municipal, considerado pelo jornal, em 10.1.1926, "um trambolho" que imprimiria um aspecto feio ao novo e belo Paço Municipal vizinho. Por fim, a Estação Mogiana, "construída nos tempos em que Batataes apenas surgia para os seus altos destinos de cidade paulista, de cidade moderna,"<sup>12</sup> que deveria dar lugar a uma estação mais ampla e confortável, pois "a velha estação, com toda a sua tristeza, com todo o seu pessimismo, parecendo dizer - 'para traz, para traz', [...] como a desafiar o nosso evoluir, o nosso progresso, esse velho predio cuja antiguidade é um desafio às nossas condições de esthetica, cultura e conforto."<sup>13</sup> E Batatais queria ir para a frente, para a frente...

-----

<sup>10</sup>Cf. Frans, J., *Gente da minha terra (Batataes de outr'ora)*. São Paulo, 1939, p. 27.

<sup>11</sup>Lei 464, de 11.4.1927. *Livro de Registro de leis* n.º 3, p. 2.

<sup>12</sup>*Gazeta de Batataes*, 10.01.1929.

<sup>13</sup>*Gazeta de Batataes*, 11.10.1928.

Em 1922, sob o título "Paulistanas", a *Gazeta de Batataes* se mostrava entusiasmada com a vitalidade demolidora e construtiva da capital:

"Qualquer visitante por mais fleugmatico que seja ficará assombrado com a faina derrubadora e ...constructiva de São Paulo.

"Quarteirões inteiros de casinholas centenárias desaparecem num abrir...e descer de picaretas.

"Avenidas são abertas, casarões com pretensão a arranha-céus desenham em dias de sol suas silhuetas imensas numa sombra acolhedora.

[...]

"Enfim, S. Paulo futuro [...] será um verdadeiro orgulho dos vindouros."

A própria prefeitura municipal, no empenho pela renovação física e estética da cidade, solicitou à Delegacia de Saúde de Ribeirão Preto, em 1924, a vistoria dos prédios com o fim de determinar quais deveriam ser demolidos, por ameaçarem ruína, e quais deveriam ser reformados, por falta de higiene e altura. Como resultado desta fiscalização, 13 proprietários foram intimados a demolir seus prédios e 19 edifícios receberam ordens de reforma. Desses 32 edifícios, apenas um não se situava na Pça. Côn. Joaquim Alves e seus arredores imediatos.

Na verdade, o centro da cidade foi o alvo privilegiado da verdadeira campanha pela demolição dos prédios particulares, desencadeada pela *Gazeta*. Como no episódio do corte do arvoredos dos quintais, ao qual já nos referimos, a preocupação principal era com a estética da cidade, mas como este argumento talvez parecesse fraco ou insuficiente, as exigências higiênicas foram constantemente invocadas:

"...Tudo está indicando que caminhamos impávidos para novos horizontes de progresso que nos aguardam. Mas, - (há

sempre um 'mas'), ainda há muito por fazer. Temos ainda muitos prédios antigos, antiquíssimos, quer nos bairros, quer no perímetro central, que, com falta de esthetica, e (o que é peor), sem hygiene e conforto, mancham a grandeza do progresso local. São construções antidiluvianas que exigem as pancadas demolidoras do martello do progresso."<sup>14</sup>

"Em paralelo com o crescimento de Batataes, é preciso que surjam novas construcções. Isso, porém, ainda não satisfaz, porque é de urgente, é de premente necessidade que a hygiene mande reformar ou demolir essas casas centenarias, [em pleno centro da nossa 'urbs'], que são verdadeiros attentados ao nosso nome de cidade rica, prospera e feliz."<sup>15</sup>

Até mesmo a recém chegada *Tribuna de Batataes* lançou artigos apoiando a demolição dos antigos prédios:

"As nossas condições atuaes de progresso exigem a substituição dessas casas velhas, archaicas, por uma architectura que venha valorizar a cidade, dando-lhe um aspecto fino, attrahente, bello e artístico."<sup>16</sup>

Nem mesmo os velhos muros de taipas foram poupados, e isso prova que o cerne da questão não era a hygiene, mas a estética. Não bastava que fossem rebocados e caiados. Na campanha de erradicação da antiga aparência da cidade, a rejeição atingiu os próprios materiais construtivos: as taipas deveriam ser substituídas por tijolos:

-----

<sup>14</sup> *Gazeta de Batataes*, 12.4.1928.

<sup>15</sup> *Gazeta de Batataes*, 20.6.1929

<sup>16</sup> *Tribuna de Batataes*, 2.12.1928

"Outr'ora, em tempos idos, as taipas eram admissíveis, constituíam até mesmo uma necessidade, mas, hoje, que temos olarias em profusão, que fabricam ótimos tijolos, as taipas não podem mais concorrer para a fealdade da nossa cidade.

...

"Batataes é uma cidade moderna, de costumes novos e de esthetica aprimorada, e, portanto, não pode mais tolerar as taipas - esses pontos negros no brilho da roupagem do progresso local."<sup>17</sup>

Em 16.12.1928, com o artigo intitulado "Nova Vitória da Gazeta", o jornal comemorou as providências tomadas pela Câmara Municipal a respeito das velhas taipas: os muros situados no perímetro central, que não fossem construídos de tijolos, rebocados e caiados, pagariam, além do imposto predial, "o imposto de 2\$000 por metro linear." E assim, as taipas também foram erradicadas do centro da cidade.

#### A INDUSTRIALIZAÇÃO.

Um outro aspecto importante neste movimento por uma cidade moderna e progressista foi o incessante estímulo à implantação de indústrias em Batatais, providenciado pela legislação municipal desde 1908, e do qual a *Gazeta de Batataes* também participou ativamente, através de artigos salientando que "...só a industria, unicamente a industria [poderia] transformar Batataes em cidade progressista."

Muitas vezes, as matérias apelavam para que se observassem as cidades já dotadas de estabelecimentos industriais, e "todos haveriam de ver que nellas [havia] um progresso real e constante

-----

<sup>17</sup> *Gazeta de Batataes*, 1.3.1928.

ao lado de uma população numerosa, laboriosa e feliz."

Durante os anos 20s, foram efetivamente instaladas numerosas pequenas indústrias, destacando-se as duas grandes fábricas, de chapéus e de tecidos, instaladas em edifícios especialmente projetados e construídos para abrigá-las, implantados em locais de destaque do centro urbano, como ainda veremos neste capítulo.

Esta questão da industrialização é de suma importância para se compreender a realização de uma determinada linhagem arquitetônica na cidade, iniciada precisamente em 1921, como veremos em seguida. No capítulo "Estética moderna e industrial," voltaremos a este assunto.

## A ARQUITETURA NA DÉCADA DE 20.

### 1. A LINGUAGEM MODERNA E INDUSTRIAL.

No ano de 1911, constatamos o primeiro momento da modernização da linguagem arquitetônica da tradição clássica, realizada nas fachadas da Santa Casa de Misericórdia, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, com a penetração do *art nouveau*. Nesta ocasião, já observamos a discreta ocorrência de certos elementos formais que podem ser associados às formas e à manufatura industrial, como a fixação de painéis por meio de peças circulares e a precisão e definição das linhas incisivas impressas nas fachadas.

Alguns edifícios produzidos nos anos 20s filiam-se a esta linhagem arquitetônica, mas sob o forte influxo de ideais industrializantes, que verificamos nesta década, apresentam o que chamamos de linguagem moderna e industrial, pois agregaram à anterior modernização formal (tendência ao plano, geometrização, simplificação...), elementos oriundos das formas industriais: chapas, perfis, parafusos, engates, perfurações, presilhas etc.

PALACETE ORDINE

Pça. Côn. Joaquim Alves, 4-10, esq. R. Celso Garcia, 256.

Em 11.12.1921, a *Gazeta de Batataes* noticiou:

"...a cidade está se enchendo de construcções novas e modernas.

"Haja vista, por exemplo, o predio que o Sr. José Ordine, digno vice-prefeito em exercicio e conceituado commerciante, está construindo, para sua residencia, na praça Conego Joaquim Alves, esquina da rua Celso Garcia. Por seu tamanho e por sua belleza architectonica, esse predio será um dos mais importantes de Batataes."

Este edificio, construído pelo empreiteiro Angelo Rossin,<sup>18</sup> substituiu a antiga residência e a "Casa da Mangueira de José Ordine," prédio de feições simples, com paredes lisas, portas e



-----  
<sup>18</sup> Segundo depoimento do Sr. José Braga Morato, já citado, confirmado pelo atual proprietário, Sr. Fernando Ordine.



janelas de vergas retas e cobertura em capa-canal, que podemos ver acima.

No Palacete Ordine, a área comercial, voltada para a praça, e a residencial, voltada para a R. Celso Garcia, são distintas pelo emprego de diferentes vocabulários formais. Pilastras, capitéis, cornijas, faixas horizontais, vergas, molduras e áticos constituem-se em elementos diferenciados para cada uso. Mas esta distinção se dá com extraordinária sutileza, pois alguns aspectos da composição conferem unidade à fachada: a faixa de base do edifício, a distribuição rítmica e uniforme dos vãos entre pilastras e os elementos formais dispostos praticamente na mesma trama de horizontais e verticais.

A linguagem formal, não resta a menor dúvida, é herdeira da tradição clássica, mas possui um desenho extremamente moderno que, em muitos momentos, assume um recorte tão preciso, que parece afastar qualquer possibilidade artesanal em favor de formas industrializadas. Se, por um lado, nomear alguns elementos decorativos é uma tarefa difícil, a estrita geometrização desses elementos chapados e a clareza com que se dispõem sobre a fachada são tais que é possível contar as retas, os círculos e os retângulos.

Tomemos, por exemplo, as pilastras da residência: possuem quatro faixas lisas, reminiscências das antigas caneluras, paralelamente dispostas e recortadas com precisão, unidas superiormente por um retângulo e arrematadas inferiormente por três pequenos círculos.

Contrariando a antiga ordem, essas pilastras não se apoiam na base do edifício, mas possuem uma espécie de soco, de recorte preciso, distinto do fuste por elementos minimalistas: as seis pequenas incisões horizontais. A sustentação das pilastras vem do alto, das três longas faixas horizontais, espécie de cornija, envoltas por uma série de "presilhas", como se os seus pesos fossem excessivos para dispensá-las.

Comentando apenas um aspecto da fachada comercial, podemos observar como as largas faixas horizontais, que produzem efeito





similar àquele produzido pelas antigas bossagens, funcionam como braçadeiras que, passando sob as pilastras, se amoldam aos rebaixos das ombreiras das portas.

Se alguma dúvida houvesse sobre a penetração das formas *art nouveau* no processo de modernização operado na linguagem da tradição clássica, bastaria olharmos as grades metálicas que entremeiam os áticos, para nos certificarmos da sua explícita presença.

Internamente, sabemos pelo registro do imóvel, que contém "dois salões para comércio, [casa com] doze comodoss assoalhados e forrados, quatro comodoss ladrilhados e forrados [...], uma varanda, e como dependências de quintal, uma casa de tijolos e coberta de telhas, com tres comodoss..."<sup>19</sup>

A residência volta-se para esta longa varanda, fechada por gradil, e mantém a pintura mural, composta por faixas e flores, em tons castanhos e avermelhados, diferenciada para cada um dos poucos ambientes que pudemos observar (hall, sala de música e sala de estar).

O atual desgaste da pintura externa revela que, originalmente, o Palacete Ordine possuía o mesmo fundo rosa claro para os elementos decorativos brancos.

#### CASA SCATENA

R. Cel. Joaquim Alves, 174 esq. R. Mal Deodoro, 12.

Artur Scatena, italiano nascido em Lucca em 1878, chegou em Batatais em 1891. Depois de ter trabalhado como empregado de uma fábrica de licores local, negociou com gado e abriu um armazém, onde comercializava comestíveis, alguns importados diretamente da

-----

<sup>19</sup> Cartório do Registro de Imóveis de Batatais. Livro 3P, fl. 142, registro n.º 15.534.

Itália.<sup>20</sup>



Na fotografia da R. Mal. Deodoro, tirada em 7.9.1922, por João Loyola,<sup>21</sup> podemos ver seu armazém, na esquina esquerda, e o início da construção da Casa Scatena, à direita, depois da demolição da residência comprada ao Cel. Joaquim Alves da Costa,<sup>22</sup> em 1921.

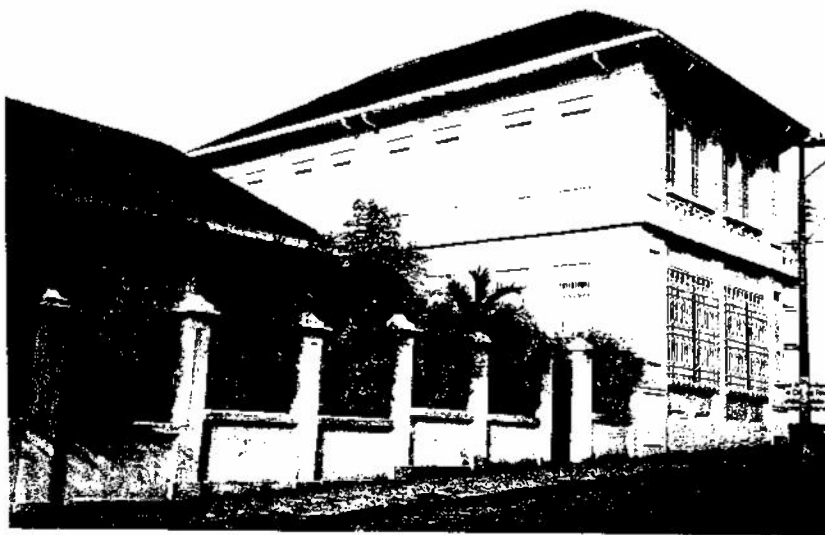
O novo edifício conjugava sua residência, cuja entrada pela R. Mal. Deodoro pode ser vista abaixo, e sua casa comercial que, tempos depois, seria a matriz do Banco Scatena.

O autor do projeto, segundo o Sr. José Braga Morato, foi o eng. Affonso Geribello, de Ribeirão Preto, que já construía outras obras em Batatais.

-----  
<sup>20</sup>Cf. Buccelli, V., *Libro d'oro dello Stato di S. Paolo*. Roma, Fratelli Capaccini, 1912, p. 445.

<sup>21</sup>*Album Comemorativo do Centenário da Independência*.

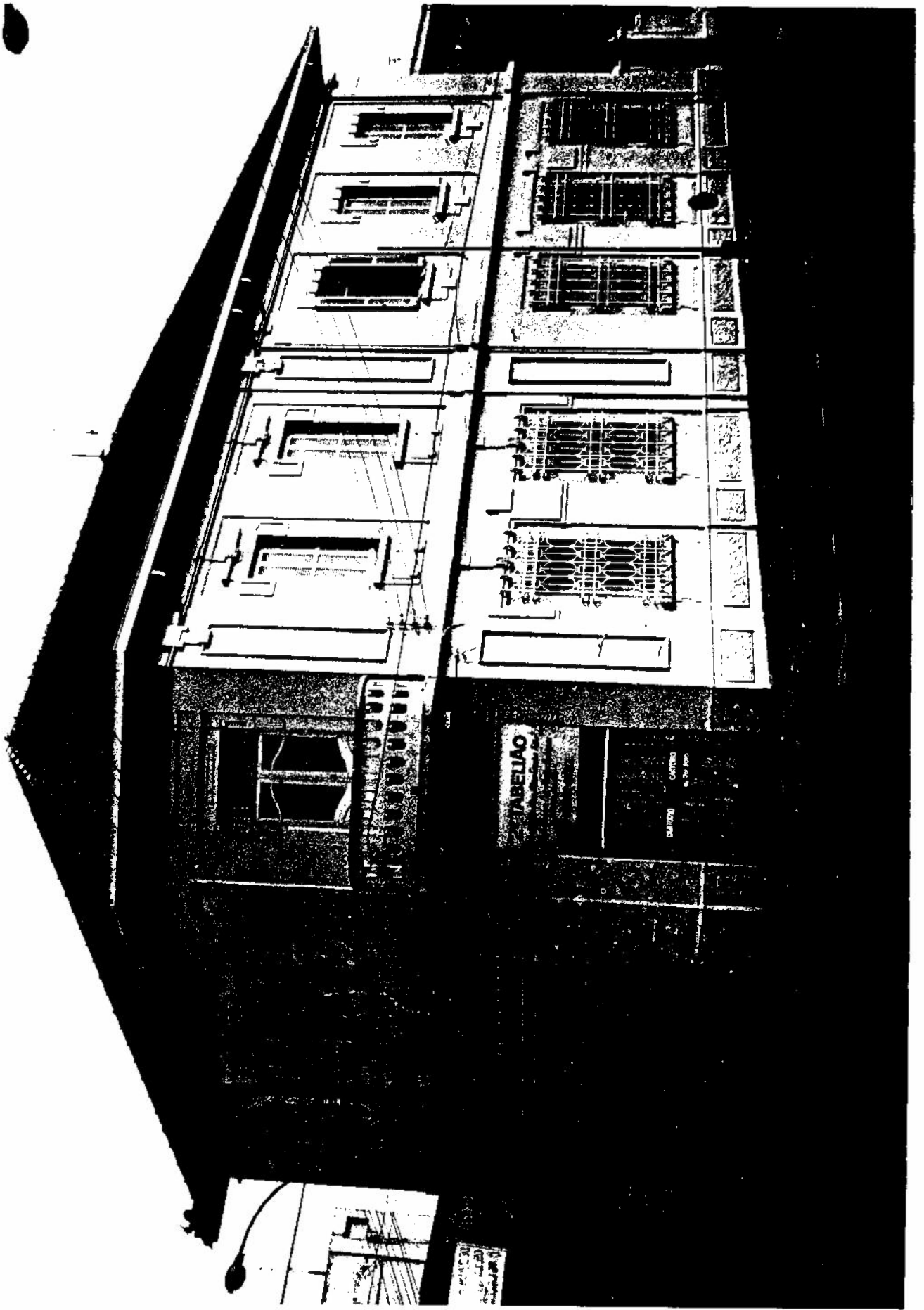
<sup>22</sup>Cartório do Registro de Imóveis. Livro 3K, fl. 56v e 57, transcrição n.º 7.015, de 5.11.1921.



A fotografia abaixo, datada de 1926, revela que originalmente o térreo do edifício apresentava portas comerciais consecutivas, mais tarde substituídas por janelas que ocupam os mesmos vãos, inferiormente acrescidos de painéis.



As fachadas do edifício apresentam grande variedade ornamental. Para cada conjunto de vãos, entre pilastras, em qualquer dos dois pavimentos, há uma linguagem específica,



aplicada às vergas e aos painéis abaixo das janelas.

Por mais variados que sejam os elementos decorativos, todos apontam no mesmo sentido de utilização de uma linguagem moderna e industrial, através de forte geometrização: ora em elementos chapados e sobrepostos, como se fossem chapas metálicas, tal a definição que apresentam, ora em elementos que se amoldam ou dobram, prendendo outros, como as presilhas que sustentam a decoração das vergas das quatro janelas, à direita da entrada do edifício.

Na tentativa de descrever o vocabulário formal, verificamos que a linguagem industrial define com maior precisão os elementos decorativos do que o faz a linguagem "arquitetônica" que normalmente utilizamos.

Se observarmos as "pilastras" do segundo pavimento, vamos verificar que os antigos capitéis desapareceram, e que elas se compõem de perfis vazados, superiormente sustentados por engates que parecem ter a possibilidade de correr ao longo do estreito trilho (a velha cornija), onde se prendem. Não parecem perfis metálicos sendo movimentados na linha de produção no interior de uma indústria?

Na ornamentação da Casa Scatena, a linguagem arquitetônica da tradição clássica nos parece completamente ultrapassada.

#### RESIDÊNCIA MAJOR ANTÔNIO CÂNDIDO ALVES PEREIRA

R. Adorama, 390.

A fotografia abaixo, tirada de um antigo trecho da R. Cel. Pereira (atual R. Adorama), a partir da Pça. Côn. Joaquim Alves, retratou a antiga casa de adobes, terceiro edifício à esquerda, demolida para dar lugar à residência do Mj. Antônio Cândido, construída em 1924. Segundo o depoimento do Sr. José Braga Morato, a nova residência teria sido edificada por Rômulo Rigotto.



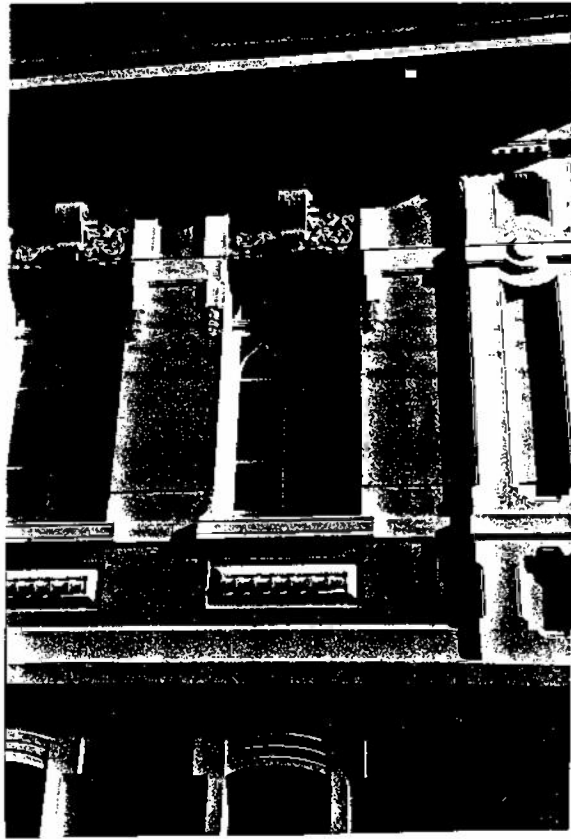
O edifício foi implantado na testada do lote, composto por porção alto e um pavimento, cujo acesso é feito pelo alpendre lateral, através de escada.

A fachada, composta com estrita simetria, apresenta em sua ornamentação a convivência de elementos formais tradicionais, como os modilhões e o cornijamento, com elementos da linguagem moderna e industrial.

As robustas pilastras constituem-se em elementos complexos, como grandes estruturas vazadas que abraçam as arestas do edifício. Neste sentido, a longa faixa horizontal, percorrendo a fachada na altura das vergas das janelas, funcionam como potentes braçadeiras, fixadas às pilastras por peças circulares.

O arranjo formal demonstra o equilíbrio de forças de amarração e sustentação: o estreito cornijamento assume o papel de uma braçadeira secundária, mas firmemente fixado às pilastras pelas peças retangulares, marcadas por dois frisos e base dentada, recortados com precisão "industrial". A partir desta firme amarração, o cornijamento pode exercer a função de sustentação dos modilhões, acima das janelas, através dos "engates" geométricos.

Do ponto de vista colorístico, a combinação de vidros bisotados em motivos vegetais, das janelas, e de vidros coloridos (verde, laranja e azul) das bandeiras, cria uma especial atração nesta fachada clara e bicolor (azul e branco).



## COLÉGIO NOSSA SRA. AUXILIADORA

R. Celso Garcia - demolido.

O Colégio Nossa Sra. Auxiliadora foi fundado em 1905 pela congregação salesiana. As raras fotografias que encontramos não foram suficientemente esclarecedoras para que pudéssemos estudar o edifício. No entanto, a fotografia abaixo registrou um aspecto do prédio que é de nosso especial interesse: na fachada do bloco em primeiro plano, é possível observar os painéis retangulares, de cantos recortados, que ladeiam as janelas, fixados por pequenos elementos circulares, como se fossem parafusos. Apesar de não possuímos dados para datar esses indícios de utilização de uma linguagem moderna e industrial, sabemos que, em 1922, o Colégio estava em obras para a construção de um teatro.<sup>23</sup> Essa constatação de obras durante a década de 20 é bastante adequada para a realização desta nova linguagem moderna e industrial.



---

<sup>23</sup> *Gazeta de Batataes*, 28.05.1922.

Nos anos 20s, a linguagem arquitetônica moderna e industrial foi largamente utilizada na composição de fachadas, mas não se ocupou apenas de amplos e suntuosos edifícios. As platibandas e frontões de pequenas casas comerciais e as vergas de portas e janelas de muitas residências foram compostas com este novo vocabulário. Estes exemplares são difíceis de datar, pois examinando seus registros nos cartórios, notamos que muitos sofreram reformas de fachada, possivelmente com o propósito de "atualizar" velhos imóveis.

#### EDIFÍCIO JOAQUIM PIMENTA DE CASTRO

R. Dr. Leandro Cavalcanti, 108 a 136.

Em 1925, Joaquim Pimenta de Castro estava comprando imóveis na R. Barão de Cotegipe (atual R. Dr. Leandro Cavalcanti), incluindo a esquina com a R. Celso Garcia, que comporiam a extensa fachada congregando sua casa de negócios e sua habitação.<sup>24</sup>

A fotografia aérea de 1929 mostra que o imóvel já continha o atual frontão, portanto, a atual fachada foi executada entre 1925 e 1929.

Atualmente, o antigo imóvel de Joaquim Pimenta de Castro abriga várias pequenas lojas, mas o frontão curvilíneo permaneceu intacto.

As iniciais do proprietário, em caracteres tipográficos, foram gravadas na fina placa geométrica que compõe o frontão. Esta placa é agregada à parede através de plaquetas que auxiliam a fixação executada por pequenos elementos imitando parafusos. A estreita faixa superior, composta por retângulos vazados, assemelha-se às chapas utilizadas na estamperia industrial, e também foi fixada através de plaqueta e parafusos. Por fim,

-----  
<sup>24</sup> Cartório de Registro de Imóveis. Livro 3M (antigo), transcrição 8.462, de 22.10.1925.

incisões retilíneas e precisas, que parecem ter sido executadas por uma máquina, decoram o alto da porta.



## EDIFÍCIO GAETA

Ladeira Dr. Mesquita, 58, 66 e 72.

Em 4.12.1926, D. Rosa Carnevalli Gaeta, Américo Gaeta e outros, declaram serem possuidores de casas de morada com cômodos para negócios, "recentemente edificadas."<sup>25</sup>



A ornamentação deste edifício resume-se a poucos elementos: a longa platibanda estritamente retangular, onde se inserem painéis retangulares de cantos chanfrados, ladeando o frontão central curvilíneo.

Na composição decorativa do frontão, a linguagem moderna e industrial está claramente afirmada nas finas chapas geométricas sobrepostas, fixadas nos quatro cantos por rebites.

-----  
<sup>25</sup> Cartório de Registro de Imóveis. Livro 21, registro 2.419, de 4.12.1926.



Entre os exemplares residenciais remanescentes que se utilizaram da linguagem moderna e industrial na composição decorativa das vergas dos vãos, sobrepondo painéis geométricos, por vezes fixados através de rebites ou parafusos, destacamos os edifícios situados à R. Mal. Deodoro, 332, e à Pça. Fernando Costa, 44. Neste último, o antigo cornijamento ainda subsiste, seccionado, sobre os amplos painéis.



305



## 2. A INFLUÊNCIA MAIS MARCANTE DO ART NOUVEAU

A penetração do vocabulário *art nouveau* na linguagem da tradição clássica, a partir de 1911, gerou na década de 20, além da linguagem moderna e industrial, que acabamos de ver, uma ornamentação que, sem deixar de operar uma modernização formal, mostra-se acentuadamente curvilínea, incorporando, por vezes, elementos florais.

Esta ornamentação determina um grupo destacado de edifícios que, no entanto, também não sofreu alterações em sua volumetria paralelepipedal dominante, como veremos.

### RESIDÊNCIA MARCELO GIRARDI

R. Cap. Andrade, 153.

A residência de Marcelo Girardi foi construída antes de 1928.<sup>26</sup> O edifício, concebido em "L", apresenta a entrada lateral acessada através de alpendre decorado por lambrequins.

A ornamentação, desde o grafismo do gradil até a composição das fachadas, demonstra a infiltração do *art nouveau*, processando a modernização da linguagem da tradição clássica. As pilastras foram suprimidas, os planos são levemente movimentados por ressaltos, o trabalho de curvas e contra-curvas promove a animação das fachadas, e os elementos florais estão presentes na cobertura do prédio.

No entanto, o edifício apresenta uma série de elementos que denunciam o fundo estilístico da tradição clássica, tais como: o cornijamento e a platibanda, mesmo alterados pelas curvas; os mútulos, ainda que transformados pelos sucessivos decréscimos; e o

-----  
<sup>26</sup>O mais antigo registro encontrado deste edifício, data de 16.5.1928. Cartório de Registro de Imóveis. Livro 3-0 (antigo), transcr. 9212, fl. 19.



tradicional volume prismático, fortalecido pela trama de verticais e horizontais, que estruturam as fachadas e pelos próprios vãos retangulares.

**RESIDÊNCIA DE JOSÉ DE PAULA BORGES E PHARMACIA BORGES**  
R. Cel. Joaquim Rosa, 158 e 168.

Os dois edifícios foram construídos para moradia e casa de negócios de José de P. Borges, em 1922,<sup>27</sup> data gravada na cartela da antiga Pharmacia Borges.



O pequeno prédio da Pharmacia possui feições mais tradicionais e, a rigor, não deveria compor os três grandes

-----  
<sup>27</sup> *Gazeta de Batataes*, 7.01.1923.

conjuntos de edifícios representativos da arquitetura da década de 20. Entretanto, sua existência demonstra a longevidade do padrão estilístico mais antigo, ao respeitar suas regras compositivas e seus elementos formais. Apesar disso, o apelo modernizador dos anos 20s, mesmo aqui, deixou suas marcas: é notável a geometrização do ático, que apresenta o frontão retangular unido à base por uma peça curvilínea, francamente uma modernização da antiga voluta, que operava a passagem entre as duas estruturas.



Na residência Borges, da mesma forma que na Residência Girardi, que acabamos de ver, a ação do *art nouveau* moderniza as formas, com a tendência bidimensional e o tratamento curvilíneo. Além disso, os elementos florais e vegetais pontilham toda a ornamentação: coroam as pilastras, os frontões, os modilhões e se aplicam nos painéis, sob as janelas. Mas o volume prismático, o cornijamento e a platibanda, ainda que sinuosa, denunciam a antiga estrutura "clássica", que o *art nouveau* não modifica.

A própria exigência de simetrias na composição da fachada, que conduziu às evidentes desproporções e à supressão da pilastra angular direita, é um dado da tradição clássica.

## RESIDÊNCIA GABRIEL DE ANDRADE JUNQUEIRA

R. Major Antônio Cândido, 150.

O edifício foi construído em 1924, como atesta a data gravada na cartela do ático, para residência de Gabriel de Andrade Junqueira, influente político local.



Os elementos que compõem suas fachadas apresentam forte influência do *art nouveau*, sem que, no entanto, o movimento curvilíneo, que submete a maioria dos vãos e a linguagem decorativa, afete o volume paralelepípedo da edificação.

A composição da fachada é perfeitamente simétrica, agregando vãos de molduras variadas. Nas extremidades, as janelas de moldura lisa e reta são encimadas por decoração retilínea. Na porção central, três conjuntos de vãos apresentam molduras circulares (em



comunicação com as aberturas do porão), intercaladas por pilastras, que retomam o formato de grandes arcos unificadores.

As pilastras imprimem um ritmo na fachada, e podem ser classificadas em principais, aquelas que emolduram as aberturas centrais do conjunto, atravessam o cornijamento, envolvidas por um modilhão e são encimadas por elementos retangulares que ultrapassam a linha da platibanda, contendo cartela e gradil de ferro; e secundárias, que ladeiam o conjunto de vãos e são sinalizadas, sobre a platibanda, por pinhas.

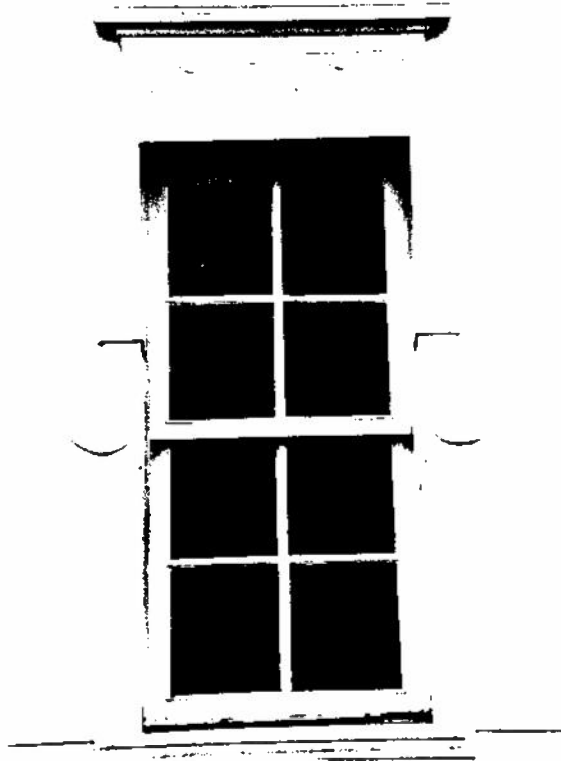
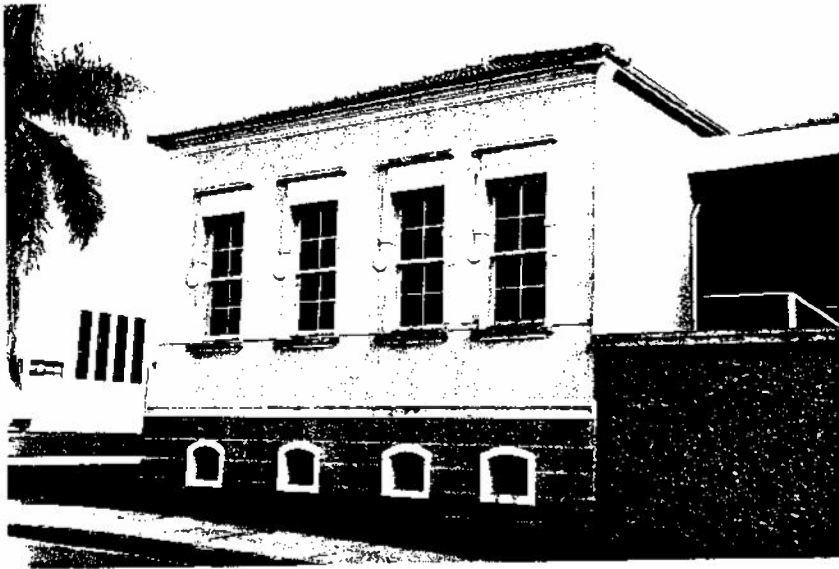
A fachada lateral só admite dois vãos de molduras retas, ladeados pelas pilastras principais.

Este edifício se destaca pela ornamentação sofisticada e extremamente detalhada, fortemente influenciada pelo *art nouveau*, mas, como nos casos anteriores, mantém a estrutura volumétrica e as rígidas regras compositivas da tradição clássica.

A exemplo da difusão da linguagem moderna e industrial nas fachadas de pequenas casas comerciais e residências menos suntuosas, a ação do *art nouveau* sobre as formas mais antigas, modernizando as fachadas, também ocorreu nos exemplares arquitetônicos menos pretensiosos. Dentre esses, destacamos a Residência Olynto Luiz Toledo, de 1924,<sup>28</sup> situada na Pça. Santa Cruz, 14, na qual a moldura das janelas parece "escorrer", terminando em elemento circular; a casa comercial da Av. Dr. Alberto Gaspar Gomes, 780, cuja porta, ladeada por tradicionais pilastras, apresenta a moldura sofrendo o mesmo tipo de alteração; e o pequeno edifício da R. Cel. Joaquim Alves, 284, com a elegante sinuosidade impressa no ático, e os elementos florais, geometrizados e chapados, terminando os modilhões (que ocupam o lugar dos antigos capitéis), e arrematando as linhas incisivas (reminiscências das caneluras) gravadas nas pilastras.

-----

<sup>28</sup><sub>1</sub>º Cartório de Notas. Escritura de 3.11.1924. Livro 91, fl. 70.



313



### 3. A PRODUÇÃO DE RÔMULO RIGOTTO

Rômulo Rigotto (Batatais, 19.02.1898-24.08.1943) era filho do imigrante italiano Luiz Rigotto, pedreiro,<sup>29</sup> e de D. Ignez Girardi Rigotto. Fez seus estudos no Ginásio São José e, segundo suas filhas,<sup>30</sup> sempre desenhou muito bem e desejava ser escultor, mas foi impedido pelos pais.

Rigotto provavelmente se iniciou na construção civil com o próprio pai, e obteve, em 1925, sua "carta de architecto" perante o governo estadual.<sup>31</sup>

Os primeiros edificios seguramente projetados e construídos por Rigotto datam de 1924: a residência e fábrica de chapéus de Affonso Vieira e a fábrica de tecidos. A partir do projeto e construção do Paço Municipal, em 1925, seu nome ganhou notoriedade, passou a ser solicitado para a realização das mais suntuosas residências da cidade, e gerou constantes notícias na imprensa local:

"Romolo Rigotto é o architecto que está contribuindo para o novo aspecto de nossas casas e edificios. Seu entusiasmo pelo progresso de nossa 'urbs' se manifesta nas lindas casas, nos formosos 'bungalows' e no Paço Municipal."

Rigotto, à direita na foto abaixo, de 15.04.1925, também foi proprietário da Indústria Rigotto & Roncaratti, serraria que produzia portas, janelas, forros, assoalhos, escadas e madeiramento para telhados. Em 30.10.1927, foram inauguradas as novas instalações desta indústria, em prédio especialmente

-----  
<sup>29</sup>Cf. "Orçamento para concerto no theatro," assinado pelo pedreiro Luiz Rigotto em 17.01.1906. Arquivo da Câmara. Ano 1906. C. 32.

<sup>30</sup>Depoimento das Sras. Ivone e Dfélia Rigotto, em 9.4.1992.

<sup>31</sup>*Gazeta de Batataes*, 27.12.1925.

PHOTOGRAPHED  
G. H. H. H.



construído à R. Cel. Pereira.<sup>32</sup> A fotografia acima mostra um aspecto da fábrica, onde podemos observar as novas portas produzidas, com painéis geométricos e retilíneos.

Certamente, esta produção esteve prioritariamente voltada para aparelhar suas obras arquitetônicas, cujo exame revela que Rômulo Rigotto soube tirar especial partido das estruturas de madeira.

#### PAÇO MUNICIPAL DE BATATAIS

Pça. Dr. Washington Luís.

Em 12.01.1925, o Prefeito José Ferreira da Silva expôs à Câmara a necessidade da construção de um novo Paço Municipal, visto que o prédio à Pça. Côn. Joaquim Alves, 426, que vimos à p. 99, até então ocupado pelas repartições municipais,

"...necessita de grandes reformas para colocá-lo à altura do nosso progresso e mesmo para podermos compará-lo aos de municípios vizinhos.

[...]

"O serviço de reforma é sempre incompleto na sua generalidade e nunca demonstra um todo moderno e sólido. Tais considerações fazem crer que bem mais vantajosa seria uma nova construção para as repartições municipais."<sup>33</sup>

-----  
<sup>32</sup>*Tribuna de Batatais*, 6.11.1927, e *Gazeta de Batataes*, 2.11.1927.

<sup>33</sup>Citado por Morato, J. B., "A construção do atual prédio da Câmara Municipal de Batatais, segundo os relatórios dos prefeitos José Ferreira da Silva e Coronel Manoel Victor Nogueira." *Tribuna de Batatais*, 24.12.1988.

É notável, mesmo nos documentos oficiais, a necessidade do destaque de Batatais no cenário paulista e a insistência na modernidade que os novos edifícios deveriam apresentar.

No mesmo dia, a Câmara autorizou a venda do antigo Paço e a construção do novo edifício no Largo do Rosário,<sup>34</sup> local disponível com a demolição da Igreja do Rosário, em 1924.<sup>35</sup>

A primeira concorrência pública, aberta em 11.5.1925, foi cancelada em virtude do elevado preço das propostas apresentadas. A Câmara autorizou, então, o prefeito a dispender duzentos contos de réis (200:000\$000) com a construção do edifício, e uma nova concorrência foi aberta em 20.6.1925.

As três propostas apresentadas foram abertas em 16.07.1925: "a de Romolo Rigotto, constructor, residente nesta cidade, orçando taes obras em 199:890\$000; a do Sr. Antônio Di Fazio, residente em Ribeirão Preto, cujo orçamento é de 197:900\$000; e a do Sr. José Leite de Salles, agente, aqui, da "Edificadora Brasileira", com sede na capital, em que o custo está fixado na importância de 180:000\$000."<sup>36</sup>

As propostas de Di Fazio e da "Edificadora Brasileira" são rejeitadas,<sup>37</sup> e Rômulo Rigotto ganha a concorrência. Entre os projetos concorrentes, reproduzidos abaixo, o de Rigotto certamente era o mais arrojado e inovador.

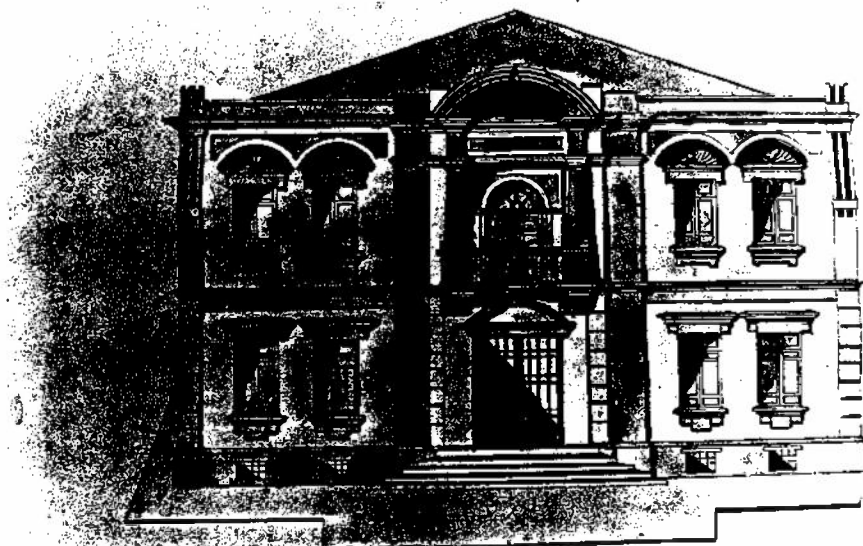
-----

<sup>34</sup> Lei 436, de 12.01.1925. *Livro de registro de leis* n.º 2.

<sup>35</sup> *Gazeta de Batataes*, 15.6.1924 e 3.8.1924.

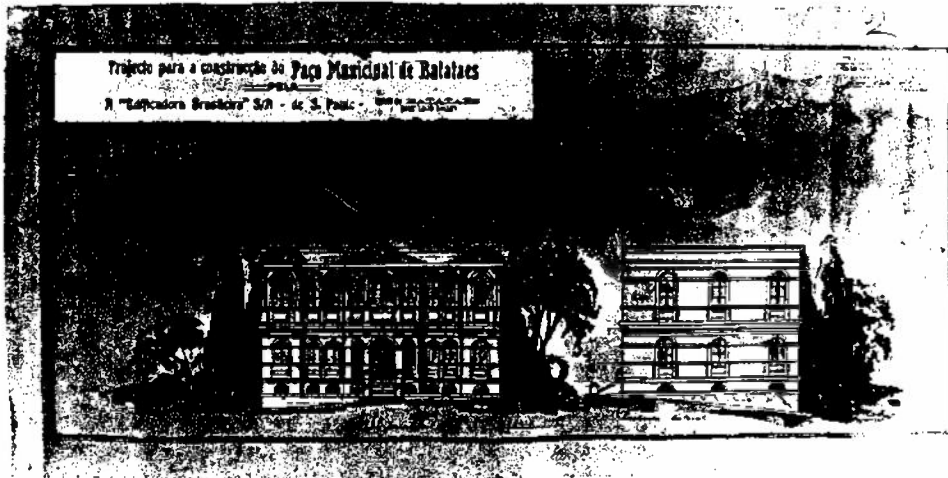
<sup>36</sup> *Gazeta de Batataes*, 19.05.1925.

<sup>37</sup> A proposta de Di Fazio porque apresentou "memorial próprio e traçado em desaccordo com o da prefeitura" e a da *Edificadora Brasileira* porque "não apresentou os documentos exigidos no edital." *Gazeta de Batataes*, 26.7.1925.



Esc. 150

FACHADA PRINCIPAL



Projeto para a construção do Paço Municipal de Batavia

1. "Lafayette Brasileiro" S/A - de S. Paulo - 1904



O projeto original de Rigotto sofreu uma série de alterações que simplificaram e baratearam a construção, mas também determinaram a redução da qualidade arquitetônica. As fachadas perderam em movimentação com a alteração do formato e disposição dos vãos que, nas laterais, também eram acompanhados por áticos curvilíneos. O edifício também perdeu a leveza advinda de um maior equilíbrio entre cheios e vazios, principalmente nas fachadas laterais, com a redução do número de janelas.

Mas, no novo projeto, Rigotto não abriu mão de um recurso formal que voltaria a utilizar em outras obras: a moldura circular. Colocou-a no centro do segundo pavimento, circundando a porta, bandeira e janelas laterais, que se abrem para a sacada hexagonal. Certamente o fato de produzir as próprias janelas possibilitava essa liberdade projetual que exigia sofisticada solução técnica. O efeito de repercussão dessa moldura circular é



fascinante: determina o seccionamento da larga faixa superior em painéis e a curvatura do ático.

Além deste arranjo formal no centro da fachada, a entrada do edifício é coberta e dignificada pela sacada apoiada em seis colunas coríntias (duas delas adossadas) sobre pequenas muretas que seguem, normais ao edifício, formando os guarda-corpos da escada de acesso.

A composição das fachadas é simétrica, mas de complexa elaboração, congregando vãos de formas e alturas variadas; texturizando o primeiro pavimento em faixas horizontais, e o segundo, com linhas incisivas.

Na fachada principal, o leve ressalto da parte central é acompanhado pelas largas pilastras ressaltadas, que ladeiam as janelas das extremidades do edifício. Aqui, as duas estreitas



janelas, em arco pleno, sobrepõem-se à grande janela de arco abatido, repetindo a mesma ousadia técnica já verificada no edifício do Forum e Cadeia.

O Paço Municipal está indiscutivelmente ligado à linguagem da tradição clássica, mas aqui também podemos observar as perturbações advindas do *art nouveau* justamente na solução da moldura circular central e sua repercussão superior. Aliás, solução formal similar pode ser verificada no pavilhão lateral da Residência Álvares Penteado, que vimos às pp. 243 e 244.

A planta baixa foi executada segundo o projeto original, distribuindo os espaços internos com simplicidade, nas laterais da entrada e da escada, que foi ladeada por colunas jônicas de capitéis modernizados, como podemos ver abaixo.



Em fevereiro de 1927, o edifício foi inaugurado e a fotografia abaixo, do mesmo ano, mostra o ajardinamento e a iluminação de então. E apesar do urubu pousado no telhado, o Paço tem tido sorte: recentemente, as janelas originais de Rigotto correram o risco de serem substituídas por vitrôs.





A fotografia aérea mostra que a implantação do Paço Municipal se deu exatamente no mesmo local e nas mesmas condições que a *Gazeta de Batataes* sugeriu para a implantação do teatro planejado pelo eng. Affonso Geribello em 1911: com a demolição da Igreja do Rosário, no centro de um largo, para que "o efeito de sua beleza [artística] possa ser observado."

#### THEATRO SANTA HELENA

R. Cel. Joaquim Alves, 240.

O Theatro Santa Helena foi uma realização da iniciativa privada. Em outubro de 1926, ficou decidida a construção do novo teatro em um grande terreno da R. Cel. Joaquim Alves, propriedade de José Lazzarini Sobrinho, ao qual se associaram Carlos, Anselmo e Guilherme Tambellini, Arturo Scatena, Antônio, Adelino e Gustavo Simioni, Marcelo e Zefferino Girardi, Alberto Micheli e Rômulo Rigotto, formando a Empresa Theatral Santa Helena Ltda.<sup>38</sup>

As obras do Theatro Santa Helena, projetado por Rômulo Rigotto, foram iniciadas em janeiro de 1927, e seguidas, passo a passo, pela imprensa local. O edifício foi concluído em maio de 1928, quando foram executados os trabalhos de decoração, instalação do mobiliário e do aparelho de projeções,

"...de autoria de uma das maiores casas allemãs do genero, já foi collocado em uma ampla 'cabine' feita exclusivamente de cimento armado...

"A decoração do theatro tem obedecido à technica do habil pintor sr. Luiz Franco, offerece á vista um aspecto agradável, muito concorrendo para a beleza do ambiente.

[...]

-----  
<sup>38</sup> Cf. Escritura de contrato de sociedade, de 21.6.1928. Cartório do 1º ofício. Livro de notas n.º 104, fls. 81v a 86v.

"Bellos e poderosos focos de luz ali já estão installados, produzindo intenso poder illuminativo.

"O theatro occupa uma vastissima area, sendo a sua lotação para mais de mil espectadores.

"O tecto, em finissima e rara madeira de lei, é trabalho primoroso de entalhe, offerecendo a esplendida perspectiva de um envernizamento ao natural, o que mais realça o valor esthetico da obra.

"Confortáveis, amplos e bellos camarotes, executados em cimento armado, e lindamente illuminados, offerecem toda a commodidade ás exmas. familias.

"Uma grande galeria, logo á entrada do theatro, foi construida com toda a segurança, não destoando do conjuncto do bello templo de arte.

"Á frente e aos lados do theatro, foram armados em cimento armado e sustentados por possantes e elegantes columnatas, modernos terraços, que muito contribuirão para o conforto dos espectadores.

"Enfim, todos os detalhes foram observados, todas as minudencias architectonicas foram reunidas, afim de que o theatro Santa Helena seja condigno do progresso local.

"E, realmente, esse 'desideratum' foi attingido.

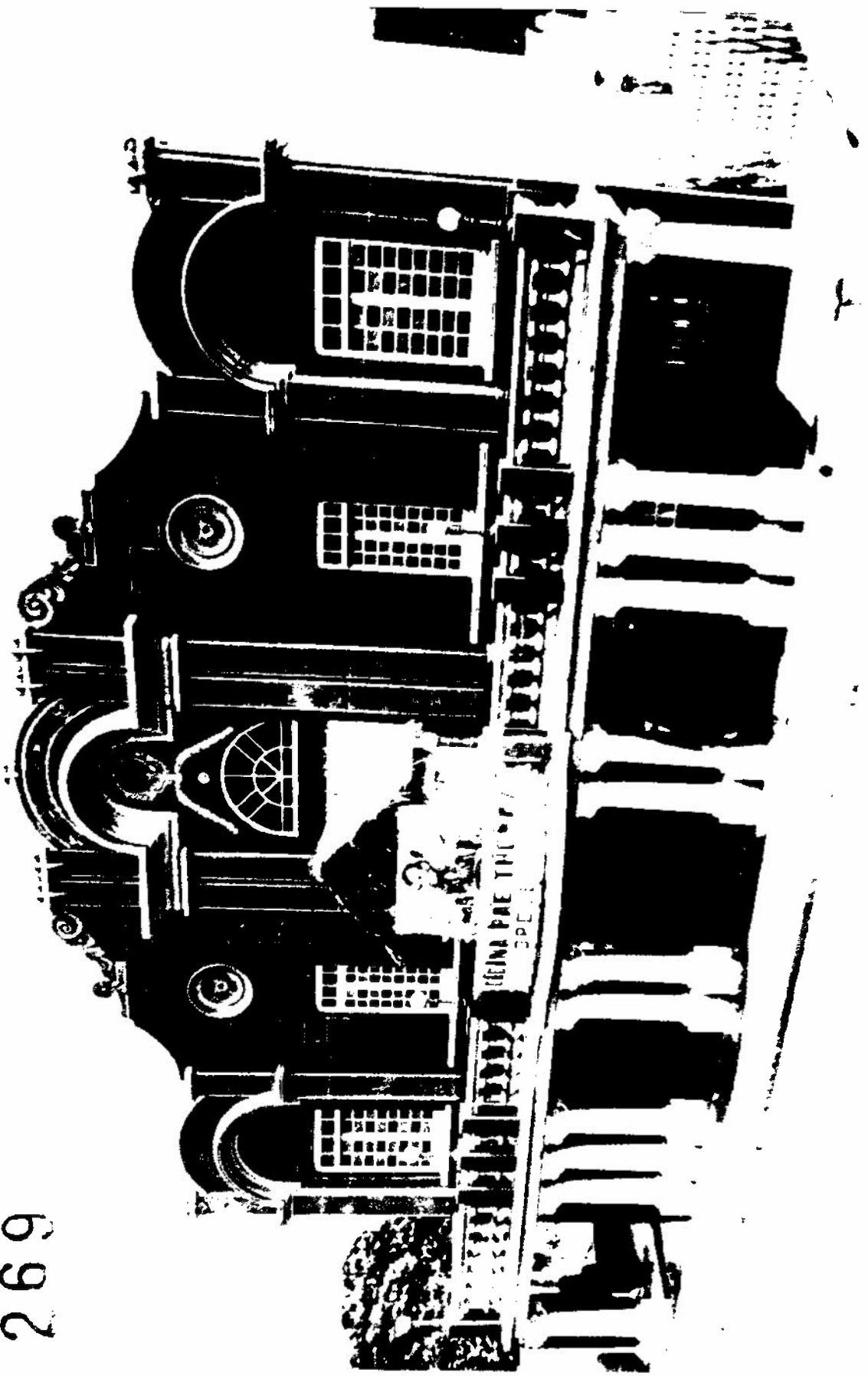
"Batataes pode ter orgulho de seu sumptuoso theatro."<sup>39</sup>

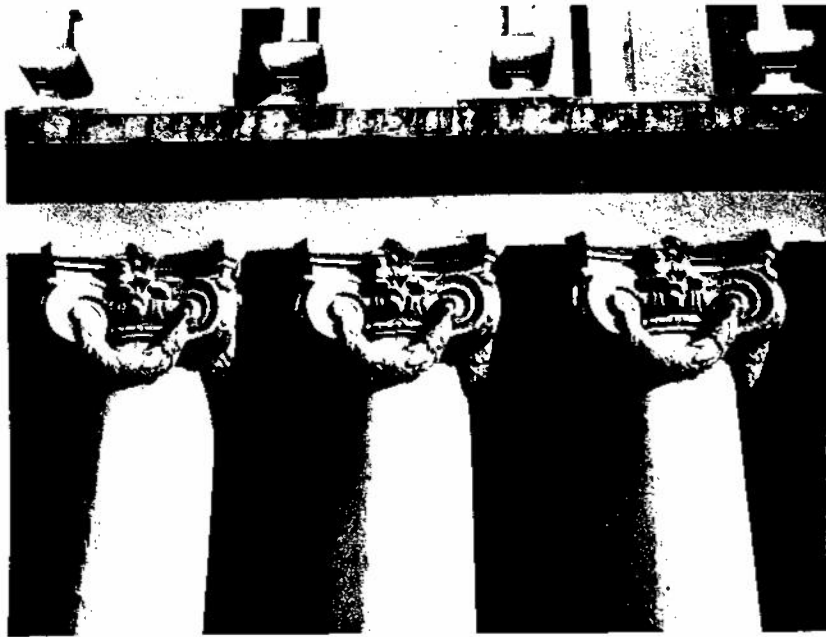
Em 2.6.1928, o teatro foi parcialmente inaugurado, na sua parte cinematográfica, com a exibição do filme *Casanova*, de Ivan Mousjoskine. A inauguração completa do teatro aconteceu em 12.6.1928, com a estréia da *Companhia Brasileira de Comédias Jaime Costa*, do Rio de Janeiro, apresentando a comédia alemã *A família Kolossal*, de Max Reymann.<sup>40</sup> Obviamente, para este grande momento,

-----  
<sup>39</sup> *Gazeta de Batataes*, 20.5.1926.

<sup>40</sup> *Gazeta de Batataes*, 17.06.1928.

269





Batatais só poderia chamar uma das melhores companhias teatrais do país, a de Jaime Costa, que também inaugurara o Theatro Santa Helena de São Paulo, em 12.11.1925.<sup>41</sup>

A partir daí, além da exibição de peças teatrais e filmes, o teatro acolheu exposições de pintura e espetáculos líricos, como aqueles apresentados pela *Companhia Lyrica Italo-Brasileira*, com elenco formado, entre outros, por Tilde Serão e Reis e Silva.<sup>42</sup> Com o Theatro Santa Helena, Batatais recolocou-se dignamente no circuito cultural do interior paulista.<sup>43</sup>

O edifício revela a grande inventividade de Rômulo Rigotto no arranjo dos elementos formais de gênese clássica e o seu domínio na concepção de grandes espaços.

Implantado na testada do lote, com pequenos recuos laterais, a fachada se desenvolve em dois pavimentos bastante destacados: no piso inferior, a entrada em colunata sustenta o terraço fechado por balaustrada. O afastamento da fachada superior é compensado pela proporcional relação de alturas: o piso do terraço ocupa, aproximadamente, um terço da altura do edifício.

A composição da fachada é perfeitamente simétrica, desde a distribuição das colunas, seguindo o ritmo 132231, repetido pelas pequenas pilastras que entremeiam os balaústres, até a disposição superior dos vãos ladeados por pilastras e coroados por arcos.

A forte verticalização impressa pela colunata e pelas pilastras, é atenuada através da recorrência à sinuosidade das curvas e contra-curvas do coroamento do edifício, e até mesmo pelo tratamento curvilíneo no centro da balaustrada.

-----  
<sup>41</sup>Cf. Silveira, M., *A contribuição italiana ao teatro brasileiro: 1895-1964*. São Paulo, Quíron/INL, 1976, p. 208.

<sup>42</sup>*Gazeta de Batataes*, 26.8, 30.8 e 2.9.1928.

<sup>43</sup>Foi neste edifício que Batatais conheceu o cinema sonoro, em 15.8.1930, com o filme *Arco-Iris*, estrelado por Marion Nixon e Frankie Darro. *Gazeta de Batataes*, 17.8.1930.

Essas relações de proporção, simetria e equilíbrio foram habilmente utilizadas por Rigotto na ousada reordenação dos elementos formais. Nessa reordenação, as colunas jônicas perderam em altura e elegância, mas ganharam uma poderosa expressão plástica, sobretudo pelos capitéis, cujas volutas são perpassadas, nos olhos, pelas guirlandas vegetais e dominam o olhar dos passantes. O ático, insinuado pelos elementos centrais superiores, na verdade, foi integrado ao plano de fachada.

A pintura original da fachada, que comportava bossagens, se utilizava de pelo menos três cores, e mantinha uma integração maior do arranjo formal do que a atual pintura bicolor, altamente contrastante.



#### BAR SANTA HELENA

R. Cel. Joaquim Alves, 252.

O pequeno edifício foi construído ao lado do Theatro Santa Helena para atender a seus freqüentadores. Projetado por Rômulo Rigotto, o Bar Santa Helena, cujas obras se iniciaram em setembro

de 1928, foi inaugurado em 18.11.1928.<sup>44</sup>



Na elaboração da fachada do prédio, Rigotto se utilizou da composição formal que desenvolvera para as laterais da fachada do teatro, embora com um arco menor, estabelecendo uma feliz comunicação entre os dois edifícios.

A pilastra central configura-se no eixo de simetria da fachada, onde o potencial plástico do vocabulário clássico é engenhosamente explorado. O forte cornijamento, por exemplo, desenvolve os capitéis dóricos das pilastras lisas e os arcos plenos centrais, num único movimento. Nesta fachada, ao contrário daquela do teatro, o ático é um elemento claramente afirmado a partir da forte horizontal impressa por este cornijamento, ainda que seccionada.

---

<sup>44</sup> *Gazeta de Batataes*, 23.9 e 18.11.1928.

## CORETO

Pça. Côn. Joaquim Alves.

A construção do "moderno e bello" coreto da Pça. Côn. Joaquim Alves, pelo qual a *Gazeta de Batataes* vinha lutando desde 1925, já estava contratada com Rômulo Rigotto,<sup>45</sup> em 13.3.1927, antes mesmo que a Câmara Municipal autorizasse sua reconstrução.<sup>46</sup>

A partir da confrontação fotográfica, cremos que o novo coreto foi construído sobre a mesma base octogonal de alvenaria, que servira ao antigo coreto, de 1907. Além disso, em duas ocasiões, a *Gazeta de Batataes* comentou somente o andamento dos "trabalhos da armação de ferro destinada ao novo coreto."<sup>47</sup>



-----

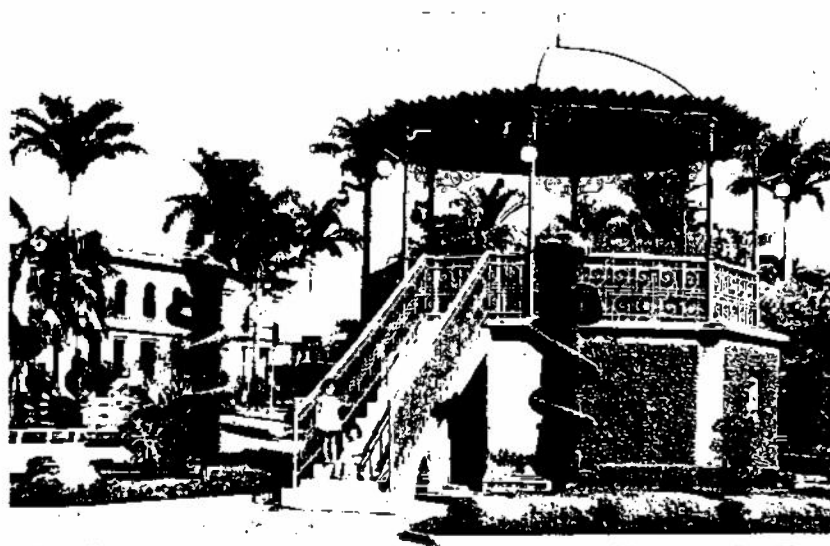
<sup>45</sup> *Gazeta de Batataes*, 13.3.1927.

<sup>46</sup> Lei 464, de 11.4.1927. Livro de Reg. de Leis n. 3.

<sup>47</sup> *Gazeta de Batataes*, 13.3 e 26.5.1927.

O coreto de Rigotto substituiu o acentuado geometrismo retilíneo do coreto antigo por formas arredondadas: na cúpula, em seu arremate flamejante e no grafismo dos gradis. A gênese *art nouveau* desta tendência curvilínea foi claramente expressa nas elegantes mãos francesas que unem as colunas à cobertura.

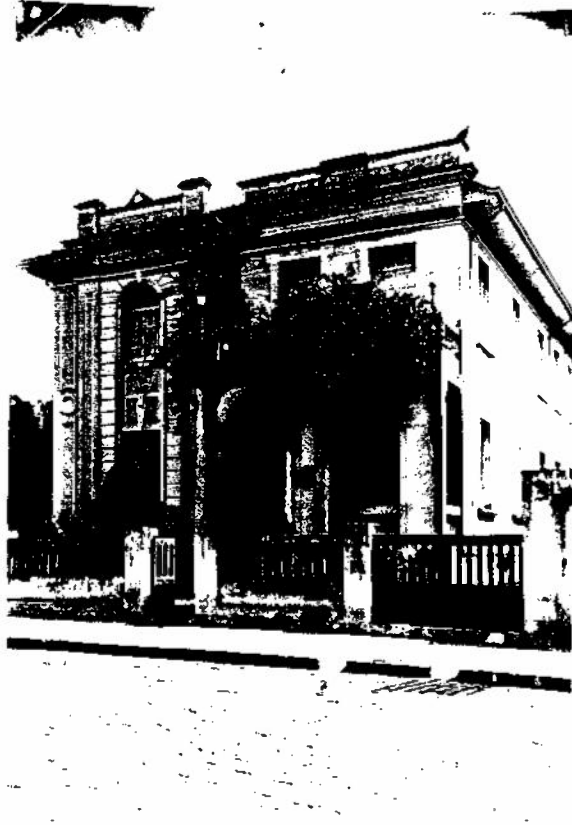
No novo coreto, inaugurado em 7.9.1927, Rigotto também substituiu a antiga escada interna por uma escadaria exterior, que Jorge Sandrin ladeou com suas esculturas vegetais: não as cobras rasteiras do mato, mas as altivas serpentes do Paraíso.



SEDE DA SOCIEDADE RECREATIVA 14 DE MARÇO  
R. Sete de Setembro, 16 - demolido.

A Sociedade Recreativa 14 de Março, fundada em 1914, ocupou vários prédios, inclusive o Salão Santa Cecília, até que um grupo de associados resolveu construir sua sede própria, através da subscrição de ações, idéia aventada pela *Tribuna de Batataes*.<sup>48</sup>

-----  
<sup>48</sup> *Tribuna de Batataes*, 20.1.1929.



Em 1.3.1929, reuniu-se a comissão encarregada da construção do edifício para escolher a proposta vencedora da concorrência pública que fora aberta:

"Foram apresentadas quatro propostas que, abertas, verificou-se serem dos constructores Pimenta & Santos, Rômulo Rigotto, Dr. Carlos Zamboni e José Marsighi.

"A comissão escolheu a do sr. Rômulo Rigotto, por satisfazer ás condições exigidas e por ser a de preço mais módico."<sup>49</sup>

As obras, iniciadas no mesmo mês, estavam concluídas em 10.03.1930, quando se realizou a primeira reunião da diretoria,<sup>50</sup> e o clube foi inaugurado em 28.6.1930.

O edifício apresentava o bloco principal, em volume paralelepípedo, ligado a um extenso terraço que partia da fachada lateral e seguia perpendicularmente.

Na elaboração de sua fachada, Rigotto tirou partido da movimentação de planos, inclusive dos horizontais, com a inserção de pequenas lajes acima da frisa; e da acentuada assimetria na disposição dos elementos formais, desde a distribuição de vãos de variadas molduras, à descentralização da entrada sobreposta por balcão, determinando dois áticos de diferentes formatos e dimensões, e à própria texturização das superfícies, com bossagens à esquerda, finas linhas incisivas acima do balcão e acabamento liso no alpendre.

Os elementos formais, derivados da tradição clássica (colunas, pilastras, cornija, áticos...) foram trabalhados com grande liberdade, chegando mesmo à modernização, como na pilastra

-----  
<sup>49</sup>*Tribuna de Batataes*, 3.3.1929.

<sup>50</sup>Livro de Atas da Sociedade Recreativa 14 de Março, reunião de 10.3.1929, fl. 1.

colossal, à esquerda, composta por painéis geométricos; e as molduras chapadas, de preciso recorte geométrico, das duas portas superiores e das janelas das fachadas laterais.

A Sociedade Recreativa diferia dos outros edifícios públicos, projetados por Rigotto, que apresentam a volumetria mais contida e a observação das simetrias, mas encontra alguma familiaridade com algumas residências, especialmente na movimentação de planos e na assimetria, como veremos.

## AS INDÚSTRIAS

Os dois mais importantes estabelecimentos industriais de Batatais, a fábrica de chapéus de feltro e a fábrica de tecidos, foram projetados por Rômulo Rigotto e construídos simultaneamente. Em 21.12.1924, a *Gazeta de Batataes* noticiou o início do levantamento dos pavilhões das duas fábricas.

A fábrica de tecidos, da qual eram incorporadores Anselmo Tambellini e Artur Scatena, foi construída na R. Prudente de Moraes, esquina da Pça. 15 de Novembro, no local da antiga Cadeia Pública, com a doação do terreno e a isenção dos impostos



municipais, por vinte anos, pela Câmara Municipal.<sup>51</sup> Em 28.5.1925, conforme o jornal, o edifício estava concluído e os teares sendo assentados. A fotografia abaixo, tirada por João Loyola neste mesmo ano, retratou os sete pavilhões desta fábrica e a construção do vizinho edifício da Companhia Melhoramentos de Batataes.

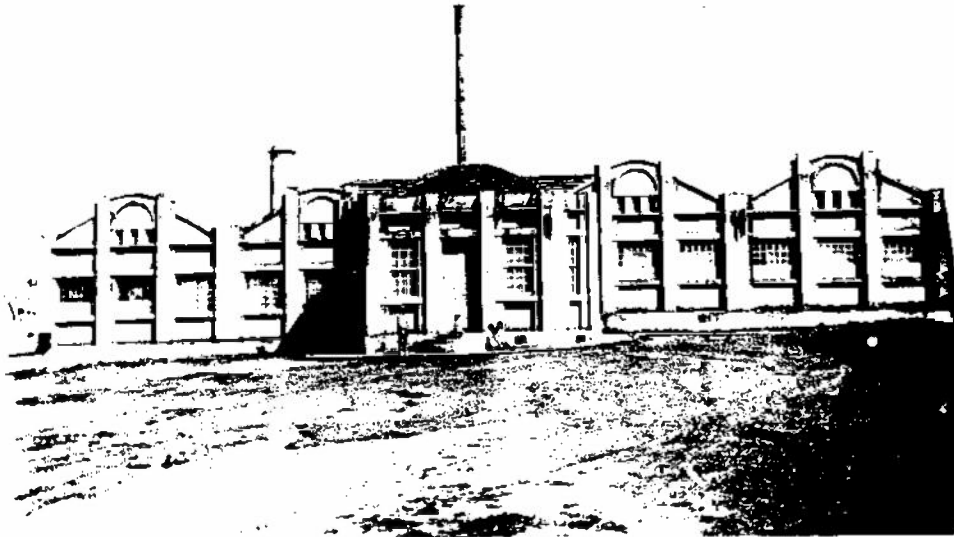


A fábrica de chapéus "Affonso Vieira", da firma Lima, Ferreira & Cia Ltda., também foi beneficiada com a mesma isenção fiscal<sup>52</sup> e a concessão do terreno da Pça. Municipal, onde os pavilhões foram construídos com o mesmo destaque urbano, dado aos principais edifícios públicos da cidade. Na reportagem de inauguração da indústria, acontecida em 12.10.1925, a *Gazeta de Batataes* salientou que "as suas dependencias foram construidas obedecendo ao que ha de mais moderno, e quasi todos os machinismos adquiridos na Allemanha."<sup>53</sup>

-----  
<sup>51</sup>Lei 446, de 16.7.1925. *Livro de Reg. de Leis*, n. 2, pp. 135v e 136.

<sup>52</sup>Lei 434, de 10.12.1924. *Livro Reg. de Leis* n. 2, pp. 126v e 127.

<sup>53</sup>*Gazeta de Batataes*, 11.10.1925.



A fábrica de tecidos foi composta com simplicidade, pela justaposição de pavilhões idênticos, ritmados pelas janelas retangulares e longilíneas, centralmente encimadas por um óculo, e pela cobertura. O maior encanto deste edifício, no entanto, certamente, reside no tratamento trapezoidal dado ao telhado, imprimindo um adicional ritmo diagonal à fachada.

Atualmente, o prédio encontra-se mutilado pelas alterações dos vãos e pela substituição de um pavilhão por um bloco de dois pavimentos, que suprimiu a bela perspectiva que podemos observar na foto de época.

Na fábrica de chapéus, Rigotto pôde tirar partido da amplitude da Pça. Municipal, destacando a volumetria do bloco administrativo da extensa muralidade dos pavilhões fabris. Além disso, as duas funções do edifício também foram diferenciadas pelo próprio tratamento das coberturas.

A linguagem formal empregada nestas fachadas certamente deriva da tradição clássica, da qual foi extraída a essência: as pilastras, a marcação horizontal e os frontões trapezoidais dos pavilhões. Nestes, a grande extensão marcadamente horizontal é equilibrada pelas fortes verticais determinadas pelas pilastras

proeminentes.

Comparando estes edifícios industriais às demais obras de Rômulo Rigotto, podemos constatar que para as fábricas foi adotada uma linguagem formal que suprimiu elementos supérfluos ou fantasiosos, em favor de um tratamento derivado das linhas estruturais dos edifícios, numa concepção mais econômica, em que as retas tomam o lugar das sinuosidades. Indo um pouco além, uma linguagem mais racional e apropriada à função industrial.

### EDIFÍCIOS PARTICULARES

Durante a década de 20, Rômulo Rigotto foi o responsável pela construção de muitas residências, por vezes associadas a estabelecimentos comerciais, que disseminaram uma nova tipologia arquitetônica em Batatais.

A implantação destes edifícios observou recuos frontais ou laterais, por vezes associados, ou ainda o prédio completamente livre no meio do lote, abrindo espaço para os jardins formados por caprichosos canteiros geométricos, permanecendo o velho pomar no fundo do quintal.

As novas e modernas residências possuem dois pavimentos e apresentam uma recortada volumetria, em blocos desencontrados, que abandonando a simplicidade dos telhados de duas ou quatro águas, partem para soluções mais complexas de vários planos recortados e movimentados.

As fachadas dissimétricas passam a adotar novos componentes: varandas, balcões e amplos terraços descobertos que associam à intimidade da moradia, o recreio e o interesse pelo cenário urbano, abrindo vistas de longo alcance sobre a cidade; floreiras, janelas venezianas de madeira e portas de entrada com janelinha de vidro protegida por grade de ferro.

Pela observação das fachadas, julgávamos que a utilização da linguagem arquitetônica da tradição clássica fosse uma questão superada. A não ser uma ou outra coluna estruturando a cobertura

da varanda, os elementos clássicos pareciam coisas do passado, cujo último movimento fora a modernização que sofreram. Mas não. Nos espaços sociais mais valorizados, a sala de estar ou a sala de jantar, lá estavam as colunas jônicas ou dóricas, estruturando uma passagem, ou as delicadas pilastras em *trompe l'oeil*, sustentando barrados florais, os *putti* e as paisagens. O emprego destes componentes, arquitetônicos ou pictóricos, a nosso ver, não deve ser visto como um retardamento, mas como um movimento nostálgico de recolher para o interior das moradias antigos objetos queridos. Especialmente num momento em que se deveria guardar apenas o que o passado "produziu de bom, mas [deixar] desaparecer com elle tudo o que o presente e o futuro se envergonham de conservar."<sup>54</sup>

A movimentada volumetria desses edifícios determinou uma certa movimentação das plantas que, no entanto, não deixaram de articular os cômodos de diferentes tamanhos, através do corredor. A composição interna passou a contar com espaços especializados: além das salas de estar e jantar, do escritório e da cozinha, temos agora a saleta, a copa, a dispensa, e o lavabo, todos no primeiro andar; e no segundo, a área mais íntima: os quartos, por vezes, o closet, e o banheiro.

A noção de conforto nos parece nortear toda a concepção arquitetônica dessas residências espaçosas, bem iluminadas e ventiladas. Esta impressão encontra sua confirmação no próprio mobiliário de época, constituído por uma grande variedade de mesas, cadeiras, armários e sofás, que ainda compõem os ambientes de diversas casas.

No tocante à inserção urbana desses edifícios, em sua totalidade, foram edificadas na área central e, portanto, mais antiga de Batatais, muitas vezes a partir da demolição dos combatidos e velhos prédios de adobes e taipas.

Os primórdios desta nova tipologia podemos encontrar na *Residência João Ferreira Diniz*, à Pça. João de Andrade, 12,

-----  
<sup>54</sup> *Gazeta de Batataes*, 19.2.1911.

construída por Ângelo Rossin, em 1922,<sup>55</sup> com a demolição da casa de adobes que pertencera a Antônio Benedicto dos Santos Silva.<sup>56</sup>



---

<sup>55</sup> *Gazeta de Batataes*, 1. 4, 1922.

<sup>56</sup> Comprada por João F. Diniz em 11.2.1902. Cartório de Registro de Imóveis. Livro 3B (antigo), transcr. 2499, fl. 90v, em 6.3.1902.



O edifício, implantado numa esquina, já apresenta um amplo afastamento frontal, a volumetria variada com a inserção da varanda e do recuo, onde se situa a entrada da cozinha, acessada por escada; e o telhado movimentado por vários planos, explorando os beirais trapezoidais (excluídas as mansardas, recentemente adicionadas).

Na ornamentação das fachadas, destacam-se as janelas, por vezes providas de floreiras, apresentado os caixilhos trabalhados num grafismo de linhas curvilíneas, que podemos associar ao *art nouveau*.

Muitas das novas residências eram chamadas de "*bungalows*". Segundo Corona & Lemos, o termo inglês "significa entre nós pequena residência provida de varanda alpendrada, pretensamente pitoresca e geralmente levantada nos bairros."<sup>57</sup>

Entretanto, o primeiro *bungalow* construído em Batatais, na praça central, foi projetado pelo eng. Dário Cordovil Guedes, de Ribeirão Preto, para residência do capitão João Cândido Alves

-----  
<sup>57</sup> *Dicionário da Arquitetura Brasileira*, São Paulo, Edart, 1972, p. 69.

Ferreira, pai do Monsenhor Joaquim A. Ferreira. Este edifício é anterior a 1924, e talvez Rômulo Rigotto tenha sido seu construtor.<sup>58</sup> Este edifício apresenta um porão tão alto que,



---

<sup>58</sup>Cf. depoimento do Sr. José Braga Morato.

praticamente, se configura num sobrado. Nele já estão presentes as varandas inseridas na movimentada volumetria, os telhados de planos variados e o pequeno bloco do primeiro plano, com a empena voltada para a fachada, que a nosso ver, trata-se de uma outra característica marcante do *bungalow*, presente em diversas outras obras deste tipo.

#### BUNGALOW DE ALCEBIÁDES BORGES

R. 13 de Maio, 214, esq. R. Mal. Deodoro.

A residência de Alcebiádes Borges foi, possivelmente, o primeiro *bungalow* projetado e construído por Rômulo Rigotto, pois, em 1924, já estava concluído.<sup>59</sup>

A implantação, nos limites do lote e com amplo recuo frontal, composto por ajardinados canteiros geométricos, seguiu a mesma implantação da Residência João Ferreira Diniz, da esquina vizinha. Na verdade, a implantação dos dois edifícios, situados em frente à Pça. João de Andrade e retratados abaixo, apenas tirou partido da



---

<sup>59</sup>Cf. "Relação dos Contribuintes aos Impostos Predial, Aforamento e Viação, para o exercício de 1925." *Gazeta de Batataes*, 14.12.1924.



localização na encosta da colina, de onde se pode desfrutar o belo cenário urbano da colina central, além daquele da própria praça fronteiriça.

Nesta residência, estão presentes a movimentada volumetria, a complexidade de planos da cobertura e a composição completamente dissimétrica das fachadas, que comportam janelas venezianas de formatos e tamanhos diferentes, agrupadas em diversos conjuntos, floreiras, balcão, varanda com cobertura arrematada por beiral de ferro e vidro, encimando o alpendre de entrada.

A concepção arquitetônica, buscando o ponto de vista pitoresco, na verdade, ressentem-se do acúmulo de diversificados elementos formais dispostos aleatoriamente. Aqui estamos longe de qualquer postura formal "clássica", o que se busca é a variedade.

#### BUNGALOW DE AFFONSO VIEIRA LIMA

Pça. Côn. Joaquim Alves.

O *bungalow* de Affonso V. Lima foi construído em 1924,<sup>60</sup> por Rômulo Rigotto, com a demolição do casarão de adobes e taipas que pertencera a Antônio Jacinto Lopes de Oliveira, como já vimos na comparação das duas vistas da R. Barão de Cotegipe, às pp. 280-81.

Esta residência, comparada aos dois *bungalows* anteriores, mostra-se mais elegante e arejada, devida à sua implantação no meio do lote, rodeada por jardins, e ao próprio movimento de planos da fachada, beneficiada pela transparência da estrutura central, compondo a entrada e a sacada superior, coberta em ferro e vidro.

A composição das fachadas comporta dissimetrias, onde é notável a recorrência ao bloco avançado, com empena frontal, e a disposição equilibrada de janelas de diversos tamanhos, acompanhadas por floreiras.

-----

<sup>60</sup>Cf. *Ibid.*, 14.12.1924.



PALACETE E CASA BANCÁRIA DE JOSÉ LAZZARINI SOBRINHO  
R. Sete de Setembro, 165, esq. Pça. Dr. Paulo L. Correa.

O edifício construído para residência e casa bancária de José Lazzarini Sobrinho, de autoria de Rômulo Rigotto, foi concluído em 1926.<sup>61</sup> A *Gazeta de Batataes*, em 1.1.1927, noticiou a inauguração da Casa Bancária Alves, Nogueira & Cia. "no belo e novo palacete construído à R. Sete de Setembro, 3," esquina da então Pça. XV de Novembro.

-----  
<sup>61</sup>Cf. "Relação dos Contribuintes Sujeitos aos Impostos Predial, Aforamento e Viação, para o exercício de 1927." *Gazeta de Batataes*, 1.1.1927.



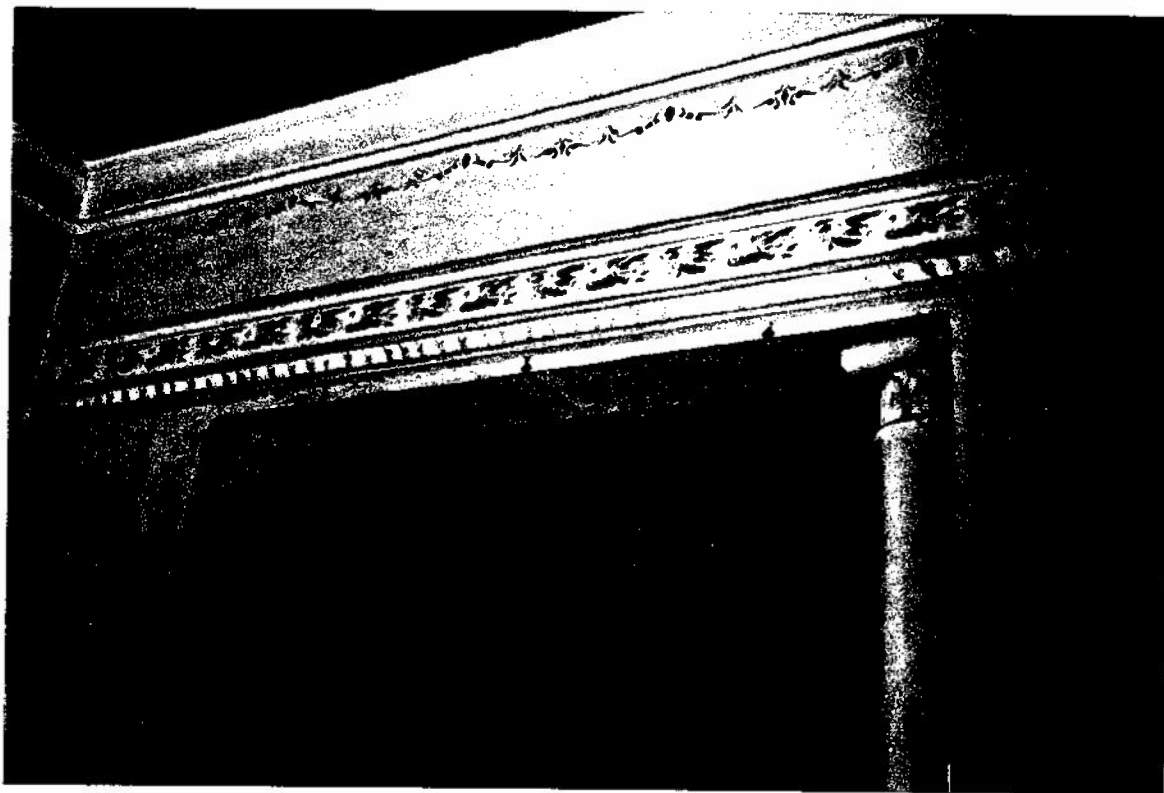
Apesar do edifício manter algumas características dos *bungalows*, especialmente na fachada lateral da residência, a implantação nos limites do lote determinou uma volumetria mais contida, e o desenvolvimento do telhado observou as simetrias, embora as diferentes janelas tenham sido dispostas com liberdade.

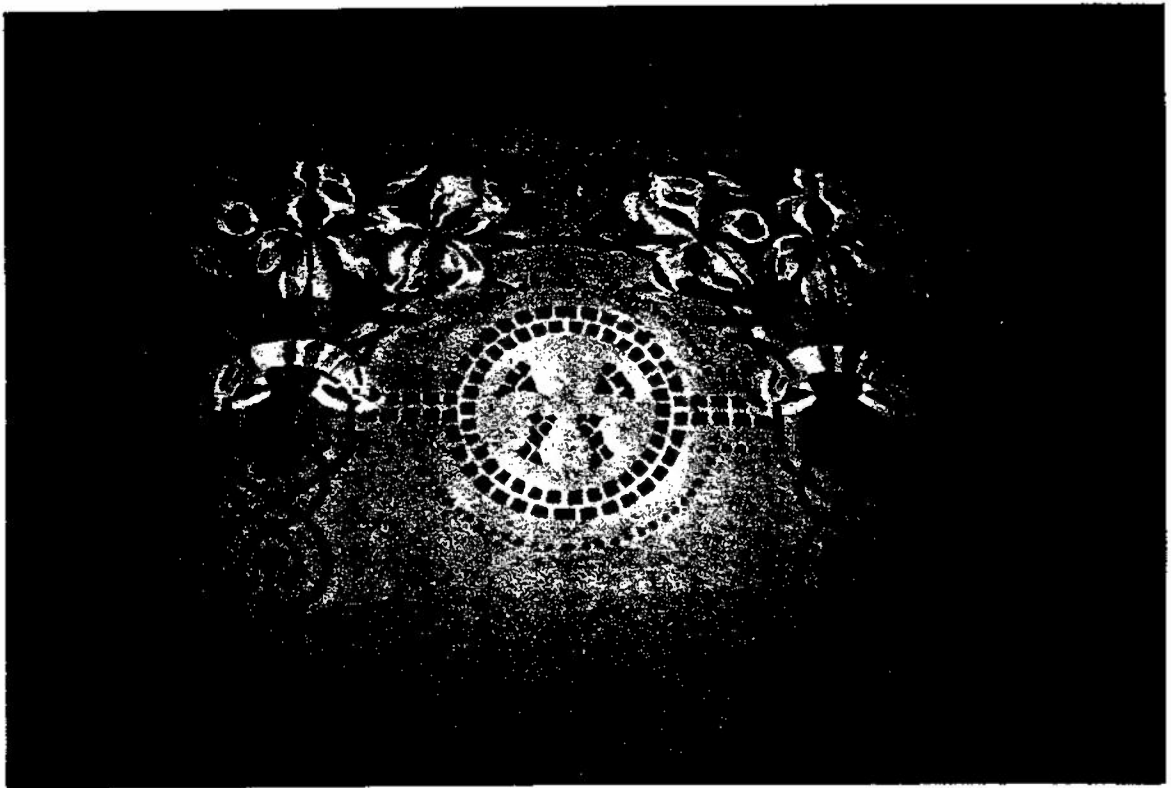
Na Casa Bancária, provavelmente por razões de segurança, os vãos foram providos de gradis de ferro, confeccionados pelo italiano Atilio Ziviani, que desenvolvem um harmonioso grafismo geométrico.



A linguagem arquitetônica da tradição clássica, completamente abolida das fachadas, reaparece no interior da residência: a passagem da sala de estar para o corredor foi guarnecida por colunas jônicas e, na sala de jantar, as pinturas murais, confeccionadas através de moldes, apresentam leves e ritmadas pilastras sustentando o barrado floral entremeado de elementos geométricos.

Nos interiores da residência, as estruturas escuras de madeira, fabricadas por Rigotto, como as portas, os forros providos de ventilação e a escada que liga os dois pavimentos, contrastam vivamente com as paredes pintadas em tons pastéis de azul, amarelo e branco.







RESIDÊNCIA E SALÃO COMERCIAL JOÃO GASPAR GOMES  
R. Dr. Alberto Gaspar Gomes, 479.

O fazendeiro João Gaspar Gomes, em 28.3.1927, comprou o terreno situado à então R. Capitão Andrade, esquina da Av. dos

Andradas,<sup>62</sup> onde, em 1929, construiria seu "sumptuoso palacete"<sup>63</sup> e salão comercial, projetados por Rômulo Rigotto.



-----  
<sup>62</sup>Cf. Cartório de Registro de Imóveis. L. 30, trançr. 9409, p. 67v.

<sup>63</sup>*Gazeta de Batataes*, 9.3.1930.

Originalmente, a residência, implantada com recuo frontal e amplo recuo lateral, se constituía de um bloco volumétrico bastante movimentado, desenvolvido centralmente em três pavimentos, estendendo seu grande terraço sobre o salão comercial, implantado nos limites da esquina.



O posterior acréscimo do telhado sobre o antigo terraço e o fechamento da varanda que lhe serve de acesso, através de vitrôs, desestruturaram o equilíbrio da composição do edifício que, por si só, já era bastante variada. Na verdade, variada demais, pois ao belo efeito trapezoidal da parte central foi acrescentada uma profusão de elementos diferenciados, como as varandas balaustradas, sem unidade de tratamento, o balcão, a floreira, o conjunto de estreitos vitrôs verticais ao lado da entrada e a utilização de vidros coloridos, que criaram um certo tumulto visual.

Este edifício é um exemplo dos extremos a que poderia levar a busca da diversidade de pontos de vista.

Internamente, esta residência apresenta, além do programa de necessidades do tempo, uma sala de música octogonal, que tirou partido da volumetria trapezoidal da fachada.

Neste edifício, também é notável o trabalho de madeira, desenvolvido por Rigotto, nos forros apainelados, nos pisos bicolores, na escada e nas portas, em especial da sala de jantar, onde até os batentes são apainelados. Estas estruturas de madeira, como já observamos, são extremamente contrastantes com as paredes claras, por vezes decoradas superiormente com barrados vegetais.

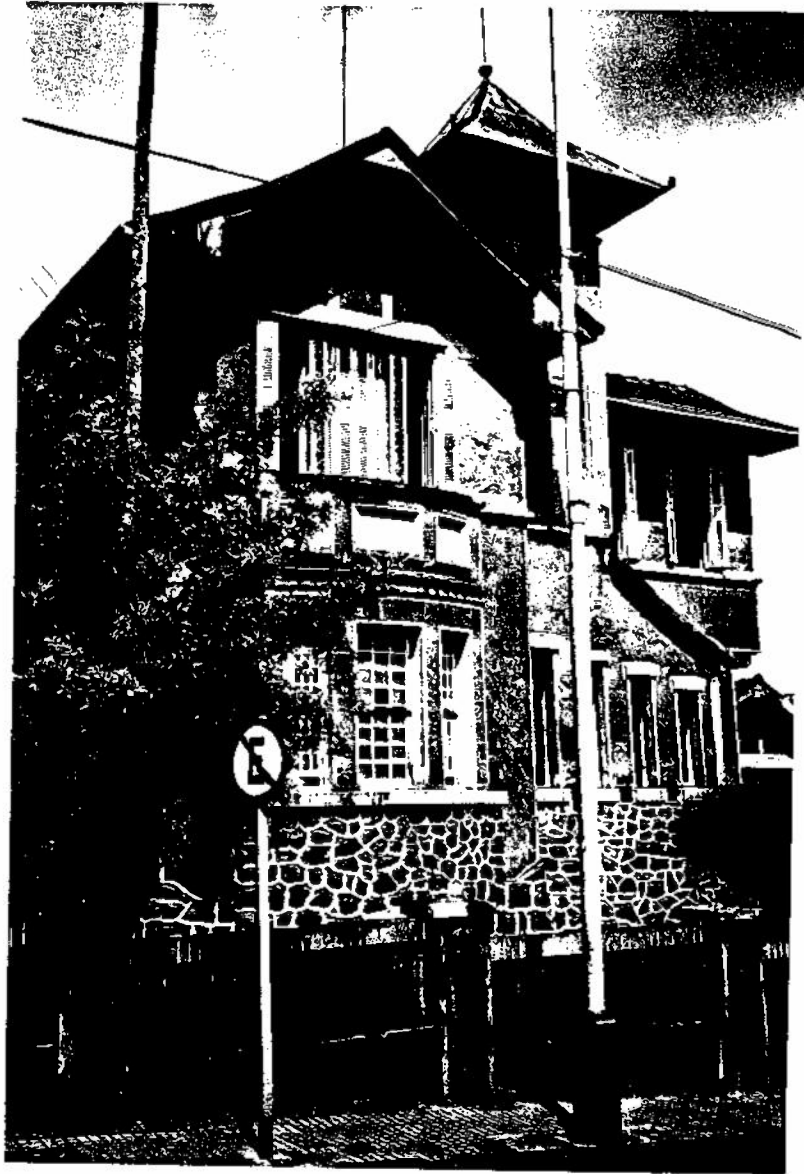
#### **RESIDÊNCIA GUILHERME TAMBELLINI**

R. Celso Garcia, 26.

A residência de Guilherme Tambellini foi construída por Rômulo Rigotto em 1929.

Este edifício, inteiramente livre dos limites do lote, apresenta a mesma movimentação volumétrica e assimétrica, os mesmos planos variados de telhado e diversidade na disposição dos vãos, já observados em outros prédios. No entanto, notamos um maior equilíbrio no ajuste volumétrico, com a admissão sutil e delicada de certos elementos, como a leve circularidade no conjunto de balcão e janelas inferiores e o esbelto chanfro no





ângulo direito do edifício, abrigando uma janela e arrematado por uma inesperada voluta. Além disso, há uma grande coerência no tratamento dos vãos, retangulares e longilíneos, repercutindo a própria torre central, de cobertura metálica, trabalhada em painéis verticais.

Também no tratamento de superfície, as fachadas destacam-se daquelas já vistas, pelo acabamento rústico contornado por estreito friso liso que salienta as angulosidades do edifício. As fachadas possuem um colorido castanho-avermelhado, resultante da ação do tempo e da poeira vermelha das terras batataenses.

A razão das discrepâncias verificadas nesta residência em relação às demais nos foi dada pelo filho de Guilherme Tambellini, Dr. Jésus Machado Tambellini:

"Nossa casa, segundo ouvi de meu pai, foi tirada, por ele e Rômulo Rigotto, de uma revista."<sup>64</sup>

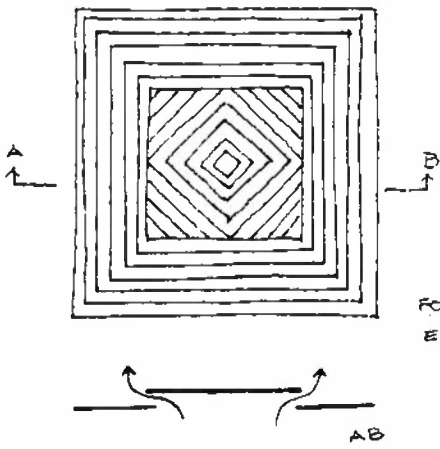
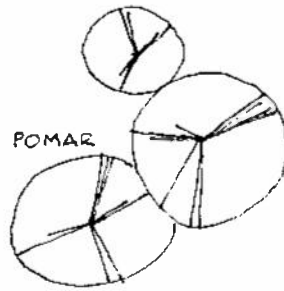
Não nos foi possível descobrir de qual revista Rigotto tirou este projeto, ou em que medida o fez, mas esta informação é preciosa na medida em que insinua as influências variadas a que pôde estar sujeita a produção de Rigotto.

As plantas da residência Tambellini revelam a planificação assimétrica resultante da assimetria volumétrica, determinando uma grande variação na disposição e no tamanho dos diferentes cômodos. A articulação pelo corredor central ainda persiste, mas estamos longe do tempo em que ele se constituía no eixo de simetria de espaços congruentes.

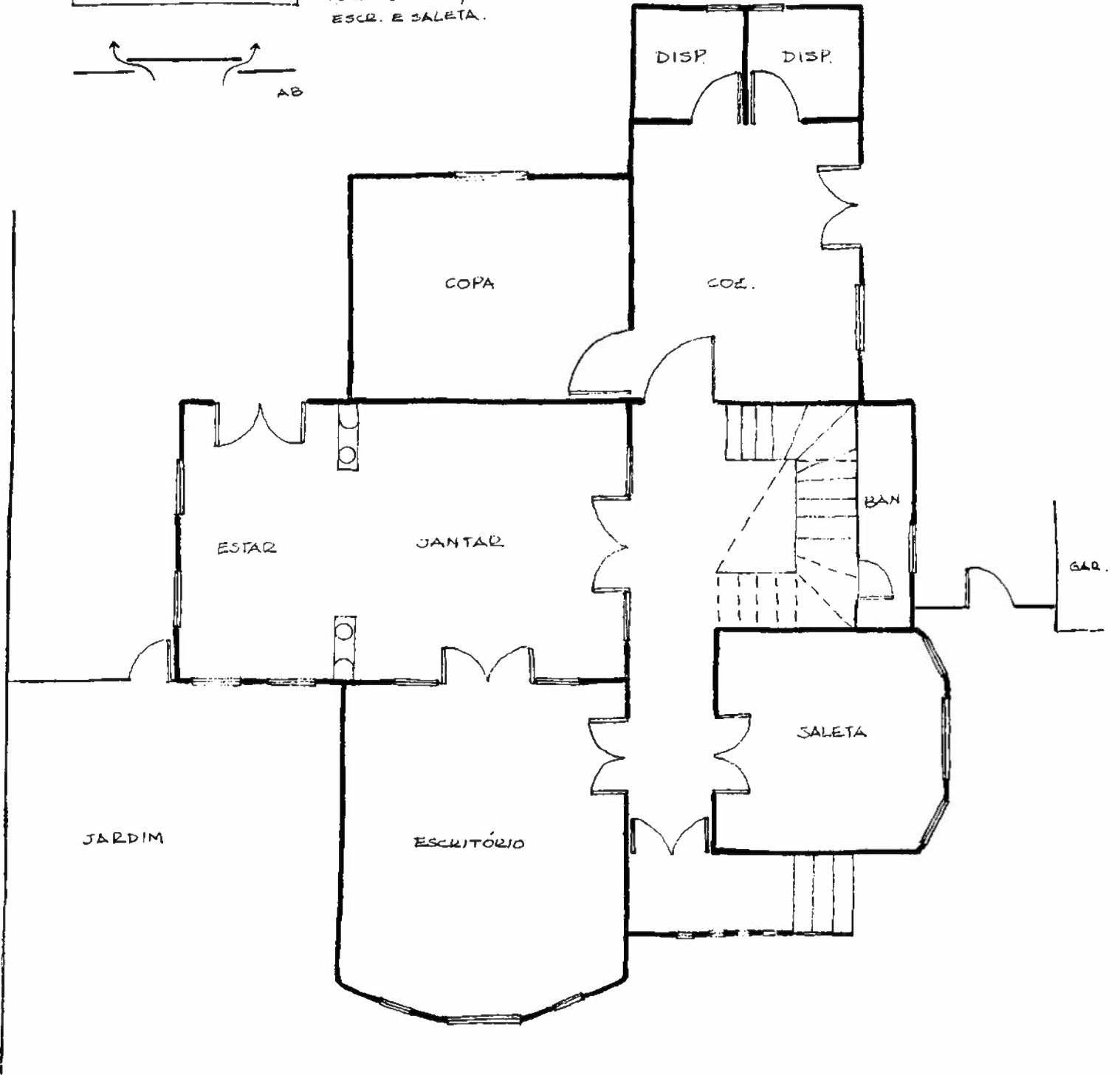
Na distribuição dos cômodos do pavimento térreo, persiste o ordenamento tradicional: cômodos de recepção na frontaria, onde o atual escritório certamente era a sala de estar, articulada à sala de jantar; cozinha ao fundo, ligada à copa, nada mais do que um

-----  
<sup>64</sup> Cf. correspondência mantida com Dr. Jésus Tambellini, em 22.9.1992.

RESIDÊNCIA GUILHERME TAMBELLINI  
12 PAV. S/ESC.

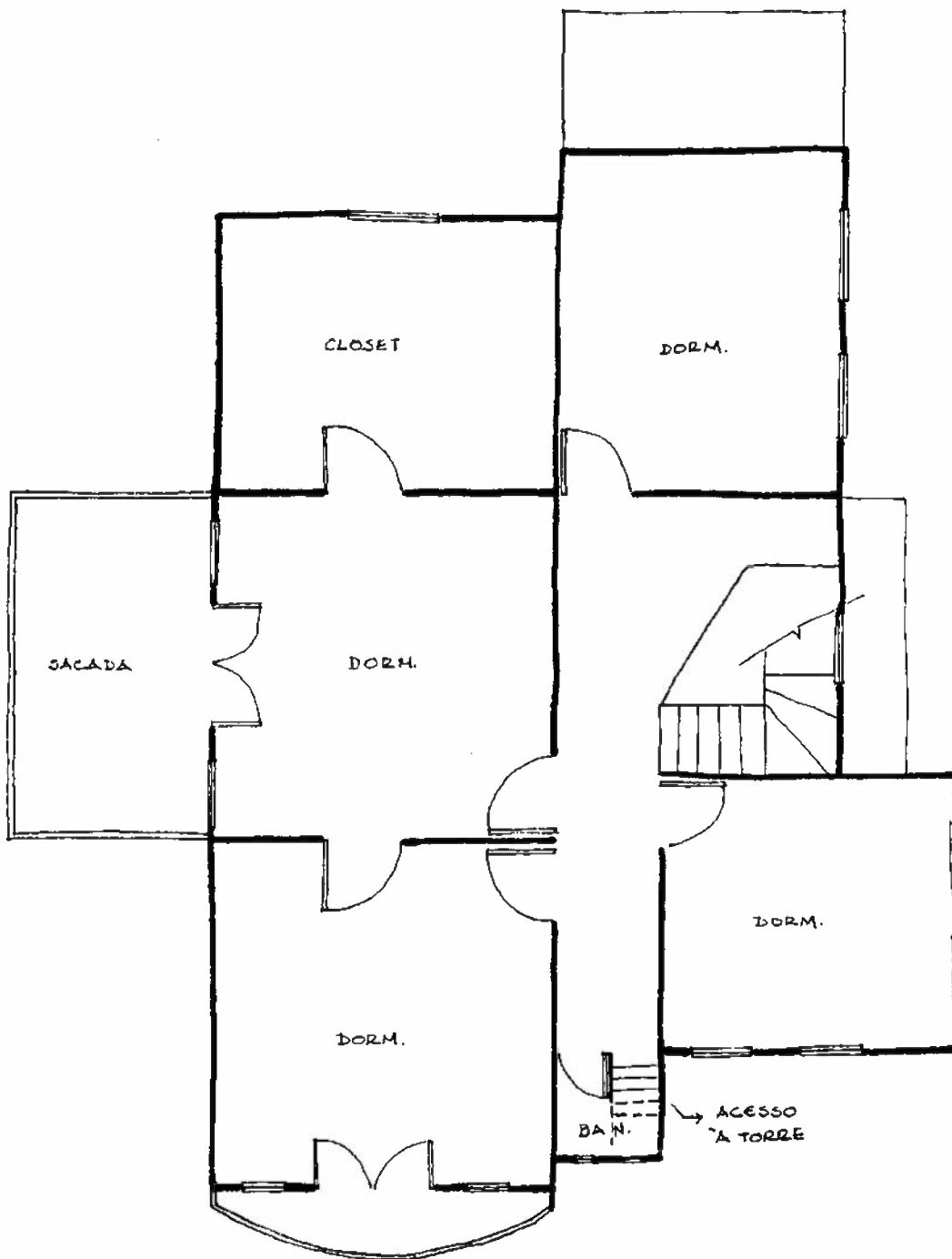


FORNO JANTAR,  
ESCR. E SALETA.



RESIDÊNCIA GUILHERME TAMBELLINI

2º PAV. S/ESC.



local de refeições mais reservado. O segundo andar reúne a área mais íntima da residência: os quartos, diferenciados pela ocupação, como o quarto de casal provido de closet e sacada, comunicando-se com o quarto das crianças, que se abre para o balcão, e o banheiro.

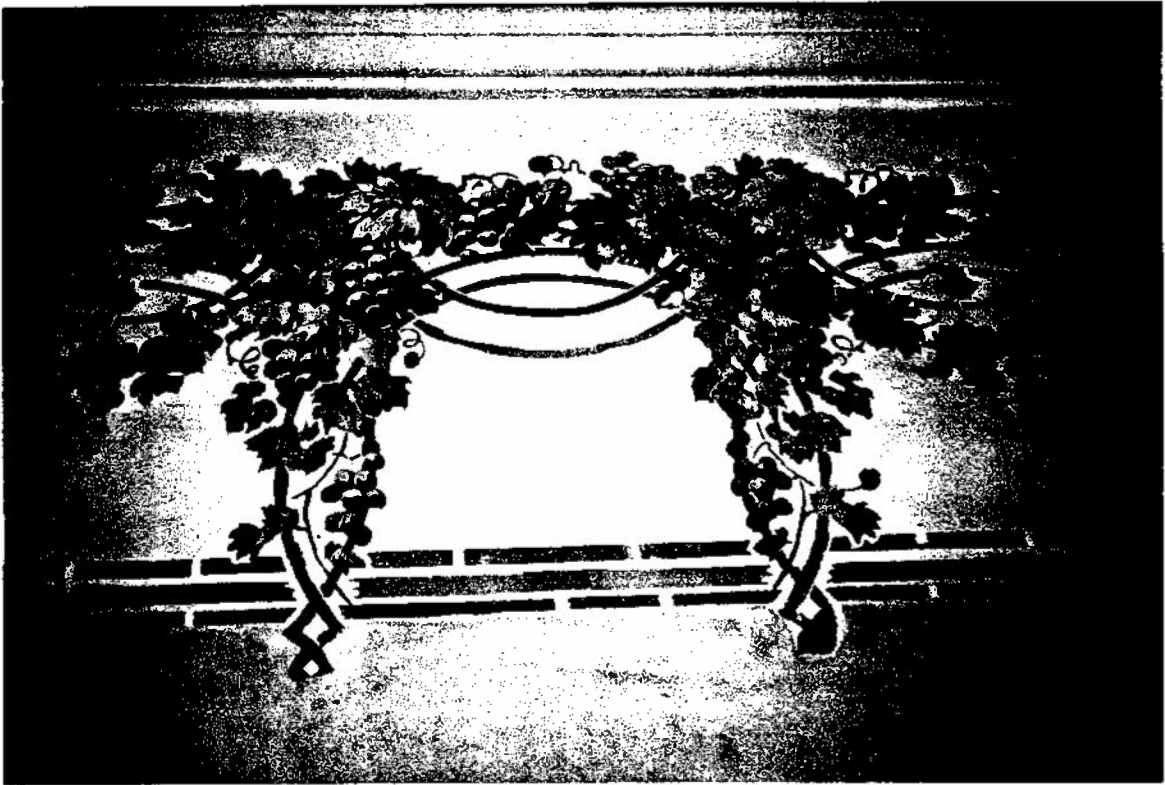
A partir do segundo andar, alcança-se a pequena torre, que permite desfrutar o cenário circundante e a integração da residência com o exterior, já mantida pelo balcão e pela varanda.

Separado do bloco principal, à direita, situam-se a garagem do automóvel e os cômodos destinados aos criados.

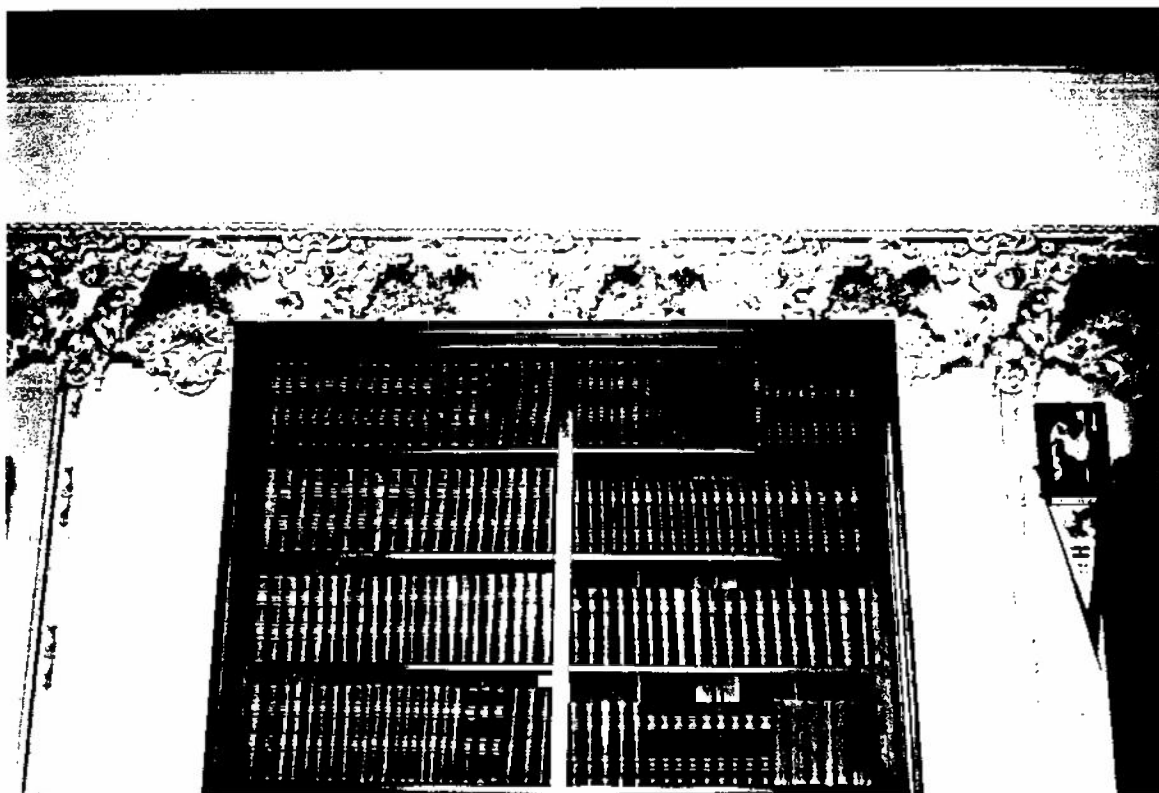
Na composição dos interiores, Rigotto se utilizou das madeiras escuras nas portas, nos forros com ventilação e nos assoalhos que, nas salas, são bicolores.

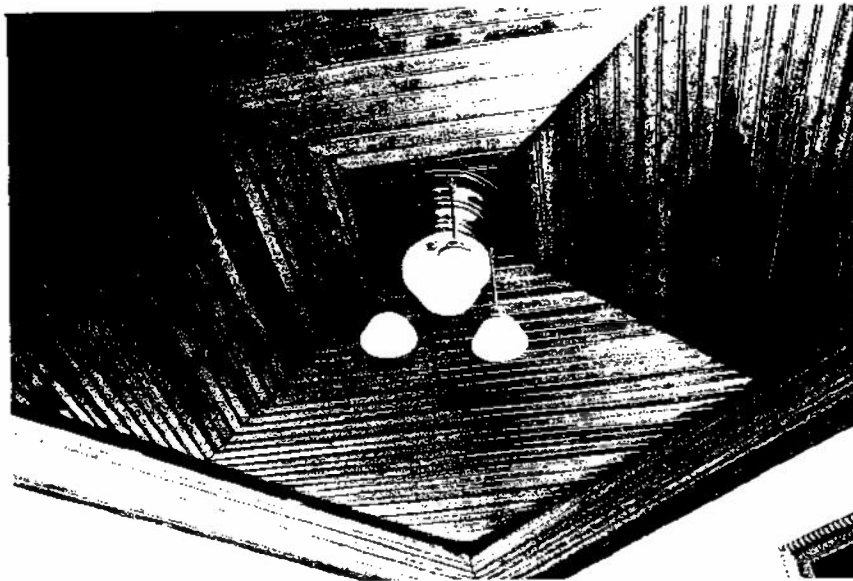
Na residência Tambellini, mais uma vez, a linguagem arquitetônica da tradição clássica reaparece nas duplas colunas que marcam a passagem da sala de jantar para a pequena sala anexa, pintadas em verde e branco combinando com o colorido da sala, superiormente decorada com guirlandas vegetais entremeadas pela sinuosidade das linhas *art nouveau*.





A ornamentação mural do escritório utiliza-se de pilastras para sustentar os *putti* ladeados por paisagens coloridas, envolvidos por complexo arabesco curvilíneo.





Quanto à realização das pinturas murais, Dr. Jésus M. Tambellini ainda nos informa:

"Relativamente à sua pintura, colhi o informe, 'sujeito a revisão', de que as faixas pictóricas foram recortadas, em seus moldes, por Rômulo Rigotto, e executadas por Humberto Jorge."<sup>65</sup>

#### RESIDÊNCIA E FARMÁCIA DE FERNANDO LEITE MACHADO

R. Santos Dumont, 171, esq. R. Celso Garcia.

O prédio destinado à residência e farmácia de Fernando Leite Machado foi projetado por Rômulo Rigotto em 1930. A *Gazeta de Batataes*, em 3.4.1930, noticiava que "o Cap. Fernando Leite Machado acaba de contratar a construção de seu palacete."

O edifício desenvolvido em "L", abrigava a farmácia na esquina e a residência, acessada pela rua lateral, observa um recuo frontal, mantendo o térreo encimado por um amplo terraço, e o segundo pavimento acima da farmácia.

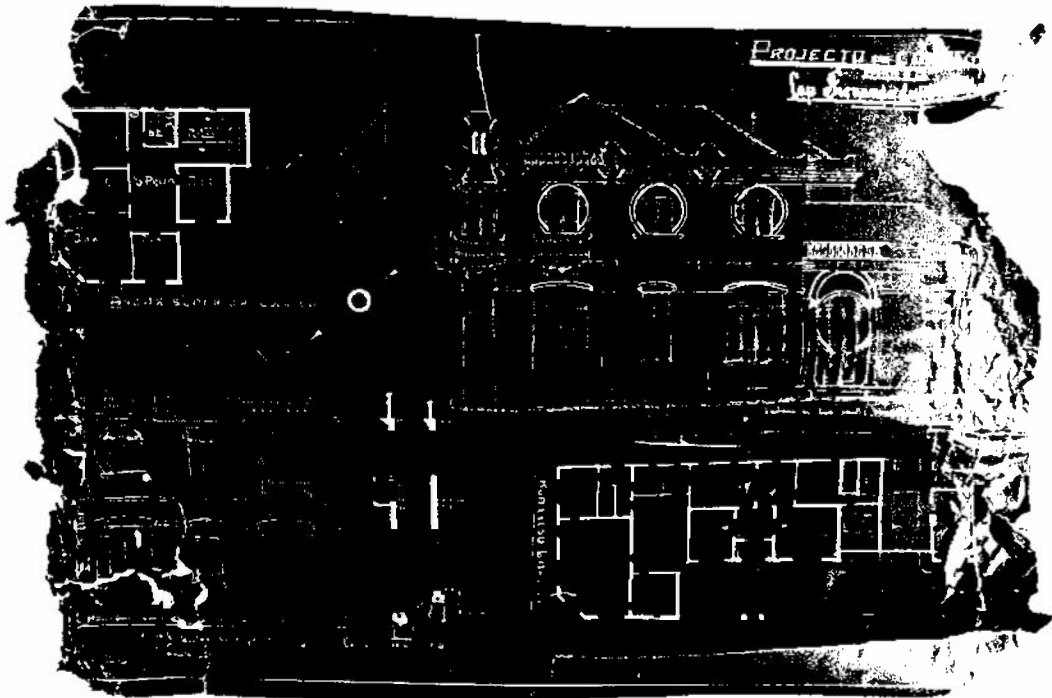
-----

<sup>65</sup>Cf. corresp. já citada, mantida com Dr. Jésus Tambellini.

Na composição das fachadas, Rigotto volta a se utilizar de elementos da tradição clássica, ladeando os vãos com pilastras levemente ressaltadas, e aplicando o cornijamento sob as platibandas. Na entrada da residência, duas pequenas colunas toscanas sustentam o arco pleno que repercute a moldura circular envolvendo o conjunto de porta, bandeira e janelas da entrada.







Retomando o formato circular para os vãos residenciais, já utilizado no Paço Municipal, em 1925, Rigotto operou a distinção entre as duas funções do edifício, ao adotar vãos de vergas retas para a farmácia. Como já observamos em relação aos Paço, essas molduras atestam a infiltração das formas *art nouveau* no vocabulário da tradição clássica. Esta infiltração *art nouveau* é testemunhada por outros elementos, como as molduras curvilíneas terminadas em volutas, acima dos vãos da farmácia, e o tratamento também curvilíneo da mureta do terraço e do ático da garagem.

Um detalhe interessante era a pequena torre cilíndrica de cobertura cônica, assinalando o vértice chanfrado do edifício, prevista no projeto e construída, mas posteriormente removida.

A comparação entre o projeto e o edifício revela duas importantes alterações: a inexistência do amplo terraço no projeto; e o afastamento dos dois balcões que, no projeto, ladeavam o balcão central, o que evitou o acúmulo de elementos no vértice do prédio, propiciando uma movimentação equilibrada na fachada mural.

Se na composição das fachadas, Rigotto voltou a se utilizar de uma linguagem derivada da tradição clássica e observou uma volumetria mais contida, na planta residencial, paradoxalmente, aboliu o corredor central como eixo de distinção dos espaços interiores. No pavimento térreo, um pequeno *hall*, logo após a entrada, é ladeado pelas salas de estar, à esquerda, e jantar, ligando-se diretamente a uma sala que acessa a escada, à esquerda, e a copa, cozinha e dispensa, à direita. No andar superior, os dormitórios e o banheiro se distribuem em torno de uma grande sala, que Rigotto nomeou "sala de proza", e o acesso ao terraço foi aberto ao lado da escada.

A Residência Fernando Leite Machado, pela linguagem formal utilizada nas fachadas, com elegância e sobriedade, e pela discreta volumetria, parece-nos mais associada aos edifícios públicos do que à tipologia dos *bungalows* e edifícios como o de João Gaspar Gomes.

## CONCLUSÕES

As realizações arquitetônicas dos anos 20s aprofundaram e multiplicaram as modalidades formais que haviam se desenvolvido até a década passada.

A modernização da linguagem arquitetônica da tradição clássica, sob a penetração das formas *art nouveau*, empreendida em 1911 pelos edifícios da Santa Casa, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, está na origem do desenvolvimento da linguagem moderna e industrial realizada a partir de 1921 com o Palacete Ordine e difundida mesmo nos exemplares menos pretensiosos que não deixaram de ornamentar suas fachadas com painéis geométricos recortados com precisão e fixados por elementos imitando parafusos ou rebites sobre as vergas de portas e janelas.

Possivelmente, a partir dos mesmos edifícios de 1911, e concomitante ao desenvolvimento da linguagem moderna e industrial, alguns edifícios dos anos 20s apresentaram uma influência mais acentuada do *art nouveau*, incorporando à modernização da tradição clássica uma ornamentação francamente curvilínea que não deixou de admitir elementos florais e vegetais pontilhando as fachadas.

Estes dois conjuntos de edifícios, aos quais não podemos deixar de agregar parte da produção de Rômulo Rigotto, como seus edifícios públicos, a fábrica de chapéus "Affonso Vieira" e a Residência Fernando Leite Machado, demonstram que a arquitetura dos anos 20s não ignorou o meio no qual estava inserida, reinterpretando com extrema inventividade os mesmos elementos formais da arquitetura que vinha sendo produzida desde pelo menos a última década do século XIX, sem falar na longevidade do volume basicamente prismático.

As residências de Rômulo Rigotto, especialmente os *bungalows*, representaram o rompimento da unidade desta tradição. Os pontos de rompimento são variados e profundos: o desenvolvimento dos edifícios em 2 pavimentos, a movimentada volumetrias, a complexidade dos vários planos de cobertura, a exclusão da linguagem formal da tradição clássica das fachadas e a

incorporação de balcões, varandas, terraços, torres e floreiras.

Possivelmente, essas residências tenham atendido a uma nova clientela, afeita às novidades e ao conforto, que escolhia sua moradia em revistas, garantindo seu destaque dos padrões arquitetônicos locais e sua familiaridade com os padrões exteriores, como Guilherme Tambellini; ou importava um arquiteto estrangeiro para o projeto de seu palacete, como o Monsenhor Joaquim Alves, que veremos no próximo capítulo.

Estas novas residências de Rigotto, em conformidade com a assimetria volumétrica, desenvolveram uma planificação igualmente assimétrica, ainda que majoritariamente tenham se utilizado do corredor central para a articulação dos espaços internos de tamanhos variados, exceção feita à Residência Fernando Leite Machado que, como vimos, aboliu o corredor. Embora não tenha sido possível realizar o levantamento das plantas da maioria dos edifícios desta década, cremos que as alterações mais decisivas foram realmente empreendidas pelas residências executadas por Rômulo Rigotto.

O rompimento da unidade da tradição foi aparentemente completo. Mas nos interiores dessas residências tão diferentes, os elementos formais da tradição clássica reapareceram nos ambientes mais nobres e valorizados: as salas de estar e jantar, quer na forma arquitetônica como as colunas jônicas ou dóricas que emolduram as passagens, quer na pictórica, como as pilastras que sustentam amplos barrados florais, agregando os *putti* e as paisagens. Este fato, a nosso ver, não pode ser compreendido como um retardamento na utilização desta linguagem, mas como um movimento nostálgico de recolhimento dos mais significativos elementos formais que construíram a cidade, e perfeitamente adequado ao momento modernizador então vivido.

Na verdade, todas as modalidades formais desenvolvidas nos anos 20s estavam em perfeita sintonia com a febre modernizadora e progressista que assolava o ideário do tempo. Edifícios tão diferentes como o Palacete Ordine, o *bungalow* de Affonso Vieira, o Paço Municipal, a Casa Scatena e a Residência João Ferreira Diniz

foram festejados pela imprensa como "novos e modernos edifícios", como prédios de "estilo moderno", estilo este em virtude do qual, já em 1911, alguns edifícios seriam premiados pela legislação municipal, como já vimos. Mas o que era, afinal, o "estilo moderno"? Difícil responder, mas uma coisa é certa: era o novo, o diferente, o que se destacasse, de alguma maneira, do passado e satisfizesse não só o presente, mas o futuro.

Nos anos 20s, desaparecem as cartelas datadas das fachadas dos edifícios. Somente dois exemplares, a Residência Gabriel de Andrade Junqueira e a Pharmacia Borges, apresentam esses componentes tão preciosos para a datação. Um fato aparentemente banal e inexpressivo. O que significam as cartelas datadas? Nada mais que marcos, sinalizando a passagem do tempo: um ano, dois anos, três anos mais velho... Nada mais que a constante ligação do edifício com a sua origem e seu passado. Mas o passado era o que se desejava remover: o velho coreto, a velha Igreja do Rosário, as casas centenárias, os muros de taipas...

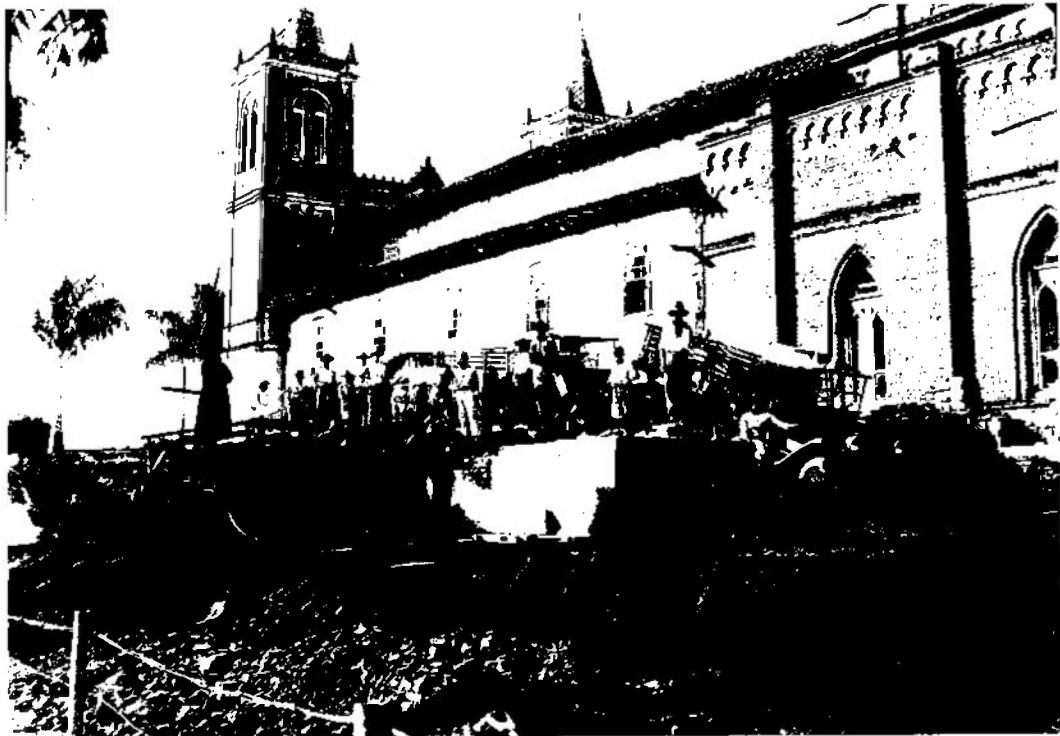
A construção da cidade moderna e progressista tinha em vista o futuro. Abolindo as cartelas datadas, a arquitetura estava liberta do tempo, e a arquitetura de Batatais dos anos 20s "simplesmente é."

## AS REALIZAÇÕES DE LATINI E ZAMBONI

## A IGREJA MATRIZ

A Igreja Matriz, em 1926, permanecia inacabada em pleno coração da cidade. Em completa desarmonia com a renovação arquitetônica que Batatais vinha assistindo, o edifício ainda conjugava à fachada e ao bloco posterior reconstruídos, parte da velha igreja de adobes e telhas coloniais.





No empenho pela construção de novos e modernos edifícios e pela erradicação da velha arquitetura, especialmente no centro da cidade, a *Gazeta de Batataes*, em 25.2.1926, sugere a conclusão da Igreja Matriz, com a ajuda da população:

"Quem é que olhando para a nossa Igreja Matriz, não se manifeste pela conclusão das obras, já tão tardia? Por certo que ninguém, tanto mais porque já faz alguns annos que reconstruída uma parte, incompleta externamente, na outra ainda não se pôz mão.

[...]

"Um dos motivos que nos leva a escrever esta nota local é o grande progresso porque vae atravessando a nossa bela cidade em todos os seus ramos de actividade.

[...]

"Desenvolva-se uma iniciativa forte e, temos certeza, cada batataense contribuirá com a sua pedrinha para o majestoso templo."

O Monsenhor Joaquim Alves Ferreira, principal responsável pelas obras de reconstrução, ao qual o artigo atribuíra exclusivamente "o gosto artístico do que se fez e do que si fará," endereçou ao jornal, "orientador da opinião local," uma carta datada de 1.3.1926:

"Li com muito interesse a 'Nota local' [...], referente á nossa Igreja Matriz.

[...]

"De facto, a construcção ou reconstrucção do nosso velho templo impõe-se...

"Sempre foi minha intenção dotar a nossa Terra Natal de um edificio que bem representasse a fé e a bondade de seu povo.

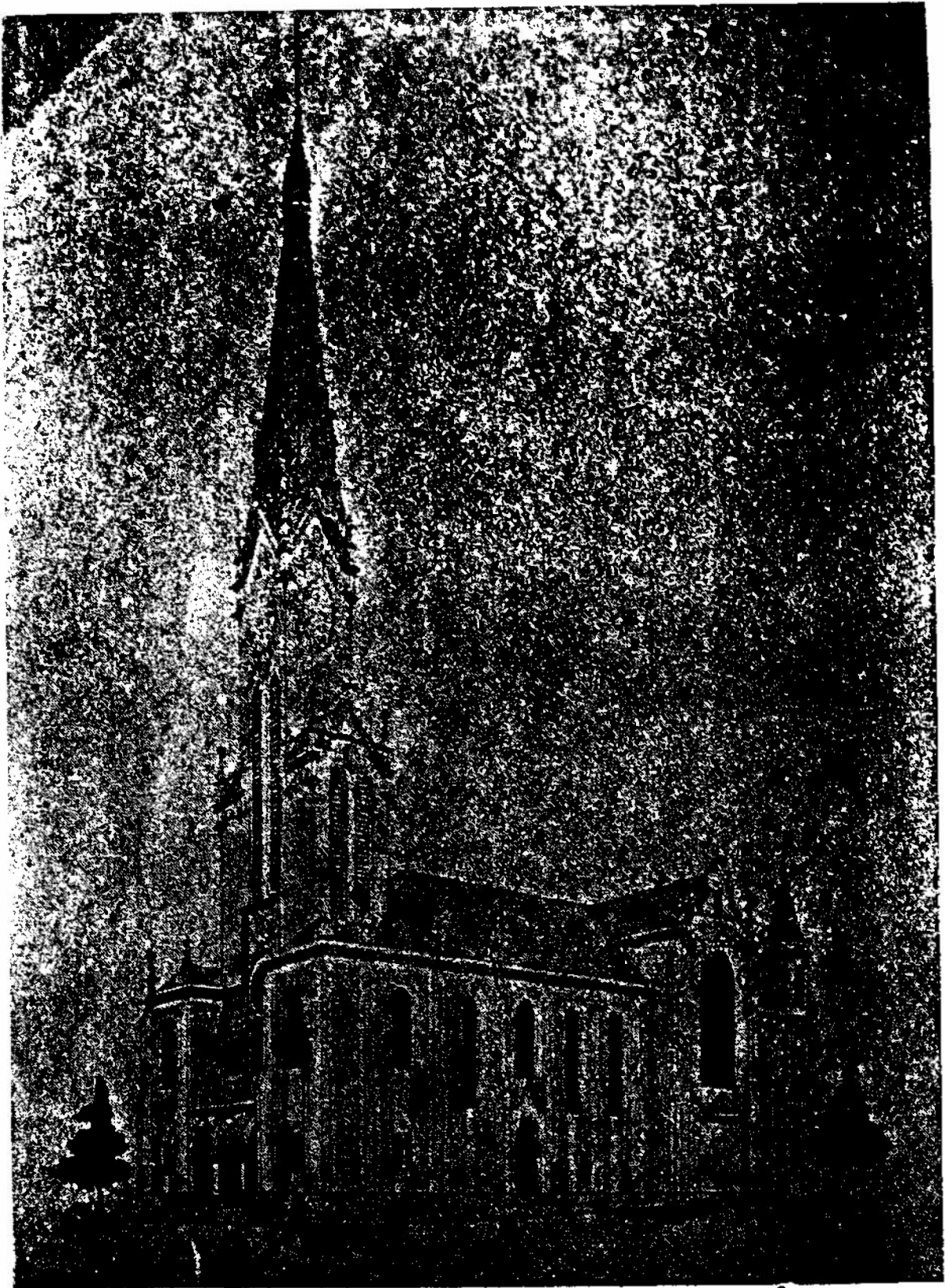
"Porém, difficuldades multiplas sobrevieram e modificaram o plano primitivo, que junto lhes remetto em cartão postal, para a reconstrucção actual, mais adaptada ao que já estava feito visando-se a economia. Eis a primeira e grande difficuldade, porque os defeitos de origem se manifestam no decorrer do tempo, e são de tal natureza, que as mais das vezes atravessam gerações sem poder corrigi-los.

A deficiencia de operarios e de materiaes, a falta de agua que tanto se fazia sentir naquella epocha, juntamente com a desorientação geral produzida pela conflagração europeia, que tanto accentuou na vida do paiz, e principalmente a falta de recursos pecuniarios, tudo isso influenciou para um estado de panico, e consequente paralysação dos trabalhos.

"Entretanto, urge, eu o confesso, a construcção ou a reconstrucção da Igreja Matriz, que já distôa do progresso e do renome desta terra.

[...]

"Desejaria que se organizasse uma comissão verdadeiramente popular para angariar os donativos necessários, sob a direcção de pessoas competentes para



**NOVA MATRIZ DE BATATAES**

levar-se a efeito o justo, quão nobre desiderato."<sup>1</sup>

O cartão postal, reproduzindo o "plano primitivo" não realizado, enviado pelo Monsenhor Alves Ferreira à *Gazeta de Batataes*, revela o projeto de uma igreja neogótica, volumetricamente irregular e variada, contendo uma potente torre terminada em agulha, onde já se procurava a escala monumental para o mais importante edifício da cidade.

Este projeto foi abandonado e as obras de reconstrução da Igreja foram paralisadas pelas várias razões alegadas na carta do Monsenhor Alves Ferreira. No entanto, em 21.1.1927, a *Gazeta de Batataes* publicou uma outra justificativa para esta paralisação, expressada pelo Monsenhor:

"...que a interrupção dos trabalhos foi exclusivamente devido à falta de esthetica que se estava notando nas obras e não queria dar a responsabilidade de seu nome a um templo que estava em desacordo com o progresso de Batataes."

Neste momento já estava constituída a Comissão Central Pró-Matriz,<sup>2</sup> encarregada de organizar a arrecadação de donativos populares para as obras e realizar o empreendimento, presidida, por sugestão do jornal, por José Arantes Junqueira, deputado federal e presidente da Câmara Municipal, e da qual faziam parte os mais destacados homens do cenário político, econômico e social de Batatais.

Na última declaração à *Gazeta*, o Monsenhor Alves Ferreira estava se posicionando em relação às duas opiniões divergentes, dentro da Comissão Central, sobre a retomada das obras, declaradas

-----  
<sup>1</sup>*Gazeta de Batataes*, 4.3.1926.

<sup>2</sup>Eleita em 9.1.1927. *Gazeta de Batataes*, 12.1.1927.

pelo presidente Junqueira: "querem alguns o aproveitamento de uma parte do actual templo e outros uma bella e nova construcção de grande effeito artistico." A solução foi conciliatória: a antiga estrutura de alvenaria foi reaproveitada, mas os que desejavam uma nova igreja, entre eles, o Monsenhor, tiveram o projeto de um edificio monumental.

Foram inúmeras as ocasiões em que se expressou o desejo de que a nova Igreja Matriz estivesse à altura do progresso, da renovada arquitetura, e do nome de Batatais, e para isso ela precisaria ser grandiosa, espetacular.

A verba necessária para a realização do grande empreendimento veio, inicialmente, das contribuições taxadas para uma obra de mil contos de réis. Os contribuintes, em 6.2.1927, são divididos em várias categorias, "...desde os que concorrendo com um conto de réis terão que realizar o pagamento em quatro prestações annuaes, até a classe especial onde figuram monsenhor Joaquim Alves e major Antônio Cândido Alves Pereira, cuja posição de destaque social e financeira [...] não permite aos prolores deste parecer taxar a contribuição que porventura queiram fazer; acrescentando que o primeiro, já annunciou dever ser o subscritor da maior quantia."<sup>3</sup> Mas até a inauguração da nova Matriz, em 14.3.1953, a proveniência dos fundos necessários foi variada: nas "Instrucções para se lucrar a Grande Indulgência do Santo Jubileu" publicadas pelo Monsenhor, em junho de 1929, entre rezas, jejuns, confissões e comunhões, os fiéis deveriam "dar uma esmola que será destinada a construcção da Matriz;" foram realizadas quermesses, leilões e até a venda de imagens em gesso, do Bom Jesus da Cana Verde, em prol das obras.

-----

<sup>3</sup> Parecer da comissão encarregada de organizar os contribuintes, em 6.2.1927, composta por Aureliano Antônio da Silva, Frederico Marques, José Cândido de Andrade. *Gazeta de Batataes*, 10.2.1927.

## O PROJETO DE JÚLIO E. LATINI

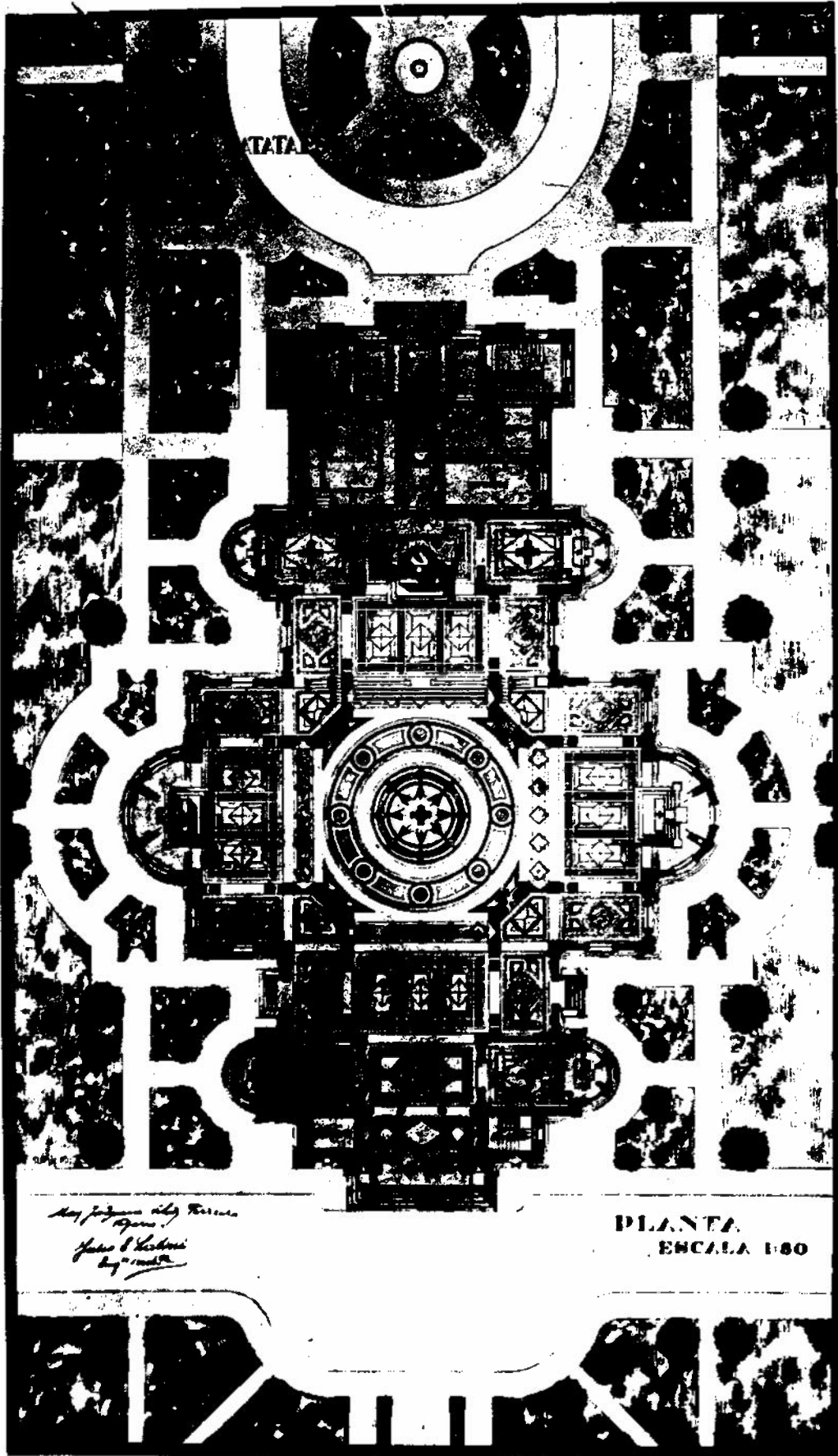
A primeira menção à presença do "engenheiro architecto" italiano Júlio E. Latini na cidade foi noticiada pela *Gazeta Batataes*, em 4.9.1927:

Acha-se nesta cidade, a serviço, e aqui pretende passar uma temporada o Sr. dr. Latini, hábil engenheiro constructor, que acaba de assinar importantes contractos de ricas construcções em Batatais."

Além do edifício da Igreja Matriz, Latini projetou o Palacete Monsenhor Joaquim Alves Ferreira e as reformas do Ginásio São José. Pouco sabemos a respeito de Latini, a não ser que chegou a Batatais em 1927, chamado pelo Monsenhor, e permaneceu na cidade provavelmente até o final de 1928, quando passou a direção de suas obras para o engenheiro italiano Carlos Zamboni.

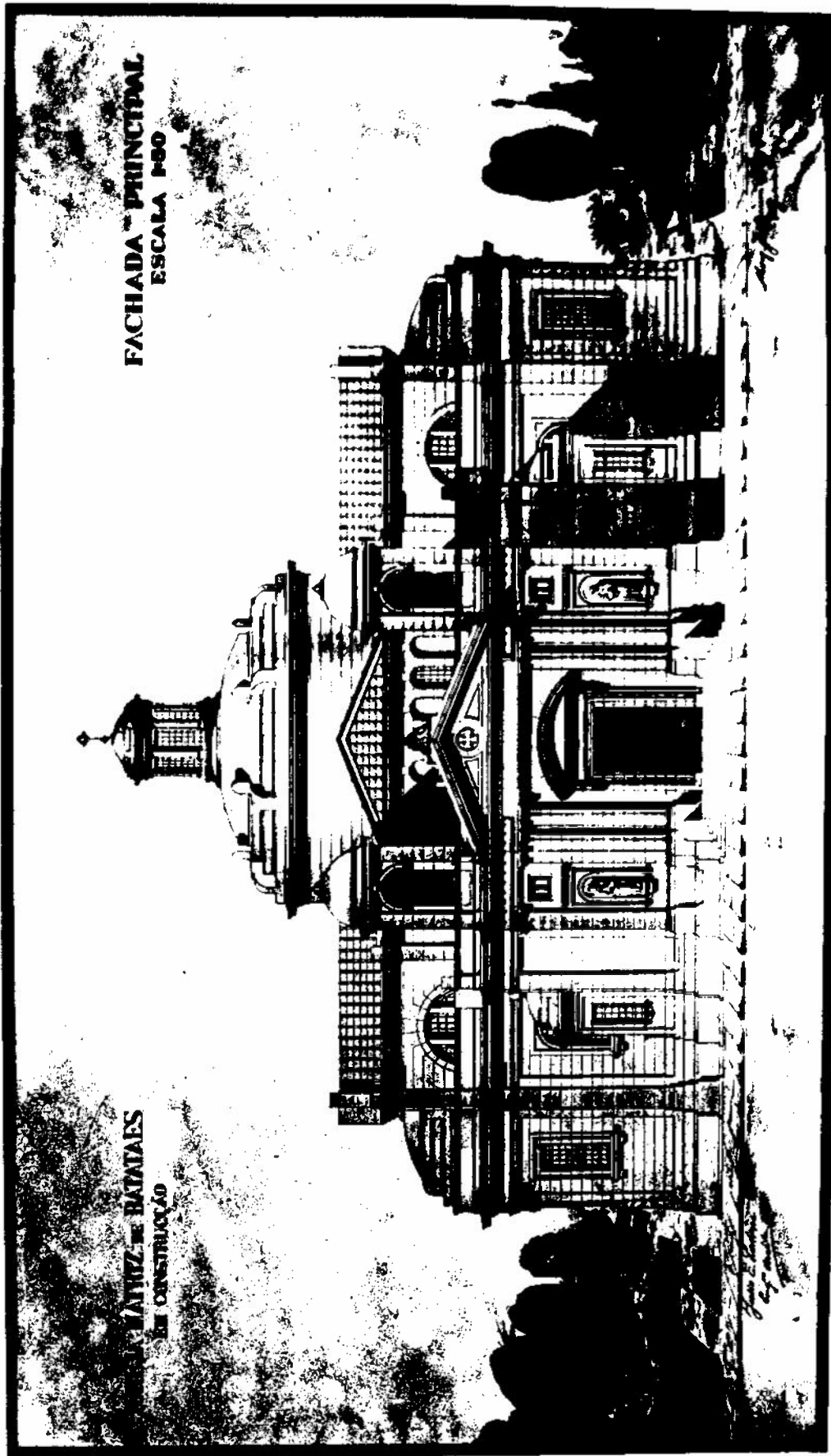
No projeto da Igreja Matriz, a seguir, claramente inspirado no renascimento italiano, Latini utilizou-se da planta de cruz centrada. O desenvolvimento da planta só não é perfeitamente simétrico em virtude do aproveitamento da parte posterior, que já havia sido reconstruída, como ele próprio assinala na planta da fachada lateral. No entanto, coadunando esta parte com o restante do projeto, Latini aumentou suas dimensões, inclusive com a adição da torre central, onde dispôs o relógio. Esta porção posterior foi destinada à área administrativa da Igreja, e o centro do edifício, em cruz grega, destinada aos serviços religiosos.

O edifício foi concebido num complexo jogo de volumes estritamente geométricos que se interpenetram, cujo centro é ocupado por uma cúpula. O bloco central desenvolvido em cruz grega, envolvendo a cúpula, possui uma altura maior do que a volumetria periférica. Na fachada principal, composta com a mais estrita simetria, podemos perceber o efeito causado por este escalonamento: ocorre um contínuo movimento de expansão, realizado pelas massas geométricas, tanto para o alto, como para as



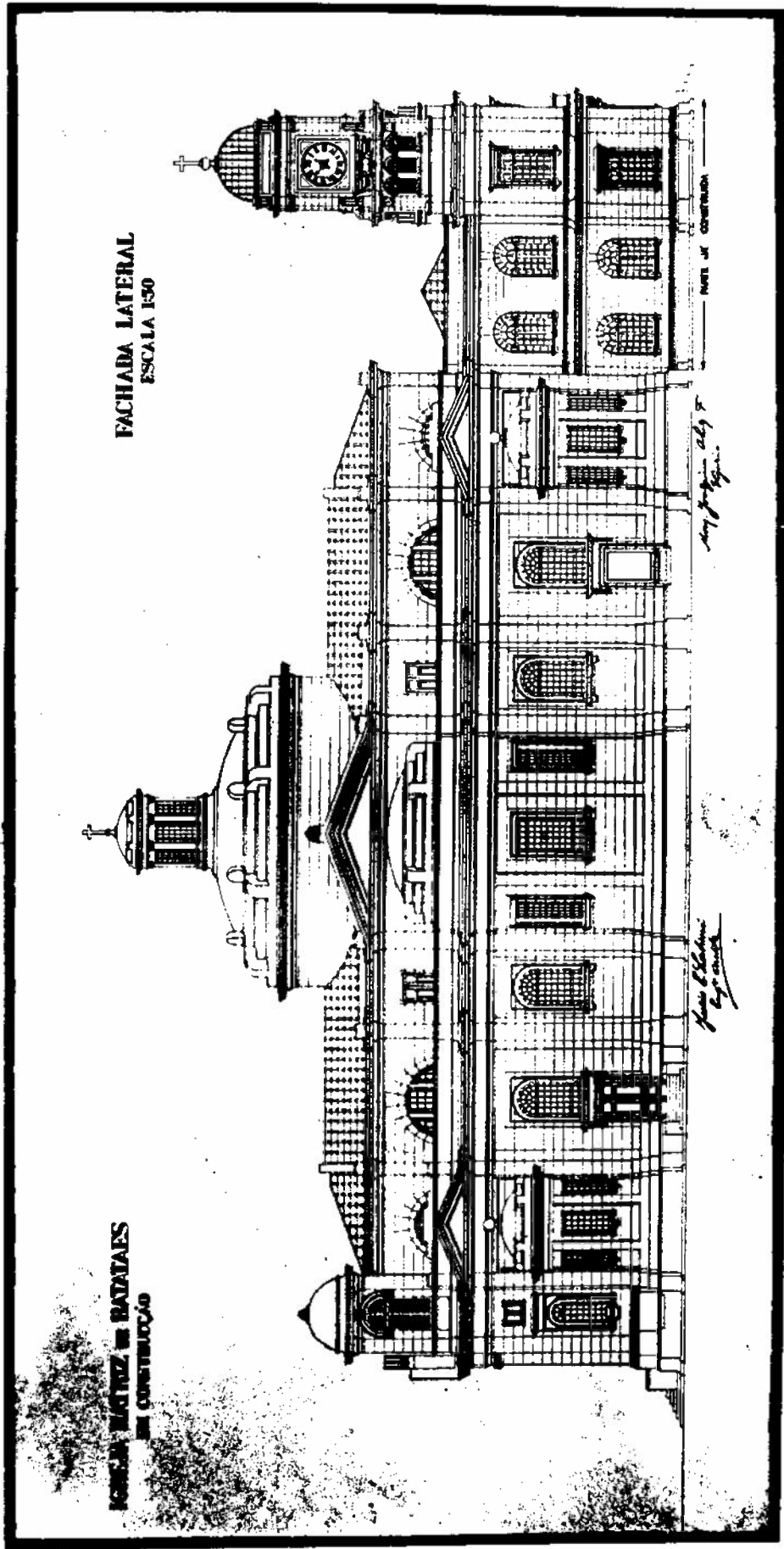
*Arch. progetto della Chiesa  
di S. Maria  
di S. Maria  
di S. Maria*

**PIANTA**  
**SCALA 1:60**



FACHADA PRINCIPAL  
ESCALA 1:50

IGREJA DO SANTÍSSIMO ESPÍRITO  
EM CONSTRUÇÃO



laterais. Nestas laterais, é magnífica a duplicação ampliada dos volumes paralelepípedos ladeados pelas estruturas semi-circulares.

A equilibrada relação estabelecida entre volumes angulares e circulares foi estendida à disposição das janelas: nos planos eram possuem arcos plenos, e nas estruturas semi-circulares, apresentam molduras retas.

A linguagem da tradição clássica é afirmada já no pórtico de entrada, onde o perfeito entablamento com frontão triangular é apoiado por duplas colunas jônicas sobre socos. Esta mesma ordem foi utilizada nas pilastras que ladeiam os nichos das duas torres, e todas as fachadas são marcadas por pilastras.

O aspecto formal mais impressionante deste projeto é a resolução francamente modernizada da cúpula da Igreja, a começar pelo próprio tambor: um amplo volume cilíndrico compacto, sem aberturas, marcado por linhas horizontais, como de resto, todo o edifício. A cúpula sofre um achatamento, marcada na base por três faixas horizontais envolvidas por elementos geométricos, como se fossem contentores ou braçadeiras. O lanternim repete a solução cilíndrica, mas com maior leveza, dispondo amplas áreas envidraçadas entre pilastras, e sua cobertura recebe o mesmo tratamento da cúpula, com maior simplicidade nos elementos da base. Na verdade, o efeito de achatamento percorre as semi-cúpulas laterais, também envoltas na base por faixas horizontais contidas por elementos geométricos, culminadas por uma esfera, e as cúpulas das torres frontais. A própria marcação horizontal das fachadas favorece este efeito de achatamento.

Latini concebeu o projeto de uma igreja monumental e sua modernização, certamente, correspondia ao desenvolvimento estilístico modernizador apresentados por outros edifícios da cidade.

No início de 1928, as notícias sobre a nova Matriz já comemoravam sua excelência e seu destaque no cenário arquitetônico religioso do Estado:

"Disse-nos s. excia. [Monsenhor Alves Ferreira] que a

cidade vae ser dotada de uma igreja que pelas suas proporções será a primeira fora de São Paulo. É surpreendente a grandiosidade do projeto..."<sup>4</sup>

#### A EDIFICAÇÃO DA IGREJA MATRIZ

As obras da Igreja Matriz foram iniciadas em janeiro de 1928. Nesta ocasião o engenheiro italiano Carlos Zamboni já estava em Batatais dirigindo os trabalhos da igreja e as reformas do Ginásio São José, ao lado de Júlio Latini.<sup>5</sup>

Carlos Zamboni (Brescia, 8.3.1901 - Batatais, 1975) formou-se engenheiro civil na Faculdade de Arquitetura e Engenharia de Milão. Em 1927 veio para o Brasil, permanecendo em Santos como correspondente francês e italiano de uma Companhia de Navegação. Nesta cidade viu o anúncio jornalístico de Latini solicitando um engenheiro para as obras batataenses e partiu para Batatais, onde foi contratado a partir dos projetos apresentados a Latini.<sup>6</sup>

As fotografias seguintes mostram diversas fases da obra, iniciada pela parte posterior da Igreja, onde se reuniram os trabalhadores, em sua grande maioria imigrantes italianos, ou seus descendentes, com Carlos Zamboni, de chapéu e gravata.

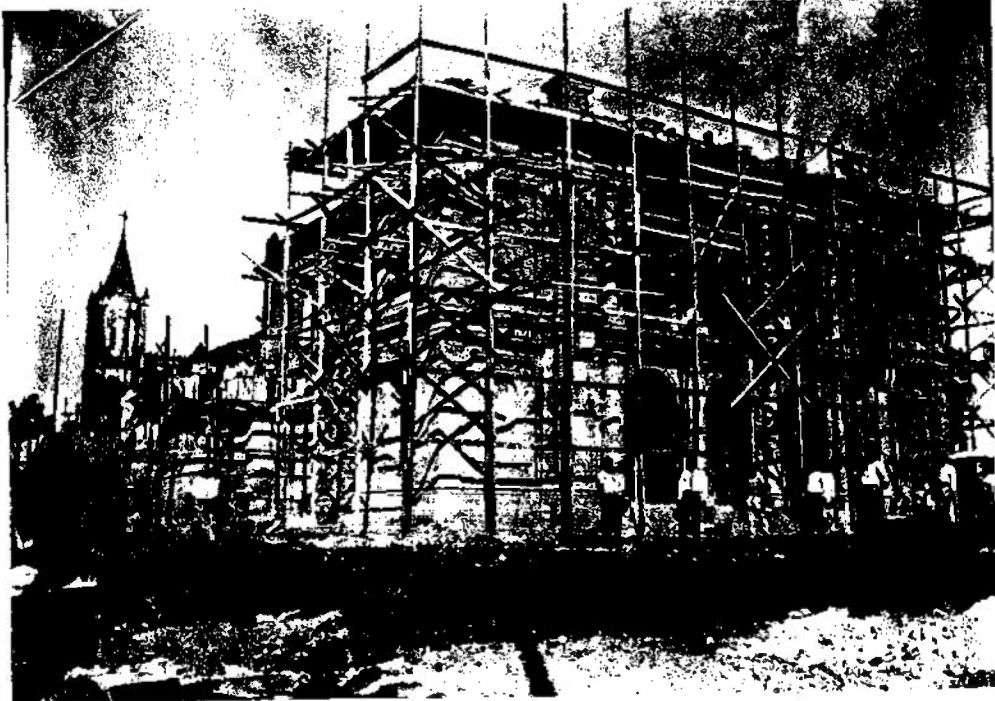
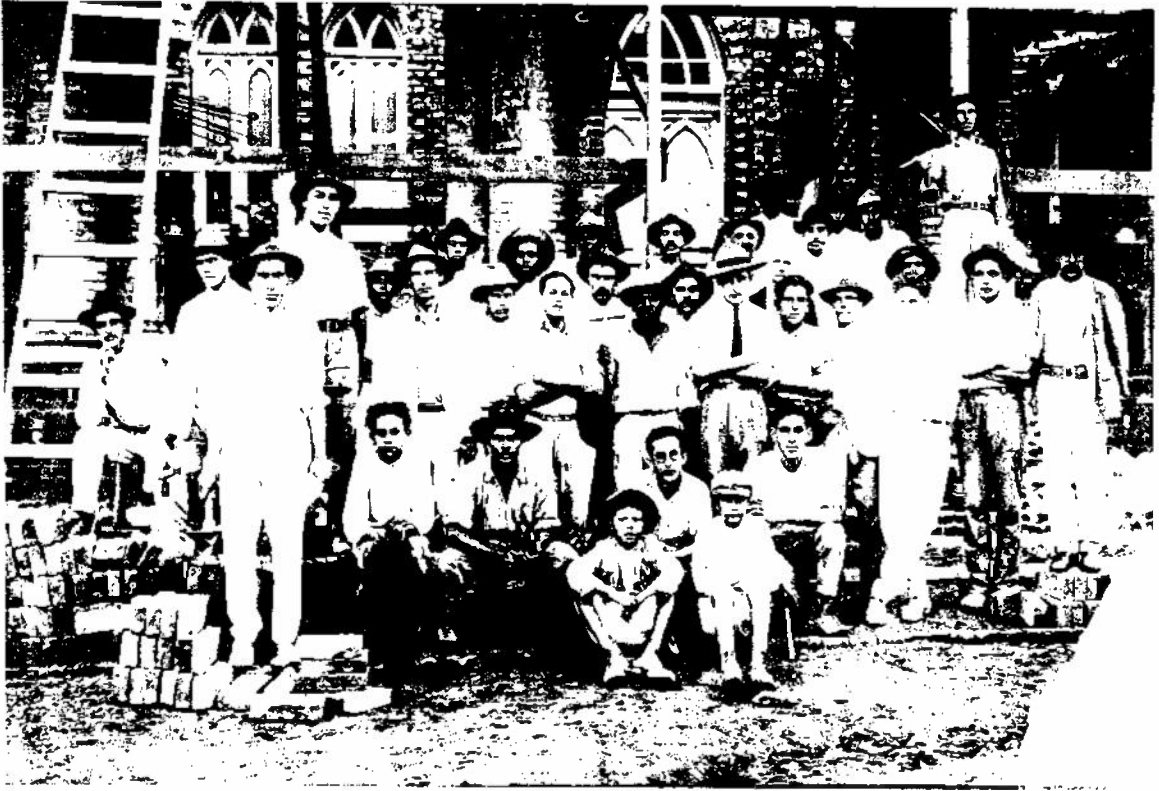
A fotografia aérea, de 31.8.1929, mostra o edifício com a fachada posterior construída. Embora Latini tenha desenhado novos canteiros geométricos para os jardins laterais, eles permaneceram com a mesma configuração. Na esquina superior, a construção do Palacete Monsenhor Alves Ferreira, também projetado por Júlio Latini.

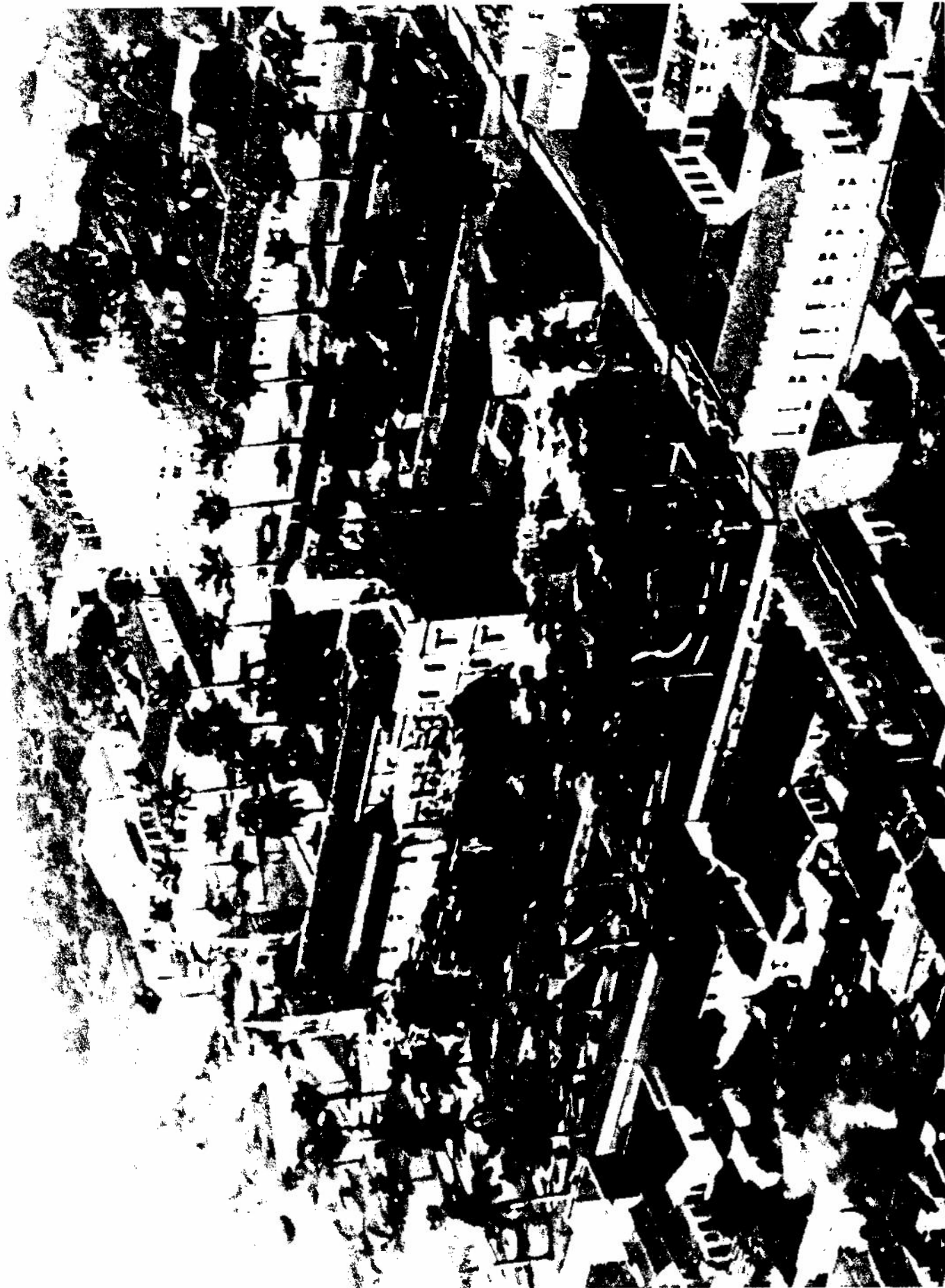
-----

<sup>4</sup>*Tribuna de Batataes*, 8.1.1928.

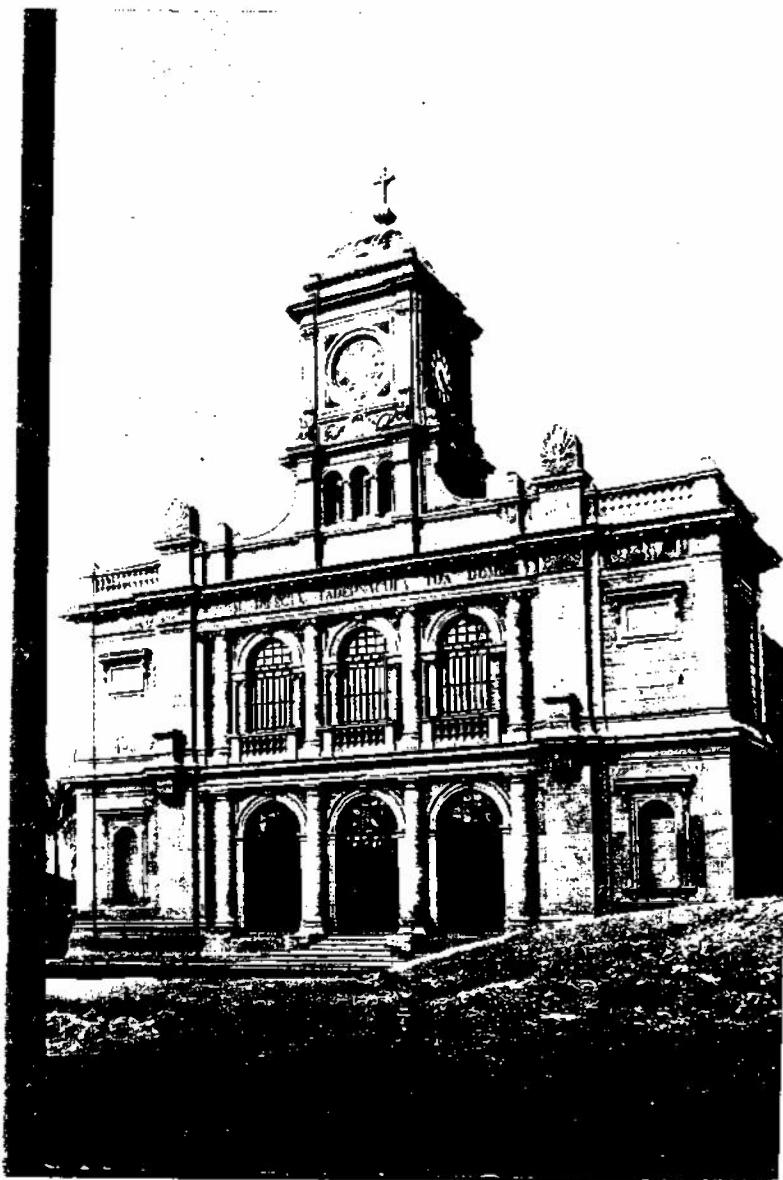
<sup>5</sup>*Tribuna de Batataes e Gazeta de Batataes*, 8.1.1928.

<sup>6</sup>Cf. entrevista realizada com a Sra. Irma Girardi Zamboni, em outubro de 1991.

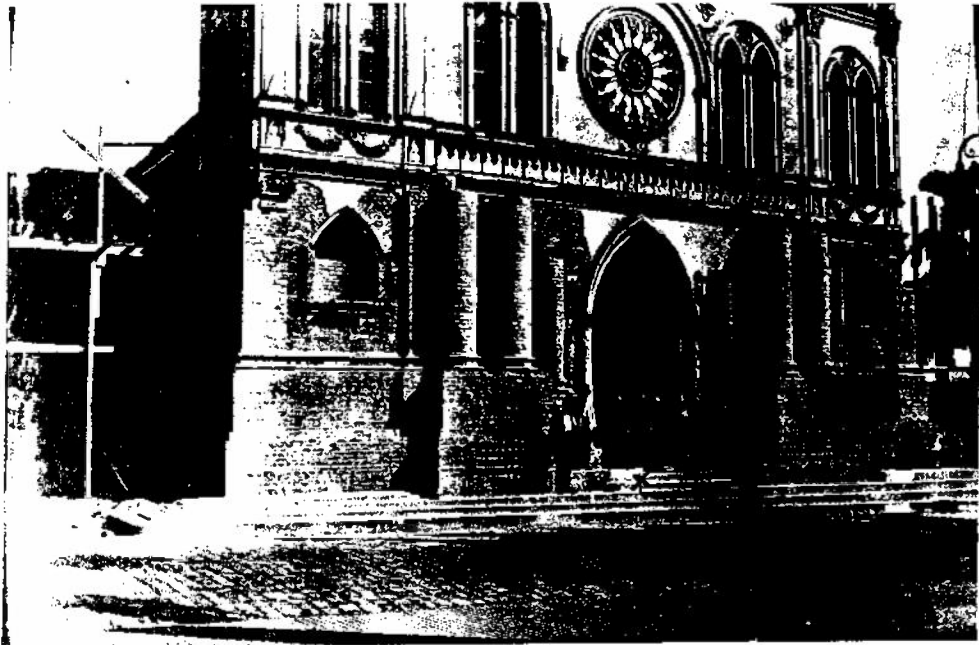




Na verdade, o bloco posterior, mesmo alterado por Latini, ajusta-se mal ao edifício, não só pela cisão da compacta unidade volumétrica, mas também pela ruptura imposta pela composição de sua fachada, que admite elementos formais distintos do restante da edificação, e apresenta-se francamente mural, contrastando com a movimentação de planos, especialmente da fachada principal.



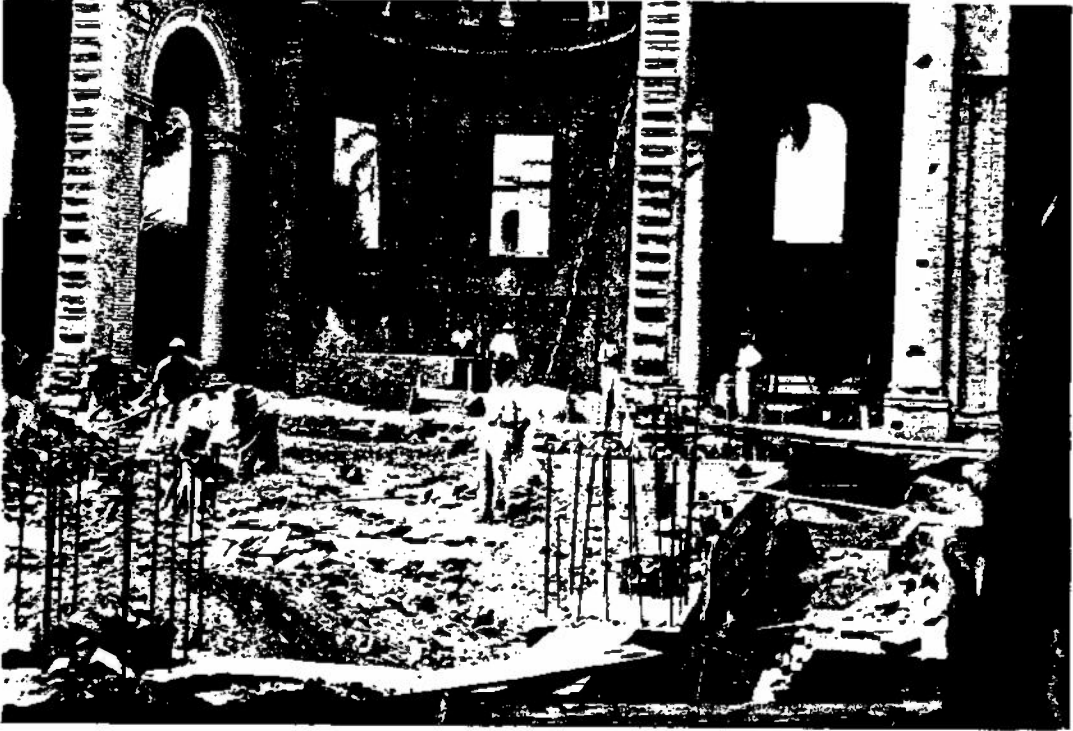
A imagem da fachada em reconstrução mostra claramente a transformação da estrutura de alvenaria da antiga igreja na nova Matriz, onde os nichos vão fechando as janelas ogivais e as colunas ressaltadas quebram a muralidade anterior.

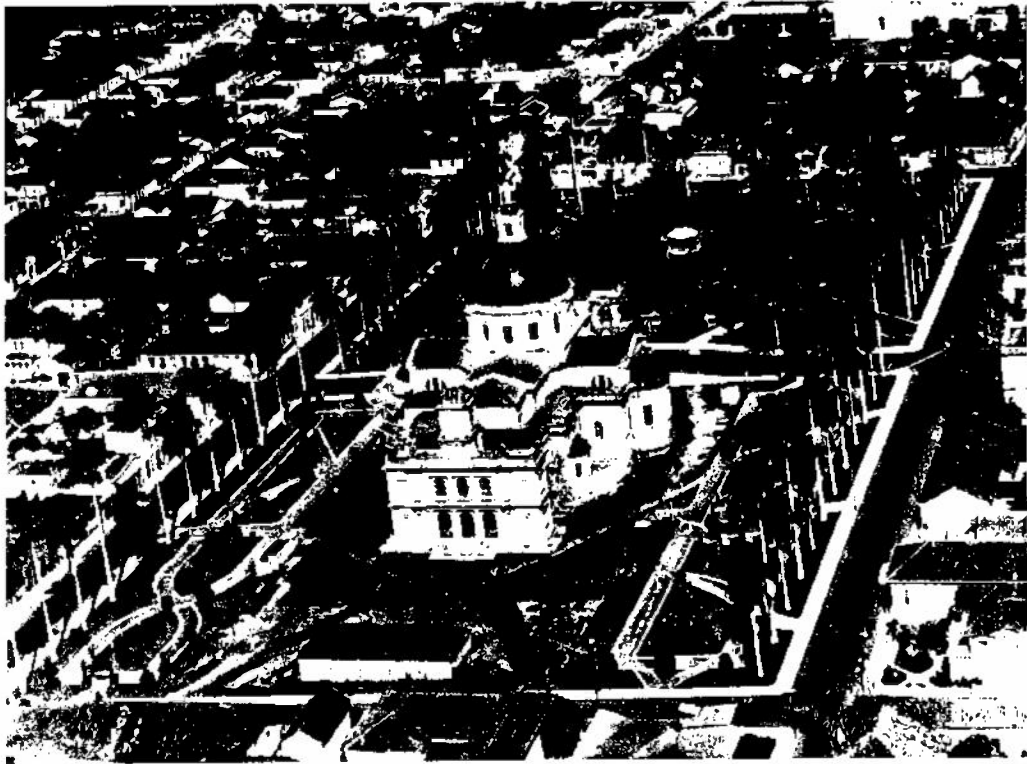


262



387





As últimas fotografias mostram as substanciais modificações impressas por Carlos Zamboni ao projeto original de Latini. Essas modificações decorreram da alteração maior que foi a substituição da cúpula achatada e modernizada de Latini, pela cúpula semi-esférica situada sobre um tambor vazado por vitrais ladeados por colunas jônicas geminadas, rompendo com a compacidade do conjunto anterior. A nova cúpula de Zamboni provocou um substancial aumento na altura do centro do edifício, requerendo um necessário ajuste proporcional de todo o conjunto. Assim, na fachada principal, onde é fácil constatar esse ajuste, as torres foram elevadas e a ornamentação da porta de entrada substituiu o frontão em arco abatido, que estava intimamente associado ao formato da cúpula achatada, pelo arco pleno, sustentado por colunas jônicas, que ocupou o dilatado espaço entre a porta e o entablamento, e estabeleceu a comunicação com a cúpula semi-esférica. Outros detalhes foram alterados: o lanternim, as demais cúpulas do edifício, os nichos da entrada receberam arcos abatidos e perderam as pilastras jônicas, com as quais eram ladeados.

As alterações de Zamboni suprimiram o caráter modernizador com o qual Latini havia atualizado o modelo renascentista italiano, e restabeleceram a classicidade ao edifício.





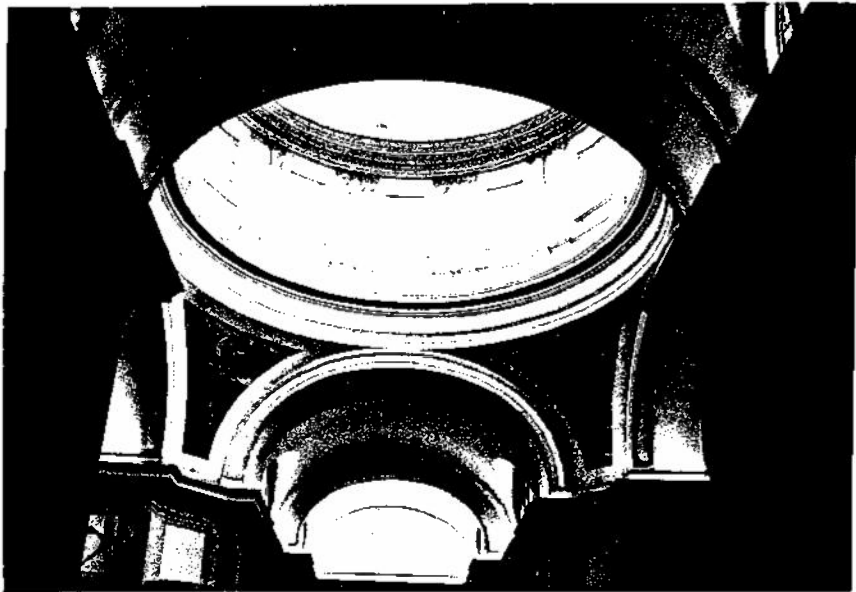


O espaço interno da igreja é definido pelo complexo sistema de articulação das abóbadas. A amplitude espacial é impressionante e favorecida pelas paredes claras e pela farta iluminação proveniente da multiplicidade de aberturas ornamentadas por vitrais projetados e executados por Conrado Sorgenicht.

A ornamentação interna é simples e comporta apenas elementos da linguagem da tradição clássica: pilastras lisas que culminam num ressaltado entablamento, nichos abertos nas estruturas de sustentação da cúpula, e passagens em arco pleno, sobre colunas jônicas, abertas nas bases das abóbadas de berço.

A Igreja Matriz abriga um significativo acervo de telas pintadas a óleo por Cândido Portinari, nos anos 50s: "Bom Jesus da Cana Verde e os Apóstolos," que compõe o altar-mor, "A Transfiguração," "A Fuga para o Egito," "A Sagrada Família," "O Batismo de São João Batista," "O Martírio de São Sebastião" e as 14 pequenas telas da "Via Crucis." Naturalmente, o grandioso edifício deveria ser decorado por obras de um renomado pintor.



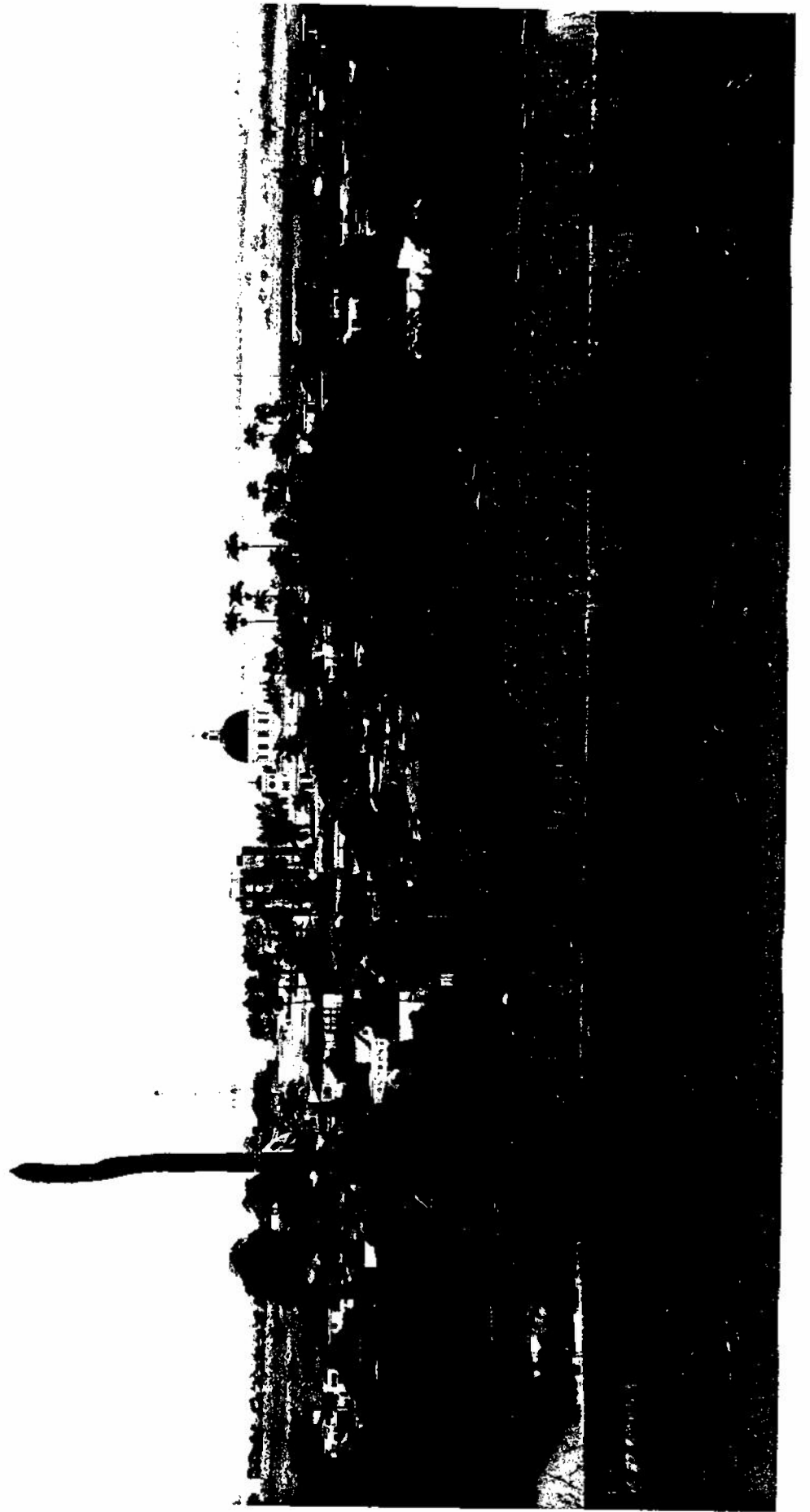


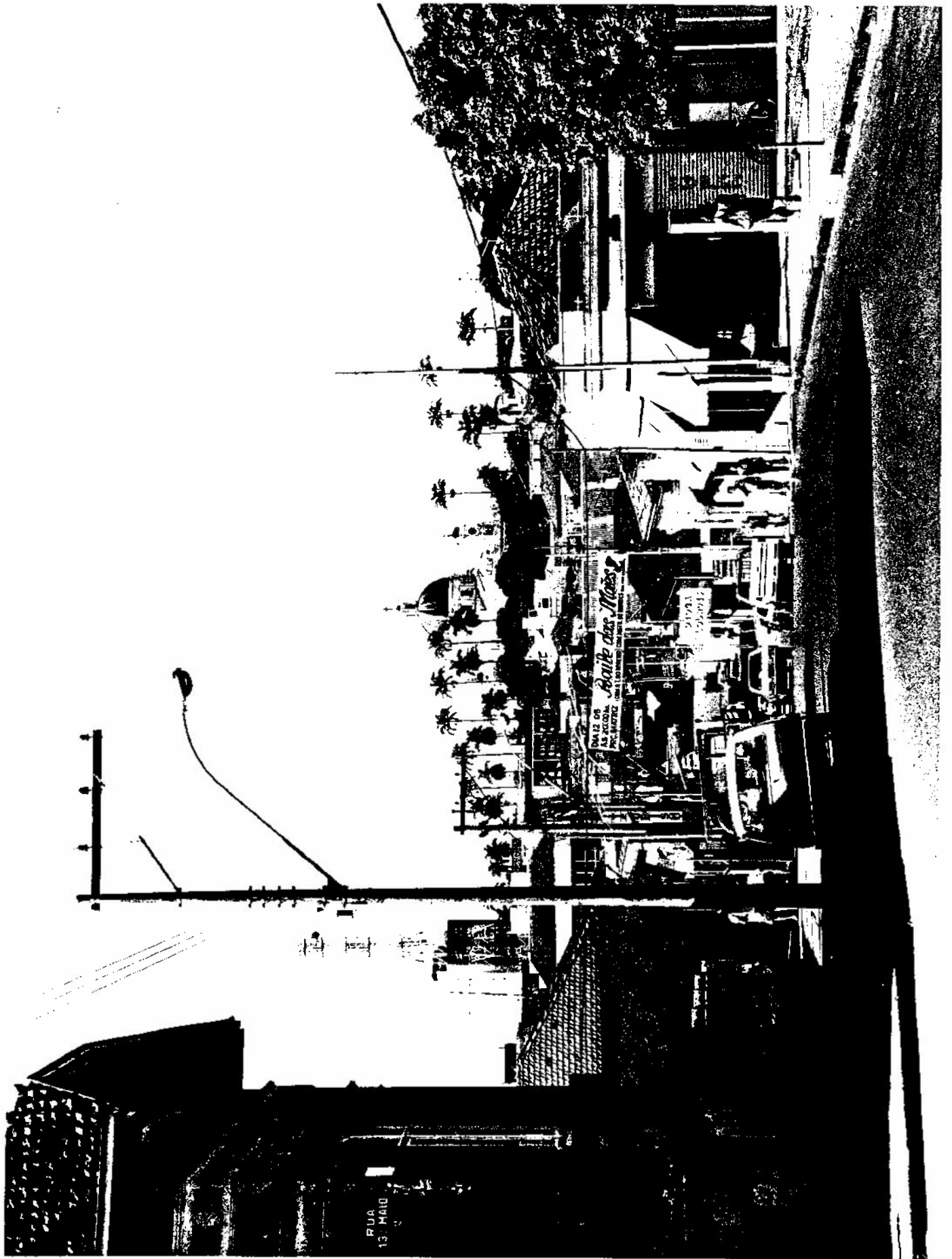


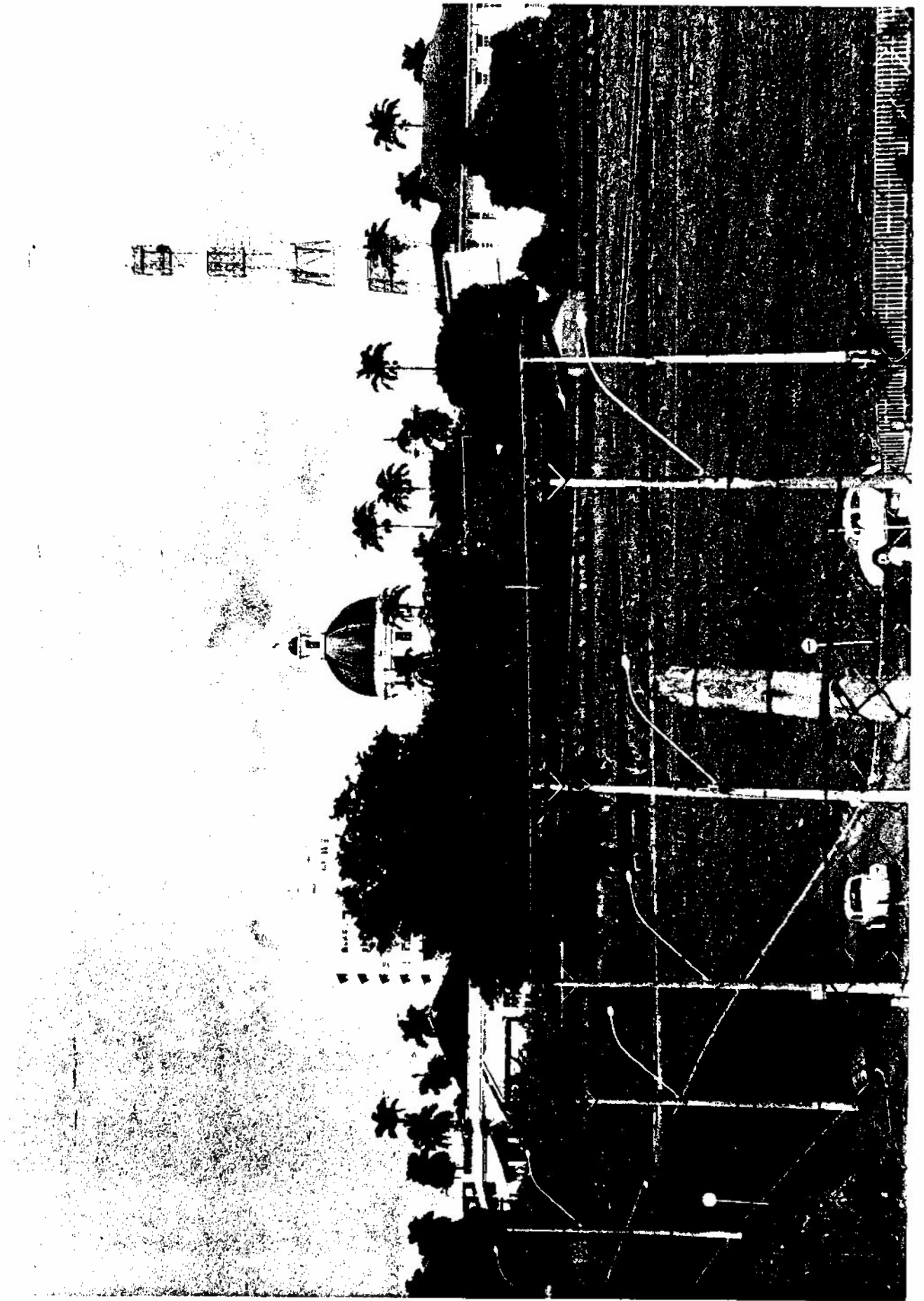


As fotografias seguintes, tiradas em 1992, retrataram vistas gerais da cidade, salientando o absoluto destaque da Igreja Matriz no cenário urbano. A cúpula do edifício é avistada praticamente de qualquer ponto da cidade.

A primeira imagem mostra a visão de quem chega à cidade. O aspecto florestal, que nos anos 20s foi suprimido, tendo em vista a estética da cidade e a visibilidade urbana "dos que [faziam] a observação de fora do povoado," foi reabilitado na década de 80, com a intensa arborização das vias públicas, correspondendo às aspirações de uma nova época: o ar puro, a integração e o contato com a natureza...



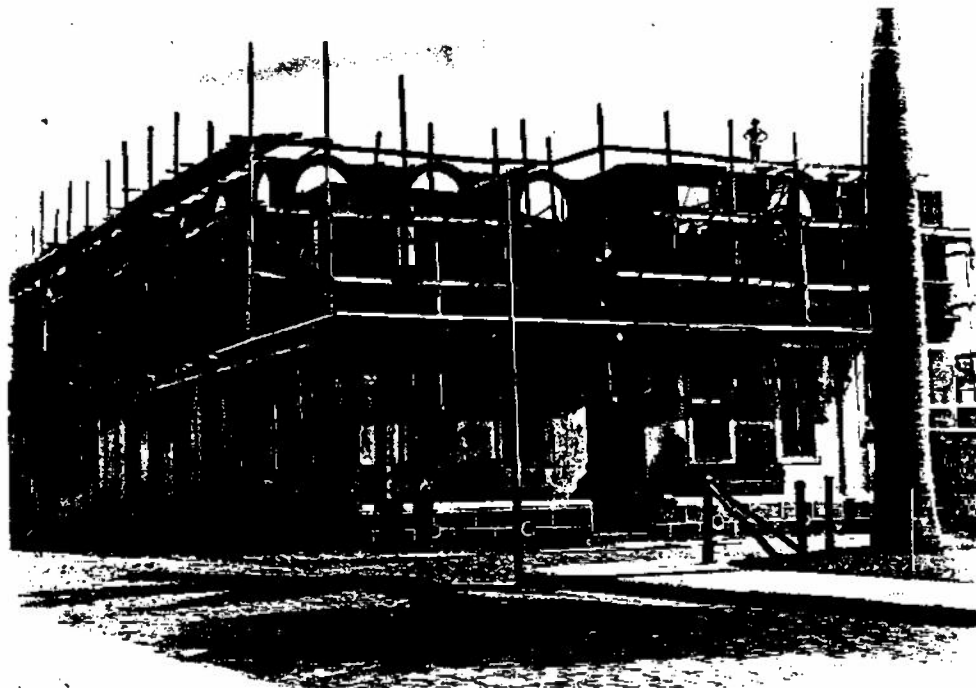




## PALACETE MONSENHOR JOAQUIM ALVES FERREIRA

Pça. Côn. Joaquim Alves Ferreira, 202.

O Palacete do Monsenhor foi construído com a demolição, em 1928, da casa de adobes que pertencera a seu tio, Cônego Joaquim Alves Ferreira, que vimos à p. 44.



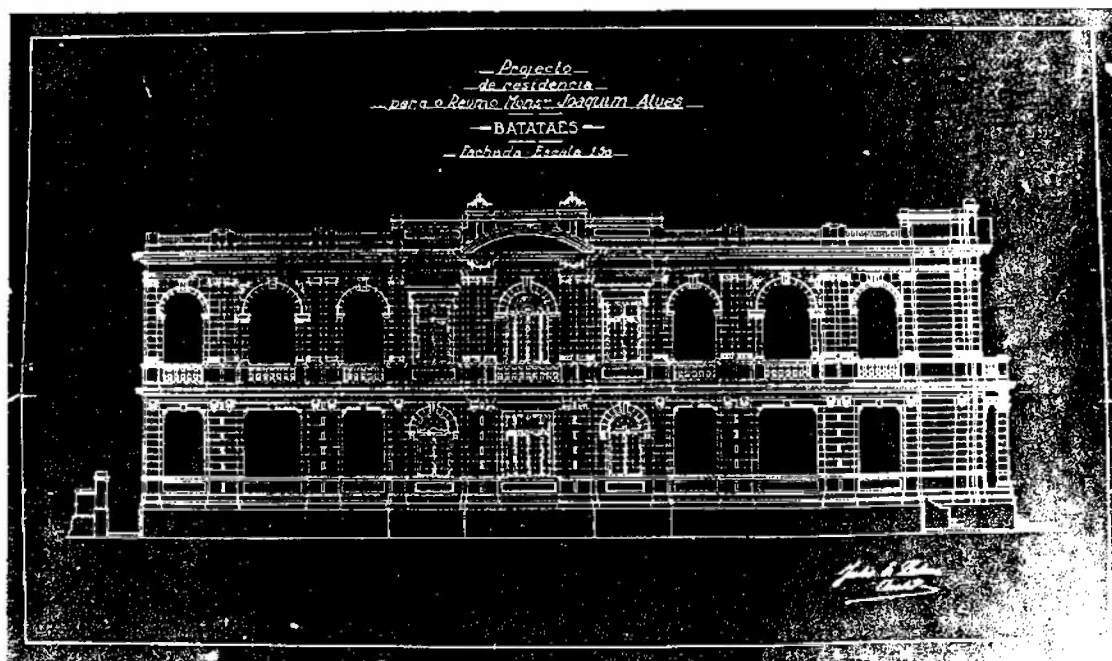
Na imagem acima, a fotografia parece ter sido utilizada em consonância com os ideais do tempo. Não se trata de um registro técnico de acompanhamento do desenvolvimento da obra, não houve preocupação com detalhes. Não é a fotografia da arquitetura consolidada, mas é a imagem de um processo, no preciso momento da derrocada do passado e da construção do futuro.

O projeto do Palacete foi elaborado pelo arquiteto Júlio E. Latini neste mesmo ano. Com o projeto da Igreja Matriz, o Palacete se situa na órbita da arquitetura historicista, inspirando-se no renascimento italiano. A residência, entretanto, por suas múltiplas aberturas, rompendo a muralidade e favorecendo a dissolução volumétrica pela ação luminosa, evoca a arquitetura renascentista veneziana.

O edifício foi concebido em dois pavimentos e porção. Encontramos parte do projeto original: fachada lateral, planta baixa e corte, onde o edifício já se resolve num volume em "L". No entanto, a impressão que temos é que, a princípio, o edifício se desenvolveria em "U", e que a ala direita talvez tenha sido suprimida por razões econômicas. A fachada lateral composta simetricamente com a porção central ressaltada entre arcadas, leva a crer que a fachada principal receberia a mesma solução equilibrada.

Em 20.9.1928, foi assinado o contrato entre o Monsenhor, o engenheiro Carlos Zamboni e o construtor João Zarattini, proveniente da cidade de Campinas, para a execução do projeto de Júlio E. Latini, que deveria ser seguido à risca, e a obra entregue em seis meses. Possivelmente, depois disso, Latini tenha partido de Batatais.

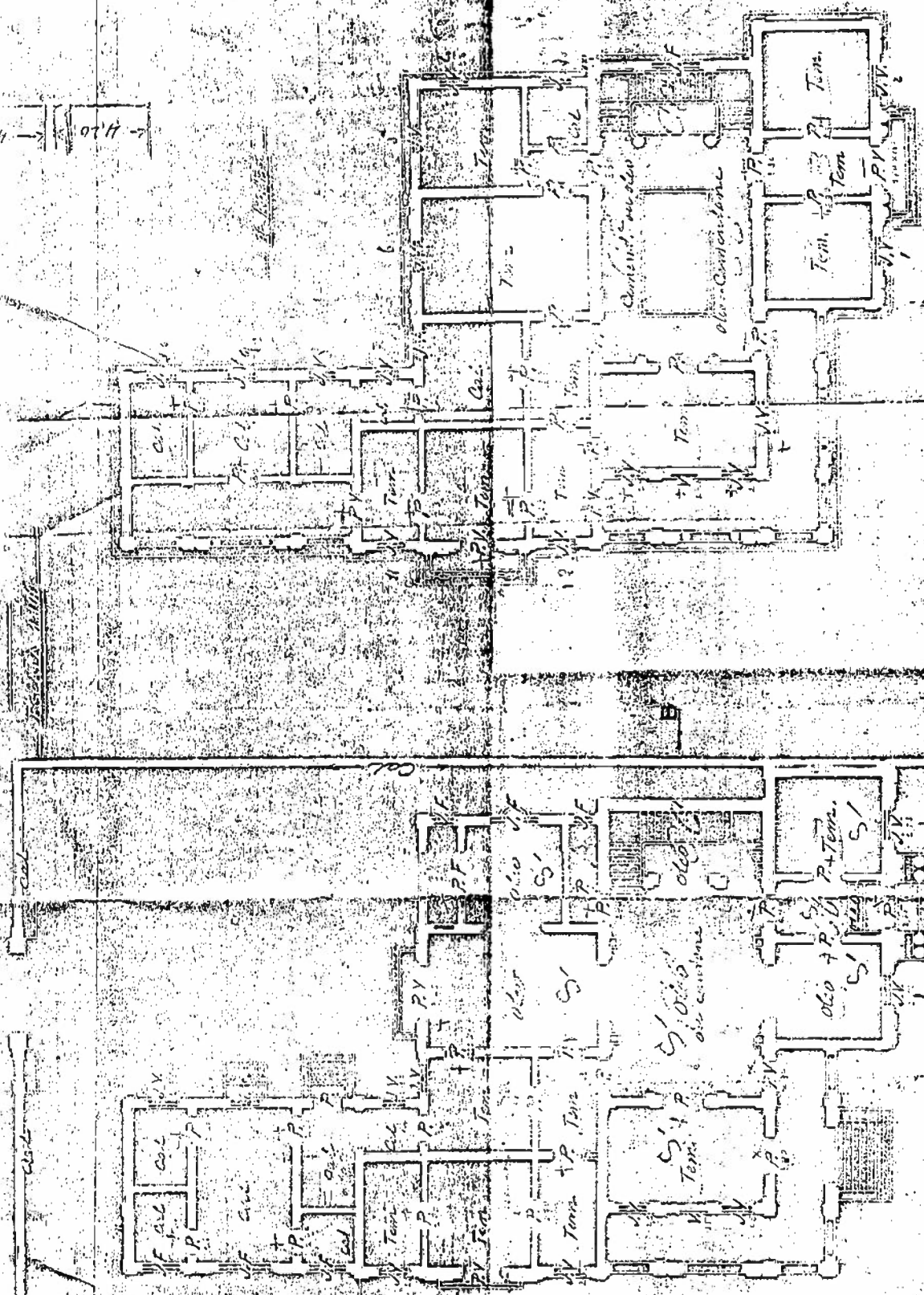
Zamboni, no entanto, impôs algumas alterações ao projeto original, substituindo o frontão em arco abatido pelo frontão triangular, e repetindo a balaustrada das arcadas superiores no pavimento térreo, além de pequenas modificações na ornamentação, mas o edifício foi desenvolvido conforme Latini o concebeu.



DE O. G. T. O.  
de S. Maria  
de S. Pedro Mons. Bona Al. 165.

BATAIAS  
Essência 1111

11.00  
11.00

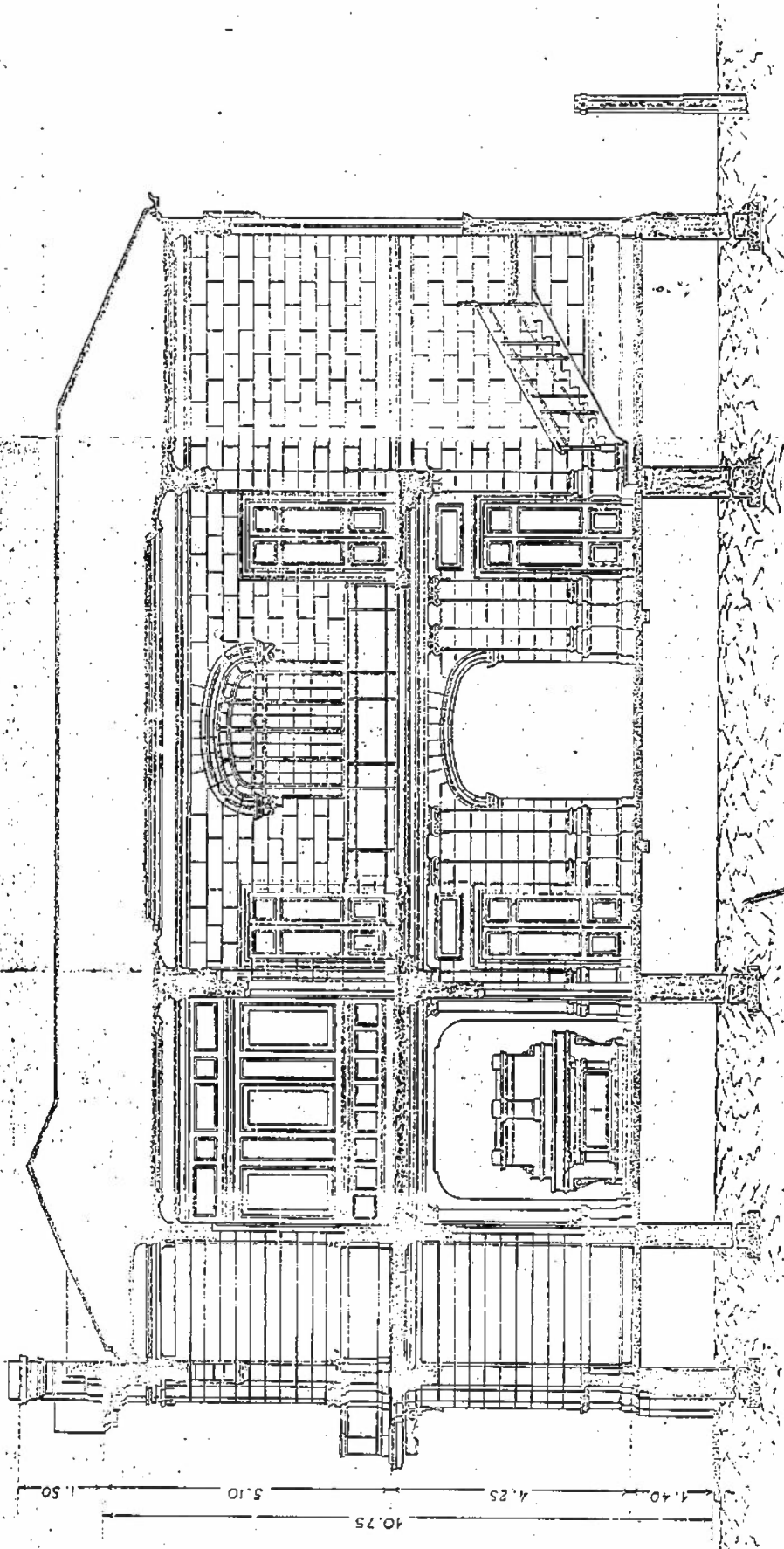


John S. ...  
Eng. ...

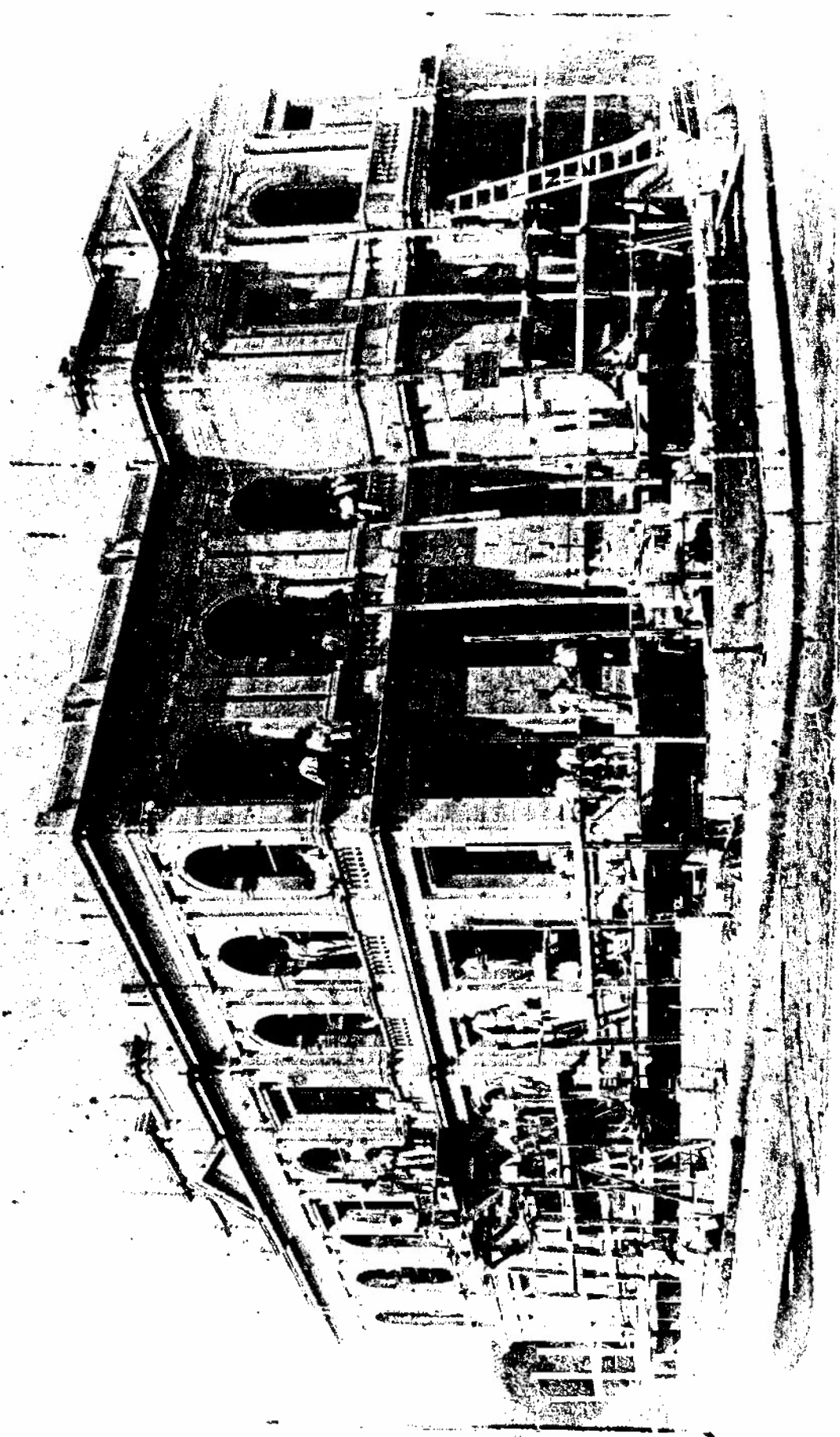
A

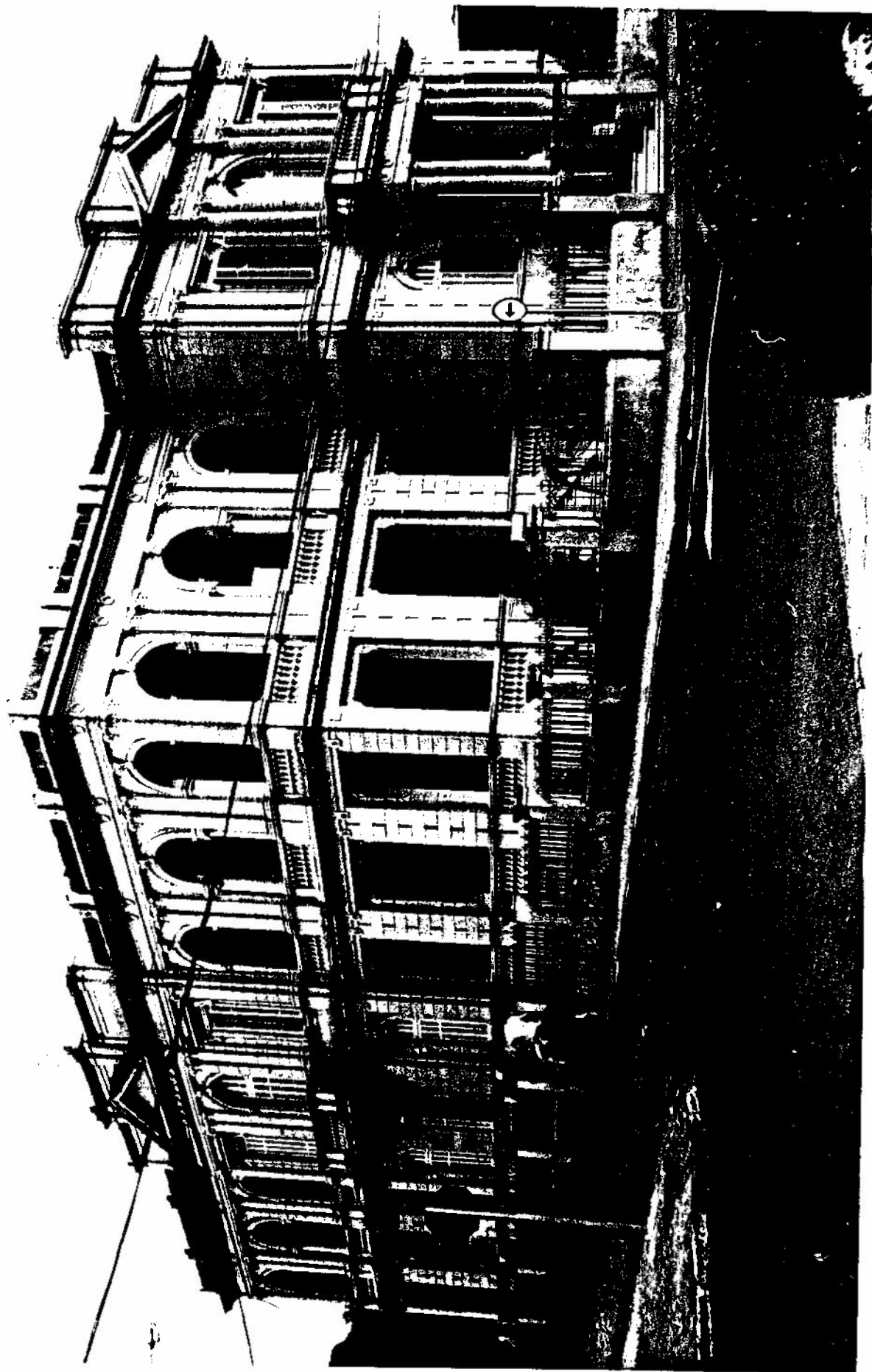
Projecto de residencia  
para o Revmo. Mons. Joaquim Alves

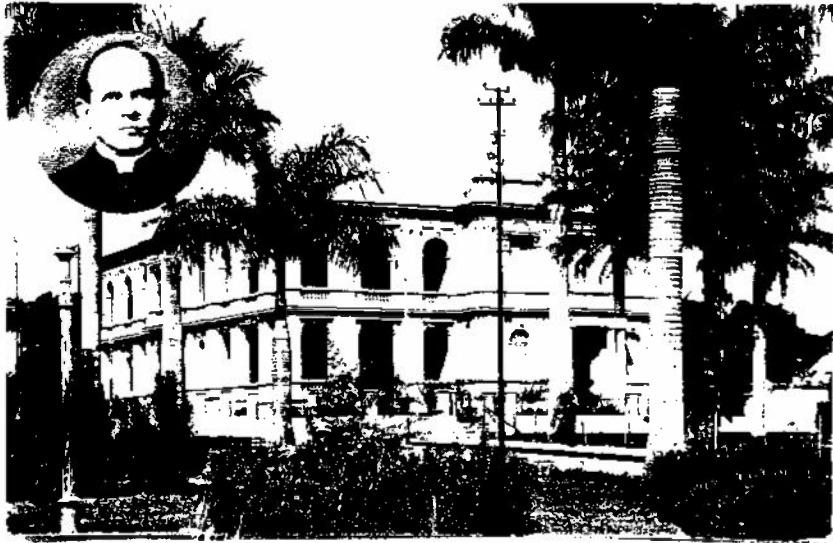
BATAIAES  
Corte A:B - Escala 1:50



José C. Ribeiro  
Arquiteto





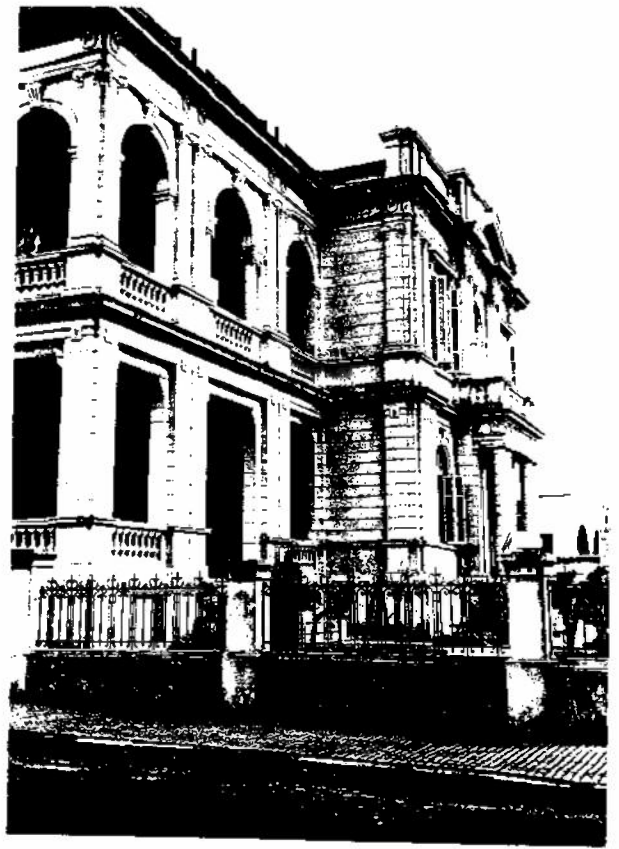


A composição das fachadas, aparentemente simples, na verdade, foi realizada através de uma complexa e sutil disposição de diferentes vãos e ornamentos que procuram, insistentemente, destacar os elementos centrais dos arranjos em tríades. Esta recorrência composicional é que nos leva a supor que a ala direita do edifício deixou de ser construída.

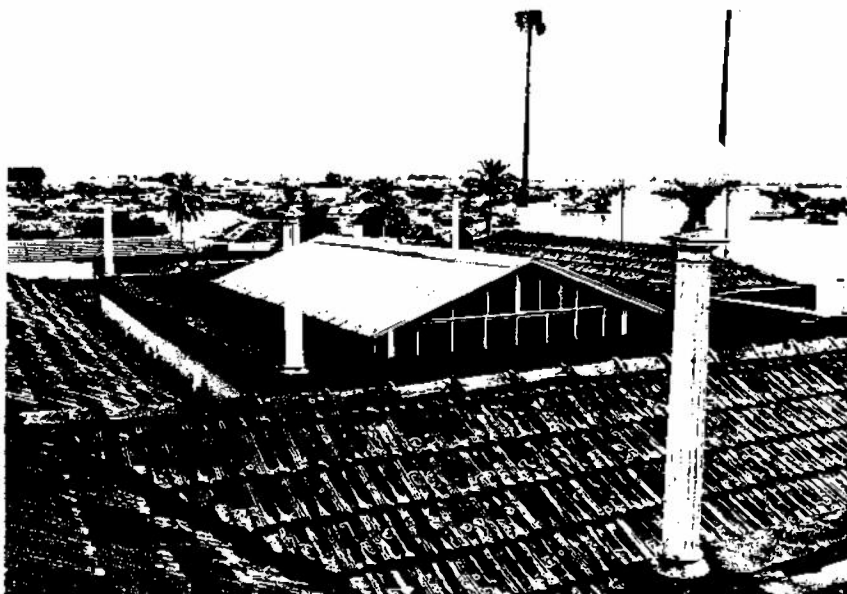
Assim, na fachada lateral, a porção central é destacada por um ressalto e coroada por frontão triangular à frente do ático, dispondo, no térreo, de um vão retangular ladeado por janelas em arco pleno e, no segundo andar, invertendo a ordem desta disposição. A entrada do edifício é ressaltada com maior proeminência, dispondo os vãos e o entablamento da mesma forma, mas dignificada por duplas colunas dóricas, à frente de duas pilastras, ladeando a porta, sob a sacada, e por duplas colunas jônicas, flanqueando a porta do segundo pavimento. Nas arcadas, o arco pleno central é destacado pelo apoio em colunas jônicas.

As fachadas do edifício foram inteiramente compostas por elementos formais da tradição clássica, obedecendo às regras da superposição das ordens: dórica na entrada do edifício e a ordem jônica intensamente utilizada no pavimento superior, inteiramente ritmado por pilastras geminadas, isolando as aberturas.

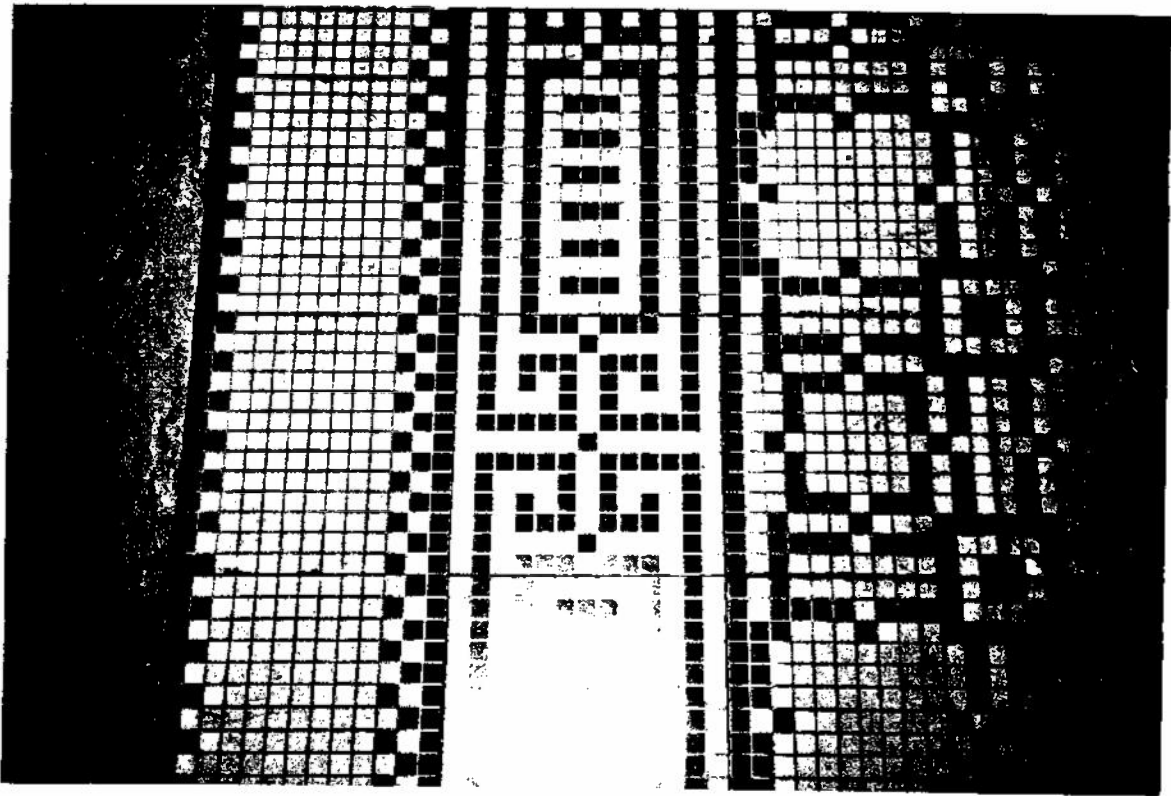


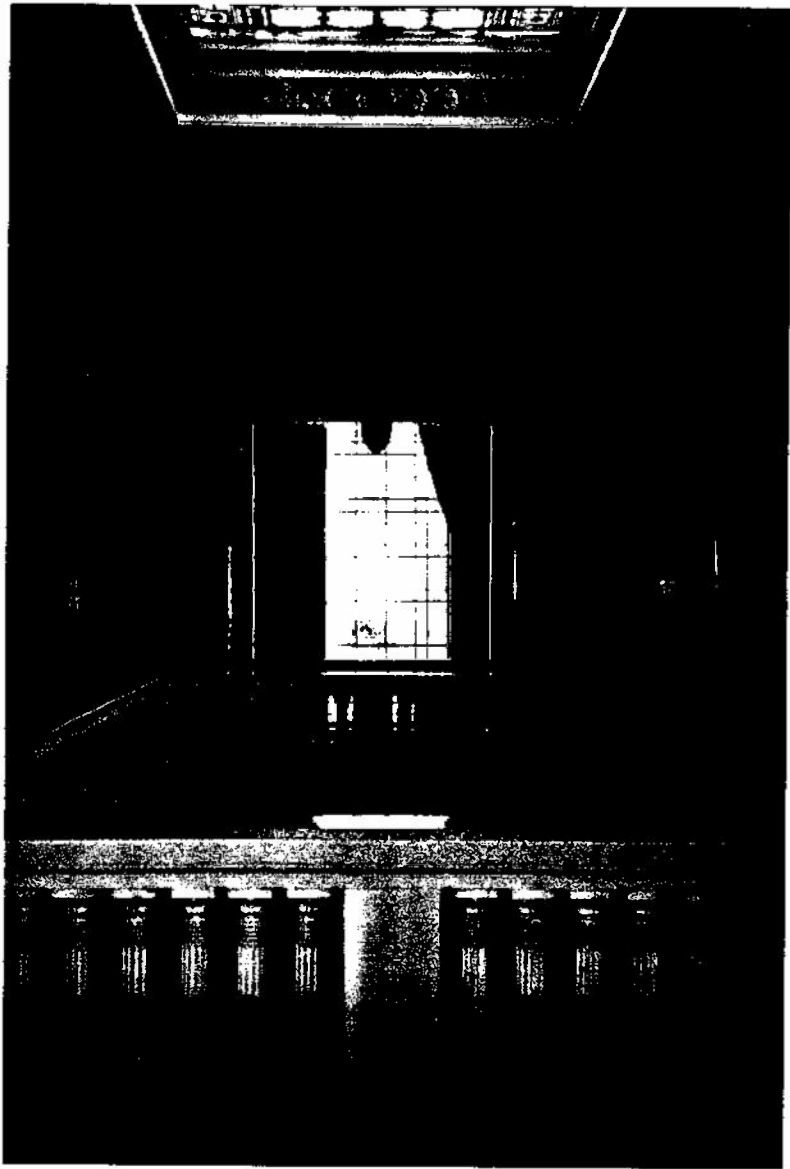
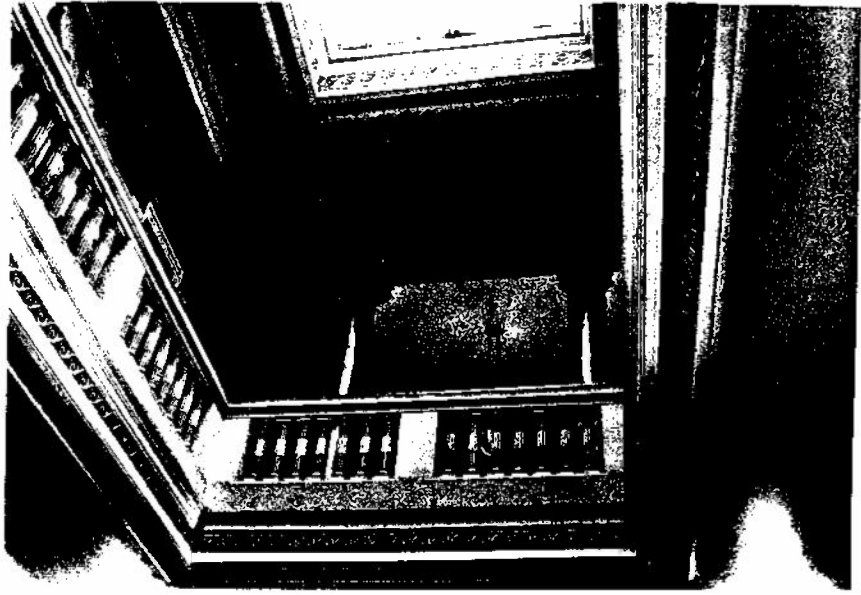


A acentuada verticalização do edifício, assinalada no próprio coroamento, é equilibrada pelas fortes horizontais impressas pelas linhas das balaustradas, pelos entablamentos e pela platibanda, que esconde os telhados e a iluminação zenital.



A planta desenvolvida para o Palacete, dispensando os longos corredores, articula os espaços internos através de pequenos *halls*, da grande sala de estar central, no primeiro pavimento e da galeria superior, iluminadas por um grande vitral. A primeira das imagens abaixo mostra uma fotografia de época desta grande sala, com a escada de acesso ao segundo andar no fundo, apresentando os acessos marcados por pilastras jônicas e um magnífico piso cerâmico em mosaico multicolorido. As fotografias seguintes detalham o grande vão de iluminação, a galeria balaustrada superior, com as colunas jônicas, o vitral e detalhes das barras decorativas, executados em gesso, cujos motivos principais são os ramos de café.

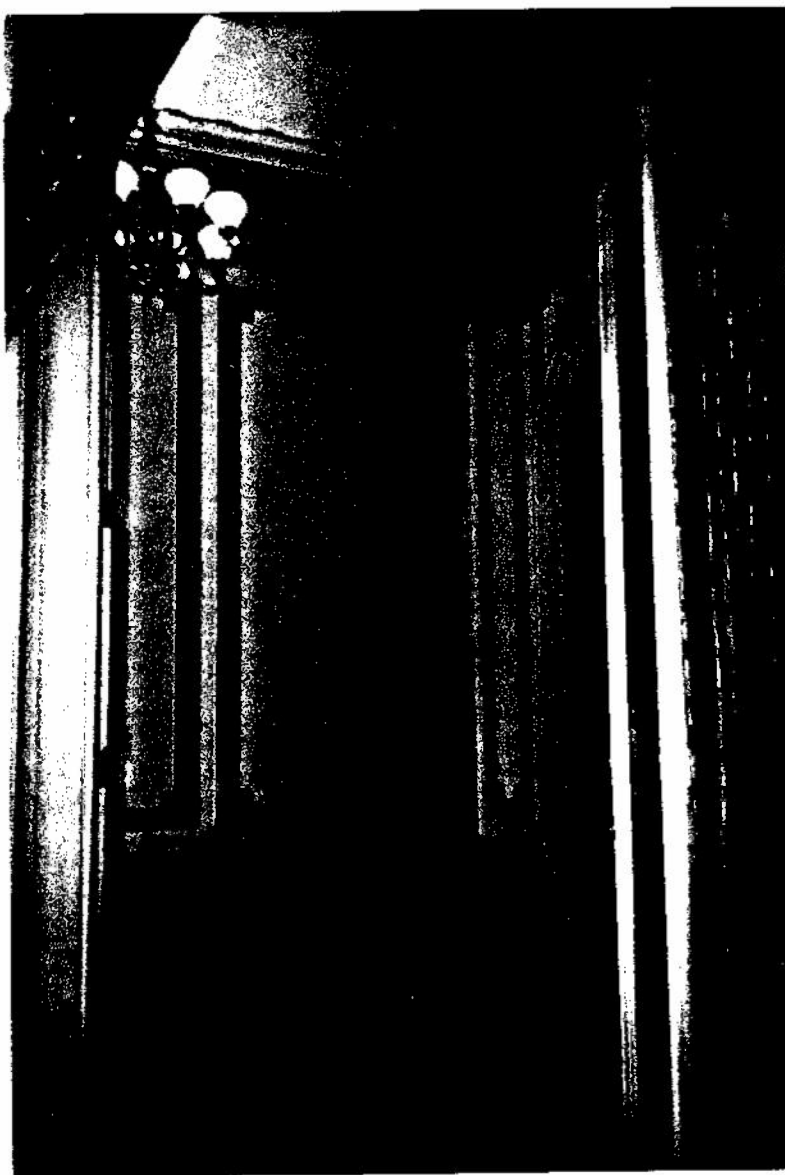






No primeiro pavimento, a frontaria é ocupada pelos cômodos de recepção acessados pelo pequeno *hall*, escritório e saleta, que se abre para a sala de estar; e pela capela, que mantém o acesso frontal independente. A sala de jantar volta-se, através de sacada, para o quintal, articulada ao *fumoir* e à cozinha, que leva à área de serviços. Nesta área, o requinte da distribuição previu o atendimento do andar superior pela escada independente, que também leva à adega, no porão. O primeiro andar ainda possui uma suíte, atrás da capela, e o lavabo ao lado da escadaria.

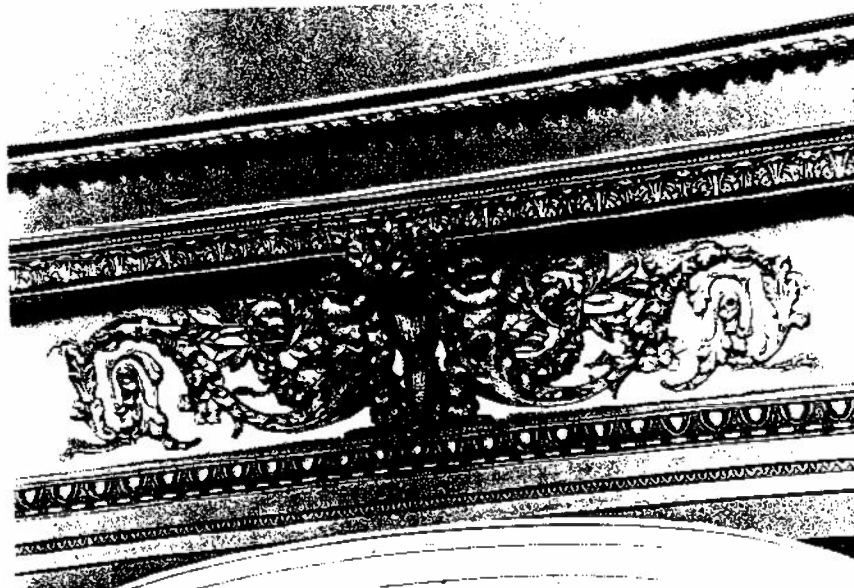
Nas fotografias abaixo, aspectos da decoração da saleta da entrada, com barrados inferiores trabalhados em painéis; paredes

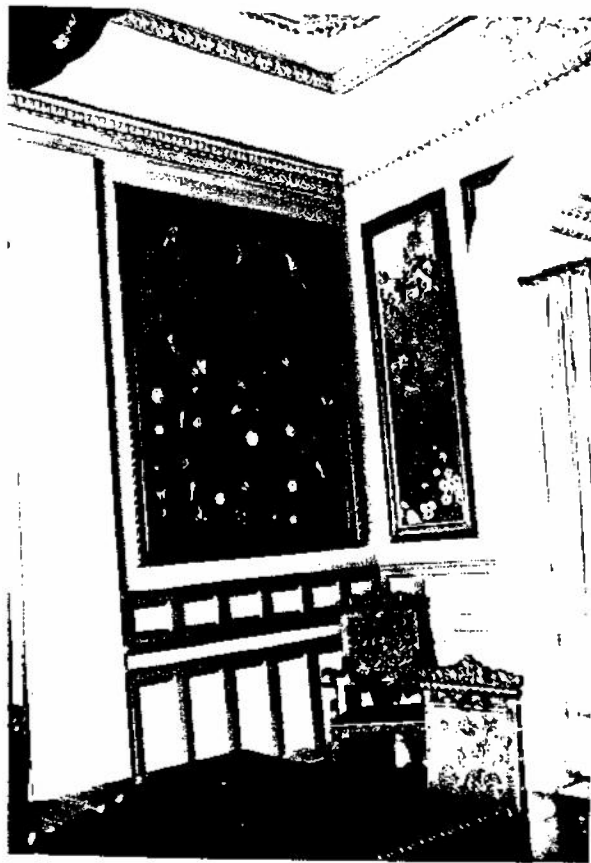
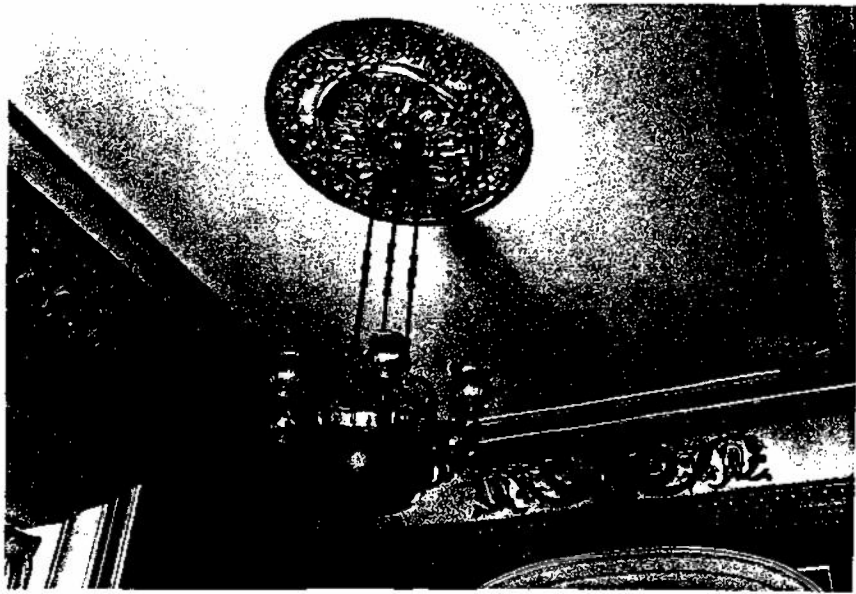


preenchidas por molduras retangulares, onde se dispunha a coleção pictórica do Monsenhor; e as guirlandas florais e frisos superiores.

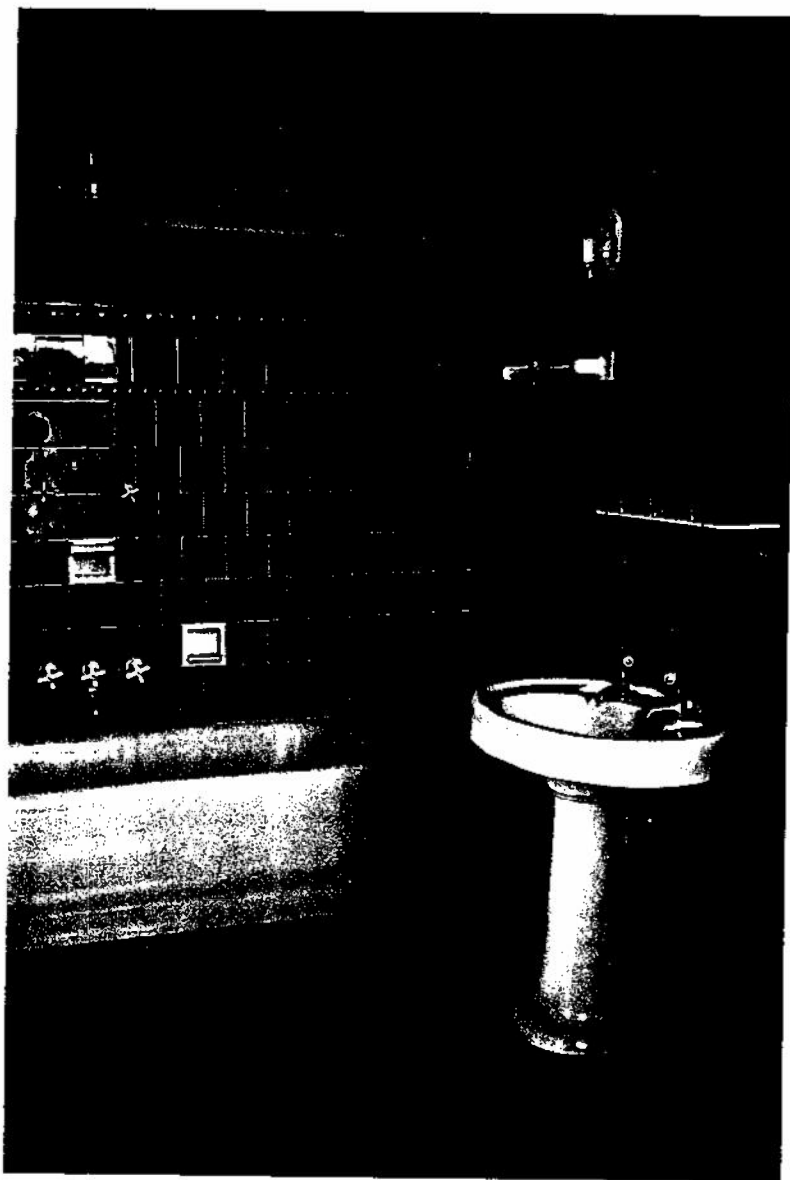


A sala de jantar também recebeu uma decoração requintada, com barrados vazados; painéis pictóricos; belíssimos conjuntos de *putti*, ladeando um vaso, em meio a arabescos florais; frisos com diferentes motivos; e a rosácea centralizando a iluminação.





No pavimento superior, a planta é alterada apenas no fundo da ala lateral. Neste andar, situam-se os quartos, sem decoração especial, e os banheiros, que ainda mantêm as louças e metais ingleses, os azulejos com barras decorativas e o piso originais.



O exame da planta do Palacete revela a complexidade do programa a ser atendido na articulação dos espaços internos, mas a longa permanência de certos aspectos distributivos, que já examinamos durante a última década do século XIX: os cômodos da recepção na frontaria, a sala de jantar voltada para o quintal e a cozinha aos fundos.

Na realização do edifício, além de Latini, Zamboni e Zarattini, trabalharam outros italianos, entre os quais citamos o pintor Orestes Colombari, responsável pela direção dos trabalhos de decoração do Palacete,<sup>7</sup> e o serralheiro Attilio Ziviani (Verona, 21.2.1887 - Batatais, ?) que executou os gradis de ferro, provavelmente a partir de desenhos de Latini,<sup>8</sup> e possivelmente Romeu Fazoni, oficial estucador de São Paulo, que trabalhou nas obras da Igreja Matriz.<sup>9</sup>

O Palacete Monsenhor Alves Ferreira foi inaugurado em 22.4.1930, com a visita do bispo D. Alberto J. Gonçalves.<sup>10</sup>

#### CONCLUSÃO

A *Tribuna de Batataes*, em 19.8.1928, noticiando uma homenagem prestada ao Monsenhor Joaquim Alves Ferreira, transcreveu o discurso proferido na ocasião, do qual salientamos o seguinte

-----

<sup>7</sup>No qual realizou uma exposição de "17 telas dos generos natureza morta e paisagem," em março de 1930. *Gazeta de Batataes*, 16.3.1930.

<sup>8</sup>Attilio Ziviani executou gradis para residências projetadas por Rômulo Rigotto, conforme já vimos, e também edifícios projetados por Carlos Zamboni, que lhe fornecia os desenhos. Cf. entrevista realizada com seu filho, Sr. Justino Ziviani, em 1991.

<sup>9</sup>*Gazeta de Batataes*, 17.5.1928.

<sup>10</sup>*Gazeta de Batataes*, 27.4.1930.

trecho:

"...cuja vida apostólica em Batataes vai ser coroada com a construção do majestoso templo, futura catedral."

Nesta ocasião, projeta-se a criação de um novo bispado, a ser desmembrado da diocese de Ribeirão Preto, e Batatais disputava com a cidade de Franca a possibilidade da nova diocese. Em 28.7.1929, a disputa estava decidida: Franca foi escolhida e a *Tribuna de Batataes*, inconformada, expunha a situação:

"A cidade de Batataes possui as condições para ser sede do novo bispado: a Igreja, em construção, é um verdadeiro monumento. Além do necessario patrimonio, dispomos de predio digno para o Palácio Episcopal.

"O que nos falta, então, para a escolha de Batataes para a sede do bispado?"

No número seguinte do jornal, foi publicada a carta do Monsenhor, de 31.7.1929, negando que Batatais possuísse as condições exigidas, pois a Igreja ainda era "um esboço de trabalhos," o patrimônio não estava constituído, e perguntando: "...qual é, e em que rua ou praça fica situado o predio para residencia do Principe da Igreja?"

Embora o Monsenhor tenha negado a existência das condições requeridas para Batatais ser a nova diocese, a excepcionalidade artística e técnica dos dois edifícios leva a crer que o vigário realmente estava montando a estrutura física para o alto cargo eclesiástico que não veio, como ainda afirmam antigos batataenses.

A realização da Igreja Matriz e do Palacete Monsenhor Alves Ferreira significaram para a arquitetura local, além de verdadeiras escolas formadoras ou especializadoras de mão de obra, a reinstalação da linguagem formal da tradição clássica no coração da cidade, justamente no momento em que a arquitetura desenvolvida em Batatais já havia procedido à modernização estilística desta

linguagem, como já verificamos.

É importante notar que estes dois edifícios não se apresentam na mesma condição de "importados" que conferimos à Cadeia Pública, de 1886, ao G. E. "Washington Luís," de 1909, e à Cadeia e Forum, de 1917, edifícios que se situam na órbita das iniciativas estaduais, concebidos fora de Batatais. Para a Igreja Matriz e o Palacete foram "importados" Latini e Zamboni, além de outros profissionais, escolhidos para a concepção de edifícios que correspondiam às aspirações locais, que estivessem à altura da Batatais moderna e progressista.

A Igreja Matriz, possivelmente sem par entre os edifícios religiosos do interior paulista, como tanto desejaram os batataenses, permanece como símbolo de uma época idealista, materializando seus maiores sonhos.

## A ESTÉTICA MODERNA E INDUSTRIAL

Este capítulo se dedica a investigar as forças que atuaram sobre a linguagem arquitetônica da tradição clássica para a configuração da linguagem moderna e industrial.

Se traçarmos um rápido esboço dos principais momentos desta transformação estilística, a partir da adoção da linguagem da tradição clássica em Batatais, com o edifício da Cadeia Pública, em 1886, e de sua larga difusão urbana durante a última década do século XIX, vamos verificar: a sua modernização, em 1911, sob o influxo do *art nouveau*, nos edifícios da Santa Casa de Misericórdia, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília; e a continuidade deste processo de modernização, com a penetração das formas industriais, a partir de 1921, gerando a linguagem moderna e industrial.

Estas alterações da linguagem da tradição clássica, a nosso ver, deram-se sob a orientação de uma estética moderna e industrial vigente, em especial, nos anos 10s e 20s, quando Batatais desejava se mostrar em dia com o progresso e a modernidade que observava nos maiores centros urbanos do país.

Já vimos que, a partir de 1911, a dotação da cidade de novos edifícios públicos e particulares, de eficientes equipamentos de infraestrutura (rede de esgotos, ampliação da rede de água, iluminação elétrica, calçamento a paralelepípedos) e de melhorias urbanas (emplacamento metálico de ruas e praças, ajardinamento de praças) eram sinais de progresso e modernidade urbana que, em contrapartida, levavam à rejeição e à erradicação da velha arquitetura de adobes, dos muros de taipas e das antigas calçadas de pedras justapostas e de velhos aspectos rurais que persistiam na cidade (as "pastagens das ruas", a matança de gado e a criação de porcos no perímetro urbano, o arvoredo dos quintais).

A modernidade e o progresso eram, no entanto, desejáveis sob

outros aspectos. O próprio vestuário podia simbolizar a atitude inovadora e progressista. Em 16.4.1911, a *Gazeta de Batataes* noticiava:

"Informaram-nos que hoje serão estreitadas por distintas senhoritas desta cidade, vestido da última moda, jupe-culottes, que tanto successo tem causado nas grandes capitães [Rio e São Paulo].

"Podemos afirmar que estas senhoritas, serão as primeiras que uzam as jupe-culottes em publico, em todo estado de S. Paulo.

"A '*Gazeta de Batataes*' adherindo ao systema da imprensa moderna, a titulo de premio [...] estampará [...] a photographia em cliché das distintas senhoritas trajando jupe-culottes."

Mas nem toda modernidade era bem aceita. As irmandades, confrarias e apostolados protestaram veementemente "á jupe-culotte e ás mais indecencias a que se [queria] dar o nome de moda moderna,"<sup>1</sup> e possivelmente as senhoritas não saíram a público.

Entretanto, em 1929, as vinhetas das colunas sociais da *Gazeta de Batataes* estampavam as imagens da sofisticação e da elegância desejadas: esguias figuras femininas, modernamente vestidas e, possivelmente, os "capitalistas progressistas" conversando comodamente, fumando seus charutos com satisfação, impecavelmente trajados.

## Sociaes e



ESQUECEL A.

que sera que ella pava  
quando, a' tarde, na janela,  
tanto branca e muito bella  
Vem trazer

<sup>1</sup>*Gazeta de Batataes*, 30.4 e 7.5.1911.

## Sociaes \*



## SOCIAES \*



Já não era novidade, em 1929, "o quanto, nestes últimos tres annos, Batataes [tinha] progredido sob o ponto de vista da cultura artistica," especialmente com a inauguração do Theatro Santa Helena. O artigo jornalístico enumerou os recitais de canto, de piano e de violinos; a apresentação das grandes companhias Jayme Costa, Lyrica Italo-Brasileira, Dramática Maria de Castro, Lyzon-Gaster<sup>2</sup> e Abílio Menezes, entre outras; os espetáculos do Grupo Dramático João Caetano, grupo de teatro amador local; e a instalação de grandes exposições de pintores, entre eles, Abel Moreira, Adolpho Guntert, Gonçalo d'Athayde, Juan Martinez, De Carli.<sup>3</sup>

-----

<sup>2</sup>Paradoxalmente, a Companhia Lyzon Gaster, cujo repertório era constituído de sainetes, revistas, variedades e bailados, apresentou em sua estréia no Theatro Santa Helena, em 18.9.1928, a revista *Nuvens de Fumaça*, "um trabalho de assumpto bastante delicado, no qual se [estudava] a diversidade de dois ambientes: campo e cidade, mostrando a grandeza da vida campestre e as inconveniências de certo modernismo." *Gazeta de Batataes*, 20.9.1928.

<sup>3</sup>*Gazeta de Batataes*, 10.3.1929.

As exposições de pintura, a princípio rapidamente noticiadas, passaram a receber amplos espaços de primeira página, com alguns comentários críticos, a nomeação de seus frequentadores e as telas adquiridas. Em várias ocasiões, os quadros expostos foram inteiramente vendidos na cidade, e para se ter uma idéia do sucesso destes eventos, o Monsenhor Joaquim Alves Ferreira, colecionador contumaz, adquiriu 43 telas de apenas três exposições.

As próprias palavras 'moderno' e 'progresso', desde 1911, já designavam alguns estabelecimentos. Batatais teve a Escola, o Açougue e a Serraria Progresso, e o Bazar Moderno, de Romeu Coraucci.

A fascinação exercida pelas máquinas e pelos progressos técnicos alcançados na época é indescritível; chega ao absurdo. Em 10.9.1911, a *Gazeta de Batataes* anunciou "Mais um invento:" "Um inventor de Berlim, Sr. Otto Vidmann acaba de construir um machinismo maravilhoso, isto é, um homem artificial, que caminha, fala, canta, ri e assobia."

Mas sucesso mesmo faziam os modernos meios de transporte. Os aviões e seus aviadores, em especial, os que aterrissavam na cidade, como Giovani Robba com seu aeroplano, que chegou em janeiro de 1922, anunciado por boletim da prefeitura,<sup>4</sup> possivelmente responsável pelas vistas aéreas reproduzidas às pp. 203 e 204; e o "Bandeirante", pilotado por Carlos Grave e Francisco Kramberger, que proporcionou "bellos vôos de aviação, transportando passageiros,"<sup>5</sup> em agosto de 1929, e retratou a cidade (p. 385). E os automóveis, que em 1913 eram 13; em 1924, eram 67, e passaram a 300 em 1929, circulando junto a antigos veículos, como os trollys e as carroças. Tanto sucesso que os virabrequins foram alçados a componentes arquitetônicos no gradil

-----

<sup>4</sup> *Gazeta de Batataes*, 01.01.1922.

<sup>5</sup> *Gazeta de Batataes*, 18.8.1929.

do Salão Santa Cecília, como já vimos.



Eis aqui um desafio que não pode deixar de ser aceite. É dirigido a todos aquelles que desejam ter o melhor, não se fazendo excepção nenhuma.

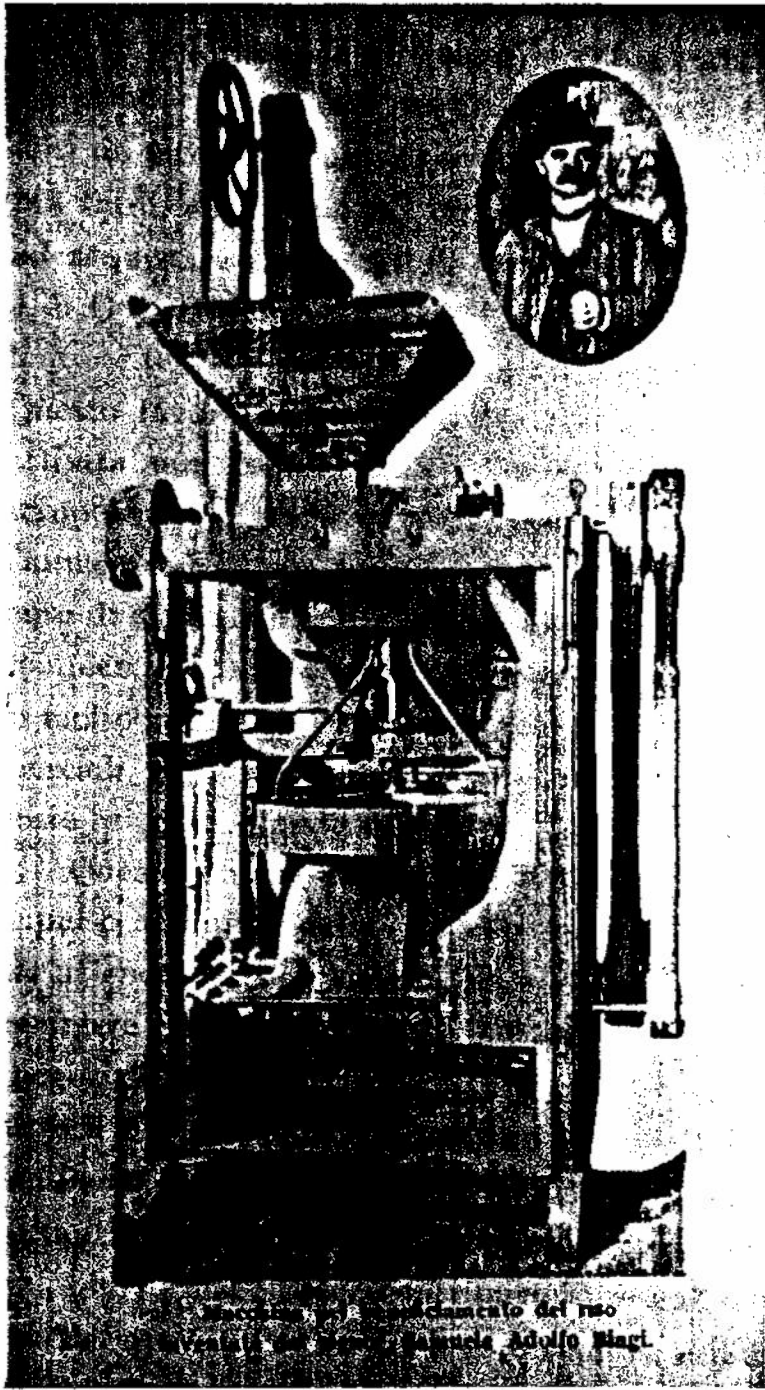
No que concerne sua rapidez de partida, compara-se com os campeões de qualquer categoria de preços. Em velocidade, tem tudo quanto se offerece na estrada, até 70 milhas por hora. Em resistencia—milhares destes carros provam que fazem 60 milhas a hora durante todo o dia. Na subida de rampas, submetta-o ás provas mais difficéis. Em economia, compare-o com os carros leves e menores cujo fim principal

Ha 70...  
Esses...  
Com...  
que...  
de...

Esta rápida pincelada na cultura da época mostra que as inovações estilísticas realizadas pela arquitetura local estavam em perfeita sintonia com seu tempo.

Os novos elementos formais apresentados pela linguagem moderna e industrial, possivelmente, decorreram deste fascínio exercido pelas máquinas e estavam relacionados também com os incentivos municipais e jornalísticos à industrialização da cidade.

O estímulo e a propaganda das iniciativas individuais já se iniciara em 1899, quando Samuel Adolfo Biagi, italiano de Lucca,



Macchinario per la stampa del peso  
inventato da Adolfo Maggi.

inventou uma nova máquina de beneficiar arroz<sup>6</sup> e, pouco tempo depois, lançava três novos modelos, denominando-a "Descascador Samuel Biagi," que obteve distinções em algumas importantes exposições. Em 1910, Biagi apresenta um novo invento: a "Invencível", uma máquina para beneficiar café.<sup>7</sup>

Outras iniciativas individuais foram noticiadas e festejadas. Guilherme Corsini, em 1911, realizou a segunda experiência com um "Hydro-plano de sua invenção," estranha espécie de bicicleta para três pessoas que alcançou extraordinária velocidade.<sup>8</sup> Em 1920, a *Gazeta de Batataes* noticia a fabricação de um pequeno automóvel para duas pessoas, pelo mecânico Henrique Garbellini.<sup>9</sup> Por fim, na Exposição do Centenário da Independência, Emygdio Bradaschia recebeu a medalha de prata pela fabricação de sua "Cafeteira Batataense," ainda honrado com a aquisição do produto por Santos Dumont.<sup>10</sup>

Desde 1908, a cidade contava com a Lei n.º 208, de incentivo à implantação de indústrias, com isenção de impostos, concessão de terrenos e subsídio para a energia elétrica.<sup>11</sup>

As primeiras indústrias instaladas desde o final do século XIX, principalmente por imigrantes italianos, produzindo cerveja, licores, massas, sabão, velas, chinelos, cigarros, selas e veículos de tração animal, seguem-se, nos anos 20s, as fábricas de meias, móveis, mosaicos, botões, produtos farináceos, gelo, vassouras, manteiga, e as mais festejadas, como já vimos, as

-----  
<sup>6</sup> *A Penna*, 25.11.1899.

<sup>7</sup> Cf. Buccelli, V., *Libro d'oro dello Stato di S. Paolo*. Roma, Fratelli Capaccini, 1912.

<sup>8</sup> *Gazeta de Batataes*, 24.9.1911.

<sup>9</sup> *Gazeta de Batataes*, 3.10.1920.

<sup>10</sup> *Gazeta de Batataes*, 26.4.1925 e 21.10.1928.

<sup>11</sup> Atas da Câmara. Vol. 1908-1912, sessão de 2.4.1908, fl. 19.

indústrias de chapéus e tecidos, que receberam especiais e estimulantes leis municipais.

A *Gazeta de Batataes*, a partir de 1911, noticiou sob variados títulos, como "Batataes industrial" ou "O nosso progresso industrial," cada passo dos planos para a implantação industrial, da construção dos pavilhões e da montagem da maquinaria, estabelecendo uma intensa campanha pela industrialização, único meio que poderia trazer o progresso para Batatais e torná-la uma das mais importantes cidades de São Paulo.


Não nos parece mera coincidência o fato dos imigrantes italianos e seus descendentes estarem simultaneamente ligados a muitas das iniciativas industriais e à construção civil.

Uma outra força que atuou na modernização da linguagem arquitetônica da tradição clássica e, conseqüentemente, na elaboração da linguagem moderna e industrial, foi o *art nouveau*. Já vimos que o pavilhão da Vila Penteado, em São Paulo, possivelmente, tenha sido um modelo para a realização da Santa Casa, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, em 1911, mas é interessante mostrar que o vocabulário *art nouveau* já estava penetrando no universo visual cotidiano, sob outras formas.

A primeira menção que encontramos da penetração do *art nouveau* na cidade data de 7.1.1904, quando *A Cimitarra* informou que "Do Sr. Porsenna Galleotte, conceituado negociante desta cidade, [recebeu] elegante folhinha de desfolhar, em magnifico chromo *art-nouveau*." Em 1905, as notas de estabelecimentos comerciais, dirigidas à Câmara Municipal, eram decoradas por elementos formais de caráter mais tradicional (que encontramos já em 1887, como podemos ver no primeiro documento abaixo), apresentando alegorias, delicados *putti*, e formas arquitetônicas da tradição clássica, como as colunas, a cartela, os vasos e as volutas. Ao lado destas notas, neste mesmo ano de 1905, encontramos as primeiras notas comerciais ornamentadas pela moderna linguagem *art nouveau*. Logicamente, estas notas eram escolhidas entre os vários modelos disponíveis, mas a grande preferência pela decoração mais moderna indica a força de

penetração destas novas formas.





Vendas  
a  
Dinheiro

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS =  
FAZENDAS, ARMARINHO, FERRAGENS, etc.

---

**ANTONIO SIMIONI**

Rua 7 de Setembro — BATATAES  
Estado de S. Paulo

O Illm. Sr. Camara Municipal Domic  
Batataes, 3 de Junho de 1906

Class 5 Piquos	2.00
4 Ripas	1.00
8 Carburante	12.10
15 7 F. y. y. y.	1.00



LOJA  
DE  
FAZENDAS

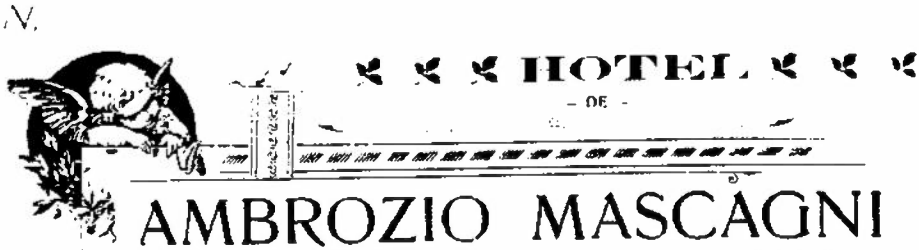
Negociante

Armarinhos, Chapéus, Calçados

Roupas feitas, Louça, etc.

Batataes, 9 de Junho de 1905  
 O Illm. Sr. Camara Municipal Devo.

*Handwritten notes and signatures at the bottom of the first document.*



BATATAES

Neste estabelecimento caprichosamente montado encontrarão os  
 snrs. viajantes excellentes commodos para casados e solteiros.

A boa cosinha deste estabelecimento agrada ao publico não só  
 pelo asseio como pelo bom gosto do habil cosinheiro.

O Illm. Sr. Camara Municipal Devo  
 Batataes, 20 de Junho de 1905

20	53	Case' Lente	53000
38	Ambr	atou	95000

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS  
FAZIENDAS, ARMARINHO, FERRAGENS, ETC.

**ANTONIO SIMIONI**

Preços baratissimos ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ Vendas á dinheiro

RUA 7 DE SETEMBRO

C. Ilmo. Sr. *Câmara Municipal*  
*Batataes 3 de Setembro de 1905*

*12 mil 300 \$ do total 30 000*  
*o 3 Barricas de cana*

*Ao Bazar Moderno*

*Vidros - Papéis pintados - Molinas - Ferragens - fitas para pintores*

**ROMEO CORAUCCI**

*Livros em branco, Cadeiras escolares, Quadros, Fitas para notas, Xerofolios, Artigos para Facipolios, Tintas de escrever, Removeres, etc.*

BATATAES

C. Ilmo. Sr. *Câmara Municipal*  
*Batataes 1 de Março de 1905*

<i>Dixant 14 Cadeiras</i>	<i>1000</i>
<i>11 Lapiszeira</i>	<i>3000</i>
<i>3 Cadeiras osas</i>	<i>3000</i>
<i>1 Caixa de cana</i>	<i>2000</i>

RUA DA ESTACAO  
 VENDAS POR ATACADO  
 ARMAZEM DELLA LANTERNA DI GENOVA  
 BATATAES E. de S. Paulo

*Camara Municipal*

**UMBERTO CATTAPANI**

SUCCESSOR DE AGABITO LIPPARELLI

BATATAES *28 de Setembro* de 1905

Tip. Progresso - Est. de Gr. e C. - Rio. Photo

*de setembro 19 - 3 Cachaça - 7.500  
 " 25 - 1 Fardo a lape 0.20  
 " " 1 Botinha m. m. 1.00*

ARMAZEM DE SECCOS E MOIADOS  
 BILHAR E AGENCIA DE LOTERIAS  
 DE  
**SANTI OTTAVIANI**  
 Bebidas finas Nacionais e Extranjeiras  
 E. S. PAULO BATATAES

*O Ilmo. Sr. D. Pereira da Cunha  
 para Exposição Regional  
 Batataes, 3 de julho de 1905*

Tip. de Gr. e C. - Est. de Gr. e C. - Rio. Photo

*18 Garrafas a água mineral a 2.00 21.600*

**ARMAZEM DE COUROS**  
SELLINS E ARREIOS  
**FABRICA DE ARREIOS**

**Felishino Custodio de Moraes**

Rua... BATATAES

ARTIGOS PARA  
Selleiros e Sapateiros

VENDAS POR  
Atacado e a Varejo

1905

<i>1. ...</i>	<i>1.000</i>
<i>2. ...</i>	<i>2.800</i>
<i>3. ...</i>	<i>8.000</i>

Nos jornais locais, o vocabulário *art nouveau* aparece ao mesmo tempo em que se infiltra na arquitetura, no marcante ano de 1911, emoldurando os anúncios publicados.

**Sapataria Internacional**

**MARIO SEGANTINI**

Executa-se com brevidade todo e qualquer calçado sob medida  
com perfeição e nitidez.—Especialidade em trabalhos finos

**PREÇOS MODICOS**

SERVIÇO GARANTIDO — PERFEIÇÃO E NITIDEZ

25—Praça Conego Joaquim Alves—25

**BATATAES**

**CASA BELGA**  
**Irmãos Nazario**

Importação de armariños, perfumarias, pa-  
pelaria, conservas, biscoitos finos, doces,  
ferragens, brinquedos, etc.

— Importação directa da Belgica —

Agencia de vendas **FIGRE** de Bruzellas,  
Grande Thiersch, Modelo da Café e Cacaú  
Companhia de géneros brasileiros  
**Leopoldo Nazario**

Depositarios da Fabrica Xitanga de produc-  
toes farinaceas de primeira qualidade.  
Medalha de ouro na Exposição Nacional

Rua Municipal - esquina da rua Direita - Batataes

**CASA DO TITO**

**J. B. FERRAZ DE MENEZES**

Completo sortimento de fazendas, armariño, roupas feitas, chapéus de sol e de cabeya, calças para homens, senhoras e crianças, lona etc.	Deposito dos afama- dos fumos mineiros paulistas e goyanos, dos quaes tem sempre em deposito um colossal stock.
---	---

*Machinas de costu-  
-ra das máss  
afamadas*

Perfumarias dos melhores fabricantes:  
Houbgant, Roger & Gallet, Pinard,  
Delettroz L. Queiros e outros.

— PREÇOS SEM COMPETENCIA —

**RUA DO COMMERCIO 4 TELEPHONE 42**

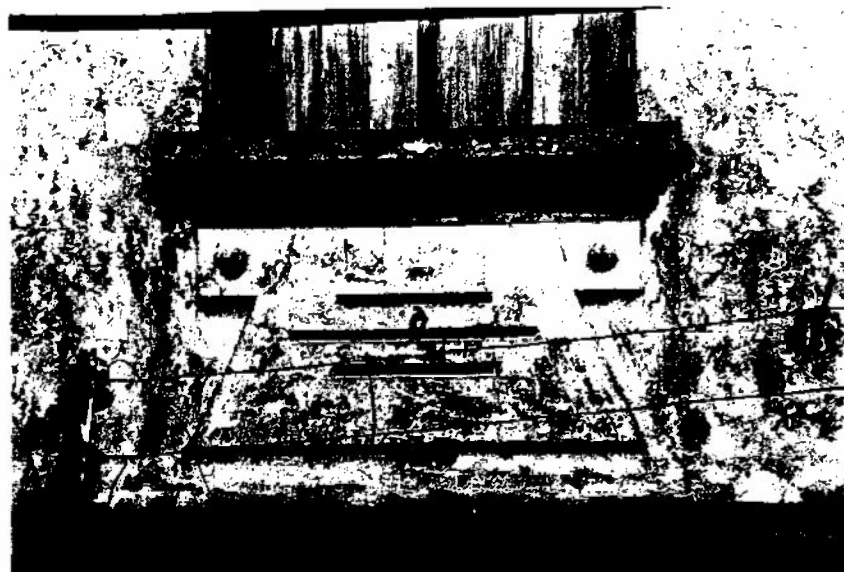
**BATATAES**

Assim, as principais forças atuantes na configuração da linguagem arquitetônica moderna e industrial nos parece terem sido a grande ênfase cultural na modernidade e no progresso, o estímulo à industrialização local, e a penetração do vocabulário *art nouveau*.

No início de nossas pesquisas, imaginamos que a ocorrência da modernização da linguagem da tradição clássica e a sua notável transformação estilística, a linguagem moderna e industrial, fosse apenas um fato particular e local. No entanto, olhando cidades vizinhas como Ribeirão Preto, Altinópolis e Pirassununga, notamos a existência de edifícios apresentando as mesmas características em suas fachadas. A partir desta constatação e de uma certa facilidade adquirida pelo olhar, foi fácil detectar novas ocorrências em cidades mais distantes, como Piracicaba, São Paulo, e Florianópolis, tão longínqua. Desta forma, o fenômeno estilístico se mostrou muito mais amplo do que inicialmente supúnhamos.

## RIBEIRÃO PRETO

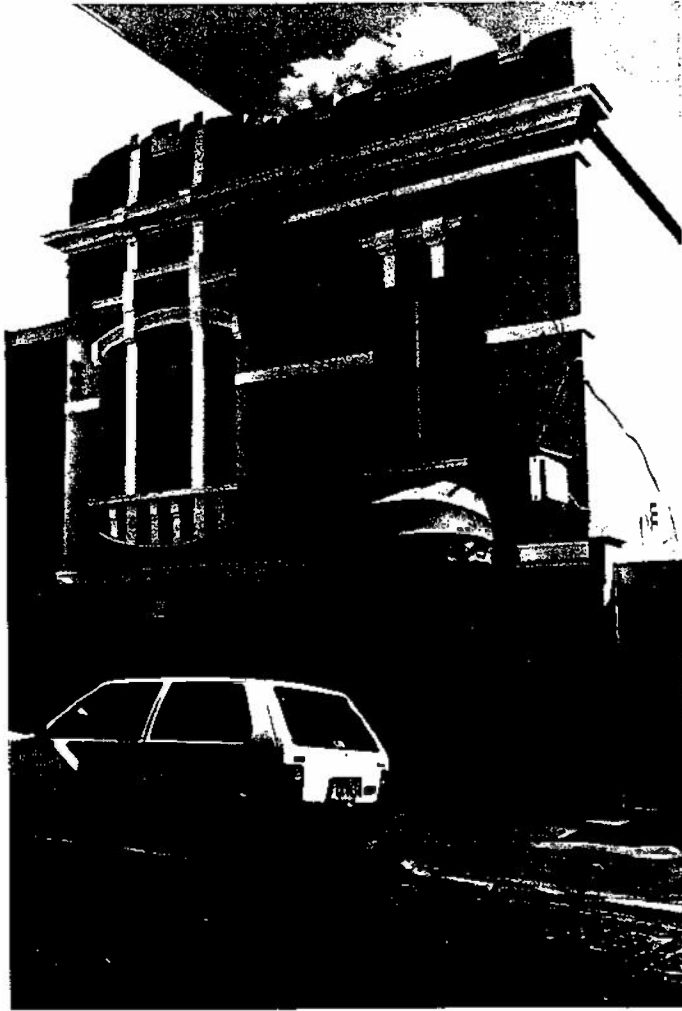
Em Ribeirão Preto, damos destaque ao edifício situado à R. Amador Bueno, 169, nas duas fotografias abaixo, em que a linguagem moderna e industrial está claramente afirmada, em especial nos painéis geométricos sob as janelas, com precisas incisões horizontais e parafusos de fixação. Na fotografia seguinte, mostramos apenas a moldura retilínea, fixada por arruelas e parafusos, do desfigurado prédio da Funerária Nicácio.

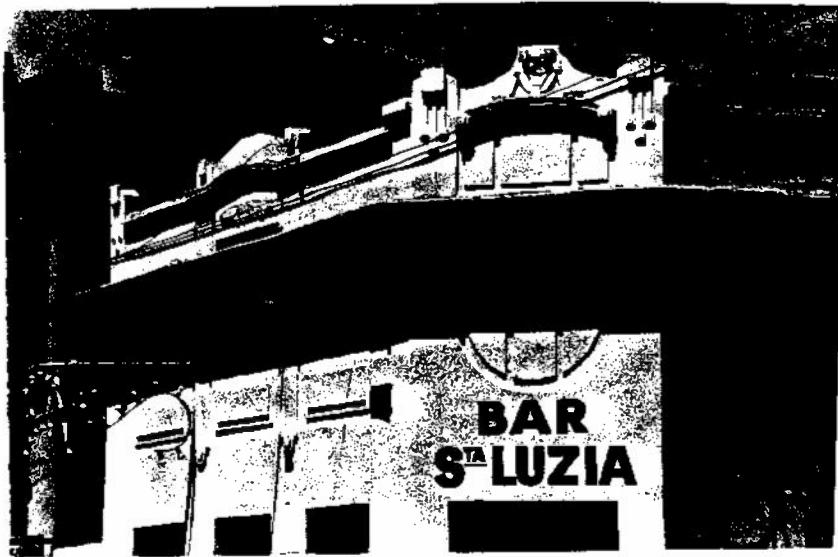




As próximas fotografias mostram edifícios ou detalhes; como o seguinte, em que a cartela, com data de 1920, é fixada por parafusos e, no ático, as cabeças das pilastras são envolvidas por cintas e braçadeiras geométricas; e edifícios em que a ascendência da linguagem da tradição clássica também é clara, mas os elementos formais também se resolvem em engastes, braçadeiras, travas, chapas geométricas e precisas linhas incisivas.







## ALTINÓPOLIS

No primeiro edifício, situado à R. Cel. Honório Palma, a fachada se encontra oculta por um amplo painel, mas o detalhe da pilastra lateral revela uma modernização da linguagem da tradição clássica, através das mesmas linhas incisivas que verificamos nos edifícios construídos em Batatais em 1911. O edifício seguinte apresenta a fachada toda decorada por elementos geométricos e chapados, que envolvem as pilastras como braçadeiras, e ladeiam as janelas com círculos e estreitos frisos em triades sobrepostos.

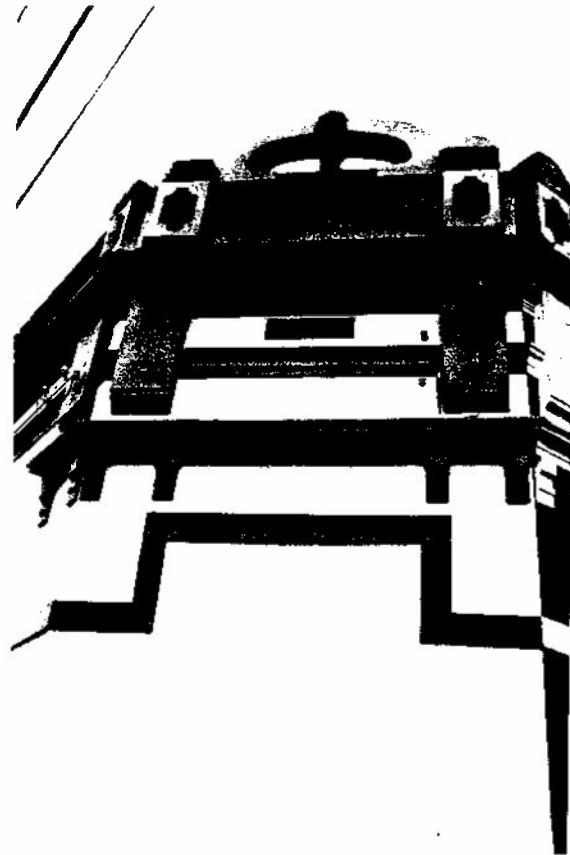




## PIRASSUNUNGA

O edifício José M. Rolla, já bastante desfigurado, mostra a linguagem da tradição clássica francamente modernizada pelo *art nouveau*. Na fachada principal, as acentuadas curvas impressas nas faixas e na cornija, e no arranjo da esquina a estrita geometrização e achatamento da decoração; e as linhas incisivas em triades sobre os longilíneos elementos que atravessam o entablamento e se sobrepõem às faixas horizontais.





#### PIRACICABA

A Padaria Jacarei, no cruzamento das Ruas Boa Morte e São Francisco de Assis, contém a data de 1924 sobre o ático.

De sua composição de fachada modernizada, destacamos as pilastras que ladeiam os vãos. Elas apresentam uma espécie de capitel que, deslocado de sua posição tradicional, sobrepõe-se à frisa, onde recebem, entre outros elementos geométricos, as três pequenas linhas verticais, que imediatamente remetem aos antigos tríglifos. No coroamento destas pilastras, finas chapas são sobrepostas por cintas geométricas envoltórias.

Por fim, é notável o delicado gradil de linhas *art nouveau*, entremeando o ático.

Na mesma Rua Boa Morte, situa-se o longo edifício com aparência de pavilhão fabril, ritmado pelas pilastras e pelo belo



efeito da plaltibanda coroada por frontões em arco pleno e arco abatido alternados. Nesta fachada, é extensa a utilização de finas chapas geométricas sobrepostas.



#### SÃO PAULO

No *Libro d'oro dello Stato di S. Paolo*,<sup>12</sup> encontramos a reprodução do Estabelecimento Gráfico Duprat, que pertencia ao Barão Raymundo Duprat, na Rua 25 de Março.

A cartela localizada no ático apresenta as seguintes inscrições: "1850-1910, Duprat & Comp." A data de 1850 se refere à fundação da companhia gráfica, e a de 1910, à construção do novo edifício.<sup>13</sup>

-----

<sup>12</sup>Buccelli, V. Roma, Fratelli Capaccini, 1912.

<sup>13</sup>Cf. Wright, A. *Twentieth Century Impressions of Brazil*. Londres, LLOYD'S Greater Britain Publishing Co., Ltd., 1913, p. 688.



Edificio dello stabilimento. -- 76, Via di Marco.

O parentesco formal da fachada deste edifício com as fachadas da Santa Casa, do Bazar Moderno e do Salão Santa Cecília, contruídos em 1911, em Batatais, é impressionante.

A penetração das formas *art nouveau*, modernizando a linguagem da tradição clássica, provocou os mesmos elementos geométricos chapados, inclusive círculos que podem ser contados, tal a definição que apresentam, as finas linhas incisivas, e os encurvamentos do entablamento e do ático, que termina em duplos círculos, à semelhança das antigas volutas.

Nesta fachada, ainda são notáveis a cartela e as molduras superiores às janelas, fixadas por peças circulares.

O edifício localizado à R. Conselheiro Nébias, 856-858, apresenta em sua fachada a surpreendente associação do vocabulário formal da tradição clássica (pilastras coríntias, platibanda entremeada por balaustres e marcadas por vasos, tímpanos dos arcos plenos preenchidos por concha...) à linguagem moderna e industrial, claramente expressa pela fina placa de preciso recorte geométrico, fixada por grandes parafusos.



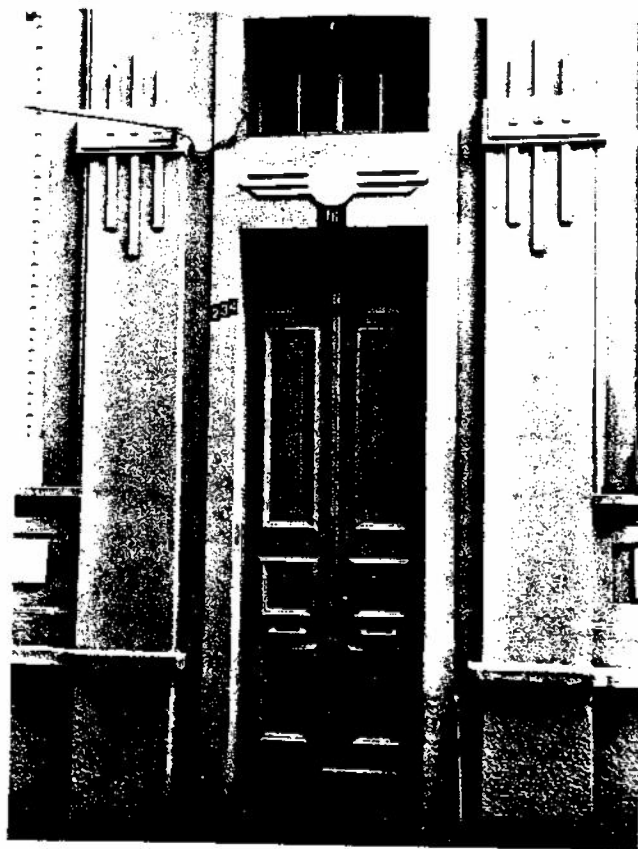


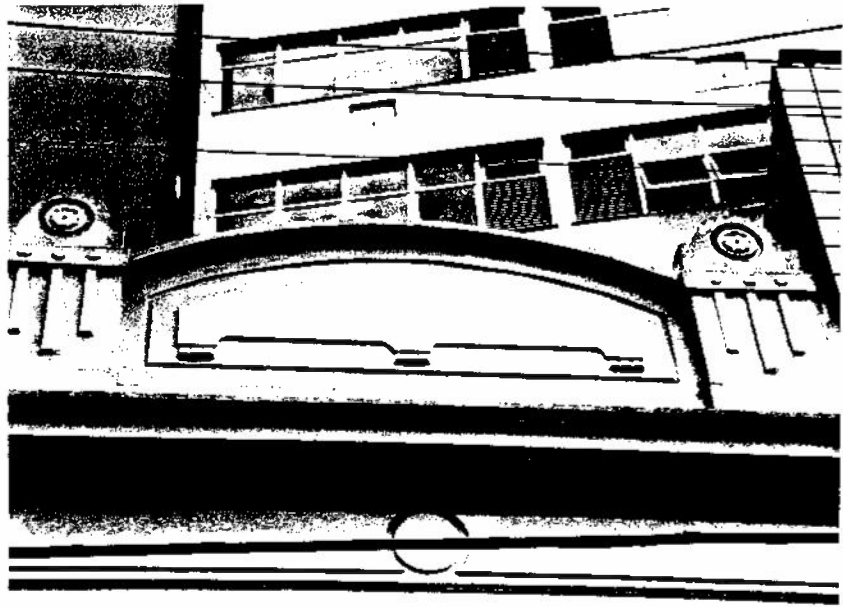
#### FLORIANÓPOLIS

O edifício situado à R. Saldanha Marinho, 234, fazia parte de um conjunto de três residências geminadas, construídas por volta de 1922 pelo imigrante italiano Selva.<sup>14</sup>

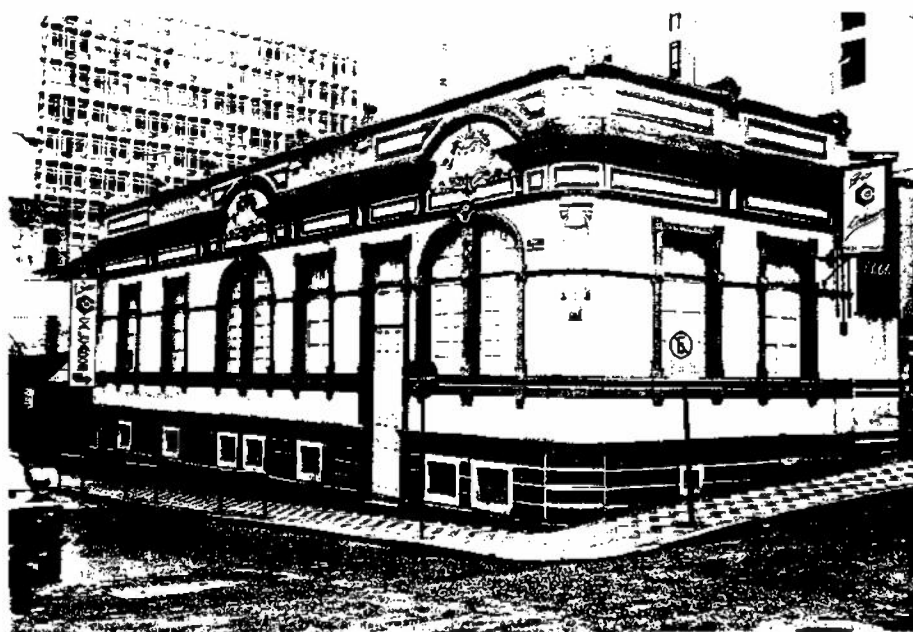
A composição da fachada é absolutamente simétrica, regular e equilibrada. As imagens, possivelmente, sejam mais contundentes do que qualquer observação a respeito da utilização da linguagem moderna e industrial: pilastras (na verdade, grandes molduras para as janelas) com estreitas faixas verticais, as antigas caneluras, envolvidas por potentes braçadeiras geométricas e fixadas por parafusos de cabeças quadradas; os mesmos parafusos fixam as faixas e as braçadeiras no coroamento do edifício; e os vários elementos geométricos chapados, de preciso recorte "industrial", que formam os painéis sob as janelas, sob o cornijamento, nos tímpanos dos frontões e no coroamento da porta de entrada.

-----  
<sup>14</sup>Cf. informações do atual proprietário, Sr. Walter Santos Faria.





Finalmente, o edifício situado no cruzamento das ruas Vidal Ramos e Jerônimo Coelho, que ao movimento curvilíneo do entablamento, acompanhando os arcos das janelas duplas; à intensa utilização de elementos geométricos chapados e sobrepostos e ao emprego de arranjos florais, bastante comum em Florianópolis, agrega, na esquina e nos flancos do prédio, um ornamento que se assemelha a barras metálicas presas por encaixe e ganchos, numa peça circular fixada por dois retângulos, que parecem apresentar a possibilidade do movimento pendular, graças aos pesos nas extremidades inferiores.





Os edifícios que acabamos de examinar revelam, como já tínhamos observado a respeito dos prédios de Batatais que, nos anos 10s e 20s, apresentaram a modernização da linguagem da tradição clássica, a predominância formal das soluções mais lineares e construtivas, ou ainda, mais técnicas e racionais, aplicadas a volumes prismáticos

Flávio Motta, pioneiro no estudo do *art nouveau*, em seu artigo "São Paulo e o *art nouveau*," observou que esta linguagem "teve, naturalmente, o seu período áureo entre 1900 e 1905. Prolongou-se, sem dúvida, talvez mesmo até 1920, mesclando-se com outros estilos, já sem autonomia e importância."<sup>15</sup>

Benedito Lima de Toledo, em *São Paulo: três cidades em um*

-----  
<sup>15</sup> In revista *Habitat*, n. 10, 1953.

século, assinalando a significativa participação dos mestres de obras italianos na arquitetura paulista, comentou: "Já 'macarrônico' era a designação para a versão popular que esses mestres produziram do 'art nouveau', onde entusiasmados pela liberdade formal permitida por aquele estilo levaram a movimentação a complexos esquemas."<sup>16</sup>

No nosso caso, o exame da linguagem clássica modernizada e da linguagem moderna e industrial, produzidas nas décadas de 10 e 20 pela arquitetura de Batatais, e os edifícios das demais cidades examinadas, mostram que a ação do *art nouveau* não foi destituída de importância. Pelo contrário, foi decisiva na transformação estilística da antiga linguagem da tradição clássica num novo e surpreendente vocabulário. Através do *art nouveau*, as antigas formas puderam estabelecer um compromisso com o momento presente.

A intensa atuação dos construtores italianos também pudemos constatar na arquitetura de Batatais e, possivelmente, esta atuação tenha se repetido nas outras cidades examinadas, como o edifício de Florianópolis, devido ao imigrante italiano Selva.

Agora, se pensarmos um pouco no termo "macarrônico", veremos que ele significa, basicamente, um emaranhado de linhas curvilíneas. No entanto, conforme constatamos, a ação do *art nouveau* sobre a linguagem da tradição clássica gerou uma configuração formal que é diametralmente oposta: sem rebuscamento, geométrica e chapada, com grande preocupação estrutural e construtiva, de uma clareza e precisão excepcionais.

Apontamos essas discordâncias e tecemos essas considerações para mostrar que edifícios normalmente entendidos como anacrônicos ou exemplares menores da arquitetura são capazes de conter linguagens formais surpreendentes, absolutamente reveladoras de seu próprio tempo.

Por fim, podemos também assinalar que, a partir do estudo de um pequeno número de edifícios, de uma pequena cidade paulista,

-----

<sup>16</sup>São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1983, p. 73.

foi possível, além de constatar uma nova linguagem formal,  
descobrir sua insuspeita amplitude.

## CONCLUSÃO

Na praça central da cidade, a Igreja Matriz e seus jardins, através do tempo, possuem um caráter emblemático da arquitetura e do urbanismo desenvolvidos em Batatais.

A velha Igreja Matriz, construída de adobes, madeira e telhas capa-canal, representa a primeira arquitetura que Batatais conheceu. Este sistema construtivo, baseado em dois materiais locais, a terra e a madeira, edificou toda a cidade, desde os edifícios públicos até as casas mais simples. A simplicidade plástica e o despojamento de sua fachada, composta com simetria e regularidade, com a exclusiva linguagem da reta, também se estendiam às demais construções da cidade.

A figura geométrica retilínea da grande praça, onde a Matriz foi edificada, foi constantemente perseguida para compor todo o traçado urbano que, no entanto, não apresenta tamanha regularidade.

A reconstrução da Igreja Matriz, iniciada nos anos 90s, em tijolos e com o emprego da nova linguagem da tradição clássica, apenas refletiu a verdadeira renovação arquitetônica, com as mesmas características estrutural e formal, que ocorriam na cidade, com a construção de muitos edifícios, ampliando a área urbana. O principal vetor destas transformações, o trem, havia chegado em 1886. Na reconstrução da Igreja Matriz, no entanto, quiseram imprimir-lhe características góticas, mas a arquitetura local estava pouco ligada às experiências formais internacionais, e no edifício prevaleceu a linguagem da tradição clássica.

No início do século XX, esta linguagem foi explorada em suas possibilidades plásticas e criativas, gerando novos arranjos formais nos poucos edifícios então construídos: a crise de superprodução do café afetara a cidade.

Em meados dos anos 20s, a Igreja Matriz permanecia inacabada. Meio adobes, meio tijolos. Meio colocal, meio clássica, um pouco

gótica. Batatais já vivia outros tempos, tempos de progresso e modernidade. Decidiram terminar a velha Igreja, tão arcaica e tão anti-estética. Terminar não, fazer uma nova e moderna, de acordo com a cidade.

Batatais já estava calçada, iluminada, ajardinada, tinha redes de água e de esgoto, tudo muito bem planejado. Suas ruas e praças tinham novos nomes inscritos em placas metálicas e novos edifícios já tinham sido construídos. Desde 1911, uma linguagem formal diferente e inovadora, vinda de longe, talvez da capital do Estado, o *art nouveau*, tinha penetrado na então já antiga linguagem da tradição clássica, e provocado uma evolução estilística: a linguagem clássica "modernizada".

Mas até isso já era passado. Em nome da modernidade e do progresso, também estavam industrializando a cidade, e este era um fator tão importante que acabou influenciando a arquitetura, que passou a adotar formas industriais em suas fachadas: parafusos, chapas finas, engates, braçadeiras... Justamente em 1921, começaram a construir modernos edifícios com estes elementos, constituindo a linguagem moderna e industrial.

O novo projeto da Igreja Matriz iria colocá-la à altura do renome de Batatais, destacar a cidade no cenário paulista.

Com o início da construção, em 1928, começa a reinstalação da linguagem da tradição clássica na praça central da cidade. Uma linguagem que se instalara em Batatais em 1886, e havia sido transformada, modernizada, industrializada, que já deixava as fachadas, recolhendo-se nostalgicamente aos interiores das residências, mas nunca foi abandonada.

A imagem dos esforços de superação pode ser vista na Igreja Matriz, por volta de 1929, na hora em que justapõe três momentos da arquitetura local: a igreja de adobes e capa-canal; a igreja dos anos 90s, com a linguagem da tradição clássica e as citações góticas; e a nova Igreja Matriz. Finalmente, a igreja, que nunca se acabava, que nunca estava de acordo com o espírito de progresso e modernidade de seu povo, realizava as aspirações da cidade paulista expoente, que possivelmente não encontre paralelo na

arquitetura religiosa interiorana.

O jardim de Jorge Sandrin representou o momento culminante da arquitetura e do urbanismo baseados na razão, dominante da natureza, com nítido destaque da área rural, cujos sinais foram constante e resolutamente abolidos do centro urbano.

Sérgio Buarque de Hollanda, no clássico e brilhante ensaio "O ladrilhador e o semeador,"<sup>1</sup> tratando do urbanismo na América Latina, contrapôs a concepção urbanística espanhola, voluntária e geométrica, "esforço determinado de vencer e retificar a fantasia caprichosa da paisagem agreste: é um ato definido da vontade humana,"<sup>2</sup> à fantasia e falta de método dos portugueses no Brasil, ainda que tenham se utilizado do traçado urbanístico herdado do Renascimento; foi "a rotina e não a razão abstrata" o princípio norteador:

"A cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta se enlaça na linha da paisagem. Nenhum rigor, nenhum método, nenhuma previdência..."<sup>3</sup>

A análise de Sérgio Buarque de Hollanda possivelmente corresponda às configurações urbanas anteriores à metade do século XIX, quando as cidades cafeeiras começam a ser traçadas. Murillo Marx, a respeito dessas cidades, às quais poderíamos acrescentar Ribeirão Preto, observou:

"As peculiaridades destas centenas de aglomerações novas são excepcionais entre nós pela regularidade de conjunto em cada uma. Como Mococa, Matão, Bauru ou Gália, os espigões e

-----  
<sup>1</sup>*Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.

<sup>2</sup>*Op. cit.*, p. 62.

<sup>3</sup>*Op. cit.*, p. 76.

as chapadas acomodam ruas em tabuleiros de xadrez e uma sempre presente praça central, a da Matriz."<sup>4</sup>

Em Batatais, aos constantes esforços para manter o traçado urbano retilíneo e uniforme, continuando as ruas existentes em torno da praça da Igreja Matriz, podemos acrescentar os vários momentos em que a própria admissão da natureza na cidade foi submetida a padrões racionais de organização.

---

<sup>4</sup>*Cidade Brasileira*. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1980.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. TEXTOS SOBRE BATATAIS

- Arantes, A., "A visita imperial." *O Jornal e Folha de Batataes*. Edição Comemorativa do Centenário. 14.03.1939.
- Cardoso, C. M., "Arrolamento das fontes históricas do município de Batatais." *Revista de História*, vol. XXXVII, n. 76, 1968.
- Frans, Jean de, *Bom Jesus da Cana Verde - Batataes de Outr'ora*. São Paulo, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Gente de minha terra (Batataes de Outr'ora)*. São Paulo, 1939.
- \_\_\_\_\_. "Italianos de outrora." *O Jornal*. 26.10.1943.
- \_\_\_\_\_. "In illo tempore. (Memórias de nosso tempo), Theatro, theatricas e theatreiros." *Gazeta de Batatais*, 22.12.1918 a 7.9.1919
- Jardim, R., *Reminiscências (De Rezende, Estado do Rio, às plagas paulistas: São Simão, Batataes, Altinópolis e Rib. Preto)*. Rio de Janeiro e São Paulo, José Olympio, 1946.
- Levi, R., "Os afrescos da igreja de Batatais." *Habitat*, n. 11, ano III, jun. de 1953.
- Rocha Filho, G.N., *Levantamento sistemático destinado a inventariar bens culturais do estado de São Paulo - Batatais*. São Paulo, Exemplar datilografado, Condephaat, 1982.
- S./A., *Código de Posturas do Município de Batatais - Lei n. 16 de 10 de junho de 1894*. São Paulo, Typ.-Litographia Ribeiro, 1894.
- S./A., "Inauguração do grupo escolar de Batatais." *Ilustração Paulista*, n. 24, ano I, junho de 1911.
- S./A., "A visita do imperador D. Pedro II a Batatais." *O Jornal*. Edição especial do sesquicentenário. 14.03.1989.
- Sousa, W. L. P. de, "Relatório do Intendente Municipal Washington L. P. de Souza, 31.12.1898." *Suplemento d'A Penna*, 13.01.1899.
- Tambellini, J. M., *A Freguezia dos Batataes*. São Paulo, Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1939.

Teixeira, L., *Rifa da sogra ou estudantes em maus lençóis*. Comédia manuscrita para o Grupo Dramático São Carlos. Batatais, 1916.

Vários, *Album comemorativo do 1.º centenário do município de Batatais. 1839-1939*. *Gazeta de Batatais*. 1939.

## 2. TEXTOS SOBRE ARQUITETURA, EM ESPECIAL, DO SÉC. XIX

- Ackerman, J., *The Architecture of Michelangelo*. Cap. 8. Harmondsworth, Penguin Books, 1986.
- Argan, G. C., "Studi sul neoclassico." *Storia dell'Arte*, 7/8. Florença, La Nuova Italia Editrice, 1970.
- \_\_\_\_\_. "Classico e romantico." *L'Arte moderna 1770/1970*. Florença, Sansoni, 1988.
- Cunha, X. da, "Arquitetura." *Bibliotheca do Povo e das Escolas*. Lisboa, David Corazzi Editor, 1886.
- De Fusco, R., *História de la arquitectura contemporanea*. Cap. 1 e 2, Madri, H. Blume, 1981.
- Ferdinand, L., *Manual do pintor ou Arte de pintar casas, chalets e outros edificios*. Rio de Janeiro, Laemmert & C Editores, 1893.
- Hartt, F., *History of Italian Renaissance Art*. Londres, Thames and Hudson, 1987.
- Hautecoeur, L., *Histoire de l'architecture classique en France*, tomos IV e V. Paris, Picard, 1952-1953.
- Hitchcock, H. R., *Architecture: Nineteenth and Twentieth Centuries*. Harmondsworth, Penguin Books, 1971.
- Honour, H., *Neo-Classicism*. Harmondsworth, Penguin Books, 1968.
- Jacques, A., *La Carrière de l'architecte au XIXe siècle*. Les dossiers du Musée d'Orsay. Paris, Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1986.
- John, R. et al., "L'Architecture néo-classique en Europe: Essai de bibliographie depuis 1980." *Revue de l'Art*, n. 83, 1989.
- Lankheit, K., *Révolution et restauration*. Paris, Albin Michel, 1966.
- Middleton, R. & Watkin, D., *Neoclassical and Nineteenth Century*

- Architecture. Nova York, Harry N. Abrams, Inc., 1983.
- Mignot, C., *L'Architecture au XIXe siècle*. Fribourg (Suíça), Office du Livre SA, 1983.
- Millon, H.A. e Smyth, C.H., *Michelangelo Architetto - La Facciata di San Lorenzo e la cupola di San Pietro*. Introdução. Milão, Olivetti, 1988.
- Milman, M., *Architectures Peintes en Trompe-l'oeil*. Genève, Skyra, 1986
- Maisy, *O Vinhola dos proprietários ou as cinco ordens de arquitectura segundo J. Barrozio de Vinhola*. Paris, Théodore Levèvre.
- Patetta, L., *L'Architettura dell'Ecletismo, fonti, teorie, modelli. 1750-1900*. Milão, 1975.
- Restucci, A., "Città e architetture nell'ottocento." *Storia dell'Arte Italiana*. Dal Cinquecento all'ottocento II. Settecento e Ottocento, vol. 6\*\*. Turim, Einaudi, 1982.
- Roussel, F., "Le peintre-verrier au XIXe siècle: un industriel?" *Revue de l'Art*, n. 72, 1986.
- Summerson, I., *El lenguaje clasico de la arquitectura*. Barcelona, Gustavo Gili, 1974.
- Summerson, J., *Architecture in Britain: 1530 to 1830*. Cap. 14. Londres, Penguin Books, 1953.
- Starobinsky, J., *1789, os emblemas da razão*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- Vários, *Dizionario BNL*. Banca Nazionale del Lavoro. Electa Editrice, 1980, 16 vol.
- Vários, *Enciclopedia Universale dell'Arte*. Venezia-Roma, Istituto Geografico De Agostini, 1981.
- Vários, *Storia dell'Arte italiana*. Torino, 1982, vol. 6, T. II Settecento e Ottocento.
- Wieberson, D., *Los Tratados de arquitectura: De Alberti a Ledoux*. Madri, Hermann Blume, 1988.

### 3. ARQUITETURA BRASILEIRA

- Andrade, R.M.F., "Arquitetura brasileira do ciclo do café." *Módulo*, n. 3, ano I, dezembro de 1955.
- Bardi, P. M., *Contribuições dos italianos na Arquitetura Brasileira*. Fiat, 1981.
- Bittencourt, J. M., *A missão artística francesa de 1816*. Petrópolis, 1967.
- Boltshauser, J., *Noções de evolução urbana nas Américas*. Partes 1, 2 e 3. Belo Horizonte, Univ.de Minas Gerais, 1959, 1960 e 1961.
- Cenni, F., "Arquitetura". *Italianos no Brasil - "Andiamo in 'Merica..."* São Paulo, Martins, 1958.
- Corona, E. e Lemos, C., *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo, Edart, 1972.
- Del Brenna, G. R., *O Rio de Janeiro de Pereira Passos: uma cidade em questão II*. Rio de Janeiro, Index, 1985.
- Fabris, A. (org.) *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo, Nobel/Edusp, 1987.
- Floriano, C., "Tradição e contemporaneidade na arquitetura do imigrante italiano em Santa Catarina." De Boni, L. et al., *A Presença italiana no Brasil*. Vol. 2. Porto Alegre, EST, 1990.
- Lemos, C. A. C., *Arquitetura brasileira*. S. Paulo, Melhoramentos, 1979.
- Marx, M., *Cidade brasileira*. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1980.
- Motta, F., *Contribuição ao estudo do art-nouveau no Brasil*. São Paulo, tese, 1957.
- Reis Filho, N. G. dos, *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- \_\_\_\_\_. "Arquitetura residencial brasileira no séc. XIX." *Anais do Museu Paulista*. Separata do tomo XIX. São Paulo, 1965.
- Rios, A. M. de los, *Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira*. Rio de Janeiro, A Noite, s/d.
- Rodrigues, J. W., "A casa de moradia no Brasil antigo." *Arquitetura Civil I*. Sphan, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Documentário arquitetônico*. Belo Horizonte, Edusp Itatiaia,

1979.

Telles, A. C. da S., *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro, MEC/FAE, 1985.

Valladares, C. de P., *Rio Neoclássico II*. Rio de Janeiro, Block, 1978.

Vasconcellos, S. de, *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte, UFMG, 1979.

Zanini, W. (org.), *História geral da arte no Brasil*. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles, 1983, 2 v.

#### 4. ARQUITETURA EM SÃO PAULO

Coli, J., *Relatório: O neoclassicismo cafeeiro: Inventário, Análise, interpretação de uma arquitetura paulista da segunda metade do século XIX*. Exemplar datilografado, 1981.

Corrêa, M. E. P. et al., *Arquitetura escolar paulista 1890-1920*. São Paulo, FDE, 1991.

Danon, D.P. e Toledo, B.L., *São Paulo: "Belle époque"*. São Paulo, Nacional/Edusp, 1974.

Debenedetti, E. e Salmoni, A., *Architettura italiana a San Paolo*. São Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, 1953.

Lemos, C. A. C., *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. São Paulo, Perspetiva, 1976.

\_\_\_\_\_. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo, Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. "O morar em São Paulo no tempo dos italianos." De Boni, L. et al., *A Presença italiana no Brasil*. Vol. 2. Porto Alegre, EST, 1990.

Loureiro, M. C. F. (sup. geral), *Dezenovevinte: uma virada no século*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/ Pinacoteca do Estado, 1986.

Macambira, Y. de M.P., *Os mestres da fachada*. São Paulo, C.C.S.P., 1985.

Menezes, U. T. B. de (org.), *As margens do Ipiranga: 1890-1990*. São Paulo, Museu Paulista/USP, 1990. Catálogo da Exposição.

- Motta, F., "São Paulo e o 'Art Nouveau'." *Habitat*, n. 10, 1953.
- \_\_\_\_\_. "Um Museu do estilo floreal em São Paulo?" *Habitat*, n. 1, out.-dez. de 1950.
- \_\_\_\_\_. "Floreal". *Habitat*, n. 12, ano III, set. de 1953.
- \_\_\_\_\_. "Art Nouveau: um estilo entre a flor e a máquina." *Cadernos Brasileiros*, n. 28, mar.-abr., 1965.
- Prado, J. F. de A., "Arquitetos de São Paulo em 1880." *Habitat*, n. 3, 1951.
- Prado, M. C. N. H. e Machado, L. G. (coord.), *Vila Penteado*. São Paulo, FAUUSP, 1976.
- Prado, Y. A., "A arquitetura de São Paulo em 1880." *Habitat*, n. 3, 1951.
- Saia, L., *Morada paulista*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- Toledo, B. L. de, *São Paulo: Três cidades em um século*. São Paulo, Duas Cidades, 1981.

##### 5. HISTÓRIA DO BRASIL E ESTUDOS BRASILEIROS

- Calmon, P., *A vida de D. Pedro II, o Rei filósofo*. Rio de Janeiro, Bibl. do Exército Editora, 1975.
- Cenni, F., "Evolução industrial." *Italianos no Brasil - "Andiamo in 'Merica..."* São Paulo, Martins, 1958.
- Hollanda, S. B. de, *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963, 3 vol.
- \_\_\_\_\_. "O semeador e o ladrilhador." *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.
- Martins, W., *História da inteligência brasileira*, vols. IV (1877/1896) e V (1897-1914). São Paulo, Cultrix/Edusp, 1977/78.
- Prado Jr., C., *Formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo, Brasiliense, 1961.
- Rotellini, V., *Il Brasile e gli italiani*. Florença, R. Bemporad & Figlio Editori, 1906.
- Taunay, Visc. de, *Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil, 1800-1891 e outros escriptos*. São Paulo, Melhoramentos, 1932.

Wright, A., *Twentieth Century Impressions of Brazil*. Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Co., Ltd., 1913.

Wright, M. R., *The New Brazil*. Philadelphia, George Barrie & Sons, 1907.

## 6. HISTÓRIA DE SÃO PAULO

Americano, J., *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo, Saraiva, 1957.

\_\_\_\_\_. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.

Angelo, I. et al., *São Paulo - 110 anos de industrialização*. Encartes da revista *IstoÉ*. São Paulo, Editora Três, 1991.

Barata, M., "Histórico do ensino de Engenharia do séc. XIX." *Escola Politécnica do Largo S. Francisco - Berço da Engenharia Basileira*. Rio de Janeiro, Ass. dos Antigos Alunos da Politécnica/ Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, 1973.

Bruno, E. S., *História e tradições da cidade de São Paulo*. Vol. III, *Metrópole do Café (1872-1918)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.

Buccelli, V., *Libro d'oro dello stato di S. Paolo*. Roma, Fratelli Capaccini, 1912.

Costa, J.E., *Album comemorativo da fundação da cidade de Ribeirão Preto*. 1956.

Ferreira, B., *Meio século de São Paulo*. São Paulo, Melhoramentos, 1954.

Leite, A., *História da civilização paulista enriquecida de vasta bibliografia sobre cousas e pessoas de São Paulo desde 1502 a 1945*. São Paulo, Saraiva, 1954.

Marques, M. E. A., *Apontamentos históricos, geográficos, bibliográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*. São Paulo, Martins, 1950.

Martins, A. E., *São Paulo Antigo (1554 a 1910)*, 2.º vol. São Paulo, Typographia do Diário Oficial, 1912.

- Milliet, S., *Roteiro do café e outros ensaios*. Coleção Departamento de Cultura. Vol. XXV. São Paulo, 1939.
- Miranda, J.P., *Ribeirão Preto de ontem e de hoje*. Ribeirão Preto, Livraria El Dorado, 1971.
- Monbeig, P., *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo, Hucitec-Polis, 1984.
- Motta, O. de C., *Do rancho ao palácio: evolução da civilização paulista*. São Paulo, Nacional, 1941.
- Pinto, A. M., *A cidade de São Paulo em 1900*. Coleção Paulística, v. 14. São Paulo, Governo do Estado, 1979, 2a. ed. fac-similada.
- Piza, M., *Os municípios do estado de São Paulo - Informações interessantes*. Serviço de Publicações da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, 1924.
- Truzzi, O., "Primórdios da atividade industrial entre imigrantes italianos em São Carlos." De Boni, L. et al., *A Presença Italiana no Brasil*. Vol. 2. Porto Alegre, EST, 1990.

#### 7. VIAGENS E TESTEMUNHOS

- Alicourt, L. d', *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. São Paulo, Martins, 1953.
- Saint-Hilaire, A.F.C.P., *Viagem à província de São Paulo*. São Paulo, Martins/Edusp, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Segunda viagem a São Paulo e Quadro histórico da província de São Paulo*. São Paulo, Martins, 1953.
- Zaluar, A. E., *Peregrinação pela província de São Paulo*. Belo Horizonte e São Paulo, Itatiaia/ Edusp.

#### PERIÓDICOS

Batatais:

*A Gazeta*. 2 volumes, de 1909 a 1910.

*Gazeta de Batataes*. 26 volumes, de 1911 a 1930.  
*Tribuna de Batataes*. 4 volumes, de 1927 a 1930.  
*A Cidade*. 23.9.1911, 30.9.1911, 21.10.1911, 30.11.1911, 23.12.1916  
e 30.12.1916.  
*A Cimitarra*. 07.01.1904.  
*A Gazeta*. N. 19, ano I, 24.05.1908  
*A Penna*. 30.12.1898, 13.01.1899, 18.01.1899, 25.11.1899 (corrigido  
(à mão para 10.12.1899), 21.12.1899, 25.01.1900,  
1.º.02.1900, 20.02.1900 e 25.02.1900.  
*Comarca de Batataes*. N. 71, ano II, 29.11.1903 e 25.12.1903.  
*O Cartel*. 13.01.1904, 10.12.1904 e 18.12.1904.  
*O Ósculo*. N. 24, trimestre 2, 19.11.1903.  
*O Scenario*. N. 1, ano I, 15.12.1905.  
*Revista da Sociedade Civico Litteraria Batataense*. N. 1, anno I,  
7.09.1902.

Ribeirão Preto:

*A Cidade*. N. 1, ano I, 1.1.1905, 19.05.1908 e 19.06.1908.  
*Corriere Italiano*. 6.12.1903.  
*Diário da Manhã*. N. 1248, ano 5, 18.09.1903 e 20.05.1908.  
*Jornal de Notícias*. 31.12.1903.  
*O Reporter*. 20.05.1908.  
*O Ribeirão Preto*. 6.1.1904.

Brodowski:

*A Lavoura*. N. 98, ano II, 22.12.1903.  
*O Progressista*. N. 1, ano I, 17.01.1904.  
*Villa Brodowski*. 24.06.1908.

## ALMANAQUES

- Brandão Sobrinho, J. (org.), *Almanach Illustrado do Lavrador Paulista*. São Paulo, 1905.
- \_\_\_\_\_. *Almanach Illustrado do Lavrador Paulista*. São Paulo, Duprat & Cia, 1906.
- Franco, M. (org.), *Almanach da Franca para 1902*. São Paulo, Typ. Duprat & Comp.
- Godoy, J. P. (org.), *Almanach do Amparo para 1914*. Campinas, Typ. Casa Mascotte, 1913.
- Luné, A. J. B. e Fonseca, P. D. (org.), *Almanak da Provincia de São Paulo para 1873*. Ed. Fac-similar, IMESP, 1985.
- Palma, V. (org.), *Almanach de Franca 1911*. São Paulo, Escolas Profissionaes Salesianas, 1910.
- \_\_\_\_\_. *Almanach de Franca 1912*. São Paulo, Escolas Profissionaes Salesianas, 1911.
- S./A., *Almanach da Antartica para 1905*. São Paulo, Typographia D. Amicucci, 1904.
- S./A., *Almanach da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo para o anno de 1917*. São Paulo, Typographia Brasil, 1917.

## ARQUIVOS

### 1. Batatais

Arquivo da Câmara Municipal de Batatais - Livros de Atas das sessões da Câmara e Caixas de documentos avulsos.

Prefeitura Municipal de Batatais- Livros de Registro de Leis Municipais e Arquivo de plantas do Departamento de Obras.

Casa da Cultura de Batatais - Álbuns fotográficos, hemeroteca e plantas.

Museu Histórico Washington Luís, Batatais - plantas, jornais e documentos.

1.º Cartório de Notas de Batatais - Livros de Registro de Escrituras.

2.º Cartório de Notas de Batatais - Livros de Registros de Escrituras.

Cartório do Registro de Imóveis de Batatais.

Arquivo do Hospital Major Antônio Cândido - 1.º Livro de Atas.

Arquivo da Sociedade Recreativa 14 de Março - 1.º Livro de Atas.

Arquivo fotográfico Sr. Gaspar Prado de Souza Neto.

Arquivo documental e fotográfico Sra. Irma Girardi Zamboni.

Arquivo fotográfico Família Rômulo Rigotto.

## 2. São Paulo

Arquivo do Estado de São Paulo - Seção de Manuscritos e hemeroteca.

Arquivo Técnico do Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo.

Arquivo Ramos de Azevedo - FAUUSP.

Departamento de Museus e Iconografia da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

## ENTREVISTAS GRAVADAS

Sr. Felício Bombonato, em 18.09.1991.

Sra. Irma Girardi Zamboni, outubro de 1991.

Dr. Jesus Machado Tambellini, em 07.03.1992.

Sr. José Braga Morato, em 24.04.1992.